



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Ressignificação Histórico-Social da Praça na Cidade Média Brasileira:
Análise das Praças de Formosa de Goiás

Maria da Assunção Pereira Rodrigues

Orientador: Prof. Dr. Jaime Gonçalves de Almeida

Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo

Área de concentração: Urbanismo

Brasília DF: 29 de abril de 2016

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo

Rodrigues, Maria da Assunção Pereira.

Ressignificação histórico-social da praça na cidade média brasileira: análise das praças de Formosa / Goiás - - 2016

x

CESSÃO DE DIREITOS

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta tese e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta tese de doutorado pode ser reproduzida sem a autorização do autor

Maria da Assunção Pereira Rodrigues
SQN 205 Bloco E Apto 103 – Asa Norte
70.843-050 – Brasília – DF – Brasil
e-mail: assun2@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FAU - FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PPG/FAU - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

RESSIGNIFICAÇÃO HISTÓRICO SOCIAL DA PRAÇA NAS CIDADES MÉDIAS

O caso de Formosa de Goiás

Maria da Assunção Pereira Rodrigues

Esta tese de doutorado foi julgada e aprovada para obtenção do grau de
Doutor em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jaime Gonçalves de Almeida
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UnB (Orientador)

Prof. Dr. Benny Schvarsberg
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UnB (Membro)

Prof. Dr. Neio Lucio de Oliveira Campos
Departamento de Geografia – UnB (Membro)

Profa. Dra. Junia Marques Caldeira
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UniCeub (Membro)

Prof. Dr. José D'Assunção Barros
Universidade Federal Fluminense (Membro)

Profa. Dra. Liza Andrade
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UnB (Suplente)

29 de abril de 2016

DEDICATÓRIA

Ao amigo professor Vicente Barcelos (in memoriam), companheiro de trabalho durante anos, pela motivação, contribuições, questionamentos e sobretudo incentivo.

AGRADECIMENTOS

Gratidão e reconhecimento a todas as pessoas que de alguma forma colaboraram para que fosse possível elaborar este trabalho dando apoio, na forma de conversas, troca de ideias, lendo, colaborando de alguma forma ou com estímulo e assim enriqueceram e contribuíram de maneira imprescindível para que pudéssemos concluir esta tese.

Neste momento, não é possível lembrar de todas as pessoas, mas algumas delas tiveram um papel fundamental de apoio e contribuição e merecem agradecimentos especiais pela amizade e incentivo, dentre as quais destaco:

O meu orientador Jaime Almeida, pelo crédito e dedicação, ao longo destes quase cinco anos, pela leitura e releitura dos inúmeros textos, encontros e o apontamento de caminhos e incentivo para concluir este trabalho.

Agradeço aos meus filhos, Ana Rita, Alba e Raul pela inspiração e participação e colaboração de diversas formas.

Para poder ter saúde para concluir este trabalho apesar de todos os percalços que sofri ao longo do percurso, sou grata aos médicos que de alguma forma estiveram sempre presentes, alguns mesmo morando longe, e nos momentos mais difíceis; Dra. Isolina (minha irmã), Dr. Hugo e Dr. Otávio, médicos e amigos.

Agradeço aos amigos pela paciência, por tolerarem minha ausência e por compartilharam comigo a construção e realização desta tese; em especial aos amigos, Oraidia e Parreiras pela troca de ideias, leituras, colaboração e incentivo nos momentos mais difíceis.

Á Giuliana Brito, mais do que colega do doutorado, pelas leituras, colaboração e incentivo. Grata.

Ao Ricardo Martins e ao Prof. Eliel pelos desenhos, muito grata.

Aos meus colegas professores, funcionários e companheiros da FAU/UnB que me apoiaram e incentivaram nos momentos de desânimo. Sou grata a todos.

Agradeço especialmente ao meu Mestre Espiritual por ter me dado força e saúde para concluir este trabalho.

E apesar de todas as contribuições que recebi, tudo que li, tudo que vivi, este trabalho representa uma pequena parte do que poderia ter sido. Portanto a responsabilidade pelas suas limitações é toda minha.

“A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor
É o antro onde a liberdade
Cria águias em seu calor!
Senhor! [...] pois quereis a praça? ”

Castro Alves em (1867)

“A praça Castro Alves é do povo
Como o céu é do avião
Um frevo novo, eu peço um frevo novo
Todo mundo na praça
[...]
É aqui nessa praça que tudo vai ter de pintar. ”

Caetano Veloso em (2007)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	i
LISTA DE QUADROS.....	ix
ABREVIATURAS SIGLAS E SIMBOLOS.....	x
RESUMO.....	xi
ABSTRACT.....	xiii
PROLOGO.....	1
INTRODUÇÃO.....	8
CAPITULO I - Revisão da Literatura.....	23
1.1 – Contribuições ao Debate.....	23
1.2 – O olhar especializado.....	25
1.3 – Aspectos de análise e indicação de métodos.....	33
1.3.1 – As narrativas na análise do espaço ou das praças de Formosa.....	36
1.4 – Conceitos.....	42
1.4.1 – Da praça.....	42
1.4.2 – Da paisagem.....	44
1.4.3 – Espaços livres públicos	48
1.4.4 –Tipologias e funções dos espaços livres	58
1.4.5 – O espaço como lugar e território.....	64
1.4.6 – Território e territorialidade	65
CAPITULO II – Panorama histórico da praça.....	69
2.1 – Antecedentes das origens da praça.....	69
2.2 – Da praça e da cidade.....	72
2.2.1 – A praça no período Medieval.....	74
2.2.2 – A praça no período Renascentista e Barroco (sec. XV e XVIII).....	79
2.2.3 – A praça da Revolução Industrial - o Ecletismo - sec. XIX.....	82

2.2.4 – A praça no Modernismo - sec. XX.....	87
2.3 – Origem e evolução da Praça Brasileira.....	90
3.3.1 – A praça Portuguesa.....	90
2.3.2 – Praças renascentistas e barrocas.....	97
2.3.3 – Praças da era moderna.....	99
2.3.4 – Praças na atualidade.....	99
2.4 – As Praças Brasileiras – De 1500 à independência – Renascimento e Barroco Europeu.....	102
2.4.1 – Período dos séculos XIX e XX.....	106
CAPITULO III –Formosa - cidade média.....	115
3.1 – Cidades brasileiras – Origens.....	115
3.1.1 – O surgimento da cidade de Formosa.....	123
3.2 – Cidades Médias.....	132
3.3 –Formosa – uma Cidade Média no Centro Oeste.....	141
3.3.1 – Economia.....	145
3.3.2 – Quanto à estrutura urbana.....	150
3.3.3 – Quanto aos usos atuais.....	152
CAPITULO IV – As praças na cidade de Formosa.....	157
4.1 – Bairros e praças de Formosa.....	157
4.2 – Praças estudadas em Formosa.....	168
4.3 – Praça Rui Barbosa.....	170
4.3.1 – A praça no contexto urbano.....	171
4.3.2 – O sítio físico e o microclima da praça.....	175
4.3.3 – Caracterização espacial da praça.....	178
4.3.4 – Elementos acessórios encontrados na praça.....	181
4.3.5 – Usuários e comunidade residente no entorno e narrativas.....	182
4.3.6 – Aspectos culturais e históricos.....	186

4.4 – Praça Nossa Senhora da Conceição.....	188
4.4.1 – A praça contexto urbano.....	188
4.4.2 – O sítio físico e o microclima da praça.....	192
4.4.3 – Caracterização espacial da praça.....	194
4.4.4 – Elementos acessórios encontrados na praça.....	195
4.4.5 – Usuários e comunidade residente no entorno e narrativas.....	196
4.4.6 – Aspectos culturais e históricos.....	200
4.5.- Praça Vovô Lucio Albino Griebeler - Laguinho do Vovô.....	202
4.5.1 – A praça contexto urbano.....	203
4.5.2 – O sítio físico e o microclima da praça.....	207
4.5.3 – Caracterização espacial da praça.....	210
4.5.4 – Elementos acessórios encontrados na praça.....	212
4.5.5 – Usuários e comunidade residente no entorno e narrativas.....	213
4.5.6 – Aspectos culturais e históricos.....	217
4.6 – Praça Pedro Chaves.....	219
4.6.1 – A praça contexto urbano.....	220
4.6.2 – O sítio físico e o microclima da praça.....	224
4.6.3 – Caracterização espacial da praça.....	227
4.6.4 – Elementos acessórios encontrados na praça.....	229
4.6.5 – Usuários e comunidade residente no entorno e narrativas.....	230
4.6.6 – Aspectos culturais e históricos.....	235
CAPITULO V – Desdobramentos da pesquisa / Caminhos.....	239
5.1 – A resignificação de praças de Formosa a partir de novos usos.....	239
5.2 – Demandas levantadas em praças em Formosa.....	243
5.3 – Formosa com praças formosas, uma contribuição.....	246
5.4 – Usos da praça em outros espaços públicos – uma alternativa para Formosa.....	248

5.4.1 – O Eixão de Brasília, Brasil	249
5.4.2 – Às Margens do Sena, em Paris, França.....	254
5.4.3 – Vias Recreativas em Guadalajara, México.....	256
5.4.4 – Proposta para uma praça de Formosa.....	259
CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	267
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXOS	

LISTA DE FIGURAS

Distribuição no texto	Descrição	Autor / Data / Fonte
Capa		
Imagem	Praça Nossa Senhora da Conceição	Eliel Américo S. Silva / 2016 / Desenho
Diagramação		Raul Grilo / 2016
PROLOGO		
Figura 1	Vista aérea da igreja e do adro na Freguesia de Tangil, em Portugal	Fonte: Internet
Figura 2	Vista do adro e de parte da Igreja da freguesia de Merufe, em Portugal	Fonte: Internet
Figura 3	Vista da Praça Dr. Augusto Silva, em Lavras, Minas Gerais	Fonte: Internet
Figura 4	Povoado Olhos d'água - Goiás	Fonte: Internet
INTRODUÇÃO		
Figura 5	Praça Vermelha – Moscou	Fonte: Internet
Figura 6	Praça Tiananmen (ou Praça da Paz Celestial) – Pequim	Fonte: Internet
Figura 7	Praça Zócalo – México	Fonte: Internet
Figura 8	Praça Benedito Leite, ao lado da Sé - Centro Histórico - São Luiz do Maranhão	Giuliana Brito / 2016 / Cedido pela autora
Figura 9	Praça Getúlio Vargas. Nova Friburgo. Estado do Rio de Janeiro	Fonte: Internet
Figura 10	Praça Saens Peña. Tijuca. Rio de Janeiro.	Fonte: Internet
CAPÍTULO I		
Figura 1.1	Piazza del Signori em Verona Itália	Camillo Sitte / 1889
Figura 1.2	Praça The Bryant Park em Nova York	Maria da Assunção Rodrigues/ 2004 / Arquivo pessoal
Figura 2.3	Relações entre os aspectos qualitativos dos espaços livres	Elaborado pela autora / 2014
CAPÍTULO II –		
Figura 2.1	Aldeia (Sambo) Erora. Cunene. Angola. África	Sérgio Guerra / 2009 / Cedido pelo autor
Figura 2.2	Aldeia Africana – organização espacial por interesses comuns – comerciais, graus de parentesco e ou militares	Vinícius Cabral / 2012 / Fonte: Confederação de aldeias Africanas
Figura 2.3	Aldeia Indígena (Ká). Xingu, sec. XX	Fonte: Internet
Figura 2.4	Aldeia Kuikuro	Fonte: Internet
Figura 2.5	Praça de Campo em Siena Itália.	Fonte: Internet
Figura 2.6	Praça do Mercado de Cracóvia na Polônia	Fonte: Internet

Distribuição no texto	Descrição	Autor / Data / Fonte
Figura 2.7	Praça de São Marcos em Veneza.	Fonte: Internet
Figura 2.8	Praça de São Pedro no Vaticano	Fonte: Internet
Figura 2.9	St. James Park, criado na cidade de Londres	Fonte: Internet
Figura 2.10	Parque de Buttes - Chaumont – Paris	Vicente Barcellos / 1990 / Cedido pelo autor
Figura 2.11	Esquema da cidade Jardim de Ebenezer Howard	Fonte: Internet
Figura 2.12	Terreiro do Paço em Lisboa - Reprodução imaginária. Revista Monumentos-n.º 1	Fonte: Internet
Figura 2.13	Mapa de Portugal e principais cidades. Fonte	Fonte: Internet
Figura 2.14	Terreiro do Paço –Reconstrução no século XVIII. Revista Monumentos, n.º 1	Fonte: Internet
Figura 2.15	Cidade de Óbidos. Portugal	Fonte: Internet
Figura 2.16	Praça de Santa Maria em Óbidos	Fonte: Internet
Figura 2.17	Cidade de Braga por volta século XVII	Fonte: Internet
Figura 2.18	Largo do Paço em Braga	Fonte: Internet
Figura 2.19	Jardim de Santa Bárbara	Fonte: Internet
Figura 2.20	Praça do Município ao lado do Jardim de Santa Barbara na cidade de Braga	Fonte: Internet
Figura 2.21	Praça da Liberdade, na cidade do Porto.	Fonte: Internet
Figura 2.22	Praça da Batalha, na cidade do Porto	Fonte: Internet
Figura 2.23	Praça do Comércio em Coimbra	Fonte: Internet
Figura 2.24	Praça do Giraldo – Évora	Fonte: Internet
Figura 2.25	Praça dos Restauradores em Lisboa	Fonte: Internet
Figura 2.26	Quiosque na calçada da Avenida da Liberdade	Fonte: Internet
Figura 2.27	Praça da Figueira em Lisboa	Fonte: Internet
Figura 2.28	Praça “Jardim” Manuel Bivar, Faro	Fonte: Internet
Figura 2.29	Alameda dos Oceanos. Lisboa	Fonte: Internet
Figura 2.30	Vista do Passeio Ribeirinho	Fonte: Internet
Figura 2.31	Praça Triangular na Rua Leme	Fonte: Internet
Figura 2.32	Espaço da música. Jardim Garcia de Orta	Fonte: Internet
Figura 2.33	Passeio de Ulisses. Parque das Nações Lisboa	Fonte: Internet
Figura 2.34	Largo Maria Judith de Carvalho. Parque das Nações Lisboa	Fonte: Internet
Figura 2.35	Cidade de Vila Bela (Primeira capital de Mato Grosso).	Teixeira / 2012 /

Distribuição no texto	Descrição	Autor / Data / Fonte
Figura 2.36	Planta da cidade de Mariana (Minas Gerais) após a reconstrução (1746-1747).	Delson / 1997
Figura 2.37	Planta da cidade de Vila Boa, atual Goiás Velho (data aproximada de 1782).	Delson / 1997
Figura 2.38	Cidade de São José de Macapá, no Estado do Amapá, em 1761, com as duas praças	Delson / 1997
Figura 2.39	Praça da cidade de Alcântara, no Estado do Maranhão	Giuliana Brito / 2016 / Cedido pela autora
Figura 2.40	Praça Tiradentes em Ouro Preto, Minas Gerais, em 1894	Fonte: Internet
Figura 2.41	Praça da Liberdade em Belo Horizonte	Fonte: Internet
Figura 2.42	Praça Paris – Rio de Janeiro	Robba e Macedo / 2006
Figura 2.43	Praça da República – Belém	Robba e Macedo / 2006
Figura 2.44	Praça da Casa Forte	Robba e Macedo / 2006
Figura 2.45	Praça Belmar Fidalgo em Campo Grande/MS	Fonte: Internet
CAPÍTULO III		
Figura 3.1	Vista da muralha da fortaleza de Mazagão, cidade de El Jadida, no Marrocos.	Fonte: Internet
Figura 3.2	Salvador da Bahia, Planta de 1631	Teixeira / 2012
Figura 3.3	Desenhos esquemáticos do traçado das vias e a localização das praças nos pontos de inflexão da linha de cumeada	Teixeira / 2012
Figura 3.4	Planta de Vila Boa, construída em 1739, e aparência em aproximada em 1782	Delson / 1997
Figura 3.5	Planta de Vila Bela. Fonte	Delson / 1997
Figura 3.6	Planta da Nova Vila de Mazagão em, aproximadamente, 1800	Delson / 1997
Figura 3.7	Desenho da Matriz de Pirenópolis e vista parcial da antiga Meia Ponte	Bertran / 2011
Figura 3.8	Primeiras construções ao longo do Córrego do Abreu, séculos XVII-XVIII, e caminhos da primeira fase da malha urbana da cidade	Saad Filho / 2013
Figura 3.9	Largo do Baruzeiro, já com o pé de Pau Ferro, em 1920	Saad Filho / 2013
Figura 3.10	O Largo do Baruzeiro, em 1892	Saad Filho / 2013
Figura 3.11	Área onde se localizava o Largo do Baruzeiro, à esquerda o canteiro com o Pau Ferro	Fonte: Internet
Figura 3.12	Primeiras ruas. Caminho direto, em preto, atual Visconde de Porto Seguro. A pequena rua paralela à direita, Caminho do Meio –, a seguinte – Caminho de Baixo – Rua de Baixo	Saad Filho / 2013
Figura 3.13	A cidade na década de 1920. Sistema viário e igrejas.	Saad Filho / 2013
Figura 3.14	A cidade de Formosa na década de 80 do século XX	Saad Filho / 2013

Distribuição no texto	Descrição	Autor / Data / Fonte
Figura 3.15	Mapa atual da Cidade de Formosa, com os bairros	Prefeitura Municipal de Formosa / 2012
Figura 3.16	Localização de Formosa em relação ao entorno de Brasília (2005).	DER-GO, adaptado de Araújo / 2005
Figura 3.17	Principais rodovias de acesso e a estruturação das vias principais e coletoras	Fonte: Internet
Figura 3.18	Meio de transporte utilizado na cidade de Formosa até a década de 1970	Lucas / s/data
Figura 3.19	Estacionamento de motos e bicicletas na Rua Visconde de Porto Seguro. Fonte	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 3.20	Vista da área central da cidade. Em primeiro plano, a prefeitura e a Praça Rui Barbosa	Fonte: Internet
Figura 3.21	Mata da Bica. Fonte: Site da Secretaria de Turismo da cidade de Formosa	Fonte: Internet
CAPÍTULO IV		
Figura 4.1	Mapa com a localização das praças na cidade de Formosa	Ana Rita Grilo - sobre mapa da cidade / 2016
Figura 4.2	Localização das quatro praças selecionadas	Fonte: Internet / Adaptação de Alba Grilo
Figura 4.3	Mapa da praça Rui Barbosa	Fonte: Internet
Figura 4.4	Hotel na rua José Viana Lobo em frente à Praça Rui Barbosa	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.5	Trecho da praça onde foi inserida a rua Hugo Lobo	Fonte: Internet
Figura 4.6	À esquerda a Rua Hugo Lobo e o trecho da praça isolado entre essa e uma rua sem saída	Maria da Assunção Rodrigues / 2011 / Arquivo pessoal
Figura 4.7	“Casa da roda”, edifício onde atualmente funciona a sede da CELG	Maria da Assunção Rodrigues / 2011 / Arquivo pessoal
Figura 4.8	Rua Herculano Lobo. Estacionamento criado ao lado da rua Herculano Lobo, separado desta por canteiro e arborização	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.9	Centro Administrativo	Maria da Assunção Rodrigues / 2011 / Arquivo pessoal
Figura 4.10	Festa Junina na Praça Rui Barbosa	Fonte: Internet
Figura 4.11	O Ficus elástica no centro da praça Rui Barbosa	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.12	Visual com grande quantidade, variedade, formas e cores das placas de anúncios de propaganda	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.13	Visual da rua Herculano Lobo.	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.14	Visual da continuação da rua Herculano Lobo.	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.15	O Coreto em dois momentos, em 2011, e	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figuras 4.16	O coreto em 2015, após a reforma com as cores originais	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figuras 4.17	Modelo de bancos antes da reforma	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.18	Bancos após a reforma	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal

Distribuição no texto	Descrição	Autor / Data / Fonte
Figura 4.19	A fontes antes da reforma	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.20	Grande animação na praça com a reinauguração	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 4.21	Locais onde ocorre a maior frequência dos usuários	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 4.22	Novo desenho de piso após a reforma de 2015	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.23	Praça da Catedral (ou da Igreja Nossa Senhora da Conceição) em 1940, ainda com a antiga igreja	Saad Filho / 2013
Figura 4.24	Vista da praça e da Catedral (mapa)	Fonte: Internet
Figura 4.25	Vista da praça e da Catedral	Fonte: Internet
Figura 4.26	Vista da rua Visconde de Porto Seguro	Fonte: Internet
Figura 4.27	Esquina entre as ruas Modesto de Melo e Viana Lobo, o muro e falta da calçada neste trecho das ruas	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.28	Esquina entre as Ruas Modesto de Melo com rua Visconde de Porto Seguro	Fonte: Internet
Figura 4.29	Lateral para a rua Visconde de Porto Seguro	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.30	Lateral jardim privativo da igreja.	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.31	Contraste entre as laterais da Igreja gramadas e bem cuidadas na figura acima e a praça com piso e bancos quebrado, e canteiros sem vegetação	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.32	Lateral da rua Modesto de Melo. Fonte	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.33	Calçadas e bancos quebrados, arvores plantada ao centro da calçada, sem gola ou canteiro	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.34	Poluição visual na lateral da praça	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.35	A praça – estacionamento diurno	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.36	A praça – estacionamento, no período noturno	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.37	Visual esquina da rua Visconde de Porto Seguro	Fonte: Internet
Figura 4.38	Concentração de pessoas à sombra	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.39	Localização da praça do Laguinho do Vovô, com os terrenos vazios nas proximidades	Fonte: Internet
Figura 4.40	Vista geral da praça do Laguinho do Vovô, com a ilhota e o esguicho e as edificações do entorno	Fonte: Internet
Figura 4.41	Vista de um dos terrenos vazios próximos à praça	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.42	Limites norte do lago	Cedida por Carlos Roberto Alves de Oliveira, 2014
Figura 4.43	Construções da Av. Ivone Saad e o movimento de automóveis dos moradores que caminham na praça	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal

Distribuição no texto	Descrição	Autor / Data / Fonte
Figura 4.44	O comercio na Av. Ivone Saad, fechado durante o dia	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 4.45	Vista das construções na Rua Domingos Paiva. Divinódromo	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.46	Vegetação da área da nascente	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.47	Parte oeste do lago (nascente) e edifício do Hotel Serrador ao fundo (na praça Rui Barbosa).	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.48	Trecho alongado da área da praça, onde ficam os banheiros e o conjunto de palmeiras buritis	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.49	Os grandes buritis na nascente	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.50	Ao centro o esguicho que proporciona um grande frescor aos caminhantes	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.51	Poucos bancos e pouca sombra, os frequentadores sentam na grama	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.52	A praça num sábado 8h30min da manhã com pessoas caminhando e praticando outras atividades físicas	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.53	Vista do Divinódromo	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.54	Playground, abandonado	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.55	Placas de inauguração	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.56	A placa, onde se proíbe pescar, e ao fundo a guarita abandonada	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.57	Outdoor com propaganda comercial	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.58	Locais onde ocorre a maior frequência de usuários	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.59	Calçada onde os usuários caminham e correm	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.60	A pipoqueira na praça num sábado em dezembro de 2015	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.61	A praça nos horários entre 11 e 15 horas, aproximadamente, tem pouco uso	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.62	A praça que vazia a maior parte do dia	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 4.63	Delimitação das paredes da praça nos edificios do entorno.	Fonte: Internet
Figura 4.64	A praça no período após sua implantação com o Hotel ao fundo	Fonte: Foto fornecida pela Secretaria de Turismo da cidade de Formosa.
Figura 4.65	Vista da praça a partir do Hotel Imperatriz. Em primeiro plano um estacionamento	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.66	Vista de um trecho de via entre a praça e o estacionamento que suprimiu parte da área da praça	Fonte: Internet
Figura 4.67	Vista da rua Praça Pedro Chaves, lado ímpar. Atrás um edificio situado na rua Emilio Póvoa	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.68	Residências na rua João Moreira	Fonte: Internet

Distribuição no texto	Descrição	Autor / Data / Fonte
Figura 4.69	A praça e o posto de combustível na esquina em frente ao estacionamento	Fonte: Internet
Figura 4.70	Rua da Praça Pedro Chaves com edifícios de um pavimento todos de uso comercial. Atrás edifício na rua João Moreira	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.71	Loja situada na esquina da rua Praça Pedro Chaves, lado par, com a rua João Moreira, vista da Praça	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 4.72	A praça vista da Rua Praça Pedro Chaves, ao fundo o Hotel Imperatriz	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 4.73	Calçada com rampa de acessibilidade, inacessível	Fonte: Internet
Figura 4.74	A calçada com um recorte para acesso ao piso do interior da praça	Fonte: Internet
Figura 4.75	Uma das maiores áreas pavimentadas. Piso de blocos sextavados	Maria da Assunção Rodrigues / 2014 / Arquivo pessoal
Figura 4.76	A arborização e os canteiros gramados	Fonte: Internet
Figura 4.77	A praça ensolarada, num sábado, às 17h. Marcelinho preparando o espaço	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.78	O banheiro semifixo sobre canteiro no centro da praça	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.79	A praça no sábado à noite	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.80	Banco ao longo da calçada	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 4.81	O "pula-pula"	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.82	Sábado 17:00 horas. Crianças brincam no "pula-pula"	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.83	A praça num sábado, às 17h00, com atividade cultural, patrocinada pela Secretaria de Cultura da cidade	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.84	Propaganda da Secretaria de Cultura - eventos sociais e culturais na praça	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
Figura 4.85	Os usuários ocupam toda a praça	Maria da Assunção Rodrigues / 2016 / Arquivo pessoal
CAPÍTULO V		
Figura 5.1	Apresentação de Coral na inauguração da praça. Atividade coordenada e desenvolvida pela Secretaria de Turismo da cidade	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.2	As pessoas conversando durante a inauguração	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.3	Praça triangular na Rua Lema no Parque das Nações em Lisboa	Fonte: Internet
Figura 5.4	Eixão. Caminhadas	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.5	Eixão. Corridas e patins	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.6	Eixão. Ciclismo	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.5	Eixão. Ciclismo e passeio de criança	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.6	Eixão. Patins e cachorros	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.7	Eixão. Patins e cachorros	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal

Distribuição no texto	Descrição	Autor / Data / Fonte
Figura 5.8	Eixão. Atividades esportivas	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.9	Eixão. Skate.	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.10	Eixão. Vendas	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.13	Eixão. Vendas	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.114	Eixão. Vendas	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.15	Novidades em “brinquedos” de adultos	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.16	Novos “equipamentos	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.17	Idosos passeiam	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.18	Novas experiências	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.19	Os gramados ganham brinquedos	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.20	Eixão. Piso sugerindo o jogo de “amarelinha	Maria da Assunção Rodrigues / 2015 / Arquivo pessoal
Figura 5.21	Vista geral com quiosques de alimentação ao fundo	Maria da Assunção Rodrigues / 2013 / Arquivo pessoal
Figura 5.22	Frequentadores de todas as faixas etárias	Maria da Assunção Rodrigues / 2013 / Arquivo pessoal
Figura 5.23	Pinturas de piso.	Maria da Assunção Rodrigues / 2013 / Arquivo pessoal
Figura 5.24	Jogos pintados no piso	Maria da Assunção Rodrigues / 2013 / Arquivo pessoal
Figura 5.25	Bancos de toras de madeira	Maria da Assunção Rodrigues / 2013 / Arquivo pessoal
Figura 5.26	Toras de madeira e pinturas	Maria da Assunção Rodrigues / 2013 / Arquivo pessoal
Figura 5. 27	Plaza de la Liberaciòn na cidade de Guadalajara	Fonte: Internet
Figura 5. 28	Recuperando brincadeiras antigas em Guadalajara	Fonte: Internet
Figura 5. 29	Recuperando brincadeiras antigas em Guadalajara	Fonte: Internet
Figura 5.30	Estimulando atividades artísticas em Guadalajara	Fonte: Internet
Figura 5.31	Estudo da praça N. S. Conceição (da Catedral). Piso	Desenho de Ricardo Martins / Alba Grilo / sobre croqui da autora / 2016
Figura 5.32	Vista da calçada - esquina das ruas José Viana Lobo com Modesto de Melo	Desenho de Ricardo Martins / 2016
Figura 5.33	Criação de recantos com maior quantidade de bancos	Desenho de Ricardo Martins / 2016
Figura 5.34	Vista da área central com piso com mandala e plantio de palmeiras	Desenho de Ricardo Martins / 2016
Figura 5.35	Recuo na calçada da rua Visconde de Porto Seguro para ambulantes ou Food trucks	Desenho de Ricardo Martins / 2016
Figura 5.36	Vista frontal da Catedral emoldurada com as palmeiras	Desenho de Ricardo Martins / 2016
Figura 5.37	Planta baixa -Estudo da proposta de vegetação	Desenho de Ricardo Martins / 2016

LISTA DE QUADROS

Distribuição no texto	Descrição	Autor / Data / Fonte
CAPÍTULO I
Quadro 1.1	Critérios de análise	Organização da autora / 2015 / Adaptado de diversos autores
CAPÍTULO III
Quadro 3.1	Tipos e características das cidades no Brasil	Organização da autora / Adaptado de Santos / 2008
Quadro 3.2	Evolução da população urbana da cidade de Formosa – 1970-2015	IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Quadro 3.3	Classificação demográfica das cidades médias	Souza et al / 2007
Quadro 3.4	Participação relativa na população nacional e número de municípios brasileiros, segundo sua classe de tamanho – 1970 e 2000	Fonte: Internet
Quadro 3.5	Valores do IDH do Município de Formosa	PNUD
Quadro 3.6	Taxa geométrica de crescimento populacional de municípios do entorno imediato do Distrito Federal de 1980 a 2010.....	SEPLAN-GO / 2003 e IBGE
CAPÍTULO IV
Quadro 4.1	Bairros e praças na cidade de Formosa	Maria da Assunção P. Rodrigues / 2015
Quadro 4.2	Praças nos bairros da cidade de Formosa	Maria da Assunção P. Rodrigues / 2015
Quadro 4.3	Gráfico de pesquisa dos usos da Praça Rui Barbosa	Maria da Assunção P. Rodrigues / 2016
Quadro 4.4	Gráfico de pesquisa dos usos da Praça Nossa Senhora da Conceição	Maria da Assunção P. Rodrigues / 2015
Quadro 4.5	Gráfico de pesquisa dos usos da Praça Vovô Lucio Albino Griebeler	Maria da Assunção P. Rodrigues / 2015
Quadro 4.6	Gráfico de pesquisa dos usos da Praça Pedro Chaves	Maria da Assunção P. Rodrigues / 2015
Quadro 4.7	Resumo dos aspectos analisados por praça	Maria da Assunção P. Rodrigues / 2016
CONCLUSÕES CONSIDERAÇÕES FINAIS	E
Quadro 6.1	Parâmetros para futuras intervenções	Maria da Assunção P. Rodrigues / 2016

ABREVIATURAS SIGLAS E SIMBOLOS

Agepot	Agência Goiana de Transportes e Obras
CAT	Centro de Atendimento ao Turista.
CDBs	Central Business District
CELG	Centrais Elétricas de Goiás S/A
CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
CONIC	Setor de Diversões Sul – em Brasília
DF	Distrito Federal
EUA	Estados Unidos da América
FAU-UnB	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de Brasília
FJP	Fundação João Pinheiro
IBAM	INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano por Município
IESGO	Faculdades Integradas de ensino Superior de Goiás
IFG	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás
INMET	Instituto Nacional de Meteorologia
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
OIT	Organização Internacional do Trabalho
RA	Região Administrativa, no Distrito Federal
PAD/DF	Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal
PD	Plano Diretor do Município de Formosa (2003)
PPS	Project for Public Spaces
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPG/FAU	Programa de Pós-Graduação – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
QUAPÁ-SEL	Quadro do Paisagismo no Brasil – Sistema de Espaços Livres
Saneago	Saneamento de Goiás S/A
UnICEUB	Centro Universitário de Brasília
UNOPAR	Universidade do Norte do Paraná

RESUMO

Esta tese investiga a praça, espaço livre público urbano, destinado ao lazer e ao convívio da população, a partir da análise de praças da cidade de Formosa, estado de Goiás. Devido ao crescimento das cidades, especialmente a partir do século XX, a praça vem sofrendo transformações e adquirindo outros significados como espaço público. Isso vem ocorrendo não apenas em grandes metrópoles, mas, também, nas cidades médias, fato que norteia a hipótese do presente estudo – as praças ainda são importantes espaços de lazer para a população na cidade média brasileira. Para comprovar essa hipótese, buscou-se compreender o papel da praça como espaço polarizador das manifestações públicas, das suas origens ao cenário contemporâneo. Como modo de se averiguar tanto as mudanças que a praça vem sofrendo ao longo do tempo quanto a manutenção do seu potencial como importante espaço público para a dinâmica urbana, a presente pesquisa se deteve a duas formas de abordagem: a primeira trata de uma investigação das características físico-ambientais das praças – para se entender a relação de uso e

apropriação com a morfologia do espaço livre; a segunda trata das narrativas – de base empírica, tanto as registradas na literatura como as realizadas em levantamentos e entrevistas *in loco*. Dessa maneira, espera-se contribuir para o preenchimento de uma lacuna relativa à pesquisa e ao conhecimento sobre praças em cidades brasileiras de médio porte. Com o intuito de desdobrar-se em um foro de discussão sobre o tema, capaz de colaborar na formação profissional e acadêmica em seus diversos níveis. Os resultados encontrados mostram que as praças, em geral, são malcuídas pelo poder público, mas que, dependendo da localização na cidade, da diversidade de atividades no seu entorno, da qualidade de seus equipamentos e das atividades de entretenimento desenvolvidas nelas, podem ser ressignificadas para uso potencial pela população. Sendo assim, as narrativas foram importantes parâmetros para se comprovar a hipótese, de ressignificação da praça em cidades médias, pois, verificou-se que, ainda, conservam a atmosfera propiciadora de sentimentos de pertencimento a uma

comunidade, além da função efetiva de local de referência para a cidade. As praças são espaços públicos resilientes e sempre estarão presentes no imaginário da população, pela constante possibilidade de se renovarem. Assim, a praça agoniza, mas não morre...

Palavras-chave: Cidade média; Praças; Ressignificação; Narrativas;

ABSTRACT

This thesis investigates the public square, which are urban spaces with free circulation of people and destined for interaction and recreation. This document parts from the analysis of the public squares of Formosa, a city in the state of Goiás, Brazil. Public squares are changing and gaining other uses as public spaces, especially due to the city growth after the twentieth century. This is happening not only in large metropolitan areas but also in medium-sized towns, which culminates the hypothesis of the present study. The public squares are still an important place for the leisure of the population of Brazilian medium-sized cities. To prove this hypothesis, the efforts are to understand the role of public squares as spaces of polarization of public manifestations, and also to consider these spaces from its origins to its current situation. This research aims to investigate the changes in public squares that have been happening through time concerning its potential as an important public space for urban

dynamic. The study dwelled upon two approaches: the first one is an investigation of physical and environmental features of public squares aiming to understand the relationship between the use and the appropriation with the free space morphology. The second approach has an empirical starting-point because it has narratives which are registered in others literatures, as well as conducted surveys and interviews *in loco*. By these perspectives, it is expected to contribute in filling the gap regarding the knowledge and the research about public squares in the Brazilian medium-sized cities. The purpose of unfolding a discussion forum is trying to collaborate with professional and academic backgrounds in different levels. The results show that in general the authorities barely take care of public spaces. However, depending on the location of the square in the city and the range of activities in the surroundings of the public square, as well as its facilities and the entertaining activities that are ran in the place, it can be reframed by the possible use which the population will make of

it. Thereby, the statements were key parameters to prove the hypothesis of the new meaning of public squares in mid-sized cities. It was also verified that public squares still conserve an atmosphere of a belonging feeling to a community, as well as a city reference point. The public squares are resilient spaces that will always be present in people's imaginary because of the continuing possibility of renewal. Therefore, public squares agonize, but do not die...

Key-words: Medium-sized cities; Public squares; new meaning; Narratives

PROLOGO

Uma Atração Pessoal

A primeira vivência numa típica “praça”¹ aconteceu numa pequena aldeia², freguesia de Tangil, situada no extremo norte de Portugal, o lugar onde nasci e vivi até a idade aproximada de 14 anos.

A organização espacial dessa aldeia, cuja principal atividade ainda é a agricultura, tem uma característica comum a todas as outras aglomerações semelhantes, que é a dispersão espacial das moradias, com um pequeno agrupamento, “um centro” (Figura 1), onde se localizam apenas os principais edifícios de carácter coletivo, tais como a igreja, com seu adro³, a escola, o pequeno comércio e alguns outros poucos edifícios públicos. A

maioria das habitações possui grandes quintais, onde, geralmente, se criam animais domésticos, para além dos quais se estendem as áreas destinadas ao cultivo agrícola.



Fig. 1 – Vista aérea da igreja e do adro na Freguesia de Tangil, em Portugal. Fonte: imagem capturada/elaborada pela autora no programa Google Earth. Acesso: agosto de 2014.

¹ A origem do termo praça advém da palavra latina *platea*, rua larga ou praça pública. Conforme o Dictionary of Architecture and Landscape Architecture (2006), praça é “um espaço aberto retangular em uma cidade formado pela junção de duas ou mais ruas e circundado por edifícios”. Livre tradução da autora.

² Aldeia, ou freguesia, em Portugal, refere-se à menor divisão administrativa. Uma freguesia é governada por uma Junta de Freguesia. Em Portugal existem cerca de 4.257 freguesias. Segundo a história, a aldeia de

Tangil já se encontrava instituída em meados do século XII para o século XIII, no julgado medieval de Valadares. Dados sobre a freguesia de Tangil podem ser acessados em <http://www.if-tangil.com/>. Outras informações disponíveis no site da freguesia de Tangil: http://www.anossaescola.com/cr/webquest_id.asp?questID=2101. Acesso: novembro de 2013.

³ Adro é o espaço livre geralmente aberto e, portanto, público situado na frente, lateral ou em todo o entorno das igrejas.

A localidade em que nasci era um pouco distante desse “centro” da aldeia, mas situava-se numa área equidistante do centro tanto da aldeia a que pertencia quanto de outra aldeia vizinha, a Freguesia de Merufe, onde vivia a família de meu pai (Figura 2).

Nas aldeias portuguesas dessa região, na primeira metade do século XX, os espaços comuns de encontro da população eram as igrejas e seus adros, onde também aconteciam todos os festejos religiosos, as procissões e demais comemorações, além de alguns encontros da comunidade.



Fig. 2 – Vista do adro e de parte da Igreja da freguesia de Merufe, em Portugal. Fonte: https://pt-br.facebook.com/FreguesiaDePortugalCom?hc_location=timeline. Acesso: agosto de 2014.

Embora vivesse em Tangil, aos domingos a família costumava frequentar ora uma igreja ora outra e, após a missa dominical, todos se reuniam no adro, para conversar, trocar notícias, celebrar ou lamentar, e, em ocasiões especiais, festejar, comemorar, ou ouvir a banda tocar enquanto as crianças brincavam. Tratava-se, portanto, de uma praça no seu sentido pleno, onde o sentimento de comunidade e de pertencimento social era total. Por outro lado, às saídas da escola, o *playground* era o cemitério próximo à igreja, que, com suas esculturas, arranjos de flores, etc., eram muito mais interessantes, logo, despertavam e estimulavam a curiosidade.

A configuração dos adros das igrejas, ainda hoje, está presente nas áreas rurais do interior de Portugal e de outros países europeus. Esses adros são também os precursores da praça brasileira em muitos dos primeiros núcleos urbanos desde o período colonial.

Desses espaços, guardo as primeiras impressões de uma “típica praça”, como um lugar de encontro e de vivências inesquecíveis. Experiências que datam da infância e pré-adolescência, que aconteceram até o ano de 1960, data em

que imigrei para o Brasil, juntamente com a família. Essa mudança foi motivada em parte por razões políticas, devido à situação econômica em que Portugal se encontrava durante um longo período⁴. No Brasil, fui morar na cidade de Volta Redonda, anteriormente um distrito de Barra Mansa, do qual se emancipou (1954) a partir do crescimento populacional que se seguiu à instalação da Companhia Siderúrgica Nacional em 1946⁵. No centro da cidade encontra-se uma grande praça, utilizada nas comemorações anuais, como Natal e Carnaval. A maioria dos bairros, inclusive no qual fui morar, possuía áreas previstas para a implantação de praças, mas, via de regra, não cheguei a vê-las implantadas. Por essa razão, a população não utilizava as praças, e a vida comunitária se restringia às amizades com os vizinhos, ou com as famílias de mesma região de origem. A área de lazer era a rua, onde se encontrava com

⁴ Na primeira metade do século XX, Portugal era governado pelo ditador Salazar, que manteve o país ao longo de 50 anos no mais completo isolamento e atraso. Por ser uma figura reclusa e muito católica, a igreja tinha uma forte influência na vida das pessoas, especialmente nas áreas rurais, gerando-se, como consequência, a limitação de horizontes. Isso provocou uma forte emigração da população, especialmente das áreas rurais para quase todos os continentes. Foi nessa época que minha família também migrou para o Brasil.

a vizinhança para conversar, brincar, jogar (vôlei e futebol), andar de bicicleta ou simplesmente olhar quem passava.

Foi nessa época que conheci a pequena cidade de Lavras, no interior de Minas Gerais, numa semana de feriado de carnaval, podendo, então, vivenciar o uso intenso de uma praça, bastante difundido nessa época. Como era um final de semana com feriado, as pessoas se reuniam no final da tarde, na grande praça central, Praça Dr. Augusto Silva (Figura 3), para uma atividade em que os jovens eram os principais participantes.

Tratava-se do “vai e vem”⁶ ou *footing*, atividade cujo principal objetivo era de que rapazes e moças se encontrassem para que, daí, surgissem novos relacionamentos. Os rapazes, na maioria das vezes em grupos, ficavam parados, em pé ou sentados, ao lado da calçada que rodeia a praça. As moças

⁵ Volta Redonda é uma cidade industrial constituída por imensos bairros, com habitações unifamiliares, cada residência com seu quintal. Como a maioria da população era fruto de imigração intensa, ocorrida num curto período de tempo, vinda em grande parte do estado de Minas Gerais, demorou a haver integração entre os que vieram de outras regiões do país.

⁶ Passeio comum em todas as praças pelo Brasil afora, até a década de 1970, aproximadamente.

caminhavam por essa mesma calçada, em pequenos grupos, de amigas ou da família, fazendo voltas e mais voltas, durante horas, todas caminhando sempre num mesmo sentido.



Fig. 3 – Vista da Praça Dr. Augusto Silva, em Lavras, Minas Gerais. Fonte: MALAFAIA, Rogério. Disponível em: <http://www.panoramio.com/user/88191/tags/Lavras%20MG>. Acesso: outubro de 2015.

Nesse trajeto, as meninas se “mostravam”, “paqueravam”, “escolhiam” os rapazes e davam oportunidade para que eles se interessassem e se aproximassem. Pelo que pude entender,

esse *footing*, em algumas cidades, era bem democrático, ou seja, todas as classes sociais se misturavam nessa forma de lazer, que acontecia, geralmente, aos finais de semana e, também, feriados.⁷

Na década de 1970, mudei-me para o Rio de Janeiro, onde conheci uma grande diversidade de praças, embora não as frequentasse mais assiduamente, visto ser uma cidade em que a praia é o grande espaço público que congrega a maior parte do lazer urbano. Além da praia, grandes parques, como o Parque do Flamengo, o Jardim Botânico e outros, são as áreas de lazer mais utilizadas pela população, especialmente, nos finais de semana.

Em 1995 mudei-me para a cidade de Brasília e, morando numa superquadra, pude sentir na prática o que é viver cercada de área verde, uma cidade parque, ou melhor, numa cidade “sem praças”, conquanto não seja totalmente verdade, pois Brasília também tem algumas e grandes praças. A Praça dos Três

⁷ Embora democrático, esse costume não era muito praticado pelos membros das famílias mais abastadas. Esse hábito não é mais comum nem nas pequenas cidades do interior do Brasil.

Poderes e a Esplanada dos Ministérios, muitas vezes utilizadas como espaços de grandes manifestações coletivas, e, ainda, as praças em frente ao Conjunto Nacional e ao CONIC, e a Praça do Buriti, além de outras⁸.

Quanto às áreas das superquadras e, inclusive, das RAs⁹, apesar de todos os espaços livres públicos, não apresentam lugares em que se sinta a escala de uma praça, pois faltam algumas variáveis que a configuram, especialmente as físicas, quais sejam, dimensões, delimitações claras, além de falta de complexidades, como equipamento e mobiliário coletivo, além de outros elementos que a organizam, como bancos, monumentos, etc. Por outro lado, sente-se, também, a falta da presença de pessoas, devido à, exatamente, imensidão do

⁸ Algumas praças implantadas na década de 1970 já não existem mais, como a Praça Santos Dumont, que era localizada próximo ao aeroporto de Brasília, e a Praça Portugal, localizada no Setor de Embaixadas (atrás da embaixada de Portugal), localizadas, portanto, em áreas praticamente isoladas de acesso e movimento de pedestres, tanto que, quando foram demolidas, pouco foi notado pela população da cidade em geral. Atualmente, o Eixo Rodoviário que corta a capital, fechado aos domingos e feriados, funciona também como uma grande “praça” da cidade de Brasília, conforme explicitado no Capítulo 5 – Considerações Finais.

espaço e à baixa densidade, ou, como observa Jacobs (2000), à falta de uma vizinhança diversificada.

Por outro lado, povoados¹⁰ situados em cidades próximas a Brasília, no estado de Goiás como Olhos d’Água (Figura. 4), no município de Alexânia, Abadiânia Velha, no município de Abadiânia, e Caxambu, no município de Pirenópolis - possuem a sua grande praça central, onde se localizam a igreja e, em alguns casos, também a escola ou algum outro edifício público importante.

Olhos d’Água possui sua grande praça no quarteirão central, onde também se situam a igreja e outras construções de apoio, porém, não possui nenhum mobiliário. Esse “modelo” se repete em outros povoados além dos acima citados. Apesar de todas essas praças não possuírem nenhum mobiliário ou

⁹ O termo RA (Região Administrativa) refere-se à nomenclatura atual das áreas urbanas do Distrito Federal também conhecidas como “cidades satélites”.

¹⁰ O conceito de povoado ou distrito refere-se a uma pequena aglomeração com características de ocupação urbana, no que se refere à densidade, estrutura viária e equipamentos públicos (escola, posto de saúde, praça, etc.). A grande maioria das cidades tem sua gênese num pequeno povoado.

equipamento, elas são o ponto de referência e de encontro da comunidade, especialmente nas datas importantes, como comemorações e festejos.



Fig. 4 – Povoado Olhos d'água - Goiás. Fonte: imagem elaborada pela autora no programa Google Earth. Acesso: dezembro de 2012

Ao conhecer tais povoados, imediatamente associei-os aos adros das igrejas de minha infância, embora essas praças acima citadas apresentem maiores dimensões e forma de

configuração geométrica regular, resultantes, talvez, de um traçado planejado na constituição da cidade.

Tais constatações e recordações me estimularam a estudar a praça e sua inserção em uma cidade brasileira, e, pela vivência, procura-se analisar o caso de uma cidade de médio porte¹¹, exemplo de cidade em que as praças ainda são pouco estudadas.

A história das praças, sua organização espacial e, o modo como ela é utilizada socialmente, nas dimensões de lazer e interação da vida comunitária contribui para o entendimento da praça como espaço público, onde se configura uma dinâmica diferenciada em relação aos demais espaços livres.

Como pesquisadora do Núcleo da FAU/Universidade de Brasília, da Rede Nacional do QUAPÁ-SEL (Quadro do Paisagismo no Brasil – Sistema de Espaços Livres), acompanhamos o quanto este núcleo tem contribuído para o

¹¹ De acordo com Oliveira Jr. (2007), as cidades médias são assim classificadas não tanto quantitativamente, conforme o IBGE, mas por possuírem uma capacidade de promoção social e econômica conjugada a um menor índice ou expressão de conflitos e problemas diversos

decorrentes do processo de urbanização, ou seja, um determinado equilíbrio entre seus habitantes e o suprimento das necessidades destes, implicando num certo padrão de funcionalidades, infraestruturas e equipamentos que as distinguiam das cidades pequenas e das grandes.

Desenvolvimento do entendimento dos espaços livres urbanos, com desdobramentos tanto no ensino do Paisagismo nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo, e assim, na melhoria da compreensão da importância desses espaços para a sociedade em geral.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta tese é a praça, um espaço livre público¹², urbano, destinado ao lazer e ao convívio da população. Pode ser, morfológicamente, compreendido como um espaço alargado em relação ao sistema viário da cidade, constituindo-se, assim, um lugar onde as pessoas podem se encontrar, se reunir, se congregar, se manifestar e realizar atividades de diversas naturezas, tais como solenidades cívicas, festas populares ou outras atividades eventuais, como feiras, promoções públicas, comemorações, etc. Trata-se, portanto, de um espaço intencional de permanência, de convivência e de circulação, acessível a todos os cidadãos e, conforme Robba e Macedo (2003), livre de veículos.

¹². Espaços livres públicos, para Álvares e outros (2008), são lugares de uso comum da população, como ruas, praças, parques, *imóveis* públicos (edifícios) e todos os lugares de apropriação pública, onde se realizam ações da esfera pública, de propriedade pública ou privada. Para Magnoli (1982), também podem ser conceituados como espaços não edificados, além das ruas, avenidas, praças, parques, os rios, matas, mangues, praias urbanas, ou simples vazios urbanos públicos, e quintais e jardins, espaços

Para os autores que têm tratado do tema praça, há diversos modos de conceituá-la, inclusive alguns divergentes, muito embora Robba e Macedo (2003) afirmem que, apesar desses diversos entendimentos, a grande maioria concorda em conceituá-la como um espaço livre público e urbano, de convivência e lazer.

Lamas (2004) entende a praça como um elemento morfológico das cidades, distinto de outros espaços, e que pode ser o resultado acidental ou intencional de alargamento ou de confluência do traçado viário. Segawa (1996, p. 31), concebe a praça como “um espaço ancestral que se confunde com a própria origem do conceito ocidental urbano”. Por outro lado, Spirn (1995) entende

livres privados. Dependendo da localização, distribuição, acessibilidade e conexões, formam um complexo de múltiplas funções urbanas, tais como circulação, atividades de lazer e de recreação, ócio, conservação e qualificação ambiental, imaginário e memória urbana. Barcellos (1999) entende que os espaços livres podem se referir, de uma maneira mais abrangente, a toda a área (solo ou água) que não seja ocupada por edificação ou outra estrutura permanente.

a praça como um lugar de ver e ser visto, onde se pode comprar e fazer negócios, passear e fazer política.

Sitte (1992, p. 47), em 1889, data da publicação de seu livro “A construção das cidades segundo seus princípios artísticos”, criticava o que outros entendiam como sendo uma praça e que, segundo ele, não condizia com o tratamento que deveria ser dispensado a esse espaço, e, assim, escreveu:

“Hoje [...] é designado por praça qualquer espaço vazio entre quatro ruas. Talvez esta circunstância seja suficiente em termos de higiene ou de outras considerações técnicas, mas, sob o ponto de vista artístico, um terreno vazio não é uma praça. No rigor da palavra, sob este aspecto ainda falta muito no tangente a ornamentação, significado e caráter.”

Quanto às funções, tem-se uma multiplicidade de atividades. Essas funções são geralmente determinadas pela localização que a praça tem na cidade. Por exemplo, as praças centrais estão localizadas nas áreas mais ou no próprio local de origem da cidade. Essas praças, normalmente, se destacam como

locais de expressão simbólica, possibilitando atividades cívicas, além de marco de registros de importantes significados sociais, fortalecendo a sua história, como registro de memória e tradições. Podendo representar a identidade de uma cidade, entre outras funções mais gerais.

Por outro lado, as praças de bairro atendem principalmente aos seus moradores do entorno, nas atividades mais cotidianas de encontro, recreação, lazer e convívio, além de funcionar como espaço de determinada relação entre o homem e a natureza, especialmente, quando são arborizadas.

Pode-se deduzir a importância da praça por ser um dos espaços públicos mais comuns e democráticos em qualquer cidade. No Brasil, desde os primeiros povoados implantados¹³, ainda no período da colonização, observa-se que quase todos os aglomerados humanos e cidades surgiram em torno de uma praça, e esta, geralmente, apresenta algum destaque como marco histórico.

¹³ A exemplo, a Praça XV de Novembro, no Rio de Janeiro, que servia de importante entreposto na insipiente cidade, no século XVI.

Dessa forma, como lugar de agregação urbana, as praças são espaços constantes no desenvolvimento das cidades brasileiras. Presentes praticamente em todas as cidades de qualquer porte, são consideradas o espaço do encontro ou das afetividades, ou seja, da passagem do âmbito familiar para o social, pois é nela que acontecem, ou aconteciam, os encontros do cotidiano e os grandes eventos¹⁴ mobilizadores de sentimentos coletivos.

As praças, assim como as ruas, são os lugares privilegiados onde a cidade é vivida e pode ser melhor entendida. Não são somente algo concreto, são espaço de representação e de imaginação. Em algumas cidades, é impossível deixar de perceber que, muitas vezes, nos encantamos com as praças, principalmente, quando conhecemos uma pequena cidade no interior em nosso país, ou até num outro continente.

É tão característico da atividade turística fotografar esses espaços, tanto as grandes como as pequenas praças ou largos, que, daí, se pode inferir a força de atração que eles, ainda,

exercem sobre o nosso imaginário e nossa maneira de perceber a cidade¹⁵. Nas praças, geralmente, fazemos uma pausa, seja para admirá-la por si mesma, seja para apreciar um edifício importante, seja para olharmos as pessoas e imaginar a história do lugar que ali se manifesta, seja para um descanso da caminhada, num banco à sombra de uma árvore.

Numa primeira aproximação ao fenômeno das praças, é de notar-se que, talvez pelo destaque que têm em qualquer cidade, nem questionamos sua relevância pelo fato de serem espaços comuns a todas elas. Seja em qualquer cultura, como na Rússia – a Praça Vermelha em Moscou (Figura. 5) –, na China – a Praça Tiananmen em Pequim (Figura. 6) –, no México – a Praça Zócalo na Cidade do México (Figura. 7) –, são espaços que sempre nos surpreendem e nos convidam a vivenciá-los.

Esse mesmo impulso de fazer uma visita à praça mais importante ocorre, também, em cidades pequenas. E, essa, geralmente, está

¹⁴ Eventos como Carnaval, manifestações sociais e políticas, etc.

¹⁵ Exemplo de Brasília – a Praça dos Três Poderes, em Belo Horizonte – a Praça da Liberdade ou em Belém – a Praça Batista Campos.

situada no centro da cidade, em sua área mais antiga e, bem provavelmente, onde ela se originou (Figura 8).



Fig. 5: Praça Vermelha – Moscou. Fonte:
<http://sonoraviagem.blogspot.com.br/2012/07/moscou.html>.
 Acesso: fevereiro de 2014.



Fig. 6: Praça Tiananmen (ou Praça da Paz Celestial) – Pequim. Fonte:
<http://pt.wikipedia.org/wiki>. Acesso: fevereiro de 2014.



Fig. 7: Praça Zócalo – México. Fonte:
http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/americanonorte/mexico-cidade_do_mexico-zocalo.shtml. Acesso: maio de 2015.

Assim, independentemente do seu tamanho ou em que cultura está situada, a praça tem referência para a cidadania. E esse valor de referência pode ser atestado por inúmeras formas de narrativa¹⁶ – a literatura, a música, a poesia, o cinema, a fotografia – e os meios de comunicação – mídia em geral – constroem e organizam a dimensão simbólica da praça, através de textos, de imagens, ou ainda de outras

¹⁶ Para Motta (2013), podemos entender as narrativas como representações sociais da realidade, fictícias ou factuais, através das quais os homens constroem o mundo material e social.

representações que destacam a importância desses espaços na vivência, no imaginário e na memória coletiva.



Fig.8: Praça Benedito Leite, ao lado da Sé no Centro Histórico da cidade de São Luiz do Maranhão. Fonte: Foto de Giuliana Brito.

Entre os séculos XVIII e XX, na literatura, os romances descreviam as paisagens tanto urbanas quanto campestres traduzindo os aspectos culturais da visão de mundo desse período, em contrapartida, os espaços, os lugares e os territórios, também, eram construídos como reflexo dessa mesma cultura.

¹⁷ Erwin Cério, historiador e naturalista italiano que lhe cedeu uma casa na ilha de Capri para morar durante uma temporada, entre suas viagens.

Posteriormente, já na segunda metade do século XX, as transformações ocorridas nas cidades, impelidas pela velocidade dos novos inventos, principalmente nos meios de transporte e nas inovações das formas de comunicação, todas as narrativas, representações, ou imagens sobre a cidade e seus espaços livres, também, foram se transformando e ampliando sua diversidade.

Considerando a literatura atual em seus diversos segmentos – do romance às biografias –, têm-se relatos das mais diversas experiências, na maioria das vezes com imagens idealizadas sobre as praças, reais ou não. Neruda em seu livro autobiográfico “Confesso que vivi”, relata alguns acontecimentos ocorridos em praças, no qual se destaca o que se refere ao entusiasmo com que um amigo falava da praça da ilha de Capri, “[...]O nobre e velho Cerio¹⁷ repetia com humor picaresco: a obra-prima de Deus é a praça de Capri.” (Neruda, 1977 p. 216).¹⁸

¹⁸ Outros inúmeros exemplos podem ser citados. Sobre a praça São Marcos em Veneza, Golin (1999, p. 209), assim, se expressa: “[...] A Praça de São

No livro “Arte na Praça – Artistas de Rua”, Moreira (2012) trata da Praça XV de novembro, na cidade de Torres no Rio Grande do Sul, destacando-a pelos inúmeros eventos que lá aconteciam, o que a tornava um importante ponto turístico da cidade. Zuenir Ventura (2012), no romance *Sagrada Família*, relata a vida numa pequena cidade, na década de 1940, época em que a maioria dos eventos importantes da cidade aconteciam na praça. Pela descrição do autor, essa é a praça Getúlio Vargas na cidade de Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro (Figura 9)¹⁹. E, assim, se refere o autor à praça:

Quem viesse do Rio descia na Estação e em vinte minutos percorria a pé a avenida principal até a Praça Central que funcionava como sua extensão, cercada por duas pistas de carro. Retangular, coberta de eucaliptos, era o coração da cidade, o Centro. Compunha-

Marcos é outra beleza. Nos quatro cantos da praça tocam ao mesmo tempo conjuntos e as músicas não se misturam”. Oliveira (2010) quando descreve sua juventude na cidade de Belo Horizonte, nos anos 1950, relembra: “[...] Nitinha era amiga inseparável de minhas duas irmãs, Zoráides e Maria Conceição, companheiras de passeios à praça “Antero Torres” no centro da cidade para nos divertirmos nas noites de sábado e domingo [...] Ali na ‘Praça do Coreto’ dávamos infinitas voltas ao som da Banda Musical, que enchia o ambiente de harmonia, até à madrugada [...]” (OLIVEIRA, 2010 p. 102). (Aspas do autor).

se de alamedas que obedeciam a uma divisão social. A mais larga era das empregadas domésticas e dos operários das fábricas. A “elite” usava uma paralela, onde fazia o *footing* domingo à noite. [...] Correio Serrano escrevia: “O trem começa a entrar na Praça Central apitando, apitando, como que desejando acordar os seculares eucaliptos, guardas eternos das alamedas da mais bela e romântica praça do estado do Rio de Janeiro. [...] A não ser pelo exagero dos “seculares” eucaliptos, numa cidade de cento e poucos anos, o mais era correto. Na romântica praça, muitos casamentos começaram.” (VENTURA, 2012, p. 45-46).

Na poesia e na música, considerando apenas os autores de décadas mais recentes, compositores como Herivelto Martins (Praça Onze – 1941), Ronie Von (A praça – 1967), Paulo Vanzolini (Praça Clovis – 1967, imortalizada por Chico Buarque), Adoniran

¹⁹ O autor viveu a adolescência nessa cidade de Nova Friburgo. A história conta os costumes de uma família, vivendo numa pequena cidade. A praça central - Getúlio Vargas é rodeada por eucaliptos, os quais no final do século XX, quase desapareceram, pela ação de um prefeito que resolveu modernizar a praça o que provocou a ira da população, fazendo com que se parasse o corte, mas a praça ficou sem alguns exemplares. Além dessa praça o autor ainda cita passagens na praça Saens Pena no Rio de Janeiro.

Barbosa (Praça da Sé – 1978), Bruno e Marrone (Dormi na Praça – 1994) e, mais recentemente, Morais Moreira (Chão de Praça – 2004) e Odair José (Praça Tiradentes – 2012), entre outros, idealizam a praça quando narram imagens que têm de vivência ou apenas de representação desses espaços.



Fig. 9 – Praça Getúlio Vargas. Nova Friburgo. Estado do Rio de Janeiro. Fonte: http://s2.glbimg.com/dw2CCJ6KY9VWV5b4koRdEGgo_eak=/620x465/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/05/23/foto_-_daniel_marcus_7.jpg. Acesso: novembro de 2015.



Fig. 10 – Praça Saens Peña. Tijuca. Rio de Janeiro. Fonte: disponível em: <http://og.infg.com.br/in/13130064-244-e85/FT1500A/550/assaltos-78.jpg>. Acesso: novembro de 2013.

No cinema, diversas obras recentes também a destacam, tanto nos títulos quanto no conteúdo, podendo-se citar o filme ítalo/inglês “Praça das Cinco Luas” (“Piazza delle Cinque Lune”) do diretor Renzo Martinelli (2003)²⁰ e Praça da Luz²¹, documentário brasileiro, de 2007, dirigido por Carolina Markowicz e Joana Galvão. Também um filme de Vinicius Reis, de 2008, destaca uma praça bastante conhecida situada no bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, a “Praça Saens Peña (Figura 10).

²⁰ Trata-se de um drama/terror que conta o sequestro e morte de Aldo Moro, e que conclui com um tiro na Praça das Cinco Luas, situada em Roma.

²¹ O filme “Praça da Luz” trata dos usos dessa famosa praça de São Paulo, e conta histórias de vida das prostitutas que nela fazem o seu “ponto”.

O documentário “Praça Walt Disney”²², de 2011, dirigido por Renata Pinheiro e Sérgio Oliveira, analisa as transformações das cidades nos últimos anos e a cultura da ocupação urbana, especialmente, o impacto da verticalização e como consequência os reflexos sobre a praça.

Espectáculos de teatro recentes também têm a praça como palco de acontecimentos importantes, como na peça “A vida na Praça Roosevelt”, de 2004, da dramaturga alemã Dea Loher, que relata a luta pelo resgate dessa praça paulista, que, apesar de ser bastante conhecida, desde sua criação, sofre com o abandono e só recentemente vem sendo requalificada, a partir da localização, no seu entorno, de grupos de teatro.

Também em eventos, os discursos são atravessados pela memória e podem ser explicados de distintos modos, de fora do tempo, como recordações de um objeto fascinante, ou do

uso que se imagina, ou ainda de um futuro promissor, quase sempre idealizado. Entre outros, pode-se citar um movimento de protesto contra a administração pública da cidade de Fortaleza que pretendia melhorar o sistema viário de um bairro, utilizando a área de uma praça, revelando esse imaginário, construído sobre valores simbólicos.

Danças, brincadeiras de criança e muita comida boa. O objetivo principal é sensibilizar a população e o poder público sobre a utilidade e importância do local. A ideia é agregar várias pessoas e movimentos culturais para tentar reverter a situação tão triste dessa praça [...]. Também precisamos ocupar os espaços públicos de Fortaleza, não precisamos ocupar apenas os espaços privados. A gente pode estar nas praças e nos parques. ” (Clara Machado, organizadora do evento em defesa da Praça Portugal em Aldeota, Fortaleza²³).

²² O nome do filme surgiu como ironia e crítica ao nome de uma pequena praça localizada no bairro de Boa Viagem, próxima ao mar na cidade de Salvador. Trata-se de uma rótula para o trânsito do bairro, rodeada de edifícios, cujo mobiliário compõem-se de pequenos brinquedos coloridos, que de certa forma fazem referência a Disney World.

²³ Trata-se da Praça Portugal, no bairro Aldeota em Fortaleza, – notícia veiculada na TV Diário em 16 de junho de 2015. Disponível em:

<http://tvdiario.verdesmares.com.br/noticias/cidade/atividades-desenvolvidas-na-praca-portugal-alertam-para-a-importancia-do-espaco>. (Acesso: junho de 2015). Para a arquiteta Márcia Sampaio, que fez parte do movimento, o tombamento seria a medida ideal. Segundo ela, existem outras opções que substituiriam a destruição da praça: “É possível trazer o cidadão para a praça e é possível viver todas as necessidades do avanço com a preservação. A modernidade pode conviver com a cidade”

Assim a visão de mundo de um determinado grupo social expresso no imaginário e na memória coletiva é construído e transformado através de narrativas, imagens e representações, as quais organizam a dimensão simbólica do espaço.

Dessa forma, as necessidades, as aspirações ou apenas as referências dos usuários de um determinado espaço nem sempre correspondem ao que as autoridades e técnicos pensam ou propõem como sendo a resposta ideal para a solução de determinado problema.

No contexto de interesse desta pesquisa, foi estabelecido como objeto de estudo praças localizadas na cidade de Formosa, estado de Goiás. Pois se trata de uma cidade de médio porte, surgida no período colonial como um entreposto, na fase da mineração. Como tal, manteve relativa importância por sua localização na região do planalto central, a qual teve uma ocupação bastante rarefeita até antes da criação da cidade de Brasília.

Destaca-se também que o município é atualmente cortado por um importante eixo de circulação rodoviária, que liga a capital Federal à região Nordeste do Brasil – a BR-020. Outro fator que

contribuiu para essa escolha é a sua localização estratégica de fronteira agrícola nos limites do Distrito Federal, o que lhe confere certa importância na região.

Podemos justificar este estudo, também, por considerar que as praças são importantes para a sociabilidade da população urbana. Embora muitas transformações ocorridas na sociedade, decorrentes tanto do crescimento das cidades, quanto do surgimento de novas tecnologias, principalmente, no que tange aos meios de comunicação, têm contribuído para o surgimento de novas necessidades traduzidas em novas atividades e formas de uso tanto do espaço, quanto do tempo livre. Mesmo assim, a praça se mantém presente, morfológicamente, no tecido da cidade e, socialmente, no cotidiano da população.

A praça não perdeu a sua importância, ao contrário, ela está viva na memória, no desejo e no imaginário das pessoas, mesmo daquelas que fazem uso apenas eventual ou mesmo nenhum uso atualmente.

Mas, sabe o que é diferente e é bom na praça é que são pessoas muito diferentes

com quem ter interação. Porque na escola geralmente é a mesma classe social, muda raramente [...] porque você é sociável, quer se sentir bem, perto das outras pessoas, quer ser aceito [...]. E na praça tinha isso. Tinha gente muito diferente. Tinham crianças com idades diferentes, jeitos diferentes, tinha crianças que tinham mais coisas ou menos coisas e a gente brincava junto, ali. Essas experiências acho que foram boas para mim, tanto na praça quanto na escola, porque é muito difícil a gente ver a realidade do outro se a gente não convive. É uma coisa fria, não tem empatia. (N, 28 anos, em 12.12.2015)

Por outro lado, não obstante todos os esforços para entender e conhecer as reais condições dos espaços livres públicos das cidades brasileiras, em particular os espaços das praças, há pelo menos uma grande lacuna a ser preenchida: o fato de a maior parte desses estudos se referirem, quase que exclusivamente, às capitais e a outras cidades de grande porte.

Os estudos sobre a importância das praças, do ponto de vista social e comunitário, nas cidades de menor porte, como as cidades médias, na prática, inexistem. Ainda mais em se tratando da região central do Brasil, o que tem sua relevância, mesmo que se admita que os problemas observados na maioria das cidades brasileiras sejam muito semelhantes.²⁴

Se as cidades de pequeno e médio porte suscitam questões análogas às das grandes cidades, com relação aos espaços livres públicos, é certo, contudo, que elas apresentam particularidades que demandam atenção. Nessas cidades, os espaços públicos, de modo geral, apresentam situação de grande precariedade. Na maioria dos casos, faltam arborização, mobiliário urbano e largura suficiente das calçadas, entre outros aspectos que, também, devem ser considerados.

Outro problema que agrava ainda mais a situação das praças nessas cidades é o fato de que, muitas delas, não preveem sequer os terrenos reservados para tal fim e, quando dispõem, quase sempre estão abandonados e sem tratamento.

²⁴ Conferir os estudos realizados pelo grupo QUAPA, que faz pesquisas sobre espaços livres públicos em várias cidades do Brasil.

A grande exceção é a praça principal da cidade que, de modo geral, por interesses políticos, tende a ser reformada a cada nova eleição. Não são incomuns reformas com a derrubada de árvores, mudança de canteiros e pisos, troca de luminárias e construção de uma nova fonte ou coreto, que, logo depois de inaugurados são esquecidos, sem que recebam qualquer manutenção organizada. Quando se observa a periferia dessas cidades, a situação é ainda pior. Pois a população é abandonada à própria sorte, sendo obrigada a buscar suas próprias soluções²⁵, visto que as prefeituras, na maioria das vezes, nem estão aparelhadas com um corpo técnico preparado para lidar com essas questões.

Um dos benefícios esperados com esta pesquisa é preencher uma lacuna no sentido de verificar o significado e a ressignificação da praça nas cidades de médio porte, voltando o olhar para parcela expressiva de áreas urbanas que carecem de

condições para planejar e/ou conservar tais espaços públicos livres, destinados ao convívio, em suas diversas nuances.

Como objetivo geral, busca-se compreender o papel da praça como polarizador das manifestações públicas, desde as suas origens, chegando-se até o atual cenário contemporâneo, em que as transformações histórico-sociais da sociedade se refletem na cidade e em seus espaços livres, evidenciando as características sócio morfológicas a que as praças estão sujeitas.

Almeja-se, também, evidenciar significados das praças tendo em vista as características da vida atual, a partir de parâmetros e do aprofundamento do conhecimento do tema, de forma a construir novos modelos de enfrentamento da questão da qualidade dos espaços públicos na vida urbana, no sentido de projetar, especialmente, praças mais adequadas ao momento histórico atual.

Dessa forma, com o presente estudo, espera-se oferecer uma contribuição para o preenchimento da lacuna relativa à pesquisa e ao conhecimento das praças nas cidades

²⁵ Embora tais soluções sejam, muitas vezes, bem interessantes e respondam às reais necessidades dessa população, como por exemplo, campos de futebol em lotes abandonados entre outros.

brasileiras de médio porte, podendo desdobrar-se na constituição de um foro de discussão sobre o tema.

Como desdobramentos, contribuirá, na carreira docente, para o ensino de Paisagismo, devendo tal aprimoramento se refletir diretamente na formação de profissionais de arquitetura, em especial, urbanistas e paisagistas, os profissionais que atualmente se destacam por sua importância no planejamento dos espaços livres públicos. Também poderão ser beneficiados os agentes do setor público e do setor privado que têm como atribuição intervir nos espaços livres públicos da cidade e que, portanto, deverão ter como preocupação básica a qualidade dessas intervenções.

Como objetivos específicos, podem alinhar-se os seguintes aspectos:

- a) Extrair referências que, a partir de outros estudos, possam estabelecer parâmetros em termos de distribuição, abrangência, localização, dimensionamento, acessibilidade, configuração e funções das praças nas médias cidades, de forma a determinar bases para revitalizações e novos projetos²⁶.
- b) Entender o modo como as prefeituras tratam as praças, verificar como são planejadas na escala urbana e, no caso, tendo como referência a cidade de Formosa.

A praça sempre possuiu papel privilegiado nas interações comunitárias dos habitantes de uma cidade, como lugar de encontro dos moradores, trazendo a estes um sentido de pertencimento e de referência, favorecendo práticas societárias e de exercício de cidadania. Nas cidades de grande porte, com o crescimento e expansão da área urbana, as áreas centrais geralmente sofrem mudanças de uso, com

²⁶ Entre outros, autores como Jane Jacobs (2000), Alex (2008), Alexander et al. (1977), estabeleceram critérios para projeto de espaços públicos. Também nos EUA, a National Recreation and Park Association definiu alguns parâmetros para praças e parques, entre os quais, os relativos a raio de abrangência. Mais recentemente, o PPS (Project for Public Spaces), fundado a partir das ideias de William (Holly) White, autor do livro "A Vida Social de Pequenos Espaços Urbanos", estabelece também alguns padrões de projeto a partir do diálogo com a população envolvida. Atua em diversos

países, entre os quais o Brasil, com alguns projetos implantados na grande São Paulo, entre outras cidades.

No caso do Brasil, como exemplo mais próximo, em 1994, foi criada no Distrito Federal uma norma (NT. nº 3) que estabelecia os índices e indicadores urbanísticos para os novos parcelamentos urbanos da região, mas foi revogada. Atualmente é utilizada como referência uma Diretriz Geral com referências a serem observadas em áreas de praças,

esvaziamento do uso residencial, que se transfere para outras áreas da cidade e, portanto, fragmentando essas funções. Por outro lado, algumas dessas praças ainda mantêm sua importância, como marco referencial e simbólico, na memória e no imaginário de seus habitantes.

Nos bairros da periferia, as áreas destinadas à praça vêm sendo diminuídas e, até, suprimidas, seja pela falta de interesse do poder público na oferta desses equipamentos ou pela falta de parâmetros urbanísticos claros que cobrem dos agentes do parcelamento urbano – muitas vezes loteadores que visam apenas o lucro imediato – a previsão de áreas destinadas a esse fim.

Há áreas que eram previamente destinadas a praças que tiveram sua destinação alterada para outros equipamentos, como de segurança até por demanda da comunidade. Este fato deve-se à falta de previsão de áreas para tal fim, embora a existência de diretrizes nos manuais obrigasse que fossem destinados para praças.

Nesse sentido, parte-se da hipótese de que a praça conserva ainda a atmosfera propiciadora de sentimentos de

pertencimento a uma comunidade. Ela desempenha a função efetiva de lugar de referência significativa para a cidade, embora, na maioria das vezes, não ostente mais nem os elementos nem as características atrativas que a configuraram como local de encontro e convivência da população. Nesse sentido, propõe-se que novos programas de necessidades e novos atributos podem resgatar essa função de convívio e encontro da população, – tendo como referência, neste caso, a cidade de Formosa.

Para melhor entender a realidade desta cidade, quanto ao objeto deste estudo, ela foi toda percorrida para se conhecerem todas as praças.

Verificou-se o que é comum a cidades semelhantes ou até de maior porte. Uma grande carência de praças nos novos bairros, especialmente os das regiões mais pobres e mais afastadas do centro da cidade. Como áreas para praças não foram sequer previstas, e alguns desses bairros já se encontram bastante ocupados.

Estes são, portanto, os pontos de partida desta pesquisa e princípios norteadores para trabalhar as questões associadas

à praça. Sendo assim, o trabalho está organizado em cinco capítulos e conclusões, conforme descritos a seguir.

O capítulo I – Revisão da Literatura – trata do processo analítico das referências que orientaram esta pesquisa sobre as praças e a proposta da narrativa como reflexão sobre o tema. Essa pesquisa refaz os trajetos percorridos na busca de sentidos para o objeto em análise. A revisão da literatura forneceu elementos relevantes para que o tema fosse conduzido por meio deste método das narrativas.

O capítulo II – Panorama Histórico da Praça – pontua e evidencia alguns aspectos da história da praça, desde seus antecedentes até o contexto da praça na atualidade, tomando como exemplo a praça da cidade portuguesa para situar o contexto histórico da praça brasileira.

O capítulo III – FORMOSA – Uma cidade média – contextualiza e discute a cidade média no debate atual, através das diversas visões de análise, em especial, sua importância no contexto regional.

O capítulo IV – As Praças da Cidade de Formosa – trata das praças da referida cidade, no qual foram analisadas quatro delas, localizadas no Setor Central, utilizando-se narrativas de base empírica – registradas na literatura e em levantamentos e entrevistas *in loco*, do modo como essas praças são utilizadas, vistas, entendidas ou, ainda, imaginadas pelo olhar de seus habitantes. Tais narrativas que, juntamente com os argumentos teóricos, dão suporte aos pressupostos considerados.

Capítulo V – Desdobramentos da pesquisa/ Caminhos – trata dos aspectos envolvidos na resignificação desse espaço livre público – a praça – e como no caso de não existirem praças, algumas soluções podem contribuir, mesmo que em outros espaços, para compensar a carência desses espaços na cidade. Utilizando a imaginação, com a introdução de pequenas transformações que podem ser feitas sem perda para o uso a que se destinam, outras áreas podem ser utilizadas, para o uso de lazer e outras atividades da população.

Por fim, as Conclusões e Considerações Finais – Sintetizam os problemas encontrados nas praças; a ausência do poder público na manutenção e gerenciamento dos espaços livres públicos. Apresenta parâmetros que são importantes serem considerados para a vitalidade das praças. E reafirma a hipótese da pesquisa pelas narrativas – que as praças são espaços resilientes, e que o espaço público sempre estará presente no imaginário da população, pela constante possibilidade de poderem se renovar diante das demandas apresentadas pelo seu público usuário.

CAPÍTULO I – Revisão da Literatura

1.1 – Contribuições ao Debate

Atualmente os espaços livres e, conseqüentemente, a praça brasileira têm sido objeto de pesquisa, sobretudo, na área acadêmica, pelos grupos de pesquisa que estudam os espaços livres nas cidades brasileiras. Um exemplo de que esses estudos vêm se consolidando é a rede de pesquisa denominada QUAPÁ-SEL (Quadro do Paisagismo no Brasil: Sistema de Espaços Livres), cujo núcleo inicial surgiu na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP) e, hoje, tem abrangência nacional, inclusive com um núcleo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB).

A primeira fase dessa pesquisa, desenvolvida entre 2006-2010, teve como enfoque e título “O Sistema de Espaços Livres e a Constituição da Esfera Pública Contemporânea no Brasil”. A segunda fase, iniciada em 2011 e concluída em 2015, teve como objeto de estudo “O Sistema de Espaços Livres e a Forma Urbana da Cidade Brasileira na Contemporaneidade”.

A melhoria das ferramentas de análise depende da compreensão, ou aprimoramento, de princípios relativos ao planejamento dos espaços livres, que, no Brasil, em grande escala, ainda são utilizados apenas critérios quantitativos que dimensionam principalmente a área de espaço livre per capita ($m^2/hab.$). Outros critérios deverão formar um consenso sobre parâmetros ótimos e sobre a diversidade de tipos e funções dos espaços livres.

Dessa forma, nas áreas urbanas periféricas, principalmente, verifica-se que praças e demais espaços livres públicos, em grande parte, ainda aparecem como áreas residuais, ou seja, seu planejamento não obedece a requisitos ou critérios mínimos necessários para o desempenho das suas diversas atribuições (FONTES, 2003).

Com base nas pesquisas realizadas no Brasil, o referencial teórico deverá abordar conceitos dos espaços livres públicos, suas funções e atividades, de modo a contribuir para a formação de um corpo teórico que envolve a questão da praça

e sua importância como espaço livre. Nesse aspecto, a pesquisa do referencial bibliográfico desta pesquisa focalizou-se em três momentos:

Momento 1: Afirmação – (tipo ideal) histórico e literário (arte) – da importância da praça na vida pública (questão da centralidade, geometria, etc.) ao longo da história, entendendo-se que a praça era (ou ainda é) um dos espaços públicos mais importantes da cidade. Importância esta corroborada pelo lugar que ocupava de espaço público por excelência, palco das mais diversas atividades – comerciais, religiosas e de convivência em comemorações, festejos ou diversão.

Momento 2: Declínio. Após a fase de relevância, a praça passa por períodos de declínio, até que, já na primeira metade do século XX, se anunciava a “morte da praça”, haja visto o surgimento dos parques nas principais cidades do ocidente e as amplas áreas verdes propostas pelos urbanistas modernistas.

²⁷ Resignificar é dar novo significado a algo ou a alguma coisa, segundo o dicionário Novo Aurélio. Neste caso trata-se de resignificar a praça – um espaço público que andou sendo ameaçado de morte.

²⁸ Atualmente muitas praças voltaram a ter destaque como lugar de exercício da cidadania com a organização das pessoas para reivindicar

Por outro lado, durante esse século, o crescimento das cidades se intensificou acarretando grandes transformações nos hábitos de vida da população e, conseqüentemente, alterações nas funções e nos usos dos espaços livres públicos em geral. Por exemplo, com o surgimento do *shopping center* e a massificação do lazer com a televisão.

Momento 3: Resignificação²⁷. Momento que pode ser entendido como um movimento surgido no final do século XX que revaloriza a praça, em grandes projetos de revitalização urbana, praticamente em todos os países ocidentais. Pode ser também, compreendido como uma mudança nos usos desses espaços, principalmente, nas praças principais das cidades²⁸.

Não obstante, as recentes preocupações com os espaços públicos e as ferramentas de avaliação dessa importância para a qualidade urbana ainda não estão totalmente definidas, tanto

mudanças políticas, como nas manifestações ocorridas nos últimos anos em praças das principais capitais mundiais.

na esfera acadêmica quanto no meio profissional responsável pelo seu planejamento.

A partir desse entendimento, este estudo se fundamenta no conhecimento adquirido na prática profissional e acadêmica e nas contribuições teóricas e metodológicas de diversos autores, bem como nas observações e análises feitas *in loco* e nas avaliações a partir dos usuários e suas narrativas.

1.2 – O olhar especializado

Devido às incertezas quanto ao futuro da praça, ela tem sido objeto de grande interesse e acirradas discussões entre arquitetos e urbanistas, nacional e internacionalmente, constituindo-se elemento importante dos debates que abrangem o espaço urbano na contemporaneidade.

A literatura sobre o tema dos espaços livres é extensa. Já no final do século XIX, Camillo Sitte (1980) escreve sobre a importância dos espaços livres, tecendo críticas às transformações urbanas – no caso da reforma de Viena – que tiraram desses espaços a importância usufruída em períodos anteriores. Neste sentido o autor defende princípios tais como

a relação entre as construções e os monumentos, o centro livre e a coesão entre as praças, valorizando a irregularidade das antigas praças e se baseia para defender esses aspectos em praças como a Piazza dei Signori em Verona (Figura 1.1).

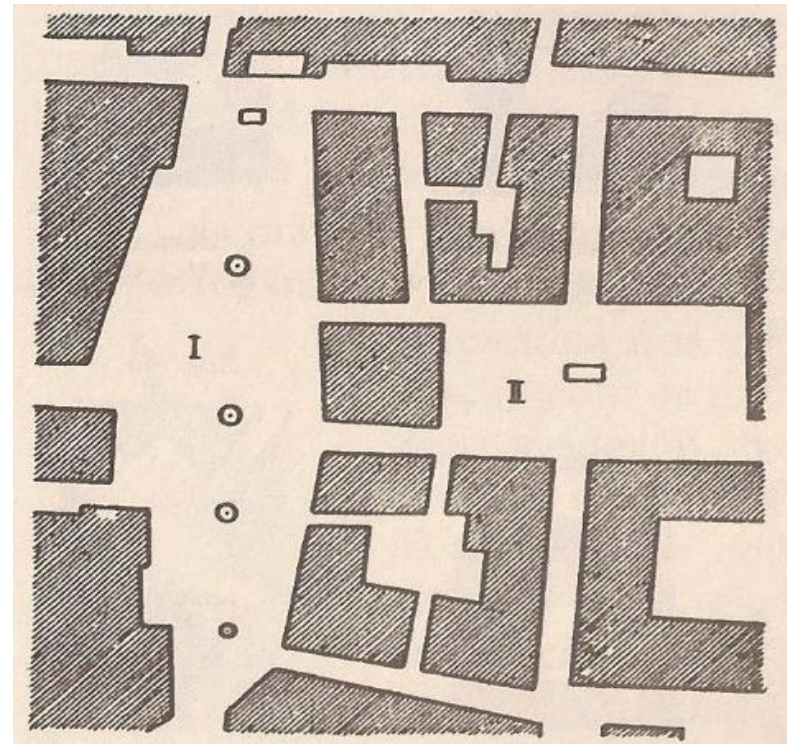


Fig. 1.1 – Piazza dei Signori em Verona, Itália. Fonte: Camillo Sitte (1889, p. 65)

Posteriormente, após o movimento moderno, já na segunda metade do século XX, a literatura sobre o tema dos espaços

livres públicos toma corpo com o desenvolvimento das críticas à paisagem urbana desse movimento. Alguns dos seus expoentes no plano internacional são os escritos de Jane Jacobs (1961) e de Sennet (1978).

No livro de Jane Jacobs “Morte e vida das grandes cidades”, a autora apresenta proposições e defende um urbanismo em que predomine a diversidade, uma grande intensidade e heterogeneidade de usos nas ruas, e no entorno dos demais espaços livres públicos, resultando-se em calçadas animadas com muitos passantes. Enfatiza, ainda, que não é, necessariamente, o tratamento paisagístico que garante o uso das praças e parques, mas, sim, uma vizinhança movimentada, ou seja, uma presença intensa de pessoas passando nas ruas. Nesse sentido, a autora verifica que o esvaziamento dos espaços livres públicos também se acentua à medida que a insegurança aumenta, justificando-se o que gerou a migração da população para espaços fechados, ou lugares privados,

²⁹ Obviamente, não é só a violência urbana que faz com que as pessoas se sintam inseguras e se retirem dos espaços livres públicos em geral. Apesar de ser esta uma realidade que afeta todas as áreas urbanas e que, nas grandes cidades e nas regiões mais pobres, tenha um aspecto bastante

como as praças dos *shoppings* e os bairros exclusivos ou “condomínios fechados”.²⁹

Quanto às praças, Jacobs constata que muitas passam por períodos de apogeu, quando são intensamente utilizadas, e por períodos de declínio, quando são abandonadas, especialmente quando a vizinhança vai se modificando, com moradores antigos se mudando e outros novos chegando, e, principalmente, com a decadência econômica da área de entorno. Trata-se de uma realidade bastante comum, já que as áreas urbanas estão em constante transformação. Entre as comprovações da autora, uma vizinhança diversificada é um aspecto relevante para manter áreas animadas (Figura 1.2).

Outro aspecto importante é o número de praças existentes num mesmo bairro, visto que, para manter uma praça ativa, não

impactante. Outro aspecto do problema é que as classes mais privilegiadas estão buscando, cada vez mais, áreas exclusivas, de lugares de convívio entre iguais, ou seja, a segregação.

pode haver uma grande quantidade para que não exista concorrência entre elas³⁰.



Fig. 1.2 – Praça The Bryant Park em Nova York, um dos espaços livres mais animados da cidade. Fonte: Foto da Autora. 2004.

Quanto aos elementos de projeto, Jacobs (2000) propõe, como critério, alguns princípios fundamentais para atrair as pessoas para os espaços públicos. O primeiro é a **complexidade visual**, uma característica que faz com que uma área, mesmo que pequena, ofereça uma variedade de cenários que não sejam

vistos de um só relance, ou seja, que ofereça diversidade de possibilidades para usufruí-la. Envolve também a **riqueza criada por elementos** tais como diferenças de nível, visuais interessantes, perspectivas variadas, agrupamentos de árvores, entre outros.

O segundo princípio é a **centralidade** – um local na praça que se reconheça como um espaço de destaque. O terceiro é quanto à diversidade da **insolação**, ou seja, com locais mais ensolarados e outros mais sombreados, isso pode ser alcançado não só pela arborização, mas também pelas construções do entorno. Essas edificações são, também, importantes na **delimitação espacial** da praça, o que constitui o quarto princípio de projeto, qual seja, a diversidade de usos no entorno. Como quinto critério, a autora assegura, ainda, que a rua deva ser movimentada, como condição de garantia de **segurança** tanto para qualquer praça e rua quanto para residentes e passantes. E, como solução, cita três características principais que as ruas devem ter:

³⁰ Esta situação pode ser melhor compreendida se observarmos o caso das áreas verdes do Plano Piloto de Brasília, defendidas pelo Movimento

Moderno, que são vazias, também, devido à baixa densidade, não tem como ser totalmente apropriadas pela população.

Primeira, deve ser nítida a separação entre o espaço público e o espaço privado. [...] não podem misturar-se como ocorre em subúrbios ou em conjuntos habitacionais.³¹ Segunda, devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua. Os edifícios de uma rua preparada para receber estranhos e garantir a segurança tanto deles quanto dos moradores devem estar voltados para a rua. [...] E como terceira característica, a calçada deve ter muitos usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua, a observar as calçadas. (JACOBS, 2007, p. 35-36).

Na obra “O declínio do homem público”, de 1978, Sennet discute questões sobre as causas do esvaziamento dos espaços livres públicos e as novas formas de sociabilidade, comunicação e atuação das pessoas nas grandes cidades. Percebe que alguns fenômenos sociais são sentidos antes dos anos de 1970, entre eles, a valorização, de certa forma, da vida pessoal privada de

modo desmedido, contribuindo para o esvaziamento do espaço público. Esse fenômeno provocou o retraimento de uma cultura que, anteriormente, era cosmopolita e se fecha em comunidades “bairristas”³². O autor verifica que esse fenômeno já se anunciava no começo do século XIX como resultado da queda do Antigo Regime na França, que produz a formação de uma nova cultura, em que o “estranhamento” passa a ser o novo modo de ser urbano.

Outro autor que também se preocupou com o estudo das praças foi William H. White, sociólogo americano que inspirou a criação da organização PPS – Project for Public Spaces³³ (Projeto de Espaços Públicos) –, devido ao seu trabalho pioneiro na pesquisa do comportamento dos pedestres nos espaços públicos da cidade de Nova York. Essa pesquisa foi iniciada em 1969, teve o nome de “Street Life Project” e durou, aproximadamente, 16 anos. Foi desenvolvida por meio de

³¹ Neste caso, a autora se refere aos subúrbios norte-americanos, embora no caso dos conjuntos habitacionais brasileiros, também, aconteça esse tipo de embaralhamento e provoque o mesmo resultado. Ver Ferreira dos Santos, no livro “Quanto a rua vira casa”, de 1981.

³² Podem ser exemplificados como comunidades bairristas os condomínios fechados, os *shoppings centers* e outros congêneres.

³³ A organização PPS foi fundada pelo geógrafo e antropólogo Fred Kent, e se baseia nas conclusões da pesquisa elaborada por White e ele, quando este foi assistente de White no trabalho acima citado.

observações e, também, análises de filme de praças, de ruas, de parques e de outros espaços livres públicos da cidade. Como conclusão, definiu alguns elementos de destaque e fatores de atração nas praças: **as áreas para sentar, para tomar sol, áreas ventiladas, arborização, água e pontos de alimentação.**³⁴ Esse resultado foi divulgado em diversas publicações, entre eles, o mais destacado foi o livro “A vida social de pequenos espaços urbanos”, publicado em 1980, no qual White estabelece as conclusões desse seu trabalho de observação meticulosa e documentação do comportamento humano no ambiente urbano.

No plano nacional, nos últimos anos, a área de estudo da Arquitetura da Paisagem³⁵ vem despertando o interesse e o debate sobre a questão dos espaços públicos urbanos e, pouco a pouco, tem se consolidado num grande número de grupos de

pesquisadores com diversas publicações, na maioria das universidades, tanto nas capitais, cidades de grande porte, quanto em outras cidades de médio porte. Conforme Barcellos (1999, p. 16), o campo da arquitetura da paisagem “ [...] institucionalizou-se inicialmente nos EUA, no último cartel do século passado³⁶, através de Frederick Law Olmsted”.

E embora reconhecida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e em muitos países, no Brasil a profissão do arquiteto paisagista não existe legalmente. Entre nós, esse campo de atividade ainda se encontra bastante indefinido, embora disciplinas relativas a esta área do conhecimento sejam matéria obrigatória na maioria das Faculdades de Arquitetura e Urbanismo do país.³⁷

São significativas, também, as contribuições de alguns pesquisadores entre os quais se destaca Silvio Soares Macedo

³⁴ As conclusões desta pesquisa são semelhantes, em alguns aspectos, aos mesmos elementos já destacados por Jane Jacobs.

³⁵ O termo Arquitetura da Paisagem foi criado pelo paisagista norte-americano Olmsted com o nome *landscape architecture*, justificando que, na prática profissional, os paisagistas deveriam tratar de forma prática como fazem os arquitetos, isto é, após análise e diagnóstico dos problemas, as soluções seriam encaminhadas por meio de desenhos.

³⁶ Neste caso, o autor está se referindo ao século XIX.

³⁷ A FAU-USP foi a pioneira na introdução de disciplinas de arquitetura da paisagem no seu currículo obrigatório em 1952. Hoje possui um departamento na pós-graduação – Paisagem e Ambiente, dedicado exclusivamente à formação e pesquisa. A FAU-UnB possui quatro disciplinas no seu currículo, mas somente a partir de 1989 uma dessas disciplinas se tornou obrigatória.

(1995, 1999 e 2012), atualmente um dos expoentes do estudo dos espaços públicos no Brasil. Uma das suas obras mais valiosas no contexto deste trabalho é o livro “Praças Brasileiras”, elaborado conjuntamente com Fabio Robba (2003), no qual trata da evolução das praças das principais capitais do país, a partir de levantamentos de campo e da análise das transformações sofridas ao longo dos diversos períodos históricos, do colonial ao contemporâneo. Nele, os autores Robba e Macedo (2003, p. 11) destacam que:

A praça, juntamente com a rua, consiste em um dos dois mais importantes espaços públicos da história das cidades no país, tendo, desde os primeiros tempos da Colônia, desempenhado um papel fundamental no contexto das relações sociais em desenvolvimento. De simples terreiro a sofisticado jardim, de campos de jogos incultos a centro esportivo complexo, a praça

é, por excelência, um centro, um ponto de convergência da população, que a ela ocorre para o ócio, para comerciar, para trocar ideias, para encontros românticos ou políticos, enfim, para o desempenho da vida urbana ao ar livre.

Nesse cenário, os autores oferecem um painel das principais configurações que este espaço vem apresentando ao longo de sua história, destacando suas principais características físicas, em cada período histórico³⁸. Merece destaque, também, a extensa contribuição de outros pesquisadores que se têm debruçado sobre a temática da cidade e seus espaços livres públicos. Entre eles, são significativos os trabalhos de Francine Sakata (2012), pesquisadora do QUAPÁ e autora de estudos em que questiona a forma como os projetos dos espaços livres públicos são planejados pela administração pública nas principais cidades brasileiras. Examina,

³⁸ Diversos autores destacam que, no período colonial, o espaço livre vazio em frente às igrejas, o adro, ou em frente a edifícios públicos importantes, constituiu-se no embrião das primeiras praças, ainda sem nenhum tipo de tratamento. A partir do século XVIII, algumas ruas, praças e largos mais importantes passam a receber tratamento de jardins, como arborização, monumentos, etc. No século XIX, recebe-se a influência cultural de países como França e Inglaterra, com campanhas de modernização, saneamento e embelezamento das cidades, surgindo, assim, a praça ajardinada,

projetada com unidade, e formada pela incorporação de diversos estilos; conhecida como fase eclética, a qual perdura até a metade do século XX. Nessas praças, a principal função era o passeio para contemplação da natureza e o descanso. A partir da segunda metade do século XX, com o crescimento das cidades e conseqüente valorização do preço da terra, a praça e os demais espaços livres urbanos tornam-se mais escassos. O lazer mais ativo é introduzido na praça a partir desse período, com a implantação de áreas de lazer esportivas e de recreação infantil.

principalmente, como as demandas sociais são relegadas, visto que os projetos, na maioria das vezes, atendam mais a interesses políticos do que às necessidades dos usuários.

Os estudos das praças e *fringe belts* de Belo Horizonte, feitos por Marieta Cardoso Maciel e Stael Alvarenga (2009), e, no Rio de Janeiro, as pesquisas e publicações sobre os sistemas de espaços livres públicos nas cidades brasileiras realizados por Vera Tângari (2009), e outros, também são expressivas para o maior conhecimento de diversos aspectos deste espaço público.

Ana Rita Sá Carneiro³⁹ (2000), em pesquisa sobre a rede dos espaços livres da cidade do Recife, destaca as 36 praças mais importantes dessa cidade, a partir de critérios de análise, como **a importância histórica, a intensidade de uso, a relação com as edificações do entorno, a localização, as dimensões, o desenho e a composição vegetal**, entre outros aspectos.

Marta Romero⁴⁰ (2003, 2007, 2009) tem se aprofundado na pesquisa da qualidade ambiental dos espaços livres públicos,

enfatizando a importância dos condicionantes ambientais como clima, localização, topografia, insolação, vegetação, entre outros aspectos também considerados fundamentais nas decisões de projeto.

Miranda Magnoli⁴¹ (1982, 2006), por sua atuação na área acadêmica, é, sem dúvida, uma formadora de muitos dos atuais expoentes na área da arquitetura da paisagem em universidades de todo país e muito contribuiu para que se formasse uma visão crítica da situação atual dos espaços livres, principalmente, nas grandes cidades. Alguns questionamentos que essa autora fez há alguns anos são, ainda, bastante pertinentes e impressionam pela clareza com que vão no cerne de nossa preocupação com a questão da resignificação da praça. Entre os quais se destaca a questão dos padrões sociais que identificam **a cultura de cada lugar**:

Como participar para conferir padrões sociais de qualidade de vida, específicos a cada lugar, já que é a cultura de cada lugar que os constitui? Muitos são os estudos, as

³⁹ Ana Rita Sá Carneiro é arquiteta, professora da FAU-PE e coordenadora do Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco.

⁴⁰ Marta Romero é arquiteta pesquisadora e professora da FAU-UnB.

⁴¹ Miranda Magnoli é arquiteta e foi professora da FAU-USP.

pesquisas, [...] os quais deveremos elaborar para cobrir um campo em que estamos bastante a descoberto, para chegar a um projeto compromissado com o ambiente, com a paisagem, com a sociedade. Esse papel de produção do conhecimento para um projeto compromissado responde cabalmente às posturas pessoais em relação à sociedade. Como enfrentar a compreensão do particular e do geral, em que cada um deles possui suas próprias e complexas formas de elaboração, em um mundo com mudanças extremamente rápidas e crescentes? (MAGNOLI, 2006 p. 220)

Alex (2008) também têm contribuído com indicadores para o projeto da praça e o desenvolvimento da formulação de procedimentos de pesquisa na área da arquitetura da paisagem. Em sua análise das praças centrais de São Paulo, enfatiza que um dos aspectos fundamentais na estrutura de uma praça é sua ligação direta, completa e total com as ruas que a contornam:

a estreita vinculação do uso com o acesso e a integração com o entorno são os elementos definidores mais fundamentais da praça e a articulação com o tecido urbano um dos seus papéis mais relevantes na construção da paisagem da cidade (ALEX, 2008, p 280).

O quadro a seguir, apresenta um resumo dos critérios de análise adotados por diversos autores acima citados. Estes e outros critérios foram adotados pela autora, no modelo de análise utilizado na pesquisa das praças de Formosa, conforme detalhado na página 34, a seguir.

Quadro 1.1 – Critérios de análise

Autor	Aspectos
Jane Jacobs	1 – Complexidade visual – diversidade de usos 2 – Centralidade da praça 3 – Insolação X conforto ambiental 4 – Delimitação espacial – Edificações do entorno. (Paredes da praça). 5 – Segurança (presença de pessoas no local). 6 – Áreas para sentar
William White (também utilizados pelo PPS)	7 – Áreas para tomar sol 8 – Áreas ventiladas 9 – Arborização 10 – Água
Ana Rita Sá Carneiro	11 – Pontos de alimentação 12 – Importância histórica 13 – A intensidade de uso 14 – Dimensões e desenho (legislação urbanística)
Marta Romero	15 – Condicionantes ambientais (clima localização, topografia, insolação, vegetação)
Miranda Magnoli	16 – A cultura do lugar

Fonte: Adaptado de Jacobs (2000), White (1980), Sá Carneiro (2000), Magnoli (2006) e outros

1.3 – Aspectos da Análise e Indicação de Métodos

Para a análise das praças selecionadas, este estudo baseou-se em fontes documentais primárias, tais como mapas, dados cartográficos, registros fotográficos e legislação. A principal base de consulta sobre a legislação urbanística foi o Plano Diretor de Formosa e alguns registros da Câmara Municipal.

Como suporte para a análise e interpretações foi elaborado um banco de imagens (fotografias, mapas e desenhos) sobre as praças de Formosa. Trabalho desenvolvido ao longo dos anos desta pesquisa, conta com imagens originais e reproduções de acervos fotográficos de arquivos particulares e públicos, além de reproduções e ilustrações de publicações. Essa prática foi mais frequente na pesquisa do surgimento e história da cidade, pois os acervos públicos eram muito escassos e a história das praças praticamente inexistente.

Foram obtidas poucas informações em encontros com funcionários da Secretaria de Obras do município⁴², órgão responsável pelos espaços públicos da cidade, a qual deveria cuidar do projeto, construção e revitalização das praças. Pôde-

se constatar que os projetos e as revitalizações são feitos, muitas vezes, por técnicos de outras cidades, por encomenda direta do prefeito, que contrata o projeto a um profissional de seu interesse e que, na maioria das vezes, sequer visita o local. Foram feitas também entrevistas com os secretários de Meio Ambiente e de Turismo da cidade.

Para obtenção de dados primários, estabeleceu-se como primeira fase de trabalho visitas exploratórias às praças para observação e análise de como os usuários se relacionam com esses espaços. Essas visitas foram documentadas em textos, tabelas e fotografias. Foram realizadas em todos os dias da semana, em diversos horários, durante dias alternados, principalmente nos meses de janeiro, fevereiro e junho de 2014 e, posteriormente, em datas aleatórias durante o ano de 2015, em que se constataram todos os aspectos relativos à pesquisa como a frequência de usuários e o que faziam nesses espaços. Uma forma de entender, mesmo que em parte, o modo como os usuários se relacionavam com as praças da cidade de

⁴² A Secretaria de Obras conta com apenas um engenheiro civil, para atender a toda a demanda da cidade. (Visitas feitas em 2012 e final de 2015).

Formosa foi andar entre eles, percorrendo os mesmos ambientes, estabelecendo uma maneira de vê-los, mesmo que distinta, já que o nosso é um olhar que indaga, que questiona, mas que nos permite desenvolver uma análise integrada da realidade estudada.

Os levantamentos das praças estudadas e a metodologia de abordagem levam em consideração a análise de diferentes critérios, tanto quantitativa quanto qualitativamente, visando o entendimento do lugar que a praça ocupa na área urbana⁴³. No primeiro momento da pesquisa de campo, quantificaram-se os dados levantados e, no segundo, esses elementos foram avaliados.

Assim, foi utilizado o modelo descrito a seguir⁴⁴, que consta de diversos levantamentos, os quais são apresentados em texto, desenhos e fotos, de forma a expor as principais características e os aspectos que foram analisados na

descrição das praças. Este modelo de análise engloba também os aspectos considerados pelos autores citados e conforme resumido no Quadro 1.1, da página 32.

1 – A praça no contexto urbano: sua localização e relações quanto ao sistema viário do entorno (hierarquia viária); tipologias das edificações que compõem as “paredes” da praça; usos e atividades; acessibilidade, fontes geradoras dos principais percursos dos pedestres e de veículos, estacionamentos e raio de abrangência⁴⁵.

2 – O sítio físico e os condicionantes ambientais da praça: dimensões e forma; relevo (topografia / declividade); rede hídrica; solos; infraestrutura, iluminação / drenagem; áreas impermeabilizadas (pavimentações); vegetação (todos os extratos); microclima, insolação (sombreamento) e direção dos ventos predominantes e secundários.

⁴³ Todos estes dados encontram-se nos Anexos.

⁴⁴ Modelo de análise das praças a partir de um exemplo pioneiro desenvolvido pelo Professor Vicente Barcellos e pela autora, e utilizado nas disciplinas de Projeto Paisagístico 1 na FAU-UnB.

⁴⁵ Quanto ao raio de abrangência das praças, adotou-se o mesmo critério utilizado por grande parte dos Planos Diretores de cidades do país, que tomam como base os critérios da National Recreation and Park Association, a qual considera a média de 500 metros de distância, para os percursos que são feitos a pé.

3 – Caracterização espacial: complexidade visual (definida pela diversidade de usos no entorno); limites físicos (cercas, muros, canais, etc.); identificação de visuais (pontos de referência); marcos visuais (monumentos de caráter simbólico ou elementos que se destacam na paisagem e em princípio contribuem para a identidade da praça) e algum elemento que destaque a centralidade da praça; focos de animação (banca de jornal, quiosques, quadras, etc.); poluição e focos de perturbação por odores e/ou sons indesejáveis.

4 – Elementos acessórios: mobiliário urbano (brinquedos, bancos, orelhões, postes, monumentos, quiosques, banca de jornal, etc.); informação (placas de orientação, anúncios e outros).

5 – Usuários e comunidade residente no entorno: identificação dos diferentes grupos sociais que utilizam a praça: usos e intensidade, atividades e preferências; horários de ocorrência e setorização da permanência dos usuários; áreas utilizadas pelos diferentes grupos sociais; desejos com relação à praça; segurança; e,

identificação dos conflitos de interesse em relação à ocupação do espaço.

6 – Aspectos culturais e históricos: origem e importância da tradição ou cultura local com relação à praça.

Dessa forma, consideram-se todos os elementos que envolvem a geometria, o desenho das praças, o mobiliário, a vegetação, a localização na área urbana, a densidade e o uso do solo no seu entorno (nas áreas próximas), a acessibilidade física e simbólica, a conectividade e a articulação com o tecido urbano, a história de usos passados e o presente ao longo do período de tempo de, no mínimo, um ano.

Quanto aos aspectos qualitativos da pesquisa, buscaremos perceber, através das entrevistas, os sentimentos dos usuários em relação ao espaço, principalmente, na sua forma e desenho, localização, equipamentos e todos os outros aspectos envolvidos, como legislação e normas pertinentes, que, também, nos possibilitarão compreender a atuação do poder público na elaboração dos critérios que norteiam a

implantação e a manutenção desses espaços. Esses aspectos estão esquematizados na Figura 1.3, a seguir.

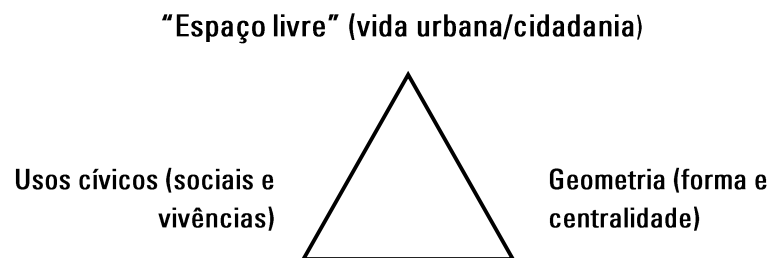


Fig. 1.3: Relações entre os aspectos qualitativos dos espaços livres. Fonte: Elaborado pela autora.

Para maior aproximação do objeto de estudo, foram feitas análises de narrativas de moradores de diversas faixas etárias, alguns nascidos na cidade, moradores vindos de outras regiões e, também, autoridades da cidade. Dessa forma, pôde-se verificar as expectativas, os anseios e as necessidades que envolvem o problema, de forma a contribuir para ampliar o entendimento da questão da praça como um espaço de destaque no sistema de espaços livres na paisagem urbana.

⁴⁶ De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003, p. 2588), narrativa se define como conto ou história, como a exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens.

1.3.1 – As narrativas como método de análise das praças de Formosa⁴⁶

Para tratar da avaliação de como as praças da cidade de Formosa foram e são vistas, usufruídas, vividas ou até imaginadas, pelos moradores da cidade, utilizamos o método da narrativa.⁴⁷

Motta (2013, p 27) afirma que devemos estudar as narrativas, pois elas se manifestam como um modo de expressão universal, que nos levam a “compreender o sentido da vida”, já que permeiam toda a nossa vida. Assim, o autor elenca algumas razões para estudá-las, entre as quais, destaca-se “compreender quem somos, como construímos nossas auto-narrações e entender como representamos o mundo”. Dessa forma, interpretam e representam a realidade do mundo, tanto o físico quanto o de valores, ideias ou crenças, de modo a tornar esse mundo organizado o mais coerente possível, para

⁴⁷ De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003, p. 2588), narrativa se define como conto ou história, como a exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens.

melhor entendê-lo. Por essa razão, “narrar ensina” (MOTTA, 2013, p. 149).

Também Barros (2003, p. 42-43) avalia a própria cidade “como um texto ou um discurso”, em que a sua “ordem espacial” sugere um “enunciado linguístico”, que é lido pelos caminhantes da cidade e que, ao fazê-lo, “partilham” e “atualizam” seus discursos sobre esse espaço comum. Assim, entende-se que:

o complexo discurso urbano aloja dentro de si diversos discursos de todas as ordens. A cidade também fala aos seus habitantes e aos seus visitantes através dos nomes próprios que ela abriga: dos nomes de ruas, de edifícios, de monumentos. O grande texto urbano aloja dentro de si textos menores, de cartazes que são expostos nas avenidas para seduzir e informar, de sinais de trânsito que marcam o ritmo da alternância entre a passagem permitida e os interditos aos deslocamentos no espaço. A cidade é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas

produzidas nos encontros cotidianos. (BARROS, 2003, p. 44)

A partir da ideia de que a narrativa conta uma história ou uma experiência, foi se formando um corpo teórico, que se aprofunda no conceito e nos permite entender algumas das nuances que permeiam a noção de narrativa e de como ela pode contribuir para o estudo.

Ricoeur (1996, 2002), filósofo que, ao longo de sua vida, analisou essa temática, estudou o tempo através do tema da narratividade, considerando-a como uma noção de identidade que trabalha com a história impulsionada pela memória. Aquele que relata testemunha ao outro a sua interpretação do tempo vivido, sintetiza a sua vivência, trazendo a memória do que viveu para o presente.⁴⁸

A partir dessa perspectiva, pode-se entender as praças de maneira hermenêutica, ou seja, através das narrativas, dos discursos de seus usuários, em que se podem recolher

⁴⁸ Ricoeur também associou a questão do tempo à arquitetura que, enquanto matéria que, geralmente, sobrevive ao tempo humano, também se descreve e se faz interpretar ao longo da vida.

elementos especiais para análise desse espaço e, assim melhor entendê-lo. O conjunto desses discursos constrói o que se pode chamar de trama, ou seja, uma unidade de sentido coletivo, mesmo que os diversos discursos apresentem discordâncias entre si.

Ao longo do tempo, os habitantes, os grupos sociais que compõem a população de um lugar, constroem e desconstroem seus discursos, seja pela sua própria imaginação que se reinterpreta constantemente, seja pelos seus sentimentos, seu estado emocional. Constroem uma narrativa que, por sua vez, também se reconstrói ao longo do tempo e, assim, pode ser entendida como uma narrativa da dimensão simbólica do lugar.

De geração em geração constroem-se tendências, de modo que se podem detectar necessidades mais permanentes e entender porque até as praças passam por “fases”, em que momentos de apogeu se intercalam com outros de abandono.

O espaço urbano pode, assim, ser representado na sua dimensão simbólica através das mais diversas formas de arte – a literatura, o cinema, a música, a pintura, a fotografia –, as quais, por sua vez, também produzem e transformam essa

mesma dimensão do espaço. Para Gomes (2012), essa dimensão é construída e, sucessivamente, transformada por essas imagens, representações e pelas narrativas, que, nada mais são, do que a memória coletiva ou o imaginário público em constante diálogo com o tempo e sempre através de uma dessas diversas linguagens, representativas de diferentes visões de mundo. Dessa forma, entende-se que as narrativas podem ser representadas em diversas imagens, inclusive opostas entre si.

É através e pelas narrativas que se pode entender o tempo humano e superar os impasses de se entender o tempo em si mesmo. Ao fazer essa leitura de Ricoeur, da relação entre tempo, narrativa e espaço, Umbelino (2011) entende que o tempo propriamente humano se encontra apenas quando se inicia a narrativa de uma vida e esta estará sempre cruzada por um espaço. Assim sendo,

ao fazer uma narrativa de nossas experiências cotidianas, um exemplo esclarecedor deste entrecruzamento de tempo e espaço pode ser encontrado através de todas aquelas experiências de memória que resumimos na afirmação “eu estava lá”. [...] existe, entre a

atividade de contar uma história e o carácter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental. [...] Mesmo ao nível das nossas experiências mais simples e quotidianas, a nossa existência não se torna **a nossa** senão no tempo; mas, justamente, a nossa existência não se torna **temporal** senão através da síntese de integração que a narrativa é capaz de operar na sucessão do que nos acontece (UMBELINO 2011, p. 144-146) (grifos do autor)

Entende-se, assim, que a narrativa oferece a possibilidade de configurar e reconfigurar os acontecimentos de forma criadora, organizando e padronizando o que estava em desacordo ou que era divergente, de modo a se construir uma história coerente, fazendo com que “o tempo humano se torne possível – tempo que então se desvenda no ponto de ruptura e de sutura entre o tempo cósmico e o tempo vivido” (UMBELINO, 2011, p. 145).

⁴⁹ Sob a designação de espaço vivido, Merleau-Ponty estudou a realidade de um significativo pacto ante predicativo arcaico porque mais antigo do que o pensamento – pelo qual corpo e espaço se unem, ou seja, interessa ao fenomenólogo francês demonstrar a que ponto as nossas experiências originárias do corpo e da corporeidade se desenrolam num espaço que

Com relação ao tempo e ao espaço, o nosso corpo vivencia o espaço de maneira completa, pois existimos apenas no espaço e a constatação dessa experimentação em oposição ao tempo que vivemos é que nos faz ter consciência de um espaço do mundo material e do espaço de tempo que vivemos.⁴⁹ Pode-se compreender, dessa forma, que tanto a arquitetura quanto o urbanismo, ou seja, a cidade como um todo, com seus edifícios e espaços públicos, relatam o tempo. E, assim, as narrativas sobre esses espaços muito nos dizem como eles são apreendidos e sobre o tempo vivido com relação a eles.

Ricoeur (1998) sugere a existência de uma relação entre o espaço construído – a arquitetura e o tempo em que se narra – e a narratividade. Sendo assim, o tempo e o espaço estabelecem sua ligação através da narrativa, isto é:

a arquitetura está para o espaço como a narrativa está para o tempo, ou seja, como uma operação configurante [...] o tempo

parece convocar imemorialmente o movimento e as disposições do corpo. A sua tese, nesse contexto, é decisiva: “a série das nossas experiências, até à primeira, transmite uma espacialidade já adquirida ”” (UMBELINO, 2011, p. 147-148).

narrado e o espaço construído trocam os seus significados, ou seja, tanto o tempo é narrado através do espaço quanto o espaço o é, através do tempo. (RICOEUR, 1998, p. 44)

Dessa forma, tanto a narrativa quanto a arquitetura se manifestam, sendo a primeira através da inscrição, ou seja, uma na consistência física, material e a outra na duração (no tempo). Nesse caso, a arquitetura pode ser entendida como um “livro de pedra”, que pode ser e é lido, pois narra o passado escrito na sua materialidade. (UMBELINO, 2011, p. 160).⁵⁰

Por outro aspecto, as narrativas são representações da imaginação de uma leitura que todo o cidadão faz do espaço por onde circula na cidade. Conforme Barros (2003, p. 89), o próprio desenho de uma cidade é “[...] o entendimento, a visão

⁵⁰ Segundo Umbelino (2011, p. 160), “Na cidade, a memória pode ter lugar, pode encontrar o seu lugar. Tanto é verdade que, em nossas experiências mais quotidianas, quando, por exemplo, a recordação de alguém é dita através de um espaço: “ainda me lembro de o ver sentado naquela mesa de café...” ou “... quando atravessava a estrada”. Igualmente quando se trata da história dos povos e nações, a memória se guarda “escrita” no espaço: quando se preserva uma ruína que recorda feridas da história, quando se assinala o “aqui” onde algozes e vítimas se encontraram e a voz do passado não pode ser reprimida. O tempo narra-se através do espaço e o espaço através do tempo. Ricoeur lembra que épocas diferentes, com os seus

de mundo e o universo cultural no qual se acham mergulhados” seus autores. Entende, assim, o autor que:

a cidade pode ser lida e decifrada como se decifra um texto. Registro das atitudes de uma sociedade perante os fatos mais elementares de sua existência, a leitura do texto urbano pode permitir um acesso até mesmo aos domínios mais abstratos da filosofia (BARROS, 2003 p. 89). Grifo do autor.

Para Motta (2013), as falas sobre o mundo, as narrativas são práticas discursivas da construção do mundo. No entanto, ao analisar uma narrativa, mesmo que pareça totalmente verdadeira e objetiva, não a devemos entender tal como se ela fosse a realidade. Cada narrativa deve ser entendida como

valores e histórias, concretizações e expectativas, recapitulam-se e permanecem “em reserva onde estão inscritos”. Mas para que o tal livro de pedra que guarda inscrições e, através delas, narra o passado, se ofereça à reconfiguração justa, é preciso que os traços, os vestígios das atividades e sofrimentos, das conquistas e derrotas do passado, que os lugares onde a memória pode ter lugar não sejam apenas resíduos, mas testemunhos reatualizados do passado – de um passado que, justamente, “já não é, mas foi”. É bem este ter sido que o livro de pedra que dura deve salvar tanto do esquecimento ativo, como do perigo da repetição”.

uma visão, uma percepção ou descrição sobre o mundo, mas não o mundo em si.

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento da natureza física, das relações humanas, das identidades e personalidades, das crenças, dos valores, dos mitos) em relatos. Isso quer dizer que a forma narrativa de contar as coisas está impregnada pela narratividade, isto é a qualidade de descrever algo enunciado em uma sucessão de estados de transformação. Toda e qualquer narrativa é a enunciação de uma sucessão de estados de transformação. É a enunciação dos estados de transformação que organiza o discurso narrativo de uma determinada maneira, [...] produz certas significações e dá sentido às coisas e aos nossos atos. (MOTTA, 2013, p. 88-89).

Assim, a cidade pode ser entendida através de seu discurso que é entendido através de seu tecido, constituído pela rede de vias, parcelamentos e edificações, o que pressupõe “uma atenção tanto ao banal quanto ao excepcional, tanto às ruas comuns e às edificações corriqueiras quanto às regulamentações e aos monumentos” (PANERAI, 2006, p. 77).

1.4 – Conceitos

1.4.1 – Da praça

Podemos entender a praça como um alargamento num encontro de ruas, onde as pessoas podem se encontrar e utilizar livremente, ou seja, da forma que lhes convém. Esse alargamento pode provocar nos usuários sensações diversas que vão desde sentimentos de desafogo, de amplidão, de fruição, além de outros. Um conceito amplo de praça define-a como um espaço público urbano, livre de edificações, destinado à recreação, ou seja, à convivência e lazer da população.

Segundo Carneiro e Mesquita (2000), praças são áreas livres inseridas na malha urbana como elemento organizador da circulação e amenização pública, geralmente com área equivalente à de uma quadra, contendo vegetação, mobiliário lúdico, canteiros e bancos. Conforme Robba e Macedo (2003,

p. 17), podem ser conceituadas como “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

No que se refere ao tamanho das praças, sua área varia muito, tanto dentro de um bairro quanto na mesma cidade, e, ainda, de cidade para cidade, além de apresentarem uma grande variedade de formas e de desenho, embora em alguns períodos históricos possamos identificar configurações muito semelhantes. No aspecto referente aos equipamentos e ao mobiliário, geralmente a maioria contém vegetação, canteiros e bancos, além de outros elementos.⁵¹

Alguns autores, como Calabi (2012), consideram as praças, juntamente com as ruas, como parte do sistema de circulação urbana. Calabi cita Hénard (1849–1923)⁵², que também entendia a praça como um espaço inserido no sistema de circulação da cidade ou, também, “como uma modalidade de espaço

⁵¹ As chamadas praças secas são as que não contém nenhum tipo de vegetação. São comuns no hemisfério norte, onde o clima frio, durante a maior parte do ano, faz com que as pessoas procurem o sol pleno.

⁵² Este autor, por volta de 1910, já era um dos expoentes do método de

planejamento urbano baseado na reelaboração do sistema viário, segundo Calabi (2012).

intermediário entre o jardim e a rua” (CALABI, 2012, p. 67).

Do ponto de vista apenas físico, por não possuir edificações, em sua grande maioria, as praças são também compreendidas como espaços livres de edificação.⁵³ Constitui-se parte integrante do sistema de espaços livres da cidade. Pode se apresentar como um lugar especial, assim como alguns de seus elementos ainda presentes, mesmo que não atendam mais a nenhuma função, como é o caso, por exemplo, dos coretos, ainda preservados em algumas praças e, nostalgicamente, reverenciados pela população.

Embora algumas praças tenham perdido parte das funções originais, tais como lugar de passeio das famílias, de *footing* (o vai e vem), apresentações da banda, principalmente, nas

grandes cidades, das suas funções nas cidades médias pouco se conhece.⁵⁴

Outro aspecto que também apresenta grande variedade é quanto à sua quantidade e distribuição no espaço urbano. Há cidades onde os habitantes são bem atendidos quanto à quantidade e distribuição e, por outro lado, outras cidades somente apresentam uma boa quantidade e qualidade, nas áreas centrais e nos bairros de maior poder aquisitivo ou melhor planejados. Os bairros periféricos da maioria das cidades brasileiras apresentam a mesma problemática, ou seja, a falta de praças.

As praças podem ser muito diversificadas, principalmente, nas cidades mais antigas, onde também podem se apresentar em escalas diversas, desde pequenos largos/adros até grandes

⁵³ Algumas praças contêm edificações e algumas até edificações de porte, como bibliotecas e outros equipamentos públicos, que, por falta de previsão de áreas para esses fins, acabam sendo construídos nas praças quando estas não são totalmente ocupadas por escolas ou outros edifícios (em Formosa, há uma igreja e de um órgão público que ocuparam totalmente a primeira praça da cidade – Largo do Pau Ferro).

⁵⁴ Conforme escreve Macedo (2003), na apresentação do livro “Praças Brasileiras”, “A praça é, com certeza, um dos espaços urbanos mais visíveis e, por isso, extremamente sensível a transformações de caráter modernizante por parte do Poder Público, que, tanto nesses anos (décadas de 1960, 1970),

como em tempos passados e futuros, empreende sucessivas e drásticas substituições de velhas e tradicionais estruturas paisagísticas por outras ditas modernas, construindo uma série de logradouros concebidos de um modo “moderno”. E completa: “Esta extrema suscetibilidade a inovações faz com que a praça seja, nas duas últimas décadas do século XX, um importante palco para a introdução no país de uma série de mudanças, tanto projetuais como programáticas, e, portanto, o lugar para a constituição de uma nova forma de modernidade, que se configura e se expressa por uma corrente projetual denominada contemporânea”.

espaços que marcam a importância de edifícios públicos, como sedes de governo, palácios, catedrais, entre outros. Geralmente abarcados pela vista, na maior parte do seu contorno são delimitados por edifícios. Nesse sentido, praças ou largos são lugares de forte centralidade para onde convergem as ruas e grande parte dos trajetos dos pedestres.

Benedet (2008), em seus estudos, entende que as praças atuam como espaços urbanos de permanência, mas, para isso, é desejável que apresentem qualidade física e ambiental. Mas a crescente especialização do espaço dentro da cidade, o deslocamento de formas de entretenimento para recintos fechados, o aumento do uso de veículos, entre outros fatores, transformou as condições da vida urbana atual, acarretando inúmeras alterações nas formas de apropriação desse espaço público.

Do ponto de vista urbano, ainda carregam valores que podem ser de caráter social – de uso coletivo (de encontro, de festa, de recreação pública, esportivo, etc.) –, de caráter estético – de ornamentação (normalmente a praça principal da cidade tem destaque de valor, de referência e de

importância para toda a população da cidade) –, de caráter político – de representação simbólica (de manifestação da cidadania, além de outros valores)

1.4.2 – Da paisagem

O conceito de paisagem está referenciado por diversas áreas do conhecimento e compreende sempre algo visível e algo além do que conseguimos visualizar, ou seja, trata-se de um conceito que não pode apenas ser associado ao conceito de imagem, visto que a visão é relativa, pois depende da posição e do deslocamento de quem observa, da frequência com que se observa e da carga cultural de cada observador.

Trata-se de um conceito que apresenta dificuldades de uma conceituação, visto que, diante de uma paisagem, a visão do observador se exerce sobre certos “recortes” ou, sobre objetos isolados, geralmente os que mais impressionam cada observante.

Assim, a paisagem não pode ser definida apenas pela percepção visual, exige uma abordagem mais abrangente, envolvendo “outros fenômenos” que não podem ser excluídos,

como a relação “paisagem – sociedade”, a qual reflete as necessidades socioculturais e socioeconômicas de um determinado grupo social (BARCELLOS, 1999, p. 28).

Embora ainda não exista um consenso sobre o conceito de paisagem, por se tratar de uma componente que inclui diversos aspectos além do que é visível, ela é estudada por diferentes áreas do conhecimento. Poderíamos dar uma resposta mais abrangente se pudéssemos incluir diferentes visões, como a da sociologia, a da economia, a da botânica ou, até mesmo, a da ecologia.

A explicação que melhor atende ao presente estudo é dada pela geografia, que, de uma maneira ampla, define-a como resultante da relação dinâmica entre os fatores do meio, ou seja, os elementos físicos e biológicos e os antrópicos, a ação humana que, como fator determinante, transforma tanto o meio físico quanto o entendimento desse conjunto.

“A paisagem é a expressão sensível de uma mediância, pois revela o sentido de relação de uma sociedade com o seu meio ambiente. As paisagens são tanto, maneiras de ser (percepções sobre) os espaços produzidos

(isto é, as cidades) e os campos historicamente formados (PELLEGRINO & OSEKI, 2004, p. 488).

Apesar de sua aparente permanência, a paisagem reflete um dado momento histórico, tanto na expressão material da natureza (o solo, o relevo, a hidrografia e a vegetação, que, por sua vez, podem alterar o clima) quanto na expressão da sociedade que nela interfere com a criação e/ou supressão de artefatos, transformando-a, continuamente, e, dessa forma, adequando-a às suas necessidades, tornando-se expressões extremamente complexas para serem entendidas, na sua totalidade, com um simples olhar.

Sofre, portanto, um contínuo processo de alterações, sejam elas naturais ou artificiais, para melhor atender às necessidades da sociedade. Todas essas transformações são produtos do tempo, ou de uma acumulação de tempos que atuam na natureza e no homem, que, com sua cultura e tecnologia, ou seja, seu acúmulo de conhecimento, produz em cada momento novos modos de qualificá-la.

Cada paisagem, portanto, representa diferentes momentos de desenvolvimento de uma sociedade. Dessa forma, cada

momento histórico produz uma paisagem que reflete a relação entre o homem (sociedade) e o meio natural, a qual pode ser vista como a ordenação do ambiente, de acordo com as necessidades e, também, de acordo com uma imagem ideal. É, portanto, um reflexo direto do dinamismo da natureza e dos sistemas sociais que se alteram constantemente de acordo com o momento histórico (LAURIE, 1983).

Assim, a paisagem urbana é a que mais expressa essa maior intervenção, sendo tratada como paisagem artificial ou cultural, e, de acordo com a presença humana, ela é mais ou menos preservada nas suas características naturais originais. Também as paisagens que contêm mais elementos naturais, como grande parte da paisagem rural, sofrem, atualmente, intervenções em grande escala.

Por outro lado, não se garante que ainda existam paisagens completamente naturais, ou que não tenham sofrido alguma interferência humana, visto que são muito raras aquelas a que o homem não tenha tido acesso ainda e que, portanto, não tenham algum tipo de modificação provocada pela ação humana.

Quanto à escala, toda a paisagem se apresenta sempre de forma fragmentada, pois só vemos uma parte de sua dimensão maior, ou seja, devido à sua grandeza, não conseguimos visualizar a sua totalidade. A paisagem que percebemos é sempre uma parcela limitada, e também pode ser uma escolha que conjuga, ao mesmo tempo, as características da percepção individual, construída culturalmente, e um fragmento do todo maior, ou seja, sempre vemos o que se ajusta com nossa concepção de mundo, construída e reconstruída ao longo de nossa história pessoal.

paisagem é mais que um simples ponto de vista. Ela é ponto de vista e ponto de contato, pois nos aproxima distintamente do espaço, porque cria um elo singular, nos entrelaçando aos lugares que nos interpelam. Certamente a paisagem deriva de um enquadramento do olhar, alia o lado objetivo e concreto do mundo à subjetividade do observador que a contempla. A paisagem é uma experiência sensível do espaço (DIAS, 2010, p.115).

Ao visualizarmos uma paisagem, vemo-la através de nosso conhecimento dos atributos que a compõem, vemos o que nos é familiar e, dessa forma, percebemos somente o que

nos faz sentido, embora não se possa associá-la apenas com o que nos agrada ou com o que nos identificamos, visto que, como afirma Dias K (2010, p. 146) não são a paisagem apenas “os objetos privilegiados da natureza, como a montanha, o mar ou o campo”, mas, sim, tudo” que se inscreve no que há de mais cotidiano”.

Assim, quanto aos atributos, pode-se também analisar segundo suas dimensões, conforme Tângari et al (2009), destacando-se: a morfológica (representada pela forma), a funcional (se refere aos usos), a simbólica (representa os aspectos culturais), a histórica (referente à temporalidade e à dinâmica que se constitui no seu processo evolutivo).

Dessa forma, a paisagem não pode ser considerada como uma noção fechada, baseada em apenas numa modalidade de entendimento. Como um produto social, reproduz práticas sociais, numa relação recíproca de transformações constantes, que devem ser consideradas de maneira ampla, especialmente, na análise do projeto e da gestão do espaço.

No nosso caso, ou seja, no âmbito da Arquitetura da Paisagem, Macedo (1999) conceitua paisagem como um produto e um

sistema: produto, porque resulta de um processo social de ocupação e gestão de um determinado espaço, e sistema, na medida em que, partindo-se de qualquer ação sobre ela impressa, haverá uma reação correspondente, que poderá ser uma alteração na sua estrutura ou na sua forma, de maneira parcial ou total.

O mesmo autor considera, também, que a paisagem, para ser apreciada, deverá conter valores estéticos, funcionais e/ou ambientais, considerando-se que o valor estético se refere às qualidades de caráter social e cultural que um determinado espaço apresenta, num determinado tempo. O funcional está ligado às condições de funcionamento da sociedade humana num determinado lugar. Será tanto mais funcional quanto maior eficiência permitir às atividades que nele se exerçam. E o valor ambiental é o que permite que a vida ocorra com toda a sua integridade, com toda a complexidade dos seres vivos, que são as paisagens mais preservadas.

Quanto às qualidades estéticas, que podem estar associadas tanto aos aspectos físicos naturais, preexistentes, quanto aos criados pelo homem. Assim, a paisagem pode destacar uma

cidade como única, emoldurando-a ou criando todo um cenário que a distingue.⁵⁵

Barcellos (1999), ao abordar esse conceito, também faz referência ao campo da Arquitetura da Paisagem e, nesse caso, também constata que, no Brasil, ainda existem muitas dúvidas e indefinições a respeito desta área do conhecimento.⁵⁶ No entanto, visto que a quantidade de percepções a respeito do tema ainda não esgotou o assunto, entendemos como Barcellos (1999, p. 29), que sintetiza a questão com uma afirmação que não tem como questionar, a qual dá conta da abordagem que é do âmbito do nosso âmbito de trabalho, ou seja, a de que a paisagem, antes de tudo, “é o objeto de trabalho do arquiteto paisagista”.

⁵⁵ Como exemplo, pode ser citada a cidade do Rio de Janeiro, onde a paisagem pré-existente, seus morros e suas vistas para o mar, são elementos muito característicos e marcantes, ou únicos dessa cidade, fazendo com que, uma vez vista, nunca mais a esqueçamos. Por outro lado, os elementos criados pelo homem pelo seu valor cultural ou afetivo também podem destacar a paisagem de uma cidade como única, como, por exemplo, a cidade de Paris, com sua torre Eiffel, ou a cidade de Nova York, com a Estátua da Liberdade.

1.4.3 – Espaços livres públicos

O conceito de espaço livre público parte de uma apreciação “moderna”, embora possamos entender que, como tal, exista desde as primeiras aglomerações humanas, ou pré-urbanas, nas quais todo o espaço que não era de uso exclusivo, privado, era livre e de acesso a todos os outros membros da comunidade, ou seja, era de uso comum, ou um espaço de socialização.

Trata-se de um conceito interdisciplinar, com diversas abordagens, arrolado a todas as disciplinas que também estudam o espaço, cada qual com sua delimitação, sendo as principais a arquitetura e o urbanismo, a geografia, as ciências sociais, a antropologia, a psicologia social e as ciências econômicas.⁵⁷

⁵⁶ O pressuposto adotado pelo autor é que “essas indefinições têm como origem o modo como a Arquitetura da Paisagem chega ao Brasil, onde acaba sendo traduzida por paisagismo, expressão que passa a agregar vagos e restritos significados que se aproximam da ideia de jardinagem ou da simples manifestação artística e se caracterizam pelo escasso comprometimento com as necessidades sociais” (BARCELLOS, 1999, p. 10).

⁵⁷ Na Grécia Clássica, o espaço livre público era o espaço dos cidadãos livres, onde nem os escravos e nem as mulheres tinham acesso, e era também o espaço da política.

Para arquitetos e urbanistas, o conceito de espaço está vinculado ao binômio natureza – mundo físico, com todas as suas características em total intercâmbio com os seres humanos, ou seja, o local onde estes vivem e, portanto, realizam todas as suas atividades, como caminhar, se abrigar, trabalhar, recrear-se, etc.

No campo da filosofia, Platão⁵⁸ foi quem primeiro formulou a noção de espaço, relacionando-o ao conceito de lugar, designando-o, como Khora, ou seja, lugar ou receptáculo. Tratava-se de um conceito relacionado à noção de vazio, vazio de algo. Mas, também, podia ser entendido de outra forma: todo o espaço está contido num outro espaço maior, que, por sua vez, está contido noutra ainda maior e, assim, sucessivamente.

Aristóteles⁵⁹ concebia o espaço como “um lugar onde um corpo está contido”, sendo este lugar definido como o limite de

cada corpo. Nesse sentido, o conceito de espaço estaria relacionado ao seu conteúdo, embora espaço e lugar não sejam sinônimos.

Leibniz⁶⁰ compreendia o espaço como um sistema de relações abstratas e, nesse sentido, não seria uma realidade natural, mas o conjunto do movimento e da situação dos objetos entre si, como algo não definido, não limitado, não concreto e não contido, ou seja, algo na área do imaginário

Kant (2001), considerava o espaço como uma noção construída *a priori*, ou seja, anterior e independente de qualquer experiência real. Sendo assim, seria uma noção intuitiva do espaço sensível, visto que, segundo ele, o espaço é uma condição de possibilidade da experiência e está limitado aos fenômenos externos e à essa experiência intuitiva. Considera,

espaço, segundo Newton, é intimamente presente ao corpo que ele contém e é comensurado com ele. Seguir-se-á daí que o espaço percebe o que se passa no corpo e se lembra quando o corpo tiver saído? Além disso, sendo a alma indivisível, sua presença imediata que se poderia imaginar no corpo não se faria senão num ponto. Como então perceberia o que se realiza fora desse ponto? (LEIBNIZ, 1988, Vol2, p.238)

⁵⁸ De acordo como Gomide (S / data)

⁵⁹ *Naturalis Auscultationis* é uma coleção de tratados da obra filosófica de Aristóteles que trata dos princípios mais gerais (filosóficos) do movimento de todos os seres, vivos ou não.

⁶⁰ Trata-se do um dos inventores do cálculo diferencial, e que se interessou também pela questão do espaço, assim se refere à questão do espaço. “O

assim, que há dois limites ao conhecimento, visto que só se percebem os objetos no espaço e no tempo.

O conceito de espaço, no campo da sociologia relaciona-se ao de espaço público, uma concepção recente e complexa, visto que abarca uma grande multiplicidade de sentidos ou dimensões, físicas e simbólicas. E, embora essas dimensões estejam concatenadas, cada uma dá conta de uma visão.

No campo da geografia, Santos (1988, p.27-28) entende que o espaço “não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas”. De forma mais ampla, considera o espaço como uma instância social que deverá ser entendida como uma dinâmica dirigida pela sociedade.⁶¹ Assim, recomenda que se determinem:

categorias de análise e defini-lo à luz da história concreta, diferenciando-o, assim, da paisagem e da configuração territorial, ainda que estas compareçam como categorias

fundamentais para seu entendimento. [...] Essa compreensão passa pelo reconhecimento da crescente imbricação entre o natural e o artificial (SANTOS, 1988, p. 4).⁶²

O mesmo autor (SANTOS, 1997, p. 49) ainda esclarece que o espaço tem de ser considerado “como algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana”. Ou ainda, “como conjunto formado por uma configuração territorial e por relações de produção, relações sociais”. Assim, o que distingue o espaço da paisagem é a presença do homem, da sociedade na paisagem, ou seja, espaço é a paisagem com a “vida”, com as pessoas.

Voltando ao campo da Arquitetura da Paisagem, a noção de espaço, necessariamente, tende a receber um adjetivo para melhor determiná-lo – espaço livre ou espaço aberto ou, num sentido oposto, – espaço fechado –, duas condições antagônicas que o distinguem e o caracterizam, facilitando

que aqui estamos estudando, “espaço, lugar, área, região, território, habitat, paisagem e população”, considerando o espaço, como a mais geral.

⁶¹ Considera ainda “Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outra realidade: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. (Santos, 2008, pp. 27-28).

⁶² Conforme, ainda, Santos (1988) *apud* Silva (1986, p. 28-29), o conhecimento e objeto da geografia, refere-se a diversas categorias de análise, como as

nossa percepção de que tipo de espaço estamos nos referindo. Por outro lado, quando nos remetemos à sua dimensão física, referindo-nos aos espaços públicos, falamos de lugares onde se desenvolvem as interações sociais e, portanto, também, à sua dimensão simbólica, que expressa o sentido dos modos e dos conteúdos dessas interações sociais.

Segundo Barcellos (1999, p. 34), ao utilizarmos o termo espaço livre, não significa propriamente “ausência de restrições de uso, mas apenas que se refere àqueles espaços não ocupados pelas edificações”, ou seja, espaço livre de edificações, que, no caso, se refere a edificações de certo porte, visto que em muitas praças são comuns as pequenas edificações, como quiosques, banca de jornal e outros.

Embora a expressão espaço livre denote um espaço que, entre outros aspectos, não tem ou não deveria ter limites, quando se trata dos espaços livres públicos, estes sempre estão relacionados com um entorno geralmente edificado, que os

⁶³ Segundo Tuan (1974), a grande atração que as cidades exerciam na Idade Média sobre os viajantes era essa oposição entre espaços fechados e espaços abertos ou livres, ou seja, entre a parte da cidade construída, compacta e, as áreas abertas, os caminhos ou as ruas e as praças.

configura e os limita. Assim, a expressão espaços “livres” refere-se sempre a espaços livres de edificações, ou espaços que não contêm edificações.

Magnoli (2006) traduz, de uma forma bastante precisa, três formas de percepção que os indivíduos têm do espaço livre: a primeira é utilizando-o, ou seja, caminhando pelas ruas ou sentando num banco de praça. A segunda é olhando-o, como, por exemplo, admirando uma vista num parque. E a terceira forma é sentindo-o, ou seja, dando-se conta dos sentimentos que brotam num determinado espaço, sejam eles sensações de amplitude, de isolamento, de segurança ou outras.⁶³

Quando nos referimos aos espaços livres públicos⁶⁴, nos referenciarmos ao uso comum ou aberto a quem quer que os queira utilizar, uma expressão que constitui uma diferenciação em relação aos espaços livres privados. No entanto, ao analisarmos todas as implicações contidas no termo “espaços livres públicos”, podemos dizer que se trata de um produto e

⁶⁴ Neste estudo, utilizamos o termo “espaços livres públicos” tanto quanto “espaços públicos”, ou ainda “espaços livres”, com o mesmo significado.

de um artefato de uso social, determinado, política e juridicamente, ou seja, existem espaços livres públicos que não são acessíveis ou que são proibidos e outros que não são juridicamente públicos, mas tem um uso coletivo intenso.⁶⁵

A noção de público não é um atributo intrínseco ao espaço, mas, sim, uma construção social e política resultante da combinação de diversos fatores, entre eles, destacam-se os usos exercidos no espaço considerado, o sentido atribuído por determinado grupo social, a acessibilidade, a tensão entre o estranho e o conhecido e a lógica entre proximidade e distância física e social.

Nesse sentido, podemos conceituar o público pelo seu inverso, que é o privado. O que é público, nos remete à noção de acessibilidade totalmente livre, ou seja, onde o indivíduo tem o direito de poder circular livremente, onde ele tem liberdade total de circulação e de interação livre com outros indivíduos, também,

⁶⁵ Calderón (2009) lembra que há de se excluir dos espaços de convivência e da socialização espaços livres urbanos que não servem a esses fins, como estacionamentos e áreas degradadas.

⁶⁶ Solà-Morales (2008, p. 187), ao se referir aos espaços públicos ou espaços coletivos, argumenta que “sem dúvida a importância do espaço público é independente de se este é mais ou menos extenso, quantitativamente

podendo ser considerado como o direito pleno do exercício da cidadania. Dessa forma, o que é público reporta-se à esfera pública como o lugar comum e que, segundo Arendt,

denota dois fenômenos intimamente correlatos, mas não perfeitamente idênticos, [...] tudo que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível e o público significa também o próprio mundo, na medida em que o que é comum a todos nós, é diferente do lugar que nos cabe dentro dele. (ARENDR, 2005, p. 62)

Dessa forma, o que pode ser compartilhado por outros, ou por quem queira participar, é percebido como sendo de âmbito público. E ao contrário, o espaço privado tem o acesso controlado e reservado a pessoas específicas.⁶⁶ O que é público exprime neste sentido um aspecto importante para nossa percepção da realidade, pois, sem ele, não teríamos um balizador.

dominante ou protagonista simbólico; ao contrário, é o resultado de referir entre si os espaços privados fazendo também deles patrimônio coletivo. Dar um caráter urbano, público aos edifícios e lugares que, sem ele, só seriam privados constitui a função dos espaços públicos: urbanizar o privado; ou melhor dizendo, convertê-lo em parte do público.” (Tradução livre)

Arendt (2005) expressa essa característica, de forma a não deixar dúvidas, quando afirma:

Uma vez que nossa percepção da realidade depende totalmente da aparência e, portanto, da existência de uma esfera pública na qual as coisas possam emergir da treva da existência resguardada, até mesmo a meia-luz que ilumina a nossa vida privada e íntima deriva, em última análise, da luz muito mais intensa da esfera pública. (ARENDR, 2005 p. 61)

Assim, o espaço público é o espaço em que todos podem se manifestar e que todos podem partilhar de alguma forma. Está em contraponto ao espaço privado, que não pode ser partilhado sem que haja permissão para tal, e como tal é privado do que é comum, ou do que é dado a conhecer e, que, por conseguinte, corresponde à propriedade individualizada. Pode-se, dessa forma, conceituar espaços livres conforme Magnoli (2006 p. 179):

todo o espaço não ocupado por um volume edificado – espaço-solo, espaço-água, espaço-luz, ao redor das edificações a que as pessoas têm acesso.

Os espaços livres existentes em todas as cidades constituem-se nos espaços de circulação – as ruas e todas as outras vias

– e nos espaços de permanência – as praças, os parques e outras formas de espaços livres, como os espaços entre as edificações ou, em linhas mais gerais, todos os espaços livres de edificação que sejam acessíveis a todos, ou seja, os espaços de deslocamento e os da convivência onde se exerce a socialização.

O que define e estrutura a cidade, o propriamente urbano, examinando pelo ângulo da sociabilidade e da cultura são os espaços de convivência, os espaços abertos, ou melhor, os espaços públicos. A necessidade de conceituar os espaços livres públicos é no sentido de melhor diferenciá-los dos espaços livres privados.

Uma das principais características dos espaços livres é a sua escala, que pode ser entendida sob diferentes olhares. A noção que mais se aproxima da área de trabalho dos profissionais da arquitetura é a que se refere à proporção representada num desenho de um dado espaço em relação às suas medidas reais. Também pode ser compreendida no sentido de significação relativa aos espaços enquanto

hierarquias, que variam de acordo com o período histórico, com o sítio físico e até com a influência econômica.

Outra característica é a da acessibilidade, que, embora garantida por lei, isto é, um direito do cidadão, ainda não é uma realidade na prática política nas cidades brasileiras. Pode-se constatar que, hoje, o uso extensivo do automóvel exige cada vez mais espaço, tanto para circular, quanto para estacionar, o que é conseguido em detrimento dos espaços destinados às pessoas.⁶⁷

Como já foi dito, o princípio da acessibilidade pertinente ao espaço público refere-se a um lugar onde qualquer indivíduo possa circular livremente e, portanto, pressupõe encontros organizados, em contraste com o espaço privado cujo acesso é controlado e reservado a um público específico.

Visto desta forma, pode-se afirmar que o espaço público reafirma um direito público de exercício da cidadania, em que a visibilidade e a acessibilidade constituem-se no próprio pressuposto da sua fruição

⁶⁷ Verifica-se, também, o abandono dos espaços livres públicos destinados ao pedestre, impedindo-se, assim, a sua apropriação pela população mais desprotegida, como as crianças, os jovens, os idosos e os deficientes

Do final do século XIX, até meados da década de 1960, os espaços públicos, principalmente, as praças, passaram por um longo período de abandono no que diz respeito aos espaços do cidadão, pois ofereciam pouca qualidade no sentido de oportunidades de sociabilidade, visto a concepção modernista do espaço ter se preocupado mais com a estratificação dos espaços em zonas especializadas, mesmo que tentassem acolher nelas os espaços para recrear. No entanto, são os espaços de circular que ocuparam o cenário urbano, como os principais elementos estruturadores dos espaços da cidade.

Os grandes projetos de reforma urbana do final do século XX com valorização dos espaços públicos se centraram, em grande parte, como elementos importantes que geraram dinâmicas cotidianas essenciais na coesão social. Redescobre-se, dessa maneira, que, além do papel integrador que esses espaços desempenham na cidade, são também estruturadores da sua forma urbana, além da condição

físicos, gerando-se, dessa forma, a exclusão social de uma parcela significativa da população.

fundamental de consolidar os laços sociais, um dos fatores responsáveis pela qualidade de vida urbana.

Assim, os espaços livres voltaram a ser valorizados como elementos que, por assim dizer, costuram o tecido urbano, ao mesmo tempo que incrementam a qualidade de vida urbana (Brandão, 2000). E pelas tendências mais recentes, voltaram a ser objeto de maior diversidade de atividades e funções, ao apropriarem mais significado ou serem projetados para uma sociedade mais complexa.

Neste momento em que a sociedade está sendo discutida, fragmentada, os espaços públicos aparecem como conceito operante do planejamento urbano, ou seja, um instrumento político que deseja enquadrar e reforçar os laços sociais. Nesse sentido, pode-se dizer que o espaço público é o lugar do confronto político por excelência, no qual se define e institui a sociedade.

Para Borja (2000), na atualidade, a fragmentação do espaço público também é uma realidade produzida pela insegurança quanto a esses espaços. Nesse sentido, a população tende a identificar a segurança como sinônimo de privatização,

estimulando, por exemplo, a construção de “espaços fortificados”, os nossos conhecidos *shoppings centers*, e “condomínios fechados”, ou seja, espécies de “bairros privados”, que atendem a certas camadas da população que estão desenvolvendo modos de vida “isolados do público urbano”, tendo como característica o acesso condicionado, privatizado, e de visibilidade seletiva (Castro, 2002).

A abrangência de significados para a população, especialmente das praças centrais, está nas diferentes possibilidades de usos e atividades que elas propiciam, independentemente de suas dimensões, localização ou configuração.

Por outro lado, quanto à questão da sociabilidade, presente ou não nos espaços livres públicos, Sun (2008) adverte que, algumas atividades comerciais, podem estimular o uso do espaço público, criando mais segurança, mas que, no entanto, é importante que se verifique esse uso em avaliações, de forma que revelem

as necessidades dos frequentadores e assinalar os pontos positivos e negativos dos lugares. Também [...], a facilidade de acesso e as opções de lugares para sentar, estão entre

as maiores atrações do espaço público, [...] visto que as pessoas tendem a agrupar-se o mais próximo possível onde há atividades. (SUN, 2008, p. 27)

Nesse sentido, também nota-se que o quadro do espaço público existente condiciona o desenvolvimento da sociabilidade, pela carência de certos atributos indispensáveis, tais como falta de equipamentos, tratamento estético inexistente ou insignificante, falta de coesão com as especificidades do local e acessibilidade precária ou reduzida.⁶⁸ Dessa forma, apresenta-se um círculo vicioso, de um lado o vazio social do espaço público, determinado pela insegurança, e do outro

o enfraquecimento do papel social e de socialização da cidade que tende a incrementar este sentimento, pois dá margem ao desenvolvimento de comportamentos que geram insegurança, [...] gerando o crescimento do individualismo e a promoção da diferença como estrutura fundadora da ordem social e, por outro lado, uma procura permanente de espaços públicos, como

⁶⁸ Alguns pontos fracos que tendem a permanecer nos espaços livres públicos são: má qualidade dos espaços limites, degradação, barreiras, desigualdades na acessibilidade, falta de identificação com o lugar, hábitos

lugares de afirmação social ou de simples compensação. (CASTRO, 2002, p. 58)

No sentido de contribuir para a construção de espaços mais comprometidos e, portanto, melhor planejados, Arendt (2005) propõe como estratégia que estes sejam planejados de forma ampla, pensando no seu uso por muitas gerações futuras, ou seja,

deve transcender a duração da vida de homens mortais. E ainda, [...] o caráter público da esfera pública que é capaz de absorver e dar brilho através dos séculos a tudo o que os homens venham a preservar da ruína natural do tempo. (ARENDR, 2005, p. 64)

Resumidamente, espaços livres públicos aplicam-se à cidade, ou seja, ao urbano, e são todos os espaços não edificados e não restritos, ou seja, os espaços acessíveis a todos e de uso coletivo, entendidos como os espaços da convivência, dos relacionamentos, dos conflitos sociais – os espaços da socialização.

de socialização pobres, pouca vivência exterior, ruído visual da publicidade e do tráfego, entre outros. (BRANDÃO, 2003, p. 56)

Um conceito associado aos espaços livres, o conceito de sistema pode ser entendido por seus diversos conteúdos e composto por diversos elementos que se organizam entre si, segundo uma estrutura hierárquica que se rege de acordo com princípios e leis, estabelecendo relações entre seus componentes. Os sistemas constituem-se de formas físicas, que servem de base para o desenvolvimento de ações sociais. Quanto ao sistema de espaços livres (SEL), públicos e urbanos, constitui-se por seus tipos mais comuns, as praças e os parques, mais as vias e as ruas, arborizadas ou não, além de outros espaços livres que cumpram funções, essencialmente, urbanas ou, também, de conservação dos recursos naturais. Essa interligação num sistema visa facilitar o tratamento e a gestão como um todo. Macedo (1999) explica o sistema de espaços livres como;

os elementos e as relações que organizam e estruturam o conjunto de todos os espaços livres de um determinado recorte urbano, independentemente de sua dimensão, qualificação estética, funcional e de sua localização e propriedade, sejam eles públicos ou privados, [...] toda cidade possui um sistema

de espaços livres que é produzido durante seu processo de formação tanto pelo Poder Público como pela iniciativa privada. (MACEDO, 2010, p. 3-4)

A noção de sistema é fundamental para compreender os espaços livres urbanos e as suas relações de interdependência, complementaridade e hierarquia. Trata-se de um sistema complexo, inter-relacionado com outros sistemas urbanos, que podem se justapor ou se sobrepor, total ou parcialmente. Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão a circulação e a drenagem urbanas, atividades de lazer, conforto, preservação, conservação, requalificação ambiental e convívio social (Barcellos, 2009).

Quem primeiramente criou e utilizou o conceito de sistema, e o utilizou em sua prática profissional, foi o paisagista americano Frederik Law Olmsted, autor do sistema de espaços livres de

Boston e da ideia dos parques nacionais, áreas de preservação ambientalmente significativas.⁶⁹

Segundo Santos (1997), os sistemas espaciais são dinâmicos e evoluem segundo regras que os modificam, como as alterações de ações externas, que, por sua vez, alteram e, sucessivamente, são alteradas em todo o movimento do sistema. Outra regra é a da própria evolução dos elementos do sistema, que podem ser físicos, estruturais ou sociais e que, na sua dinâmica, também contribuem para transformações no sistema. E por último, a evolução ou transformação em que apenas um elemento do sistema pode provocar modificações no sistema como um todo.

Há uma relação direta entre os sistemas de objetos e o sistema de ações. De um lado os sistemas de objetos são constituídos por um conjunto de formas que estruturam uma base onde se desenvolvem as ações. E, por outro lado, o sistema de ações leva à criação de

objetos novos ou se realiza sobre objetos pré-existentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (WEINGARTNER, 2008, p. 21 *apud* SANTOS, 1994, p. 52)

1.4.4 – Tipologias e funções dos espaços públicos

Quanto aos tipos, trata-se de um recurso metodológico que facilita classificar uma realidade, tanto de objetos quanto de eventos e, assim, facilitar nossa interpretação, avaliação e limites dessa determinada realidade, extraíndo dela as propriedades que melhor caracterizam cada tipo.⁷⁰

Numa primeira classificação, abrangente, podem ser classificados como espaços de domínio público, ou seja, os espaços públicos, aqueles que são de responsabilidade, de âmbito, municipal, estadual ou federal, e os espaços

⁶⁹ Olmsted é também o autor do Central Park de Nova York e de outras áreas, como o Riverside, em Illinois.

⁷⁰ Do ponto de vista legal, o Código Civil designa os espaços livres públicos, de bem público, dividindo-os em quatro tipos: áreas de uso comum, que são livres a qualquer indivíduo; áreas de uso especial, que atendem a atividades

públicas, ou a serviços públicos, e/ou abertos à visitação pública; áreas dominiais ou dominicais, formadas pelos próprios da federação, estado ou município e os próprios espaços livres públicos, como as praças, os parques e todos os outros espaços abertos.

particulares, ou de domínio privado, aqueles que pertencem a pessoas, físicas ou jurídicas^{71,72}

No nosso estudo, nos interessam, em princípio, classificar os tipos de espaços de domínio público, que, como já foi dito, se diferenciam dos espaços privados, por serem de livre acesso, além de outros, detalhados a seguir. Assim, os tipos dos espaços livres podem ser distinguidos pelos seguintes aspectos: configuração, forma, relação com o entorno e pelas funções que nele se exercem.

1) Por configuração, entende-se o tipo de desenho que dá forma a um espaço. Nesse sentido, os espaços livres podem ter os mais diversos desenhos, que dependem, quase que totalmente, do entorno que os delimita, relativo aos aspectos físicos, sejam naturais ou construídos. Nesse aspecto, o desenho de um espaço livre decorre também da estrutura

urbana onde se insere e, ao mesmo tempo, estes também estruturam a forma urbana.

2) Quanto à relação com o entorno, estes podem resultar das construções que o configuram, quando são fortemente limitados por estas e/ou não quando são isolados ou definidos apenas por vias, ou outras áreas abertas, ou seja, como no caso da cidade modernista em que as edificações isoladas no lote criam espaços cujos limites não estão totalmente caracterizados. Como exemplo, cita-se a cidade de Brasília.

3) Quanto à forma, está relacionada com o momento histórico em que o espaço foi produzido, embora a sua criação nem sempre coincida com um único momento histórico, geralmente, é a soma de diversos tempos e formas de agir. De modo geral, são contínuos, como, por exemplo, as ruas, os *boulevards*, as vielas, as vias expressas, as ferrovias, os canais, as vias de pedestres, as ciclovias ou as ruas de lazer

⁷¹ São espaços livres de domínio privado, entre outros, os quintais, jardins, todos os estacionamentos privativos, as áreas livres dos clubes, campi-universitários, entre outros.

⁷² Além dos espaços públicos e dos espaços privados, segundo, Andrade (2008, p. 1-2), hoje, há também uma discussão a respeito da existência de “espaços semipúblicos e/ou semiprivados e do patrimônio imaterial”, que, no âmbito dos estudos sociais, procura contemplar “processos e práticas

sociais situados nas fronteiras dos conceitos mais consolidados de espaços públicos”. Para ilustrar, a autora cita o caso do Mercado Central de Belo Horizonte, um espaço semipúblico, que passa por um processo de reconhecimento como patrimônio imaterial da cidade. Destaca, ainda, que também são “referências os shopping centers, espaços semipúblicos típicos da atualidade, e as áreas históricas das grandes cidades que passaram por processos de requalificação”.

(de pedestres), as praias, os rios e lagos, além dos canais e outros corpos de água e suas margens, entre outros, que se apresentam por longas extensões, sem que, na maioria das vezes, consigamos ver seu início ou seu fim, num simples olhar. Mas, também, podem ser isolados, como as praças e largos, os quais normalmente são configuradas por construções. Para Lynch (1980), a forma do espaço denota o momento de sua criação, pois existe uma relação recíproca entre a cidade e este, o que determina a forma desse espaço.

4) Quanto às funções dos espaços públicos, trata-se de um aspecto de grande complexidade que apenas está esboçada no âmbito dos limites deste trabalho. Lynch (1980, p. 130) aborda a cidade como “uma organização mutável, com fins variados, um conjunto com muitas funções criados por muitos, de um modo relativamente rápido”.

Embora essa complexidade seja evidente, a seguir são classificadas algumas funções, resumindo-as em quatro categorias, como as principais a destacar.

a) As funções sociais e culturais de um espaço, além das possibilidades de circular, de propiciar

condições para o lazer e a recreação, por sua vez, possibilitam os encontros, as trocas sociais e consolidam os laços sociais e proporcionar diferentes tipos de relacionamentos entre as pessoas. Para Leitão (2002), o espaço público é fundamental como o espaço do encontro com o outro, o diferente de si. No aspecto cultural corresponde aos signos que demarcam o comportamento social.

b) As funções simbólicas e estéticas de configurar o tecido urbano e criar visuais do cenário urbano. De certo modo, dão qualidade ao lugar e identificam cada local, destacando sua história, relacionando-o com os diferentes grupos sociais e etários que o utilizam. Para Lynch (1960), a valorização da identidade de um espaço amplia-se para além dos limites da percepção cotidiana dos cidadãos, criando maiores referências do lugar. A dimensão simbólica de um lugar contribui para a sua preservação, devido ao valor histórico e afetivo que representa para a população de cada cidade.

c) As funções estruturais, ou de infraestrutura, referem-se a assegurar o acesso a todos os outros lugares da cidade, propiciar luz e ar às edificações, reservar espaços para usos futuros ou, ainda, preservar recursos naturais.

d) A função ambiental – determinada na medida em que os espaços livres públicos podem criar condições de conforto de uso, através da vegetação, pela sombra que proporciona e que ameniza a temperatura do lugar. Refere-se, assim, aos níveis de sombreamento, insolação, temperatura, umidade, ventilação e ruído, os quais têm uma forte influência em nossa experiência de uso do ambiente urbano, amenizando ou não o lugar. Esses fenômenos incidem diretamente na qualidade do ambiente natural e do microclima local. Quando isso não acontece os espaços públicos são abandonados.

Embora essa classificação não abarque todas as atividades, usos e funções que se possam criar num espaço livre público, é consenso que elas referenciam as principais e as mais importantes.

Outros autores, como Macedo (1995) um expoente nesta área de estudo, classifica os tipos de espaços públicos segundo suas funções, em quatro categorias:⁷³

1) Espaços verdes – áreas urbanas onde o acesso não é necessariamente livre em todos os seus tipos, mas possuem um valor social agregado, ou seja, agregam sensações de bem-estar. Suas principais funções são: produção de alimentos, preservação ou conservação de ecossistemas e o lazer. O elemento predominante dos espaços verdes é a presença marcante da vegetação, sendo os principais tipos, os campos de plantio, bosques, matas, parques, jardins e, inclusive, algumas praças.

2) Áreas verdes – distintas da categoria anterior, pelas pequenas dimensões, onde também predomina a vegetação,

⁷³ Poderiam se incluir nessas funções outras como as de caráter terapêutico, as de higiene mental, as atividades físicas e as de caráter mais transitório ou cultural, como eventos, feiras, etc.

como rótulas e ilhas do sistema viário, cujo único tipo de uso é o de agregar qualidade ao ambiente urbano.

3) Áreas de lazer – são todos os espaços livres, urbanos destinados ao lazer, como praças e parques, além de terrenos vazios de lotes utilizados para o lazer.

4) Áreas de circulação – são todos os espaços públicos que cumprem a função de dar acessibilidade aos espaços privados. São áreas de circulação destinadas ao deslocamento não só de veículos, mas também de pedestres, são as vias urbanas, que, também, podem ser utilizadas como áreas de lazer, quando o tráfego é interrompido ou restrito, ou também as vias locais dos bairros residenciais onde o trânsito é de menor intensidade e, portanto, o uso pode ser compartilhado. Esse aspecto da acessibilidade, na medida em que as cidades vão crescendo, torna-se motivo de preocupação real e oficial. No final do século XX, essa inquietação passou a ser mais considerada, levando-se em conta não só a acessibilidade universal dos usuários, mas também a comunicação entre os espaços públicos e destes com os edifícios.

Embora, para efeito de análise, essas funções sejam descritas de forma estanque entre si, o que geralmente ocorre é que muitos espaços, como, por exemplo, as praças, podem permitir funções conjugadas, como quando possuem uma arborização densa que ameniza o clima, áreas equipadas que permitem diversidade de atividades de lazer e recreação ou quando facilitam a circulação de grandes contingentes de pedestres, como os que se deslocam entre áreas contíguas, como terminais de transporte coletivo, *shoppings centers* ou outras edificações de uso coletivo.

Para entender o espaço público, é importante reconhecer a existência de um outro tipo de espaço, o de âmbito privado, e que, ao longo do tempo, sofreram contingências na forma como o poder político é exercido.

Nos remetendo às primeiras referências do espaço público, temos como primeiros exemplos a cidade grega, onde o espaço público era, sumamente, importante para o prestígio e destaque da própria individualidade do cidadão. Nesse período, como cita Arendt (2007 p. 51), “a esfera pública era reservada à

individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram”.

Ou seja, para que esse reconhecimento como cidadão fosse efetivo, o indivíduo teria que, realmente, se distinguir dos demais, por algum feito especial. Para se manifestar no espaço público e para “existir” no espaço público, para ser considerado cidadão, todo indivíduo teria de ter algum destaque.

Não era somente na cidade grega que a manifestação no espaço público era reservada, mesmo em períodos históricos mais recentes, esse direito foi restrito. Como ainda ressalta Arendt (2007), a igualdade moderna conquistou o espaço público, pois não é apenas e tão somente nesse espaço que o homem é reconhecido como cidadão. Na atualidade, o cidadão é reconhecido como tal, simplesmente, por existir, e a liberdade de se manifestar no espaço público está garantida, por lei, a qualquer um. Ainda, também, destaca o quanto as mudanças na sociedade trouxeram para o espaço coletivo a realidade de cada ser humano, quando declara que

A sociedade é a forma na qual o fato da dependência mútua em prol da subsistência e

nada mais adquire importância pública e, na qual, as atividades que dizem respeito à mera sobrevivência são admitidas em praça pública. (ARENDR, 2005, p. 56)

A importância do espaço público pode ser entendida tanto no seu sentido real e concreto como, também, no sentido idealizado, como expresso por Arendt (2005, p. 352), quando afirma que “ação, palavra e liberdade não são coisas dadas, mas requerem, para surgirem, a construção e a manutenção do espaço público”. Por outro lado, a separação entre o espaço privado e o público passa por grandes mudanças ao longo do tempo, como reconhece, também, Arendt (2005, p. 43), “O desaparecimento do abismo que os antigos tinham que transpor diariamente a fim de transcender a estreita esfera da família e ‘ascender’ à esfera pública, é um fenômeno essencialmente moderno”.

Assim, para que os espaços livres sejam efetivamente locais de interesse público, devem considerar a oferta de lugares, ou seja, variedade de elementos ou equipamentos que permitam uma decodificação desses lugares numa coexistência de diversidades de territórios que possam abarcar entendimentos

peçoais simbólicos, necessidades e lembranças únicas, que expressem as necessidades e desejos de uma coletividade, e que estes territórios coexistam, às vezes, em sintonia, ou superpostos, ou até, em última instância, em conflito.

1.4.5 – O espaço como lugar e território

Embora os conceitos de espaço e lugar sejam utilizados quase sempre com o mesmo significado ou o mesmo entendimento, são duas expressões que designam âmbitos distintos. Lugar trata-se de uma palavra derivada do termo latino *locus*, que significa lugar, sendo, no entanto, uma expressão também utilizada por outras áreas do conhecimento. Do ponto de vista espacial, podemos conceituar o lugar como uma pequena fração do espaço, como um “recanto” num espaço, sendo que, este, por sua vez, se refere a uma parcela da paisagem ou do território. O lugar também encerra em si diversas dimensões – simbólica, emotiva, cultural, biológica, política e social –, de acordo com o que cada indivíduo espera do mesmo.

Santos (1994, p. 35) entende o lugar como um todo, como “um ponto do mundo onde se realizam algumas possibilidades desse

último”. É uma parte, mas, como uma parte contida no todo, nessa parte pode-se viver o todo. Todas as possibilidades que cabem no mundo sempre são localizadas em algum lugar e esse lugar é o mundo, um mundo que cada um elege. Todo o lugar também está interligado e interdependente a outros lugares.

Augè (1994, p. 36-37) entende, também, que o lugar pressupõe a vivência, o que o transforma em espaço exercido, e, por outro lado, existe também o “não-lugar”, que é o espaço não vivido, mas apenas visto pelo turista ou pelo viajante, e que o entende como um vazio de significados, mesmo que tenha múltiplas informações sobre ele. Dessa forma, para o mesmo autor, Augè (1994, p. 80), “o espaço do viajante seria, assim, o arquétipo do Não-lugar”. Por outro lado, para Castrogiovanni (2008, p. 3), o espaço que se constrói entre um turista e algum espaço seria um “entre-lugar”, visto que “o turista pratica esse lugar **embora apenas** por um certo tempo”. (Grifo nosso.)

De modo geral, o lugar é parte da existência humana, como uma extensão do corpo, já que sempre ocuparmos um lugar no espaço, mesmo quando estamos em movimento. Mas é, também, uma parte localizada no espaço, numa posição fixa,

ou seja, um lugar pode ser entendido como um espaço particular, significativo, especial. E essa singularidade, que começa como um “espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 2013, p. 14).

Para que reconheçamos um espaço como lugar, este terá de, além de nos ser familiar, nos ser seguro e estar localizado próximo a nós. E como já foi dito, o lugar é um espaço fixo, enquanto o espaço permite localizar inúmeros lugares, porque permite o movimento, em outros termos:

se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que essa localização se transforme em lugar [...], portanto, o lugar é uma pausa no movimento. (TUAN, 2011, p.14, 15)

De acordo com Nogueira (2001 *apud* Souza, 2015, p. 309), “o lugar é dado a partir da experiência de cada um, se apresenta como vivenciado pelos seus habitantes”, sendo, portanto, “constituído a partir da experiência que temos dele. Nessa

experiência, está expressa uma relação, sobretudo afetiva, emocional, simbólica e mítica com o lugar.”.

Para Tuan (1974), a constituição de um lugar passa pela relação “afetiva” que se estabelece com esse lugar, que passa a ser considerado único, com o qual o cidadão estabelece o que ele denomina de “senso de lugar”. O autor recomenda que, para criar “lugares” nos espaços públicos, os arquitetos ou urbanistas devem traduzir os desejos e necessidades dos usuários para poder projetar de maneira que esses espaços contenham lugares eficazes e não efêmeros.

1.4.6 – Território e territorialidade

Um primeiro conceito que pode expressar a noção de território estabelece como condição abarcar uma dimensão maior da realidade física, na medida em que se refere à soma

de paisagens que, por sua vez, contém espaços e estes, contém lugares.⁷⁴

O binômio conceitual espaço e território, que, em princípio pode ser entendido como interligado, expressa diferenças, embora também contenha, em parte, conceitos complementares, na medida em que o território pode conter diversos e diferentes espaços. Nesse sentido, trata-se do território na sua dimensão física, e este não pode ser entendido apenas pela perspectiva de domínio físico. Na medida em que se queira expressar na sua dimensão subjetiva e particular, o território, nesse sentido, também apresenta uma dimensão social.

Como conceito, tem sido estudado no âmbito do campo de conhecimento da geografia e, nesse sentido, Santos (1988, p. 10) destaca que

a atual importância do território [...] na realização da história pode ser indicada pelo interesse crescente que lhe dedicam outros

profissionais e estudiosos de diversas áreas do conhecimento, tais como [...] urbanistas, planejadores, cientistas de horizontes tão diferentes como economistas, sociólogos, etnólogos, politicólogos, historiadores, demógrafos etc. (grifo nosso).

O referido autor enfatiza que o território está em constante processo de organização, visto que “muitas reorganizações do espaço se deram e continuam acontecendo, atendendo aos reclamos da produção da qual é arcabouço”. (SANTOS, 1988, p. 18).

Tângari (2009, p. 32) entende que o território pode ser abordado segundo diferentes enfoques, entre os quais destaca-se “o físico-espacial, o geo-político e o socioeconômico, e nas dimensões com enfoque simbólico, subjetivo e perceptivo”. Nesse sentido, exemplificando pelo enfoque socioeconômico, a autora reconhece um processo espacial no território que, constantemente, reloca atividades e população.

⁷⁴ Roberto Burle Marx, em Tabacow (2004, p. 127), define território como “uma componente de uma realidade maior”, ou seja, “[...] formado por um número infinito de paisagens parcialmente justapostas”.

Quanto à discussão do tema da territorialidade, também envolve outras diversas disciplinas do conhecimento, embora, de certa forma, todas se refiram aos costumes ou modos de vida, como fatos sociais. A partir dessa constatação, surgiram as primeiras indagações sobre essa questão, sendo a geografia, também, a área em que esse conceito tem tido seu maior desenvolvimento.

No entanto, mesmo nesse âmbito, as abordagens são constituídas por diversos sentidos, desde uma visão mais jurídica, ou política, passando pela dimensão social e cultural, pela econômica, pela natural e, até, por uma dimensão ou visão afetiva. Essas dimensões ou sentidos aparecem separadamente apenas para facilitar a análise da dinâmica territorial, conforme Dantas e Morais (2008, p. 5 *apud* HAESBAERT, 2001, 2002, 2004), ou seja;

dos vínculos que a sociedade estabelece com a natureza, mediadas por mecanismos de apropriação, dominação, ocupação ou posse de uma fração do espaço.

Assim, a territorialidade pode ser compreendida pelas transformações de um espaço em território ou de um espaço pelas suas dimensões políticas, sociais, simbólicas, ou de

identificação afetiva, que decorrem da percepção do indivíduo em relação à sua posição e papel de representatividade na dinâmica urbana.

A ideia de territorialidade diferencia-se, portanto, do conceito de território, porque, diferentemente, deste, a territorialidade refere-se a uma relação de apropriação de determinados espaços, cada qual por um grupo específico de usuários. Dessa forma, a transformação de um espaço em território pressupõe uma expressão e impressão pessoal nesse espaço.

A territorialidade é um comportamento humano espacial e, portanto, também uma base de poder, e como todo o poder pode ou não se estabelecer como uma territorialidade positiva ou, ao contrário, negativa, quando é utilizada para controlar pessoas. Pode-se verificar que não são apenas as características físicas de um território que determinam a territorialidade ou as fazem surgir, ou criam seus significados, mas, sim, a importância e significação, a apropriação que o

homem estabelece sobre determinada área, ou território, mesmo que ela possa ser temporária.⁷⁵

Assim, a apropriação, conforme Lefebvre (1969), remete a um processo efetivo de territorialidade, no sentido concreto de caráter funcional, ou também simbólico e afetivo. Quando essa apropriação se produz por dominação, gera territórios utilitários ou funcionais, ou seja, onde não há lugar para compartilhamento social ou relação afetiva.

Em síntese e conforme Tângari (2009, p. 32 *apud* RAFFESTIN, 1993, p. 143), o território deve ser visto pelo viés da territorialidade, que se constrói a partir do espaço, sendo este;

o resultado de uma ação conduzida por um ato sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...], o ator **territorializa** o espaço. (Grifos do autor.)⁷⁶

⁷⁵ Outrossim, devemos esclarecer que lugar e território, não são a mesma coisa, embora o conceito de territorialidade se aproxime do conceito de lugar.

⁷⁶ O antropólogo Edward Hall em sua obra "A dimensão oculta" (2005) foi um dos autores que empreendeu um grande estudo sistemático sobre

territorialidade e, assim, defende que o território deve ser considerado como um signo, compreensível a partir dos códigos culturais nos quais se inscreve.

CAPÍTULO II – Panorama histórico da praça

2.1 – Antecedentes das origens da praça

Pode-se afirmar que, desde as primeiras aglomerações humanas, muito antes da origem da cidade, quando o homem adquire certo estágio de fixação em determinado área, nasce o lugar de encontro e manifestação de uma comunidade, ou seja, um local onde esses agrupamentos de pessoas se reuniam, para atividades coletivas, tais como as religiosas, entre outras.

Esses espaços comuns podem ser considerados como o embrião do que muitos séculos depois será a praça, dada a sua facilidade de adaptação a qualquer uso, já que eram espaços totalmente livres e abertos e que atravessaram os tempos, se prestando à prática das mais diversas funções, em cada período histórico da evolução do homem.



Fig. 2.1 – Aldeia (Sambo) Erora. Cunene. Angola. África. Autor: Sérgio Guerra. 2009

Muito embora não possuíssem um contorno nitidamente definido, constituíam o espaço público por excelência, que, ainda hoje, pode ser observado na grande maioria das aldeias indígenas, ainda existente em alguns continentes. (Figuras 2.1)



Fig. 2.2 – Aldeia Africana – organização espacial por interesses comuns – comerciais, graus de parentesco e ou militares. Fonte: As confederações de aldeias Africanas – Vinícius Cabral, 2012.

Nos exemplos apresentados nas (Figuras 2.2, 2.3 e 2.4) tanto da África quanto de aldeias indígenas brasileiras, demonstram que, na origem das aglomerações humanas, desde as mais primitivas, os espaços comuns apresentam muita semelhança, principalmente quanto à disposição das moradias – tanto em círculo ou outras formas arredondadas quanto a um espaço livre comum, localizado geralmente no centro da comunidade – a “praça”.⁷⁷

⁷⁷ Nas aldeias dos Xavantes esse espaço central é chamado de Warã, um local apenas permitido para os homens, onde eles se reúnem e tomam



Fig. 2.3 – Aldeia Indígena (Ká). Xingu, sec. XX. Fonte: <http://cultura.culturamix.com/historia/aldeias-indigenas-do-brasil>. Acesso: outubro 2014

Essa forma de ocupação do espaço da maioria das tribos brasileiras mantém o mesmo desenho há mais de quinhentos anos, ou seja, quando o Brasil foi descoberto, as tribos que já mantinham algum tipo de fixação, organizavam seu espaço da forma como pode ser vista nas figuras acima.

decisões importantes. As mulheres e as crianças não podem participar desses encontros.



Fig. 2.4 – Aldeia Kuikuro. Fonte: <http://topicos.estadao.com.br/fotos-sobre-kuikuro/vista-aerea-da-aldeia-ipatse-no-parque-indigena-do-xingu,88809E6C-94FF-441B-9179-991341DFE64C>. Acesso: janeiro de 2013.

Assim, a tendência de organização espacial de um aglomerado humano tende para uma forma mais ou mesmo comum que não se trata de mero acaso, mas de uma forma atávica, inata, natural. O aspecto da localização desse espaço comum, que pode ser verificado em todas essas aldeias, conforme as figuras apresentadas, chama a atenção, por se tratar de um grande espaço vazio, localizado, geralmente, na área central da aldeia.

Essa área constitui, em princípio, o espaço de ligação e acesso às habitações por onde se circula para encontrar qualquer membro da comunidade e que, por ser igualmente acessível a todos, pode ser utilizado para todas as atividades de caráter coletivo, encontros, reuniões, festejos e trabalhos coletivos, que demandam a cooperação de todos.

As cidades se formaram a partir da evolução dessas aglomerações primitivas, consistindo na reunião de várias famílias e de seus espaços de convivência, sendo a praça esse espaço que desempenha o papel de núcleo aglutinador. Pela simplicidade de sua constituição, ela tem se adaptado às mais diversas funções, que a sociedade nela vem exercendo ao longo da história.

A origem histórica das praças na cidade remonta à antiguidade greco-romana, percorrendo uma trajetória que passa pela praça medieval, a praça renascentista, o período modernista, até chegar à atualidade. A história de um povo pode ser contada em parte, pela forma como esses espaços públicos são utilizados em cada geração, pois, em cada período histórico, eles são apropriados e adaptados de acordo com os

valores e as necessidades humanas daquele momento.

No caso das praças brasileiras, podemos analisá-las a partir da perspectiva do ocidente, no caso da Europa, continente que, através de Portugal, está na origem das cidades brasileiras e, portanto, desde seus primeiros exemplares. Assim, no Brasil, os estudos sobre as praças, em geral, se referenciam às praças das principais cidades europeias, especialmente as de língua latina, como a França, a Itália e a Espanha, mas também de alguns outros países, cuja contribuição vem pela imigração para o país, o que agregou novos modos de vida e costumes.

Devido às dimensões continentais do país, as diferenças nos exemplos e nas tradições de utilização, também, são bastante específicas. Por outro lado, apesar de descoberto após o período medieval, algumas áreas das nossas primeiras cidades exibem configurações de traçado urbano e espaços públicos muito semelhantes ao de cidades medievais europeias, como, por exemplo, os largos e adros das igrejas em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente.

Embora a literatura a respeito da evolução das praças portuguesas seja, ainda, bastante escassa, pretende-se

verificar o que tem de semelhante e de diferenciado do caso brasileiro. Com o intuito de entender melhor o que tem contribuído para os aspectos e condições atuais das praças nas cidades brasileiras e, por consequência, nas cidades de menor porte, como é o caso da cidade de Formosa.

Na origem da cidade brasileira tradicional, a praça ou o largo são espaços livres públicos sempre presentes nas áreas centrais. Locais em que o tecido urbano se origina e se organiza, sendo, portanto, locais de referência, tanto para seus habitantes quanto para os visitantes, “cenários”, onde se pode “ler” uma parte da história de cada cidade.

2.2 – Da praça e da cidade

As primeiras cidades de que se têm registro, Ur, Nipur, Uruk, Tebas, Assur, Nínive e Babilónia, além de outras, surgiram de povoados de origem rural, que, por sua vez, iniciaram-se em períodos muito anteriores conhecidos como proto-urbanos, em pequenos povoados, originários de aldeias, a quais, por sua vez, teriam surgido de um acampamento ou de um esconderijo ou de uma caverna ou de um amontoado de pedras.

Conforme Mumford (1998), tudo teve início na predisposição do ser humano para a vida social. Assim como as pequenas aglomerações da qual se originou, não resta dúvida de que a cidade é, acima de tudo, caracterizada pela agregação e pela centralidade, refletindo um alto significado simbólico.

Pelo que já podemos verificar, essa centralidade de valor simbólico é materializada no vazio central, o que não ocorreu por acaso, como apresentado no tópico anterior, mas na sua origem urbana, em princípio, remete à Grécia antiga. O círculo constituía-se num espaço em que se dava o debate público, que os gregos denominam *iahgoria*, ou seja, o direito à livre palavra⁷⁸.

De ajuntamento militar inicial, esse espaço central tornou-se, depois de uma série de transformações econômicas e sociais, a ágora da cidade grega, em que todos os cidadãos⁷⁹ poderiam debater e decidir em comum os negócios também comuns. E,

⁷⁸ No início do canto II da Odisséia, Telêmaco convoca deste modo a ágora, isto é, ele reúne a aristocracia militar de Ítaca. Estabelecido o círculo, Telêmaco avança para o interior e se coloca no meio, no centro; segura o cetro na mão e fala livremente. Quando ele termina, sai do círculo, um outro toma seu lugar e lhe responde. Essa assembléia de iguais, que constitui a

dessa forma, nasce a praça, a partir de uma necessidade básica – a de reunir as pessoas –, mas também de uma escolha, que se traduz num princípio de relacionamento entre as pessoas, o igual direito à palavra. Além da tomada de decisões coletivas, igualmente aos espaços que as nossas tribos, que ainda configuram, as praças também atendiam a outras necessidades como atividades de troca e para encontros e festividades.

Podemos, assim, compreender aquelas primeiras praças como um símbolo para a comunidade, um “centro” facilmente acessível para a realização das mais variadas funções. Entretanto, essa necessidade e essa escolha poderiam se realizar de outra “forma”, ter uma outra origem formal que não a de um espaço vazio numa forma derivada do círculo. Poderia ter sido na forma de um anfiteatro, com um espaço para platéia e o palco, no qual os oradores se

reunião dos guerreiros, desenha um espaço circular e centrado em que cada um, situado nele, pode dizer livremente o que lhe convém.

⁷⁹ No início, restringia-se aos aristocratas e, posteriormente, também aos “demos”, que corresponde aos povos livres na antiga Grécia.

sucederiam, um falando após o outro⁸⁰. Assim, o círculo foi a forma escolhida ou surgida espontaneamente.⁸¹

Esse aspecto de configuração de um vazio central pode ser observado, também, na origem das cidades romanas, onde o centro também se expressava por um vazio. Para Bartalini (2007), a praça, como centralidade, é uma criação do ocidente e, especificamente, da região do mar Mediterrâneo que, numa linguagem poética, poderia ser considerado como um “mar-praça”.

Por outro lado, a origem do “Fórum Romano”⁸² – uma praça retangular –, como centro do império e referência na construção e na transformação de muitas cidades do antigo mundo clássico, fundamento da arquitetura do classicismo, apresenta formas atípicas com relação à como era ciência da cidade e da “praça” tal praticada anteriormente pelos próprios

⁸⁰ Vale lembrar, novamente, que a origem etimológica da palavra “praça” deriva do vocábulo latino *platea* ou rua larga.

⁸¹ Segundo descreve Aristóteles, citado por Munford (1998, p. 172-173), um aspecto curioso quanto aos usos exercidos na praça pela sociedade grega era de não se permitir que, na praça central, fossem exercidas atividades comerciais, fato que provocava o fechamento da praça de tempos em tempos, de forma a coibir esse uso. As atividades comerciais visam lucro e,

romanos. Por volta do século IV, o Foro (romano) cessa sua atividade como lugar de mercado (perde a função que tinha sido fundamental) e se torna uma verdadeira praça, quase seguindo o ditado de Aristóteles, que mais ou menos naquela época escrevia:

A praça pública [...] nunca será sujada por mercadorias e a entrada nela será vedada aos artesões [...]. Distante e bem separada da cidade será a que é destinada ao mercado. (ROSSI, 2001, p. 175)

2.2.1 – A praça no período Medieval

Após se passar um longo período de invasões barbas, a agricultura de subsistência se instala, propiciada pela implantação de uma economia conhecida como sistema feudal, no qual as poucas cidades eram comandadas,

assim, eram consideradas incompatíveis com a boa vida e o bom governo, exercidos na praça.

⁸² O Fórum Romano, também conhecido por Fórum Magno (Fórum Magnum), ficava localizado no centro da cidade de Roma e constituía-se por uma grande praça retangular, cercada pelos edifícios públicos mais importantes da época. Era o local das cerimônias públicas, das eleições, dos discursos das autoridades, dos processos criminais, dos confrontos entre os gladiadores (antes do Coliseu) e o principal centro de comércio do império.

geralmente, por membros da igreja (bispos). Essas cidades episcopais, os bispos e os nobres eram os donos da terra, e o restante da população, seus servos, que cultivavam as propriedades daqueles.

Essas cidades eram fortificadas por muralhas e tinham um desenho radiocêntrico⁸³, com a catedral ao centro e, para destacá-la, uma praça, que constituía o centro cívico da organização urbana, rodeada pelos edifícios mais importantes. Dessa praça, partiam as ruas importantes, radiais, geralmente até os portões de entrada da cidade. As ruas secundárias uniam essas ruas radiais, na maioria das vezes formando círculos em torno do centro. Algumas praças situadas em um dos lados da igreja, ou da catedral, eram ladeadas por hospital, asilo para pobres e cemitério, e de outro, pela prefeitura, escola, tribunal e prisão. Nesse sentido, se compararmos a ágora com a praça medieval, esta era uma criação completa, pois abarcava todas as funções importantes da vida pública. E, embora possuísse *status* de espaço “sagrado”, o que definia

⁸³ O desenho radiocêntrico, que se caracteriza por ter ao centro a catedral, dava à cidade uma aura espiritual.

seu caráter de lugar central era a sua função comercial.⁸⁴ Por outro lado, esse centro na realidade era mais simbólico do que físico, era o nó de convergência em que se localizavam as atividades mais importantes.

Esse modelo de cidade perdurou por alguns séculos e, ainda, hoje podem ser vistas na área mais antiga de muitas cidades europeias, inclusive com parte dessas muralhas, que, somente alguns séculos mais tarde, foram se abrindo aos poucos para a troca comercial já a partir do século XI, através do artesanato e de uma grande atividade comercial.

A cidade podia possuir até mais de dois modelos de praça, além da praça central, da igreja e/ou palácio episcopal, onde aconteciam os rituais religiosos, os funerais, as execuções, as comemorações, os torneios, as corridas, as encenações teatrais e outras práticas.

A praça laica era o segundo modelo de praça exclusiva de mercado, localizada próximo à entrada da cidade, muitas vezes

⁸⁴ Segundo Hassenpflug (2007), as funções profanas e religiosas são tão imbricadas nesse período que, mesmo hoje, na língua alemã, o termo *messe* tem dois significados, um comercial (a feira) e outro religioso (a missa).

até do lado de fora do limite das muralhas. Na praça central, embora também ocorresse o intercâmbio, era o espaço do encontro e, periodicamente, também onde a cultura popular deste período se manifestava, representada pela cultura cômica, Bakhtin (2008)⁸⁵. Festejos como o carnaval eram muito populares, e nelas o povo usufruía de liberdade, que se manifestava pela palavra, com uso de ironia e vulgaridade, com grosserias e algumas vezes até com injúrias. Essas manifestações aconteciam nas praças, local em que

a abolição provisória das diferenças e barreiras hierárquicas entre as classes sociais e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana, o que criava um tipo especial de comunicação ao mesmo tempo ideal e real entre as pessoas, impossível de se estabelecer na vida ordinária. Era um contato familiar e sem restrições entre os indivíduos que nenhuma distância separava mais. (BAKHTIN, 2008, p. 14)

Embora esse período da história fosse muito marcado pela divisão social das pessoas e até pelo terror para com o povo

em geral, a praça era o lugar onde se ouvia “outra verdade que se exprimia [...], através de brincadeiras, obscenidades, grosserias, paródias, pastiches, etc.[...]” (BAKHTIN, 2008, p. 82). De certa forma, o riso prevalecia sobre o medo. Além disso, “[...] o homem da Idade Média era perfeitamente capaz de conciliar a assistência piedosa à missa oficial e a paródia do culto oficial, na praça” (BAKHTIN, 2008, p. 82). O que mostra o quanto a praça era importante na vida do homem da Idade Média. Era o lugar de descontração, o que trazia algum conforto para aguentar a opressão do dia a dia.

A praça constituía-se, portanto, no ponto de convergência do não oficial e, de certa forma, onde se gozava de “liberdade de expressão”, ou seja, num mundo de ordem e hierarquia, era onde o povo podia ter a última palavra. Claro que esses aspectos só se revelavam, inteiramente, nos dias de festa, e que não eram permitidos em todas as praças. A Igreja Católica representada pelos bispos, que reinavam em centros estáveis

⁸⁵ Bakhtin (2008) fez um estudo bastante perspicaz do contexto em que Rabelais descreve os hábitos do período da Idade Média e início do

Renascimento, com ênfase maior sobre a Idade Média, trazendo informações valiosas sobre o uso da praça nesse período.

chamados *civitates*⁸⁶, proibia a prática do mercado em suas praças, em frente às igrejas.

Para as guildas⁸⁷, por outro lado, embora muitas vezes também de caráter religioso, como eram centradas na economia mercantil, a praça do mercado se tornou o mais importante símbolo de *status* urbano, constituindo-se no centro da cidade medieval. Assim, pode-se imaginar a importância da praça na cidade medieval, especialmente, nos dias de festa em que,

sobretudo durante o carnaval, o vocabulário da praça pública se insinuava por toda a parte, em maior ou menor medida, inclusive nas igrejas nas (“festa dos loucos”, e “festa do asno”)⁸⁸. A praça pública em festa reunia um número considerável de gêneros e de formas maiores

e menores impregnados de uma sensação única, não oficial. (BAKHTIN, 2008, p.133)

Além dessa “liberdade” periódica e do comércio de gêneros de toda a sorte, era também na praça que se anunciavam todas as atualidades, através de “pregões”, como, por exemplo, dos novos “preparados” da “medicina”, realizados pelos próprios fabricantes de drogas medicinais, e as novidades da literatura e almanaques. Algumas praças tinham feiras famosas pelos seus pregões, como os famosos “pregões de Paris” e da “feira de Lyon”, na França⁸⁹.

⁸⁶ No singular – a *civitas*. Essas *civitates* eram locais que centralizavam a cultura rural, onde se localizavam castelos, palácios, residências de bispos, centros administrativos e espirituais de dioceses com catedrais, mosteiros ou outras instituições religiosas. Apesar disso, não possuíam praças ou atividades de mercado consideráveis e, assim, nem comerciantes ou outros habitantes civis.

⁸⁷ Guildas eram irmandades ou corporações de artesões.

⁸⁸ Festa dos Loucos era o nome dado ao Carnaval na Idade Média. Por outro lado, a “festa do asno” era uma festa pagã que acontecia em parte dentro da igreja e que, muitas vezes, se satirizava a figura religiosa do padre ou do bispo na forma de um asno paramentado de padre.

⁸⁹ Como a feira era o espaço de vendas e de apresentação de novidades, na praça da cidade de Lyon acontecia uma célebre feira, a qual Rebelais deveria frequentar. Segundo Bakhtin (2008), que, através da literatura de Rabelais, descreve os usos da praça na Idade Média, aquele autor tomava parte ativa nos folguedos estudantis, que também aconteciam na praça de Lyon. Nesse período, Lyon já era uma cidade bastante desenvolvida, com uma forte colônia italiana, que estabeleceu uma intensa vivência tanto na praça quanto na rua. Essa feira era realizada quatro vezes por ano com duração de 15 dias de cada vez, totalizando dois meses no ano, numa demonstração da importância das atividades comerciais naquele espaço público.



Fig. 2.5 – Praça de Campo em Siena Itália.

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-145737/ranking-2013-das-melhores-pracas-publicas-do-mundo/5256a4f1e8e44ecb17000774>. Acesso: dezembro de 2015.

Além das festas e feiras, espetáculos de rua, como o teatro de comédia, também, eram representados na praça, sobre um tablado erguido no centro, com o povo em volta assistindo (Bakhtin, 2008). Assim, tudo que não se constituía na vida privada, da moradia, acontecia na praça. A praça era uma parte importante de conjunto espacial urbano, era o centro sociocultural da cidade da idade média, combinando funções antagônicas, ora sagradas, ora profanas (Figura 2.5).



Fig. 2.6 – Praça do Mercado de Cracóvia na Polônia. Fonte:

<http://www.viverbemagora.com.br/wp-content/uploads/2013/03/Main-Market-Square.jpg>. Acesso: novembro de 2015.

Quanto ao desenho, as praças medievais apresentam formas e dimensões irregulares, sendo seu fechamento sempre definido pelas edificações que eram coesas, encostadas umas nas outras, com alguma exceção no caso das igrejas. De todas as praças medievais europeias, a maior é a Praça do Mercado, situada na cidade de Cracóvia na Polônia, construída no século XIII e delimitada de forma bem definida por palácios, igrejas e outras construções (Figura 2.6).

2.2.2 – A praça no período Renascentista e Barroco (séculos. XV e XVIII)

A racionalidade, o individualismo e o humanismo que caracterizaram o período renascentista no contexto social, também, se manifestou no campo intelectual, num novo urbanismo e, especialmente, numa nova arquitetura. Assim o desenho da cidade, também, toma uma forma estética que almejava de algum modo um novo mundo, um “mundo ideal”. Esse modelo, que dá origem à cidade ideal do renascimento, surge dos princípios vitruvianos: *firmitas, utilitas e venustas*.⁹⁰

Assim, o desenho vitruviano propunha como traçado para as novas cidades a forma de um polígono (por exemplo, um octógono), rodeado de muralhas, com torres circulares, ou com ângulos salientes, situadas nos cantos do octógono, de forma saliente, como melhor forma de defesa, pois, assim, se tinha uma visão mais abrangente do exterior. Ao centro, uma grande praça

com forma geométrica da qual saíam as ruas principais. Esse modelo era de uma fortaleza com claros objetivos militares.

A primeira cidade construída segundo este esquema do ideal renascentista foi a cidade de Palmanova, situada na região de Friuli, na Itália, criada em 1539. Possui a forma estrelar de nove pontas com uma praça situada no centro, de onde saem as seis ruas principais, além de outras doze secundárias, que saem do primeiro anel concêntrico. Essas ruas concêntricas formam os anéis que ligam todas as ruas principais. Após essa experiência, foram construídas outras cidades neste mesmo padrão.

No caso das cidades já existentes, para que um novo desenho se consolidasse, teria de se combinar com a cidade medieval existente com seu desenho marcado pela espontaneidade e uma centralidade forte. Uma adaptação entre o existente e as novas propostas de regras geométricas e novos padrões de circulação radiais retilíneos, não era tarefa fácil.

⁹⁰ *Firmitas* refere-se à estabilidade do caráter construtivo que a arquitetura deveria ter, *utilitas* à função e à utilidade, e *venustas* está associada à beleza e à forma estética.

Para que se pudessem fazer as modificações de adaptação, teria que se recorrer a uma forte destruição de construções, o que não era facilmente justificável. Assim, só foi possível remodelar alguns centros medievais, “após a ocorrência de calamidades, o que facilitou reformas significativas em diversas cidades entre os séculos 16 e 18”, conforme deduz Segawa (1996, p. 35)⁹¹. Outro fator que propiciou grandes transformações na malha urbana medieval foram as ações de soberanos poderosos:

as manifestações de poder também favoreceram as cirurgias ou criações urbanizadoras de monta: a Sixto V (1520-90) se atribui à culminância do processo de reformas urbanas iniciadas no século XV como celebração do ressurgimento da força papal sediada em Roma: a partir de Henrique IV (1553-1610) inaugura-se uma nova etapa urbanística de Paris: as monumentais *places royales*. Versalhes, Tulherias, os jardins de André Le Nôtre (1613-1700) são alguns dos

símbolos do absolutismo francês. (SEGAWA, 1996, p. 35).

A principal característica do modelo de cidade renascentista e que perdura, também, durante o período barroco pode ser sintetizada na unidade formal do conjunto, que foi também aplicado às praças, durante os séculos XV, XVI e XVII. Assim, essas praças eram definidas nos seus perímetros por uma arquitetura regular e padronizada, considerada um padrão de beleza – conforme Verissimo (2001) – e, com isso, apresentavam unidade formal:

ostentavam o desejo de unidade [...], formando como um pátio palaciano ou um claustro, de proporções estudadas, acentuado pela continuidade de fachadas mediante a repetição de elementos arquitetônicos básicos, com a área aberta ocupada com estátuas, fontes e mastros. (SEGAWA, 1996, p. 37)

⁹¹ Conforme Segawa (1996, p. 35), “Ao encontro dessa observação, contabilizam-se o grande incêndio de 1561, em Valladolid, cujos estragos promoveram a reconstrução da cidade espanhola com um novo desenho urbano do gosto simétrico e retilíneo; igualmente o tenebroso incêndio de Londres de 1666 gerou um plano de remodelação urbana de autoria de Sir Christopher Wren

(1632-1723) recusado. Jacques Angel Gabriel (1698-1782) foi mais bem-sucedido ao planejar e ver realizado seu plano para Rennes, pós-incêndio do ano de 1720; ou o terremoto de 1755 em Lisboa, que foi responsável pelo novo traçado geometrizado de parte da capital portuguesa sob o signo iluminista do Marquês de Pombal (1699-1782).



Fig. 2.7 – Praça de São Marcos em Veneza.

Fonte: <https://ginapsi.wordpress.com/tag/praca-sao-marcos/>. Acesso: janeiro de 2016.

Algumas dessas praças continuaram sofrendo modificações, como no caso da Praça de São Marcus em Veneza (Figura 2.7), que, embora apresente um desenho barroco, se originou no século IX como uma pequena praça, tendo sua área sido duplicada no século XII. Posteriormente, sofreu outras modificações com demolições e acréscimos de construções no seu perímetro.

Finalmente, construíram-se passagens cobertas em volta da praça (galerias), com residências e estabelecimentos

comerciais, delimitando o seu espaço. No início do século XIV, o perímetro da praça era todo coberto e a praça constituía-se no maior e melhor entreposto comercial de toda a Europa. Tanto a forma quanto a área atual são as mesmas do século XV, mas o desenho que conhecemos atualmente só foi concluído em 1807, ou seja, já início do século XIX.⁹²

No período do final do Renascimento, diversas praças, especialmente a praça principal, se localizavam no centro da área urbana, onde, geralmente, ficava a prefeitura. Algumas, ainda, podem ser vistas em determinadas cidades europeias, principalmente na Itália e na Alemanha.⁹³ (Figura 2.8)

Durante o período estilístico do Barroco, também denominado de absolutismo, diversos planos de cidades ideais foram postos em prática. Quanto às praças, conforme relata Sitte (1980), nesse período eram bem planejadas e muito valorizadas. Apresentavam desenho formal, quadrado, retangular ou circular e, no primeiro período, alguns edifícios possuíam arcadas. Eram ricamente

⁹² Um modelo de espaço emblemático, embora seja um grande parque, é o jardim de Versalhes (1664–1682), que se constitui num dos grandes exemplos de desenho barroco, cujo traçado geométrico com grandes eixos

se entrecruzando, serviu de modelo que foi aplicado em diversas cidades, entre elas na reforma de Paris, por Haussmann (entre 1853 e 1870).

⁹³ Na Itália, a Praça de São Pedro “Piazza di San Pietro”, no Vaticano foi projetada por Bernini, no século XVII.

adornadas e projetadas de forma a constituir um conjunto harmônico com os edifícios, além de marcarem o crescimento ordenado da cidade, constituíam-se na sua referência.



Fig. 2.8 – Praça de São Pedro no Vaticano⁹⁴. Fonte: <http://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2012/08/praca-sao-pedro.jpg>. Acesso: dezembro de 2015.

A partir do século XVII, no período de transição entre a idade média e início da era moderna, paralelamente às praças, os passeis e jardins públicos, alamedas e *boulevards* ajardinados

⁹⁴ A basílica foi projetada bem antes, por Bramante em 1506. A praça só foi projetada 200 anos após. Sua área é de cerca de 23.000 m². O obelisco que se localiza no centro da Praça de São Pedro provém de um antigo circo que ficava nesse local. Foi trazido do Egito para decorar a parede central da pista do circo, em redor do qual aconteciam as corridas de carroça. (Essas corridas

já eram comuns por toda a Europa, utilizados como espaços para passeio da população (tanto a pé, como para os mais ricos exibirem suas carruagens), principalmente, nos dias quentes do verão, “numa determinada hora – usualmente no frescor da noite” (SEGAWA, 1996, p. 45).⁹⁵

2.2.3 – A praça da Revolução Industrial – o Ecletismo – século XIX

O período conhecido como revolução industrial, que se desenvolveu inicialmente na Inglaterra, trouxe também mudanças na agricultura, nos meios de transporte, na comunicação e em ideias econômicas e sociais. Consequentemente, teve fortes reflexos nas cidades que cresceram e se expandiram até longas distâncias do antigo centro e, com esse aumento, facilitado, também, o aparecimento de novos meios de transporte, automatizados. Transformaram os antigos caminhos em pistas de velocidade nunca antes vista, requerendo-se a separação

eram tão famosas quanto hoje o são os jogos de futebol). Fonte: <http://benevale.com/>

⁹⁵ É também neste período (1612) que Henri IV manda construir a Place des Vosges. A primeira praça maior espanhola, a Praça Mayor de Madrid, também foi criada no século XVII.

definitiva entre áreas para pedestres e áreas para veículos (claro que com a perda de áreas para o pedestre).⁹⁶

Inicialmente o quadro da cidade se deteriora, com a expansão dos núcleos urbanos e cidades existentes, e o surgimento de novas aglomerações, especialmente, das áreas habitadas pelos trabalhadores da indústria. Após um período de certo caos nesse crescimento, que ameaçava, inclusive, as antigas áreas das cidades, passa-se a um período de busca de soluções que organizem esses novos espaços tanto na expansão das velhas cidades como na criação das novas, adotando uma morfologia na forma de malha em quadrícula, um desenho que facilitava a ocupação.

Quanto aos espaços livres, é nesse período que surgem os parques de grandes dimensões, que se disseminaram nas principais cidades de todo mundo. O exemplo mais emblemático desse novo modelo de traçado urbano em

⁹⁶ Iniciada com a descoberta da máquina a vapor em 1775, foi incrementada com a divisão do trabalho, ideia de Adan Smith, que permitiu também o avanço da operação mecânica, produzindo novas máquinas, inicialmente, movidas a energia hidráulica e incrementadas por sucessivas invenções.

quadrícula e da introdução do parque nas áreas urbanas constitui-se na cidade de Nova York, com o seu Central Park, idealizado por Olmsted, em 1858.

Por outro lado, as praças continuaram a dominar a cena, ou seja, as formas sistematizadas no desenho barroco se consolidaram definitivamente. A vegetação entrou em cena e a sua aparência se consolidou, embora, por outro lado, as áreas novas das cidades sofressem de degradação nas primeiras décadas da revolução industrial. Muitas dessas novas áreas e novas cidades, conforme Goitia (1970, p. 19):

já não têm mais a praça, nem a comuna, nem a catedral, nem o castelo, nem o palácio barroco, nem sequer o mercado, como elementos significativos que elevavam a um plano espiritual o papel da cidade. Só domina a dura lei da produção e do ganho econômico.⁹⁷

Para Hassenpflug (2007), o que caracteriza a cidade a partir do século XIX pode ser entendido por três períodos históricos⁹⁸, cada

⁹⁷ Livre tradução da autora.

⁹⁸ O primeiro período corresponde ao século XIX (Revolução Industrial), o segundo refere-se ao final do século XIX e primeira metade do século XX (modernismo), e o terceiro período inicia-se a partir da segunda metade do século XX (cidade contemporânea).

qual com seu tipo de desenvolvimento urbano. O primeiro período durante o século XIX, caracteriza-se por um crescimento urbano extensivo, o segundo, na primeira metade do século XX, apresenta um crescimento intensivo, e o terceiro, a partir da segunda metade do século XX, é marcado por um crescimento urbano flexível. Esses períodos não são estanques e nem isolados no tempo, eles se superpõem e interpenetram.

O primeiro período – século XIX – é quando o desenvolvimento industrial se consolida na grande maioria dos países europeus, com o rápido crescimento das cidades, principalmente, as indústrias estimuladas pela nova economia de mercado – o capitalismo industrial. É a migração da população para a cidade a principal das causas desse grande crescimento que transforma em grande maioria as pequenas cidades de outrora em grandes aglomerados insalubres. Por outro lado, as necessidades de controlar os problemas advindos desse

crescimento desordenado fazem com que os centros urbanos sofressem algumas melhorias na sua qualidade, com o incremento de novas atividades, como teatros, universidades, museus, galerias de arte, etc.

Outra contribuição importante para o fortalecimento desses centros foi a criação do novo sistema de transporte, a ferrovia – o primeiro transporte de massas –, com as estações localizadas na borda da cidade, mas, como as cidades eram ainda relativamente pequenas, as estações ficavam bem próximas às áreas centrais.

Embora o elemento de coesão continuasse a ser a praça, com o crescimento, as cidades foram se afastando do campo e, assim, no final do século XIX, ganham o novo tipo de espaço livre público, que é o parque público⁹⁹. (Figura 2.9)

⁹⁹ Benévolo (1998) entende que o urbanismo moderno já se inicia nessa primeira metade do século XIX, com a introdução de princípios técnicos e higienistas. O primeiro exemplar desenhado juntamente com o traçado da cidade foi o Central Park da cidade de Nova York. Mas as grandes cidades industriais europeias, especialmente na Inglaterra, na França e na

Alemanha, já tinham adotado a solução do parque como área de lazer para atender às grandes levas de população, atraídas para a cidade pela revolução industrial. Embora estes sejam em sua maioria adaptações de antigas áreas de caça, reais, cedidas para lazer da população e se localizassem em áreas afastadas do centro da cidade.



Fig. 2.9 – St. James Park, criado na cidade de Londres. Fonte: <http://us.123rf.com/450wm/clauidivizia/clauidivizia1506/clauidivizia150600468/41577298-london-uk--june-11-2015-st-james-park-with-buckingham-palace-in-the-background.jpg?ver=6>. Acesso: janeiro de 2016.

A reforma de Paris implantada por Haussmann em meados do século XIX, também, se destaca pela implantação de diversos *boulevards*, jardins e parques públicos. Estes, em sua maioria, localizados em áreas recreativas já existentes na periferia da cidade, como o Jardins des Tulleries, o Parc Monsouris e o Buttes-Chaumont, além dos Bois de Boulogne (16.º Arrondissement) e Bois

de Vincennes (12.º Arrondissement). Estes dois últimos destinados às classes trabalhadoras, projetados por Alphand (Figura 2.10).¹⁰⁰

O segundo período, entre o final do século XIX e primeira metade do XX, foi decisivo na história da evolução das praças, que passam a ser ajardinadas, equipadas, pavimentadas e tratadas com mais esmero, de modo a abrigar todas as novas modalidades de vida urbana que são, então, estruturadas.

Na crise de descontentamento, pela qual passava a cidade industrial, populosa e insalubre, alguns pioneiros buscaram novas soluções para os desafios dessa cidade moderna. Ebenezer Howard, na busca de soluções para uma Londres degradada, vê nas utopias espaciais de socialistas como Robert Owen e Charles Fourier¹⁰¹, e até na releitura de esquemas das cidades ideais do Renascimento e do Barroco, a resposta para esses problemas e propõe uma alternativa

¹⁰⁰ O paisagista francês Glaziou que, em 1858, veio para o Brasil com a Missão Francesa e, aqui, foi Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial e Inspetor dos Jardins Municipais, além de integrar a Associação Brasileira de Aclimação, também trabalho com Alphand em alguns desses parques de Paris.

¹⁰¹ As falanges ou falanstérios, palavras que significam uma ideia de conjunto, de unidade, de vontade e de objeto imaginados por Fourier, eram baseadas em uma forma de cooperativismo integral e autossuficiente, cujo desenho consistia em comunidades composta de 400 famílias (1.600 ou 1.800 pessoas).

para a grande cidade industrial, apresentada no livro “Garden-cities of To-morrow”, publicado, originalmente, em 1898.



Fig. 2.10 – Parque de Buttes - Chaumont – Paris. Fonte: Foto cedida por Vicente Barcellos.

Sua solução é uma combinação das melhores qualidades da cidade industrial (em escala menor) com as características de uma vila rural, ou seja, criou o conceito-chave do urbanismo moderno integrando, o que há de melhor nas cidades com os

¹⁰² Os esquemas das cidades-jardim, (figura 2.11), são fortemente radiais concêntricos, assim como o centro primário e os sub-centros. Trata-se de uma busca que procura dosar a combinação de uma boa organização espacial dos aspectos urbanos, com alguns aspectos rurais, de forma a superar as desvantagens ambientais, econômicas, sociais, espaciais e culturais que a grande cidade moderna apresenta.

aspectos ideais do campo e, assim, propôs a sua “cidade jardim”, (Figura 2.11).¹⁰².



Fig. 2.11 – Esquema da cidade Jardim de Ebenezer Howard. Fonte: http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/6e24_042-02-07.jpg. Acesso: janeiro de 2016.

Outros utopistas também propuseram formas de melhorar o caos urbano das cidades industriais do século XIX, entre os quais, destacam-se os modelos produzidos por Jean Baptista Godin com seu “Familistério” em 1850¹⁰³, Robert Owen, com a

¹⁰³ O Familistério de Godin foi uma tentativa de aplicação das teorias socialistas de Saint-Simon e Owen e inspirado nos falanstérios propostos por Charles Fourier, na sua obra “A harmonia universal e o falanstério”. Com essa intenção comprou, 18 hectares de um terreno, onde mandou construir um complexo arquitetônico de habitações para operários em 1859.

proposta das Vilas Operárias¹⁰⁴, e Soraya y Mata, com um modelo de cidade linear¹⁰⁵, entre outros.

2.2.4 – A praça no Modernismo –século XX

O segundo período inicia-se nesse contexto e caracteriza-se pelo crescimento urbano intensivo, já que a cidade não pára de crescer e a máquina é o foco da industrialização.¹⁰⁶

No início do século XX (especialmente logo após a Primeira Guerra Mundial – 1914 a 1918), as utopias quanto a soluções para os problemas das cidades continuaram surgindo. Os teóricos do movimento modernista também adotaram o conceito de abordagem “cidade-campo”, ao pensarem as novas cidades, “[...] a cidade moderna é um projeto que objetiva a melhoria da vida urbana, levando luz, ar fresco e calor solar para dentro do denso, escuro e poluído tecido urbano”. Hassenpflug (2007, s/p.)

¹⁰⁴ Robert Owen, fundou a colônia socialista New Harmony (Nova Harmonia) nos Estados Unidos, a qual funcionou bem nos primeiros anos.

¹⁰⁵ Soraya entendia que do problema da locomoção derivam-se todos os demais problemas da cidade, assim, a cidade linear compunha-se de uma só via de 500 m de largura e o comprimento que fosse necessário e, no centro dessa imensa rua, haveria toda a infraestrutura necessária para a cidade.

Um manifesto proposto por Le Corbusier, lançado no 1.º CIAM¹⁰⁷, “A Carta de Atenas”, apresenta regras semelhantes às da produção em série, numa tentativa de tornar a cidade mais eficiente¹⁰⁸ e as condições de vida urbana mais saudáveis, propondo, entre outras medidas, a separação espacial das principais funções urbanas através do zoneamento, segregando os lugares de habitar, trabalhar, circular e recrear, modelo aplicado na cidade de Brasília. O objetivo era melhorar desempenho urbano, com eficiência de circulação e especialização espacial.

Por outro lado, por se caracterizar como um espaço dinâmico, movimentado e feito, em sua maioria, para o tráfego de veículos, a cidade modernista torna-se um espaço demasiado impessoal. Suas praças ficam sendo o grande local do encontro das pessoas das diferentes áreas da cidade, locais de divertimento, de atividades físicas, um dos poucos, senão o único a proporcionar

¹⁰⁶ Este período é também denominado de “fordista” devido à introdução do sistema de produção em série, aplicado inicialmente por Henry Ford na fabricação de automóveis. Hassenpflug (2007).

¹⁰⁷ CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna.

¹⁰⁸ Le Corbusier se refere à cidade como uma máquina e à residência como a “máquina de morar”.

a diversidade e troca cultural no espaço urbano. Nesse contexto, a praça moderna passa a incluir no seu programa espaços também setorizados, onde se destacam áreas dedicadas ao esporte, com as quadras poliesportivas, os dedicados à recreação infantil, os *playgrounds*, as pistas para caminhar, além de outras atividades¹⁰⁹.

Em 1919, Walter Gropius funda a Bauhaus, em Weimar na Alemanha, que, além dos projetos de centros de vizinhança desenvolvidos, principalmente, após a segunda guerra, era totalmente indiferente à questão da centralidade urbana¹¹⁰.

A maioria dos arquitetos desse período também foram unânimes nessa rejeição à centralidade urbana. No entanto, a ideia do centro sobrevive, apesar do grande poder que exerce sobre a sociedade urbana não ser ainda explicado¹¹¹.

Trata-se do espaço urbano de maior significado, embora

nem sempre seja o que tem a melhor acessibilidade. Uma das formas mais interessantes e populares de resolver esse problema foi a criação da zona de pedestres nas áreas centrais, o calçadão, com grande êxito em requalificar o antigo tecido dos centros das cidades, iniciado nas cidades europeias e difundido pelas cidades de todo mundo.¹¹² Sua criação se baseia na possibilidade de usar as características dos antigos centros urbanos, sua atmosfera, intimidade espacial, escala humana e, especialmente, as suas praças e outros espaços públicos, como cenários com propósitos comerciais.

Dessa forma, o comércio, especialmente o varejista, se beneficia e se transforma no grande defensor da centralidade urbana, pois a manutenção dessa zona sendo

¹⁰⁹ O primeiro playground surgiu em Boston, nos EUA, em 1880. No Brasil, esses espaços começaram a surgir a partir da década de 1940.

¹¹⁰ Entre os princípios da Bauhaus, estava a simplicidade das formas e o afastamento das criações do passado, de forma tal que, durante os primeiros anos, o aluno não tinha aulas de história para não sofrer influências. Em 1933, após uma série de perseguições por parte do governo nazista, a Bauhaus é fechada, por ordem do governo.

¹¹¹ É bastante comum nas cidades tradicionais se dizer “vou ao centro ver se lá encontro tal coisa”. Em Brasília, não se usa esse texto.

¹¹² Ele exclui a prioridade do automóvel, ao retirá-lo dos centros antigos e o submete à periferia, diminuindo-se, assim, a pressão por estacionamentos nessas áreas.

acessível aos clientes se tornou um desafio contínuo para o planejamento urbano.¹¹³

A partir da segunda metade do século XX, nas décadas de 1950 e 1960, a velocidade das transformações econômicas, sociais e culturais deu novos significados às praças. Assim, a reestruturação desses espaços merece o reconhecimento dos profissionais de arquitetura e urbanismo que, por sua vez, passam a analisar conceitos e funções desses espaços públicos tão utilizados pela população.

O terceiro momento do crescimento urbano, que Hassenpflug (2007) denomina de crescimento urbano flexível, tem como característica marcante a dispersão do centro em diversos sub-centros, os CBDs (Central Business District), ou seja, os centros de negócios.

Populares nos EUA, apesar dos esforços políticos para consolidar os que formam construídos em cidades da Europa,

ainda não alcançaram o mesmo sucesso, ou seja, os velhos centros têm a preferência da população em geral¹¹⁴.

Como exemplo, os altos edifícios, como o novo centro da cidade de Frankfurt, embora constituam uma imagem de referência visual, não conseguiram organizar uma nova centralidade para a cidade. A prefeitura e os outros edifícios localizados na antiga praça do mercado, ainda, se constituem no centro real da cidadania, o lugar onde a cidade apresenta verdadeira vitalidade.

2.3 – Origem e evolução da Praça Brasileira

¹¹³ Apesar da rejeição à centralidade, Le Corbusier utilizou a centralidade ou elementos de centralidade em seus projetos da cidade Radiosa e do Plan Voisin.

¹¹⁴ Como exemplo da força dos antigos centro europeus que se recusam a diminuir tem-se o caso do projeto de La Défense em Paris, que consiste num CBD conciso, quase que apenas de caráter político, mas que, apesar da modernidade desse bairro, a energia do antigo centro ainda pulsa.

2.3.1 – A Praça Portuguesa¹¹⁵

As praças das cidades portuguesas apresentam, desde sua origem, características distintas das dos demais países da Europa, principalmente, dos países mais centrais. País localizado no extremo do continente, seu contexto histórico e geográfico apresenta particularidades de desenvolvimento, com forte influência cultural dos povos que lhe deram origem. Inicialmente os romanos, posteriormente os bárbaros vindos do norte da Europa (vândalos, visigodos e alanos) e, finalmente, os povos árabes, que se estabeleceram na península ibérica por vários séculos, deixando uma forte influência de sua cultura nos costumes do país (Figura 2.13).

¹¹⁵ Portugal se formou a partir do Condado Portucalense, criado em 1128, após uma batalha próxima à hoje cidade de Guimarães. Posteriormente esse condado foi doado como presente de casamento a D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, país formado por sucessivas conquistas, que ampliaram seu domínio à área atual. Dessa forma, o país começa a se formar no início da Idade Média, século XII, tendo como capital a cidade de Guimarães. Posteriormente, para defesa do povoado, foi construído o castelo, numa colina próxima ao mosteiro, ligados pela rua Santa Maria. Posteriormente, foi construída uma muralha rodeando a cidade. O povoado se expandiu com a construção de algumas igrejas,

Na cidade medieval portuguesa, as praças apresentavam alguns modelos, cada qual com funções específicas (militar, religiosa, de mercado), além das “praças-cais”, situadas ao longo dos rios ou do mar, como uma chegada de entrada de um porto.¹¹⁶

Também apresentam diferentes nomeações, como largo ou rossio, todas duas, usadas indiferentemente. No entanto, os largos surgiram de modo mais espontâneo, quase sempre como resultado de pequenos alargamentos no encontro de ruas e, portanto, apresentam quase sempre pequenas dimensões e formas irregulares.

As praças, que foram criadas no período renascentista, apresentam formas geométricas regulares e seus processos de surgimento apresentam diversas origens. Algumas foram

conventos e palácios, a formação do Largo da Misericórdia (atual Largo João Franco) no final do século XVII e início do XVIII, mas sua estrutura não sofrerá grande transformação. Somente a partir do século XIX, irá ter uma grande modernização. Com as novas ideias urbanísticas de higiene e simetria, a vila, elevada a cidade.

¹¹⁶ Portugal é constituído por uma faixa de terra ao longo do mar, assim, muitas cidades estão localizadas à beira-mar, por isso a importância desse modelo de praça cais. Modelo que pode ser verificado, também, no Brasil, p. ex. na cidade do Rio de Janeiro, na Praça XV, uma praça-cais.

criadas, ainda, no interior das muralhas, mas todas são fruto de intenção política de incremento estético das cidades, em geral, dando destaque aos edifícios que as configuram.



Fig. 2.12 – Terreiro do Paço em Lisboa - Reprodução imaginária. Revista Monumentos, n.º 1, set. 1994. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=781794>. Acesso: março de 2014.



Fig. 2.13 – Mapa de Portugal e principais cidades. Fonte: Disponível em: http://www.zonu.com/maps/portugal_mapas/Mapa_Distritos_Portugal.jpg. Acesso: março de 2016.



Fig. 2.14 – Terreiro do Paço – Praça cais, reconstruída no século XVIII. Extraído da revista Monumentos, n.º 1, set. 1994. Fonte: Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=781794>. Acesso: março de 2014.

Pode-se considerar que a primeira praça portuguesa foi fundada no século XIV, o Terreiro do Paço, em Lisboa, onde, antes, se situava o palácio do rei, destruído no terremoto de 1755 (Figuras 2.12 e 2.14).

O modelo de cidade da Idade Média em Portugal se estende até o século XVI. No entanto, muitas cidades portuguesas atuais, ainda, conservam esse casco medieval, como a cidade de Óbidos (Figura 2.15), fundada em 1282, onde se destaca a Praça de Santa Maria (Figura 2.16), situada no final da rua de acesso à cidade. Como a cidade é muito preservada, na praça

ainda existem a fonte e o pelourinho, datados do século XV, um museu e a Igreja de Santa Maria¹¹⁷.



Fig. 2.15 – Cidade de Óbidos. Portugal. Fonte: Disponível em: http://oesteglobal.biz/_uploads/Obidos.jpg. Acesso: março de 2014.

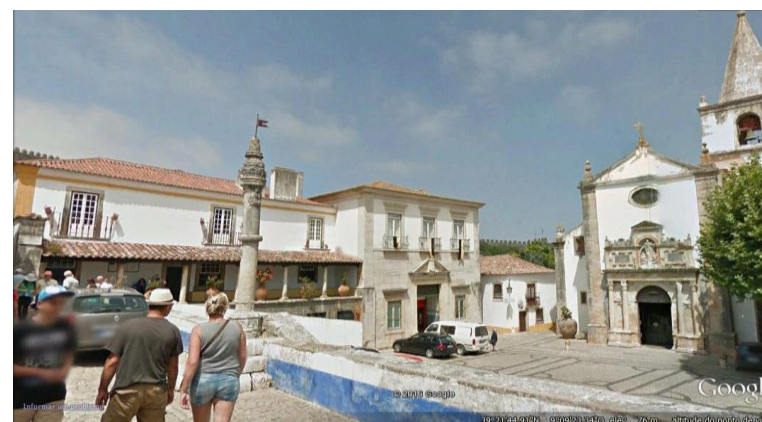


Fig. 2.16 – Praça de Santa Maria em Óbidos. Fonte: Google earth, Street View. Acesso: dezembro de 2015.

¹¹⁷ Todos os meses de julho, realiza-se uma feira na praça, que recria o espírito da Idade Média, com música medieval, cavaleiros, bruxas e

atuações de teatro. Para entrar mais no espírito daquele tempo, pode-se experimentar beber em um tankar (copo grande e largo feito de estanho).

Na região norte, localiza-se a cidade mais antiga de Portugal, a cidade de Braga (Figura 2.17), cuja origem conta que foi tomada pelos romanos aos povos que ali viviam, os Brácaros, aproximadamente, no século II a. C., os quais fundaram a cidade oficialmente com o nome de Bracara Augusta. Trata-se de uma região por onde passaram muitas culturas antigas, sendo que, ainda hoje, existem inúmeros vestígios da presença humana.



Fig. 2.17 – Cidade de Braga por volta século XVII. Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/02/Braga-mapa_medieval.jpg. Acesso: janeiro de 2016.

No século XVI, a cidade foi remodelada com a construção da Sé, das muralhas e a implantação de diversas praças. Posteriormente, já no século XVIII, a cidade sofreu nova intervenção, dessa vez para adaptá-la ao novo modelo de linguagem barroca.¹¹⁸



Fig. 2.18 – Largo do Paço em Braga. Fonte: Google Earth. Street View. Acesso: janeiro de 2016.

A praça Largo do Paço em Braga (Figura 2.18) situa-se no centro histórico e se apresenta com configuração de praça semifechada, com acesso apenas pela rua do Souto, sendo nas outras laterais limitada pelos edifícios do Paço Episcopal. Atrás do edifício mais antigo, fica o jardim de Santa Bárbara (Figura 2.19), formando o conjunto mais antigo da cidade, erigido no final

¹¹⁸ Remodelação executada pelo arquiteto português André Soares.

da idade média (séculos XIV e XV), conhecido como Paço Medieval de Braga.¹¹⁹



Fig. 2.19 – Jardim de Santa Bárbara. Fonte: Google earth, Street View. Acesso: janeiro de 2016.

No século XVIII, na área conhecida como quinta e horta do Paço, foi erguida outra praça que, inicialmente, era uma praça de Touros, sendo, posteriormente, renomeada como Praça do Município (Figura 2.20).

A cidade do Porto é a segunda cidade mais importante de Portugal. A partir do século XVIII, através da produção do famoso vinho do Porto, passa a ser rota de comércio

¹¹⁹ O conjunto é formado pelo edifício erguido no final da Idade Média, e os demais foram acrescentados posteriormente. O Largo é uma pequena praça,

internacional. Conforme Silva (2006, p. 9), nesse período, a cidade ainda apresentava feições de:

carácter medieval, algumas das ruas existentes desembocam em largos e praças, na sua grande maioria de forma irregular. A elas se associavam normalmente igrejas, conventos, casas nobres e chafarizes, sendo palco de variadas feiras, procissões e em alguns casos de paradas militares.



Fig. 2.20 – Praça do Município ao lado do Jardim de Santa Barbara na cidade de Braga. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Braga_City_Hall.jpg. Acesso: janeiro de 2016,

um espaço seco (sem vegetação) apenas com uma fonte central, e o jardim uma praça, nos moldes dos passeios públicos e das praças reais.

A Praça da Liberdade (Figura 2.21) foi uma das primeiras praças da cidade do Porto que teve diversas intenções de projetos de bispos da cidade, mas que, de maneira geral, lograram, vindo a ser configurada a partir da construção de alguns palacetes na região, onde a praça se localiza, somente a partir de 1710. Assim, após a construção desses palacetes, a praça foi finalmente implantada:

a frente norte da praça, sem que sejam conhecidos os seus autores, compunha um cenário, mediante os seus semelhantes atributos, gerador de forte carga simbólica e artística, revitalizando a faceta aristocrática que compunha o anterior plano para a praça, e constituindo uma relação com a mesma que vem a ser herdeira do Renascimento. (SILVA, 2006, p. 28)

Outra praça da cidade do Porto que merece destaque é a Praça da Batalha (Figura 2.22), situada num local onde segundo a tradição se travou uma batalha bastante sangrenta que arrasou com a população no século X. A área sofreu várias transformações com a derrubada da muralha, até que, em 1861, depois de um grande aterro foi construída a praça.

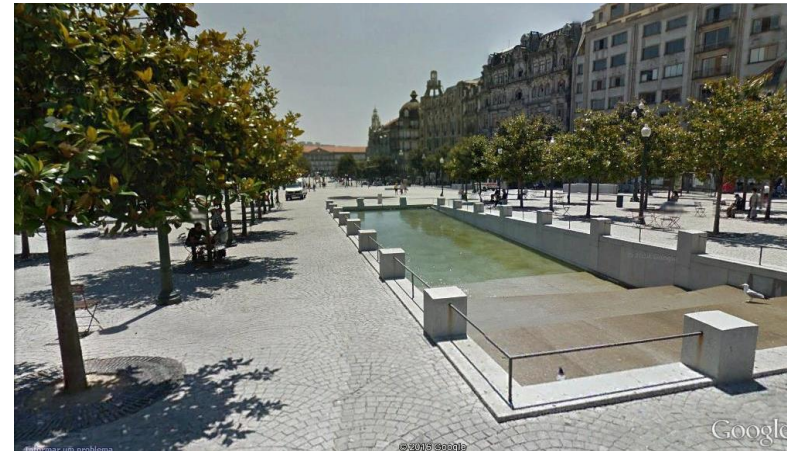


Fig. 2.21 – Praça da Liberdade, na cidade do Porto. Fonte: Google earth, Street View. Acesso: janeiro de 2016.



Fig. 2.22 – Praça da Batalha, na cidade do Porto. Fonte: Google earth, Street View. Acesso: janeiro de 2016.

Outra cidade importante de Portugal é Coimbra, conhecida pela mais antiga universidade de Portugal e também da Europa. A Praça do Comércio, localizada na parte antiga da cidade, data do mesmo período da fundação da igreja de Santiago, século XII, onde se situava o mercado da cidade, até que, em 1867, foi transferido para outra localidade, mas a praça ainda mantém esse caráter comercial e, até hoje, conserva uma feira mensal (Figura 2.23).



Fig. 2.23 – Praça do Comércio em Coimbra. Fonte: Google earth. Street View. Acesso: janeiro de 2016.

Conforme Mascarenhas de Lemos (2006), nos séculos XVI e XVIII, foram implantadas em Coimbra outras praças, como a Praça de Lovaina ou Largo da Feira em 1540 e a Praça ou Jardim de Santa

Cruz ou Quinta da Ribela (sem data ao certo), além do Jardim Botânico da cidade, implantado já no século XVIII, em 1774. Outra cidade que mantém uma grande parte de seu patrimônio arquitetônico, do período em que foi ocupada pelos Romanos e após, por sucessivas vezes pelos árabes, é a cidade de Évora, situada no Alentejo, parte central de Portugal. A praça mais importante da cidade, a Praça do Giraldo (figura 2.24), data do final do século XVI e destaca-se pelos edifícios que a delimitam, que, embora possuam a mesma altura, as arcadas que apresentam grande irregularidade tanto na largura quanto na altura, o que confere ao conjunto movimento e ritmo bastante interessantes.



Fig. 2.24 – Praça do Giraldo – Évora. Fonte: Google earth. Street View. Acesso: janeiro de 2016.

2.3.2 – Praças renascentistas e barrocas

O Renascimento em Portugal corresponde ao período entre os séculos XV e XVI, época do Descobrimento do Brasil em 1500.¹²⁰

Uma característica do urbanismo português quanto ao traçado das cidades desse período e dos subsequentes, conforme Teixeira (2012), é manter uma estreita relação com as características físicas do território onde estão implantadas. Entende esse autor que a escolha por lugares elevados, como colinas e também áreas situadas próximas a rios, onde a topografia geralmente é mais irregular, era determinada, primeiramente, por questões de segurança, o que resulta numa configuração com traçado irregular.

Assim, a regularidade do traçado geométrico do barroco só aparece na cidade portuguesa a partir do século XVIII, quando

¹²⁰ O Renascimento em Portugal ficou marcado como o período das grandes navegações para o Oriente, no final do século XV. Com isso, o país auferiu grandes lucros que fizeram crescer e enriquecer tanto a burguesia comercial como a nobreza. Como o desenvolvimento desse período se deu inicialmente na Itália, em Portugal chegou através dos ricos mercadores italianos que investiam no comércio e, conseqüentemente, no interesse do desenvolvimento das rotas marítimas, o que intensificou um intercâmbio

a cidade de Lisboa foi, parcialmente, destruída no terremoto de 1755 e é refeita pelo Marquês de Pombal.



Fig. 2.25 – Praça dos Restauradores em Lisboa. Fonte: http://www.lisboa-live.com/images/stories/rotators/places/praca-restauradores/2.10-praca-restauradores_01.jpg. Acesso: janeiro de 2016.

No centro da cidade de Lisboa construiu-se um Passeio Público – “praça ajardinada” –, em 1764, semelhante aos passeios ajardinados já existentes em todas as cidades mais importantes da Europa, que o adotavam desde o século XVII¹²¹. Logo depois,

tanto comercial quanto cultural com outros países como França e Inglaterra.

¹²¹ Os passeios públicos, conforme Segawa (1996, p. 48), aparecem como espaços que representam “as metamorfoses das cidades europeias na transição da Idade Média para a Era Moderna”. Enquanto na praça medieval a espontaneidade e a liberdade de expressão eram a sua marca, nas praças renascentistas o uso se disciplina e se amolda a normas sociais complexas, traduzidas em comportamentos homogêneos, onde uma nova concepção de

esse jardim foi destruído para dar lugar à avenida da Liberdade, que nos extremos possui duas praças, a Praça dos Restauradores (Figura 2.25) e a praça Marquês de Pombal.



Fig. 2.26 – Quiosque na calçada da Avenida da Liberdade. Fonte: Street View. Acesso: janeiro de 2016.

Os passeios laterais dessa avenida têm vinte cinco metros de largura cada e, assim, também configuram uma grande praça longitudinal que, além de jardins e arborização, contém quiosques, sorveterias e pequenos restaurantes. (Figura 2.26)

vida, com comportamentos sociais marcados pela ordem são adotados por uma parcela da sociedade. Esses comportamentos marcados pela ordem foram também exaltados e difundidos nas obras de arte. Esse é também o período da contrarreforma Luterana marcado pelo embate religioso que fez



Fig. 2.27 – Praça da Figueira em Lisboa. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_da_Figueira. Acesso: janeiro 2016.

Outra praça que se destaca entre as praças principais da cidade de Lisboa é a Praça da Figueira (Figura 2.27), a qual, juntamente, com as duas já citadas, surgiu também em data anterior ao Renascimento, e também sofreu sucessivas modificações e adaptações até à reforma da cidade por Pombal. A que sofreu maiores modificações foi no Terreiro do Paço, tanto na geometria

com que a religião voltasse a ocupar o principal espaço da vida humana. Na igreja católica, inicia-se um longo período de repressão com a famosa Inquisição, que atingiu todos que se voltassem contra a Igreja, mas também atingiu intelectuais e artistas do Renascimento italiano, principalmente.

quanto nas dimensões, sendo a forma final atual semelhante às das praças reais do restante da Europa.

2.3.3 – Praças da era Moderna

A Revolução industrial chegou tarde na Península Ibérica, dessa forma, as cidades portuguesas não conheceram os principais problemas do início da industrialização, pois, quando este aconteceu, o saneamento urbano já era uma prática, sendo assim, uma vantagem para o país, visto que o início da industrialização na Europa, em geral, se deu de forma caótica, pois ainda não havia nenhum tipo de regulamento ou lei que coibisse ou controlasse as práticas desses primeiros industriais.¹²²

Quanto às praças implantadas nesse período, entre o final do século XIX e o início do XX, apresentam uma linguagem

eclética, como é o caso da Praça “Jardim” Manuel Bivar, na cidade do Faro, construída em 1895. (Figura 2.28)



Fig. 2.28 – Praça “Jardim” Manuel Bivar, Faro. Fonte: [tp://media.iolnegocios.pt/lifecooler/40187ff60148084ba8cec1f8bd2194d9/ht](http://media.iolnegocios.pt/lifecooler/40187ff60148084ba8cec1f8bd2194d9/ht). Acesso em março de 2016.

2.3.4 – Praças na atualidade

As praças portuguesas do período mais recente, final do século XX e início do XXI, apresentam uma linguagem em tudo semelhante às demais praças europeias da atualidade¹²³,

onde, praças, ruas e calçadas da cidade foram ressignificados em 2002, ou seja, ganharam novos projetos que os adaptaram às novas conotações, de forma a atender às atuais funções voltadas, principalmente, para o entretenimento e o espetáculo.

¹²² Goitia (1970, p. 19) designa esse primeiro período de “paleotécnico”, um tipo de desenvolvimento que não tinha nenhum controle sobre a liberdade de competência, o “*laissez faire* dos utilitaristas” (Livre tradução da autora).

¹²³ Exemplos de espaços públicos da atualidade em países europeus, podem ser vistos na França (La Villette em Paris), de 1983, em Barcelona, Espanha,

conforme se pode observar nas figuras a seguir. Assim, Lisboa, em 1998, para sediar a Exposição Mundial construiu “um bairro” –, o Parque das Nações –, onde ficavam antigos armazéns abandonados. Trata-se de um grande parque constituído por diversos espaços públicos interligados, mas com diferentes tratamentos paisagísticos, com diversas praças interligadas, conforme se vai caminhando.

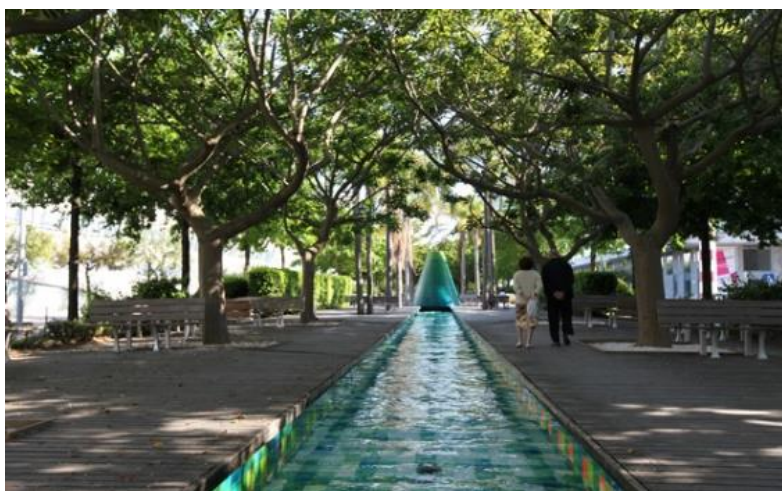


Fig. 2.29 – Alameda dos Oceanos. Lisboa. Fonte: <http://www.portaldasnacoes.pt/>. Acesso: janeiro de 2016.

São 14 (quatorze) praças, cada qual com um projeto específico. Alguns desses espaços, como a Alameda dos Oceanos, com 2 km de comprimento, e o Passeio Ribeirinho ou Caminho da Costa

(Figuras 2.29 e 2.30, respectivamente), se constituem em grandes calçadas, cujas dimensões são as de pequenos parques.



Fig. 2.30 – Vista do Passeio Ribeirinho. Fonte: Google earth. Street View. Acesso: janeiro de 2016.

Diversas pequenas praças, num total de 49 (quarenta e nove), permeiam esse bairro, como a Praça Triângulo (Figura 2.31), na Rua Leme, e outras nomeadas de “Largo”, “Jardim” ou “Passeio”, por se tratarem de espaços cuja principal função é parar para sentar e descansar, ou uso contemplativo ou ainda de passeio, como o Jardim Garcia da Orta (Figura 2.32), situado ao lado do Passeio Ribeirinho, o Jardim de Ulisses (Figura 2.33) ou o Largo Maria Judith de Carvalho (Figura 2.34), este utilizado

como área de lazer para os moradores da área, entre outros espaços públicos.



Fig. 2.31 – Praça Triangular na Rua Leme. Parque das Nações Lisboa. Fonte: Google Earth. Street View. Acesso: janeiro de 2016.



Fig. 2.32 – Espaço da música. Jardim Garcia de Orta. Lisboa. Fonte: http://www.cm-lisboa.pt/uploads/pics/tt_address/jardim-garcia-d_orta-6104.jpg. Acesso: janeiro de 2016.



Fig. 2.33 – Passeio de Ulisses. Parque das Nações Lisboa. Fonte: Foto de Miguel Oliveira in: <http://www.panoramio.com/user/369239>. Acesso: março de 2016.



Fig. 2.34 – Largo Maria Judith de Carvalho. Parque das Nações Lisboa. Fonte: Google Earth. Street View. Acesso: março de 2016.

2.4 – As Praças Brasileiras – De 1500 à Independência – Renascimento e Barroco Europeu

Segundo Teixeira (2012), o urbanismo português reflete a história do urbanismo europeu e, ao mesmo tempo, afirma sua especificidade pelas características de forma e de processos, que são, eminentemente, portugueses, tais como:

as lógicas de localização e de escolha dos sítios para implantação dos núcleos urbanos, [...] os elementos geradores dos traçados, as relações com as características físicas do território, [...] as hierarquias e os elementos de referência do traçado, as praças e seu papel na organização urbana, as estruturas de quarteirão e de loteamento. (TEIXEIRA, 2012, p. 12).

Dessa forma, a partir dos descobrimentos, o Brasil desempenhou um papel importante como fonte de experimentações, na inovação de formas e de processos que dele resultaram e que vieram a fazer parte integrante tanto da sua cultura urbana brasileira quanto da portuguesa (Teixeira, 2012).

Quanto ao traçado e aos elementos urbanos, a partir do século XVIII, segundo Teixeira (2012) e Delson (1997), quase todas as

cidades brasileiras já tinham sido construídas, a partir de um plano com traçado regular, em que a praça (Figura 2.35) era o elemento estruturador e gerador da lógica urbana, um lugar de grande importância e destaque na criação da cidade.

A praça era concebida como o centro funcional, simbólico e geométrico do novo aglomerado, a partir da qual se definiam o traçado das ruas e a estrutura de quarteirões e consequentemente todo o plano da cidade. (TEIXEIRA, 2012 p. 59 - 60)

Assim, o traçado partia de uma praça e, segundo relata Delson (1997), os projetos de cidade foram incrementados a partir da descoberta do ouro, principalmente, nas áreas do sertão em que foram feitas essas descobertas, visto que se tornou necessário a implantação de formas de controle dessa exploração, sendo a melhor forma a implantação de núcleos urbanos.

O traçado dessas cidades tinha forma regular, determinado por leis da corte e concebidas com um traçado geral único, também vindo do reino, mas de tal forma, facilmente adaptável a qualquer região geográfica, considerando-se assim que o

conceito geral do traçado desse plano diretor era barroco, com ênfase em ruas retilíneas, praças bem delineadas (amiúde orladas por fileiras de árvores plantadas simetricamente) e numa uniformidade de elementos arquitetônicos. (DELSON, 1997, p. 4)

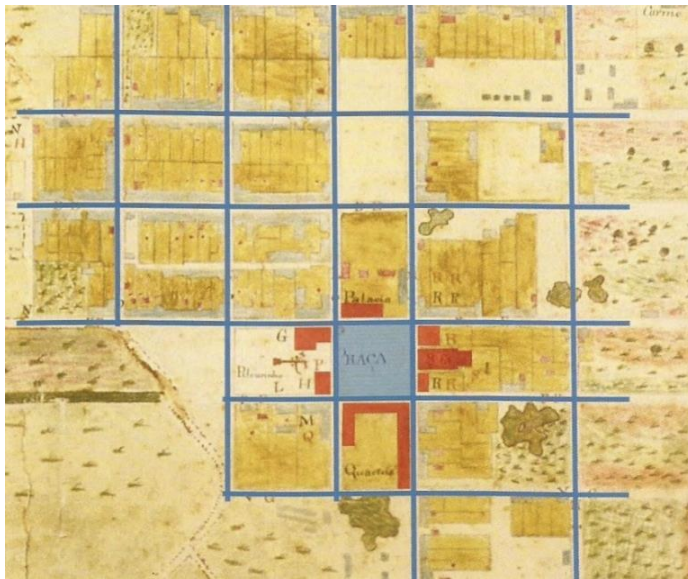


Fig. 2.35 – Cidade de Vila Bela (Primeira capital de Mato Grosso). Fonte: Teixeira (2012, p. 127).

Por outro lado, as necessidades fizeram com que esse padrão fosse bastante flexibilizado, embora certas normas devessem

ser obedecidas, como o local para se despejar o lixo e o matadouro da cidade. A praça merecia sempre recomendações especiais, como no caso de uma correspondência para a criação da vila de Santa Cruz de Aracaty, onde se mandava “construir a praça da vila suficientemente ampla de modo a ‘não padecer do defeito de ficar exígua quando a vila tiver o desenvolvimento que se espera’” (DELSON, 1997, p.24, citando o ouvidor-geral Joé de Farias). Outras recomendações eram quanto aos edifícios importantes que deveriam estar localizados na praça.

Nesse modelo de cidade, temos diversos exemplares, como Mariana, em Minas Gerais (Figura 2.36), Paranaguá, em São Paulo, e Vila Boa (Figura 2.37), atual cidade de Goiás Velho, construída em 1736, a qual já fez parte do Município de Formosa, Estado de Goiás. Essas cidades, de uma forma geral, seguem o padrão de ruas retas e edificações alinhadas, conforme se vê nas figuras a seguir.¹²⁴

¹²⁴ Outras cidades como Sumidouro, próxima da Pedro Leopoldo, em Minas Gerais, hoje é apenas a sede de uma fazenda. Cuiabá foi implantada em 1777. Ouro Preto, construída depois de Mariana, teve dificuldades de adaptação do plano da cidade à topografia acidentada, o que impossibilitou “o traçado de ruas retas, tornando o planejamento global extremamente

difícil”. Entretanto, depois de um incêndio ocorrido em 1714, “a câmara local determinou que as casas das ruas que dessem na praça principal fossem medidas e alinhadas, a fim de criar uma vista de conjunto mais regular na parte central da vila”. (DELSON, 1997, p.29, citando Silvio de Vasconcelos)

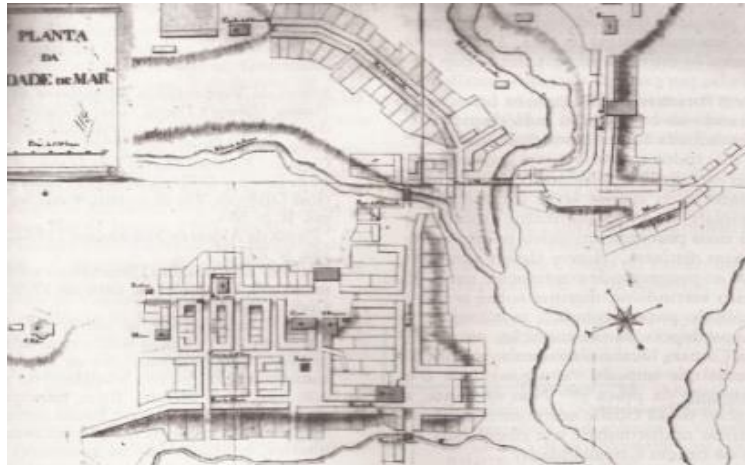


Fig. 2.36 – Planta da cidade de Mariana (Minas Gerais) após a reconstrução (1746-1747). Figura s/data. Fonte: Delson (1997, p. 37)



Fig. 2.37 – Planta da cidade de Vila Boa, atual Goiás Velho (data aproximada de 1782). Fonte: Delson (1997, p. 33)

Outro exemplar ainda mais interessante foi o plano para a cidade de Macapá, São José de Macapá (1761), no estado do Amapá, onde as casas são ligadas entre si (talvez como forma de minimizar os custos), com um grande quintal atrás, para animais domésticos e cultivo (pomar, horta, etc.). Nesse caso, um aspecto interessante é a presença de duas enormes praças, que, segundo Delson (1997, p. 59), uma parece ter como “única função o pelourinho de praxe, [...] enquanto a outra tem um caráter administrativo, compreendendo a igreja, a casa de câmara e o açougue” (Figura 2.38).

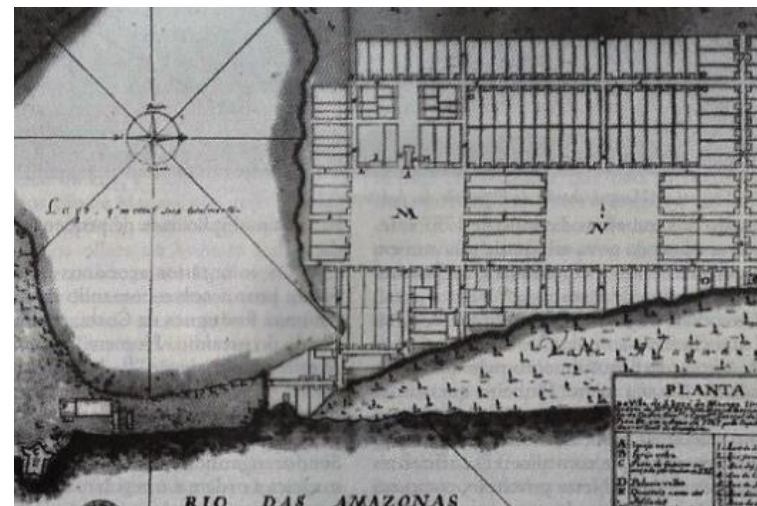


Fig. 2.38 – Cidade de São José de Macapá, no Estado do Amapá, em 1761, com as duas praças. Fonte: Delson (1997, p. 57)

Dessa forma, durante todo o século XVIII, muitas das cidades construídas no Brasil adotaram os padrões europeus de arquitetura¹²⁵ regular para definir tanto o desenho das praças como os projetos de ampliação de logradouros que também ganharam destaque. Entre outros, destacam-se, na cidade do Rio de Janeiro, a capital do vice-reinado, e noutras, seus largos e praças:

o Rio de Janeiro – Largo do Carmo – Praça XV, como no Norte, onde em Belém, no Pará, ou em São Luiz e Alcântara, no Maranhão, onde esquemas pombalinos foram adotados. Estes projetos de reordenamento urbano surgiram graças à atuação dos engenheiros militares portugueses que detinham no reino e na colônia, o conhecimento da construção de forma moderna. (VERISSIMO, 2001, p. 46), (figura 2.39).

Durante estes primeiros séculos de ocupação do Brasil, até o século XIX, todas as vilas coloniais reproduziam algumas das características das primeiras aldeias da história da humanidade, com a praça como centro de encontro da vida da

população, onde se encontravam os edifícios mais importantes, a Igreja Matriz, a casa dos governadores, a cadeia, a Câmara e onde se realizavam todas as cerimônias, quer cívicas, quer religiosas, e algumas tarefas do dia a dia como as trocas, nas feiras ou nos mercados.

A praça, portanto, surgiu como principal elemento urbano desde as primeiras aldeias, definindo o local onde seus habitantes se reuniam para a realização de todo ato comum. [...] estas aldeias cresceram transformaram-se em cidades, sem, contudo, desprezar as funções sociais da praça¹²⁶, até os primórdios da revolução industrial. (VERISSIMO, 2001, p. 47-48)

¹²⁵ O padrão europeu de arquitetura do início do século XVIII era o que ficou conhecido como neoclássico, o qual primava, principalmente, pela regularidade e simplicidade de linhas e pela economia na decoração do edifício.

¹²⁶ Entre as funções sociais da praça, destacam-se as que se referem ao convívio e lazer dos moradores.



Fig. 2.39 – Praça da cidade de Alcântara, no Estado do Maranhão. Fonte: Foto Cedida por Giuliana Brito. 2016

2.4.1 – Período dos séculos XIX e XX

Passado o período Barroco, a partir do século XIX, inicia-se a Revolução Industrial na Europa, em que se dá a ascensão da burguesia capitalista, a qual forma uma nova classe dominante, que passa a definir novos papéis sociais para o espaço da cidade como um todo e para a praça em particular. Essas mudanças são concretizadas e traduzidas no final do século como novas formas de pensar a cidade, com inovações de propostas teóricas, como já vimos anteriormente.



Fig. 2.40 – Praça Tiradentes em Ouro Preto, Minas Gerais, em 1894. Fonte: <https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/01/27-panorama-da-prac3a7a-no-final-do-sc3a9culo-xix.jpg>. Acesso: janeiro de 2016.

Esses ideais chegam também ao Brasil na forma de novos entendimentos, traduzidos em projetos de espaços públicos, em que predominam as áreas ajardinadas, como na praça Tiradentes em Ouro Preto (Figura 2.40), já no final do século XIX (1894), e na Praça da Liberdade, construída na cidade de Belo Horizonte (Figura 2.41), inaugurada em 1920, “um espaço republicano originado a partir da introdução desses novos princípios urbanísticos” (CALDEIRA, 2007, p. 6).

O surgimento da praça ajardinada é um marco na história dos espaços livres urbanos brasileiros, pois altera a função da praça na

cidade. O mercado foi transferido para edificações destinadas a atividades comerciais; as demonstrações militares deslocaram-se para as avenidas. Praça jardim: cenário ajardinado destinado às atividades recreativas, lazer contemplativo, convivência da população e o passeio. (ROBBA e MACEDO, 2003, p. 29)

Outros usos também são retirados da praça, como a parada militar, a feira e as cerimônias religiosas típicas dos adros, dando lugar aos novos usos incorporados na praça jardim, um belo cenário para ser usufruído segundo as novas normas de conduta e comportamentos, que, no caso, eram bastante severas e de acordo com cada categoria social¹²⁷.

As praças mais importantes das cidades brasileiras passam, assim, a receber um tratamento com padrão de modernidade, com um programa e formas planejadas, do qual constam três princípios básicos: os caminhos principais que se cruzavam dispostos em cruz, tendo ao centro como elemento focal; um estar

com coreto, chafariz, esculturas ou outro elemento de destaque; e os canteiros envolvidos pelo passeio que circunda toda a praça.



Fig. 2.41 – Praça da Liberdade em Belo Horizonte. Fonte: <http://www.iepha.mg.gov.br/images/stories/BensProtegidos/013liberdade001.jpg>. Acesso: janeiro de 2016.

Destaca-se a grande quantidade de canteiros plantados, além de lagos, espelhos d'água, com caminhos secundários, em formas elaboradas, combinando curvas com retas, os quais contemplam a linha de projetos deste período da "arquitetura paisagística brasileira, denominada de Ecletismo" (ROBBA e MACEDO, 2003,

social. A mais larga era das empregadas domésticas e dos operários das fábricas. A 'elite' usava uma paralela".

¹²⁷ A este respeito, ver o texto de Ventura (2012, pag. 45-46) na Introdução deste trabalho, onde explica-se que na praça "obedeciam a uma divisão

p. 30 e 56)¹²⁸, em que se destaca a Praça Paris, na cidade do Rio de Janeiro, na linha clássica de projeto (Figura 2.42).



Fig. 2.42 – Praça Paris – Rio de Janeiro. Fonte: Robba e Macedo (2006, p. 70)

O Passeio Público do Rio de Janeiro, com seu modelo original copiado por outros espaços por todo país, pode ser considerado um exemplo de linha romântica. Projetado por Glaziou¹²⁹, apresenta “linhas orgânicas e sinuosas”, num modelo também denominado de “jardim Inglês”. A Praça da República em Belém (Figura 2.43) é um exemplo de praça romântico-clássica, a qual incorpora elementos das duas

¹²⁸ De acordo com os mesmos autores, este período no Brasil se caracteriza por quatro linhas de projeto, em que se destacam alguns aspectos, entre os quais: a linha clássica, que se caracteriza por forte influência dos jardins franceses dos séculos XVI e XVII, em que se destaca a rigidez do desenho geométrico, tanto no traçado quanto no plantio, como na Praça Paris, no Rio de Janeiro (Figura 2.35).

linhas precedentes, ou seja, articula o desenho geométrico com linhas sinuosas.

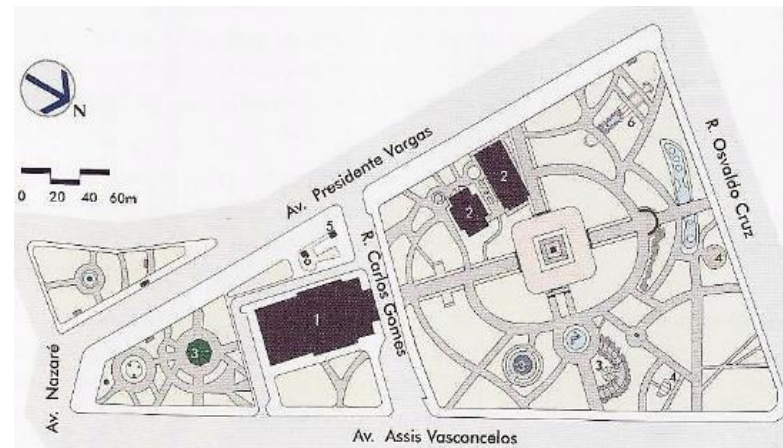


Fig. 2.43 – Praça da República – Belém. Fonte: Robba e Macedo (2006, p. 70)

No começo do século XX, inicia-se um período de transição entre os modelos anteriores e as novas formas das praças públicas de nova feição, modernistas. Na Praça da Casa Forte no Recife, (Figura 2.44), Burle Marx repete o traçado das praças dos períodos anteriores, mas traz uma nova abordagem

¹²⁹ Auguste François Marie Glaziou (1833–1906), botânico francês que veio para o Brasil em 1858, construiu e reformou jardins e parques durante os 35 anos que aqui permaneceu, projetando jardins em diversas cidades. Foi responsável pela consolidação do primeiro grupo de paisagistas brasileiros que, posteriormente, atuaram na reforma Pereira Passos do Rio de Janeiro.

no uso da vegetação, que não é mais apenas um elemento idealizado da natureza, como eram os modelos anteriores, mas com o destaque para a vegetação nativa, com seus volumes e características marcantes, como formas e cores (Robba e Macedo, 2006).

Esses padrões implantados, primeiramente, nas cidades de Recife, Belém, São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro, se difundiram pelas demais cidades brasileiras, sendo que, até hoje, se encontram praças de construção recentes adotando estes mesmos traçados.

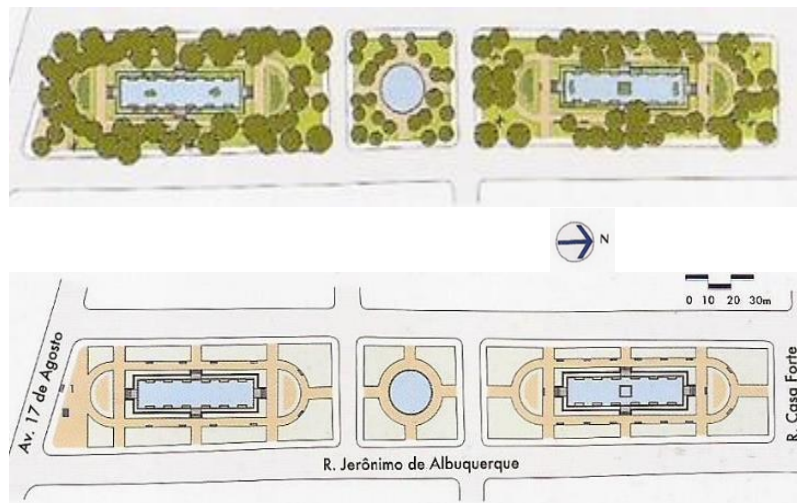


Fig. 2.44 – Praça da Casa Forte. Fonte: Robba e Macedo (2006, p. 91)

Monteiro (2006, p. 196), referindo-se ao argumento comum na literatura, de urbanistas modernos e pós modernos sobre o desaparecimento do espaço público, com a segregação produzida pelos atuais enclaves urbanos, como os *shoppings* e os condomínios, lembra que é comum mitificar esse espaço público como sendo, no passado, um espaço de convívio entre diferentes, onde coexistiam e não só se desenvolviam, “[...] multiplicidade de usos, manifestações artísticas, debates, encontro social, [...] e que ‘estavam em expansão permanente’”.

Observa o autor que espaço livre sempre foi público como forma de manifestação do poder, seja para se representar – como na ágora, onde quem tinha direito a voz eram apenas os homens livres, os cidadãos – ou para se anunciar – as ordens do soberano eram lidas na praça pública – ou, ainda, como forma de punir os inimigos ou os indesejados – na forca e no pelourinho, tendo a população como participante, essas e outras formas, como exemplos de coibir exemplos indesejados e assim garantir a ordem (Monteiro, 2006).

Para Certeau (1998), as pessoas apropriam-se de tudo que se lhes oferece, seja o espaço, sejam as normas, sejam novos hábitos, e os utilizam da maneira que melhor lhes convêm, da forma que lhes pareçam o melhor meio de utilizar. Nesse sentido, verifica-se que, atualmente, “existe mais tolerância com minorias de qualquer tipo do que era até cinquenta anos atrás” (MONTEIRO, 2002, p. 199).

Nesse sentido, paralelamente às diferenças e às exclusões, um exemplo bem evidente da liberdade de uso atual é a circulação nas ruas de nossas cidades, onde a presença de pessoas de diferentes extratos sociais se entrecruza em todos os sentidos, embora algumas vezes sejam apenas toleradas ou não aceitas.

No entanto, nas décadas finais do século XX, o espaço público volta a ser objeto de atenção e interesse por parte tanto do poder político quanto de urbanistas e arquitetos, possibilitando a revitalização e o surgimento de novas praças, principalmente

nas grandes cidades e na maioria dos países ocidentais,¹³⁰ (Figura 2.45).

Uma das razões desse movimento de renovação pode ser atribuída à tomada de consciência das questões ambientais que se tornaram evidentes a partir de 1972, difundidos pela Conferência de Estocolmo, que estabeleceu, em termos globais, princípios comuns para orientar a preservação e a melhoria da qualidade do ambiente construído, visto que já nessa época a maioria da população vivia em áreas urbanas e essa tendência era crescente.

Atualmente, as praças da maioria das cidades brasileiras refletem uma realidade consolidada desde que a maioria dessas cidades ainda eram pequenos núcleos urbanos, um aspecto verificado em muitas pequenas áreas urbanas¹³¹, existentes em todos os estados brasileiros, em que as praças aparecem com dimensões bem generosas, considerando-se o

¹³⁰ A praça contemporânea atende a funções tais como, “contemplação, recreação, lazer esportivo, lazer cultural, convívio social, comércio, serviços, circulação e como cenário” (ROBA e MACEDO, 2003, p. 152)

¹³¹ Grande parte dos municípios brasileiros possui a cidade sede do município, e diversos pequenos agrupamentos de áreas urbanas situados na área rural. Como exemplos bem próximos ao Distrito Federal, temos Alexânia, Abadiânia, Pirenópolis, entre outros.

tamanho de algumas áreas urbanas, e possuem um pouco mais de quatro ou seis quadras além da área central onde a se situa.



Fig. 2.45 – Praça Belmar Fidalgo em Campo Grande/MS, onde se destacam os equipamentos para atividades físicas (campo de futebol, quadras poliesportivas e parque aquático) – 1996. Fonte: <http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/17533081.jpg>. Acesso: janeiro 2016.

De um modo geral, quanto aos elementos (programa de atividades) e à distribuição, as praças podem ser consideradas repetitivas, pois criam o que Alex (2008, p. 277) define como “dominadas pelo ‘recreacionismo’ e pelo ‘verdismo’, desprezada a combinação de uso múltiplo, acesso público e

articulação com o tecido urbano”, os quais o autor considera como critérios básicos essenciais para o projeto das praças.

Um aspecto que vem chamando a atenção, na maioria das novas expansões urbanas, é quanto ao fato de as áreas destinadas a praças vêm sendo parcialmente reduzidas, até eliminadas ou destinadas a outros usos (construção de escolas, bibliotecas, alargamento do sistema viário, cessão para entidades privadas, etc.).

Exemplos podem ser vistos até em áreas centrais das grandes cidades, sendo suas principais razões a falta de planejamento, a falta de fiscalização dos órgãos competentes e a falta de previsão de áreas destinadas a esses outros equipamentos públicos necessários à medida em que a cidade cresce e que, geralmente, a densidade das áreas mais centrais aumenta.

Em cidades que estão crescendo, como a cidade de Formosa, a maioria dos bairros periféricos foram parcelados pontualmente (pelos donos das terras), sem nenhum critério técnico, nem previsão do desenvolvimento da cidade. Assim a grande maioria não possui nenhuma praça. Quando comparados com as áreas centrais e as áreas mais antigas da cidade, vê-se que o critério

utilizado foi apenas o do lucro. Esse fato pode ser observado também nas grandes cidades, muito embora atualmente a legislação obrigue a se preverem todas as áreas destinadas aos equipamentos e espaços públicos.¹³²

Até bem recentemente, especialmente nas pequenas cidades, as praças eram maciçamente utilizadas para todos os tipos de manifestações coletivas, sociais, econômicas, políticas ou religiosas. Mesmo as praças com poucos ou nenhuns equipamentos, além de bancos eram intensamente utilizadas.

Devido ao crescimento das cidades e às grandes mudanças culturais e tecnológicas ocorridas nos últimos anos (novas tecnologias, novos usos em novos espaços, violência urbana,

etc.), alguns usos têm se retirado da praça para espaços fechados e alguns novos hábitos, como atividades físicas – caminhar, praticar cooper¹³³, etc. –, também têm se transferido para outros espaços de maiores dimensões, como os parques. Essas mudanças têm contribuído para que as praças deixem de ser tão atrativas e, como forma de atrair mais frequentadores, atualmente, têm-se implantado novos equipamentos em praças, como *kits* de malhação e ginástica¹³⁴. Assim, diversos fatores que vão desde a localização da praça na cidade, dos usos no entorno e da criação de novas atividades, têm contribuído para algumas modificações ocorridas nas praças, principalmente, nas grandes cidades. Como apresentado, embora presente na cidade desde seus

¹³² Atualmente os Planos Diretores obrigam a previsão de áreas públicas, mas até no Distrito Federal podemos ver esta lei sendo ignorada pelos governantes. No caso da cidade de Águas Claras, muitas áreas destinadas a praças, não foram implantadas ainda – entre elas, a da Estação de Metrô de Arnieiras, apesar da cidade já se encontrar quase que totalmente consolidada. Pior ainda é o caso dos condomínios irregulares, cuja falta de planejamento não previu área para praticamente nenhum equipamento público e muito menos áreas destinadas a praças.

¹³³ O nome Cooper ficou mundialmente ligado à corrida depois que Kenneth Cooper desenvolveu um teste para medir a capacidade física de atletas amadores, inicialmente para membros das Forças Armadas Americanas, na década de 1960. O chamado teste “Cooper” consiste em uma corrida de 12

minutos, em que se mede o consumo máximo de oxigênio pelo corpo (VO₂max) para estabelecer os parâmetros de condicionamento físico. Em 1968, Cooper publicou o livro “Aerobics”, estimulando a corrida como o exercício que garantiria uma vida longa, mas posteriormente incluiu mais princípios. “Desde 1982 mudamos nosso discurso para, ‘corra 24 km por semana, controle seu peso e pare de fumar’ e isso vai lhe garantir uma vida saudável”. O doutor Kenneth Cooper segue o que indica, segue saudável, lúcido e ativo aos 84 anos de idade.

¹³⁴ Estes equipamentos receberam uma série de críticas dos especialistas em educação física e fisioterapia, devido aos problemas físicos que podem ocorrer caso o uso seja inadequado devido ao desconhecimento dos usuários.

inícios, a praça tem se modificado de forma a atender às necessidades humanas em cada período histórico.

Não é, em absoluto, uma perda de tempo questionar-se sobre a forma e também sobre a localização das praças. Se elas existem, é inevitável que tenham uma forma. Não indagar sobre ela é aceitar passivamente o que o costume determina. E o habitual nas nossas cidades é a praça ser residual, ou seja, ter a forma, se assim se pode dizer, da sobra, do resto. E se as praças existem, elas estão situadas, localizadas, estão em algum lugar. Não dar importância a isso é novamente aceitar o costume, deixar a praça à margem. Para isso, podemos contar com estudos e pesquisas que trazem à tona a vitalidade presente nos espaços de encontro e inter-relacionamento, mesmo que improvisados ou precários.

o programa de atividades deve ser estabelecido para contemplar as necessidades da comunidade que usará esse espaço, pois a desconsideração desses fatores contribui para a criação de espaços que não cumprem sua função na cidade permanecendo sem apropriação pública. (ROBBA e MACEDO, 2003, p. 300)

Por outro lado, entre os aspectos que não podem ser ignorados, um refere-se à disponibilidade dos novos recursos tecnológicos, que, hoje, são acessíveis a todas as pessoas. Assim, em parte, a praça também foi se esvaziando da vivência humana, não só pela perda de muitas de suas atividades que se deslocaram para edifícios próprios.

Um dos aspectos mais marcantes foi a abreviação e o uso do tempo, modificado definitivamente pelo modo de contato e diálogo entre as pessoas, que hoje pode ser feito instantaneamente sem sair de casa, através do telefone, do celular ou da internet, além da autonomia também proporcionada pela grande expansão dos meios de transporte que abreviou o deslocamento. (GEHL e GEMZOE, 2002, p.13)

Por outro lado, apesar de todas as críticas que possam ser feitas ao deslocamento de formas de convívio para espaços fechados como os *shoppings*, Sennet (1988) entende que o que atrai as pessoas para os *shoppings* é que eles são espaços públicos onde, até certo ponto, a liberdade individual é respeitada. E relata uma experiência pessoal, de quando

morou numa cidade em que os únicos restaurantes ficavam num *shopping*.¹³⁵

Quando queria fazer parte da multidão, eu ia ao *shopping* [...]. A grande área aberta, o ponto de encontro do *shopping* era cheio de mesas e cadeiras [...]. A popularidade dos *shoppings* e dos bairros históricos mostra que as pessoas ainda gostam de se encontrar pessoalmente, cara a cara. (SENNET, 1988 p. 211)

¹³⁵ Recentemente ouvi o seguinte comentário de uma pessoa de certa idade (mais de 60 anos), justificando porque gosta de passear no *shopping*: “no *shopping*, o piso é liso, assim eu não tropeço”.

CAPÍTULO III – FORMOSA – Uma cidade média

3.1– Cidades brasileiras – Origens

É um fato comum que as cidades estão em constante transformação e, em quase a sua totalidade, essas transformações se dão quase sempre pelo constante crescimento, um aspecto característico inclusive das megalópoles, que um dia já foram cidades médias e, antes, cidades pequenas, e iniciaram-se como pequenos aglomerados, vilas ou aldeias.

Antes do descobrimento do Brasil, os portugueses se aventuraram pela África, onde tomaram parte da costa do Marrocos a partir de 1415, além de ocuparem a cidade de Ceuta, fundaram outras diversas cidades¹³⁶, como Mazagão (Figura 3.1), numa justificativa de expansão da fé católica, embora o interesse

na região fosse econômico, pois se trata de uma área produtora de trigo e outros produtos agrícolas necessários à metrópole.



Fig. 3.1 – Vista externa da muralha da fortaleza portuguesa de Mazagão, atual cidade de El Jadida, no Marrocos. Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/71179502>. Acesso: dezembro 2015.

Antes do descobrimento do Brasil, a população nativa desta região da América Latina, ainda, era toda nômade, portanto,

africana. “A cidade sofreu destruição de parte das muralhas do forte, se tornou um fardo para a coroa portuguesa, representando pouco ou quase nada para o vasto império colonial lusitano [...] e já não atendia mais aos interesses comerciais, marítimos, administrativos e religiosos de Portugal”. (ASSUNÇÃO, 2009, p. 25-33).

¹³⁶ Na África, os portugueses “ergueram fortes em El-ksar-eç-Çehir (1458), Tanger (1471), Arzila (1471), Massat (1497), Mazagão (1502), Agadir (1505), Castelo Real (1506) e outros locais no Marrocos”. Marzagão, atual cidade de El Jadida, foi ocupada por cerca de 200 anos, desde cerca de 1560, e apesar de sofrer ataques constantes dos “mouros”, só foi abandonada em 1769, após o terremoto de Lisboa de 1755, que também atingiu a costa

não edificou nenhum aglomerado permanente, diferentemente do que aconteceu na América Espanhola (da costa do Pacífico e da América Central), onde os povos indígenas já possuíam maior grau de desenvolvimento. O que proporcionou que estes se estabelecessem em áreas urbanas, tanto no Peru como no México, principalmente.

Para contextualizar, antes do descobrimento do Brasil, os portugueses se aventuraram pela África, e a partir de 1415 ocuparam parte da costa do Marrocos, com a justificativa de expansão da fé católica. Embora o interesse na região fosse principalmente econômico, por se tratar de uma área produtora de trigo e outros produtos agrícolas necessários à metrópole.

Após o descobrimento do Brasil, a ocupação do território, se deu primeiramente no litoral, durante os séculos XVI e XVII, com a implantação de núcleos que, posteriormente, se transformaram

nas principais cidades litorâneas e nas regiões onde se deram os primeiros ciclos de exploração agrícola, como a do açúcar no Nordeste, também entre os séculos XVI e XVII. Algumas destas cidades apresentam traçado regular, segundo as leis portuguesas¹³⁷, como já visto no capítulo II, e outras de forma irregular, dependendo dos interesses de seus habitantes.

Depois que Portugal saiu do domínio da Espanha, no final da primeira metade do século XVII (1640), tratou de defender os limites entre seus territórios¹³⁸ e consolidar sua colônia, colocando em prática uma política de povoamento com a previsível urbanização a fim de melhor controlar a colônia.

137 A leis portuguesas para a construção de cidades se limitava, em princípio, “ao que continha nas Ordenações do Reino, que cuidavam antes dos edifícios e servidões, com limitações ao direito de propriedade, do que como atuar para fundar cidades. Essas eram consideradas, cada qual, como um caso particular, a exigir determinações específicas, que podiam variar de cidade para cidade. Mas, com frequência, os preceitos contidos nas cartas régias, que tratavam da fundação de vilas e cidades, iam

passando de umas para outras e constituindo-se em corpo de doutrina” (SANTOS, 2008, p. 49). Esses preceitos ou códigos a partir do século XVIII orientavam que as cidades fossem construídas seguindo as linhas retas (DELSON, 1997, p. 36).

¹³⁸ Esses limites entre as colônias portuguesas e espanholas já tinham sido estabelecidos anteriormente, tanto em 1494, pelo Tratado de Tordesilhas, e reafirmadas, posteriormente, pelo Tratado de Saragoça em 1529.



Fig. 3.2 – Salvador da Bahia, Planta de 1631. Fonte: Mapoteca História de Portugal *in*: Teixeira (2012, p. 134).

Um traçado de cidade que sintetiza o urbanismo português quinhentista¹³⁹, segundo Teixeira (2012), é a cidade de Salvador, fundada em 1549 (Figuras 3.2 e 3.3).

Somente a partir da descoberta do ouro, no final do século XVII, é que se inicia a ocupação do sertão da região sudeste e centro-sul, com a criação de arraiais e vilas, cujo traçado irregular decorre da morfologia do terreno onde as minas de ouro eram encontradas.

¹³⁹ Urbanismo quinhentista refere-se ao período do descobrimento do Brasil, entre 1500 e 1600 (século XVI), que se caracteriza pela adaptação

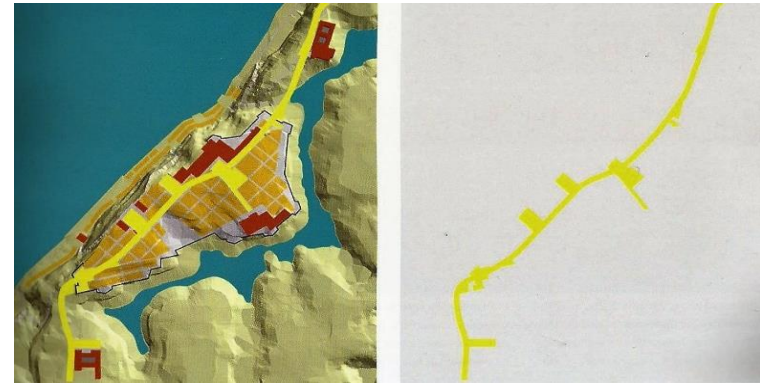


Fig. 3.3 – Desenhos esquemáticos do traçado das vias e localização das praças nos pontos de inflexão da linha de cumeada. Fonte: Teixeira (2012, p. 151).

Primeiramente foram criadas cidades nas regiões de Minas Gerais e Mato Grosso e, posteriormente, em Goiás. Algumas das quais também apresentam no seu traçado o resultado de influências de diversas concepções de espaço, presentes nas cidades portuguesas, que se exprimem numa mescla de diversas influências:

mediterrânea, vernácula e sobretudo ligada à estrutura do território, que pode ser verificado nas cidades gregas, em que o elemento essencial, são os edifícios localizados em posições dominantes, que dão sentido e estruturam os espaços

dos traçados urbanos regulares à estrutura do território (TEIXEIRA, 2012,135).

urbanos envolventes. Por outro lado, uma concepção de espaço racional, intelectual e abstrata, que embora presente nas cidades romanas de colonização não é especificamente mediterrânica” (TEIXEIRA, 2000 citado por ASSUNÇÃO, 2009, p. 37).

No Centro Oeste, na região de Mato Grosso, também se tinha descoberto ouro por exploradores bandeirantes, entre 1716 e 1719, que “erigiram uma capela e iniciaram uma modesta povoação que constituiu o núcleo que uma década depois viria a ser a vila de Cuiabá” (DELSON, 1997, p. 29).

A região de Goiás até, aproximadamente, 1730 ainda não tinha sido explorada sistematicamente, havendo apenas um caminho que cortava a região ligando o povoado de Cuiabá ao Rio de Janeiro. Assim, primeiramente foi construído em 1739 o povoado de “Vila Boa de Goyáz”¹⁴⁰, com a recomendação de que o desenho seguisse o “modelo retilíneo prescrito” para as novas vilas do Brasil, mas só efetivado em 1770, depois de uma nova ordem vinda da Corte portuguesa, recomendando “que fosse estabelecido um plano diretor para Vila Boa”, a fim de, no futuro,

se evitar a “mesma irregularidade [...] com que os fundadores da Capital haviam construído os prédios, estragados pela falta de alinhamento” (Delson, 1997, p. 31). (Figura 3.4)



Fig. 3.4 – Planta de Vila Boa, construída em 1739, e aparência em aproximadamente 1782. Fonte: Delson (1997, p. 33).

A cidade de Vila Bela, implantada em 1752 na região de Mato Grosso (Figura 3.5), próxima a atual cidade de Cuiabá, foi construída levando-se em conta que seria uma cidade onde se deveria dar ênfase:

na ordem e na simetria, as ruas deveriam ser desenhadas com uma largura uniforme e em linhas retas; as casas tinham de ser construídas

¹⁴⁰ Cidade de Goiás Velho, antiga capital do estado de Goiás.

com uma fachada uniforme e todos os esforços deveriam ser envidados para “observar a formosura da terra” (sic). (DELSON, 1997, p.33)

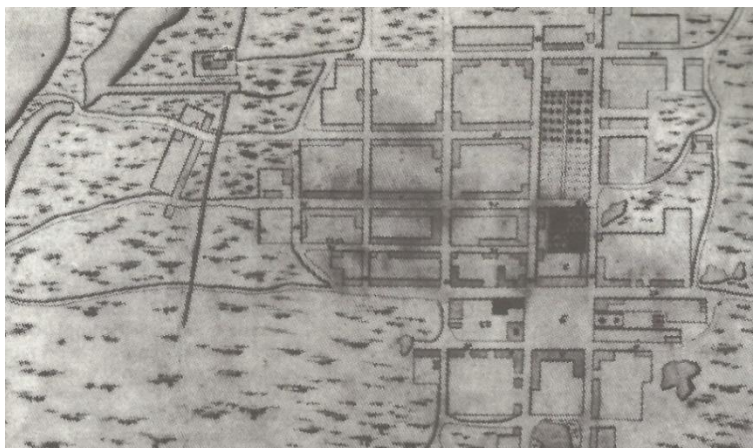


Fig. 3.5 – Planta de Vila Bela. Fonte: Delson (1997, p. 33).

Paralelamente à implantação de núcleos urbanos nas regiões de descoberta de ouro, outros pontos também foram considerados estratégicos para ocupação, principalmente, após se verificar a presença significativa de ordens religiosas que, desde o início do descobrimento, tinham se instalado

principalmente nas regiões mais afastadas, como no Norte do país, local de ausência do aparelho administrativo português.

Com a criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão em 1755, estimulou-se a estruturação de vilas e cidades na região Norte, de forma a se apropriar dessa região e delimitar as fronteiras com as terras pertencentes à Espanha, além de, também, fomentar a atividade comercial de produtos nativos dessa região. Tratava-se de uma região ocupada por diversas aldeias indígenas, a qual passa por fortes transformações, após Pombal¹⁴¹ expulsar a Companhia de Jesus de Portugal, na segunda metade do século XVIII (1759).

Assim, em 1770, foi implantada a Vila Nova de Mazagão, próxima à cidade de Macapá (Figura 3.6), para abrigar as famílias dos colonos que viviam na cidade de mesmo nome na África, e que aguardaram durante anos pela construção desta nova cidade.

O urbanismo português já a partir do século XVII havia definido

¹⁴¹ O Marques de Pombal governou Portugal como primeiro Ministro, no período de 1750 e 1777. Era um homem influenciado fortemente pelas filosofias intelectualistas do Iluminismo e, portanto, fez todo o possível para colocar o país no mesmo passo das tendências do resto da Europa de seu

tempo e também para apresentar um programa de desenvolvimento do Brasil, tendo como uma das linhas a integração da população indígena ao modo de viver urbano. Daí vem o desentendimento com os jesuítas que tinham outra linha de pensamento para com a população indígena. Delson, (1997).

os mesmos traçados para todas as cidades criadas no Brasil, e demais colônias, as quais deveriam ser construídas com regras de ordenamento das ruas e praças, de acordo com as cartas régias, os instrumentos que autorizavam a fundação das vilas e definiam como construir e edificar todas as construções, principalmente, as localizadas na praça. De acordo com Teixeira e Valla (1999, p. 253):

A praça urbana com estrutura de forma regular só aparece tardiamente na cidade portuguesa. É fundamentalmente a partir de finais do século XV e princípios do século XVI que se verifica um processo consistente de construção e de ordenamento de praças na cidade portuguesa, simultaneamente com a sua admissão como sedes do poder, substituindo nesse papel os antigos sítios topograficamente dominantes. Até então, os espaços urbanos que cumpriam funções de praça eram espaços formalmente desestruturados, cuja importância advinha das funções que neles se exerciam e dos edifícios que neles se implantavam.

Dessa forma, muitas cidades eram concebidas a partir de um plano regular, que, embora possuísse uma unidade, não excluía a espontaneidade que advinha do crescimento, mas a concepção original nitidamente fundia elementos advindos tanto da Idade Média quanto do Renascimento.¹⁴²

A praça, como um espaço fechado, orientava a organização do espaço urbano, funcionando como elemento estruturador [...], a praça nas cidades constituídas pelos portugueses era fundamental, pois representava o espaço de ajuntamento civil, onde as principais cenas da vida política e religiosa aconteciam. (OMEGNA, 1971 citado por ASSUNÇÃO, 2009, p. 44)

¹⁴² Conforme Nuno Portas, “a regularidade geométrica utilizada quando conveniente, era já então e continuava a sê-lo uma prática milenária que tinha atravessado regiões e épocas culturais tomando múltiplas variações de dimensões e intencionalidades, práticas e simbólicas”. (“Algumas

hipóteses sobre o urbanismo português nos Brasis” in TEIXEIRA, Manuel (coord.) “A construção da cidade brasileira”, p. 21, citado por ASSUNÇÃO, 2009, p. 45).

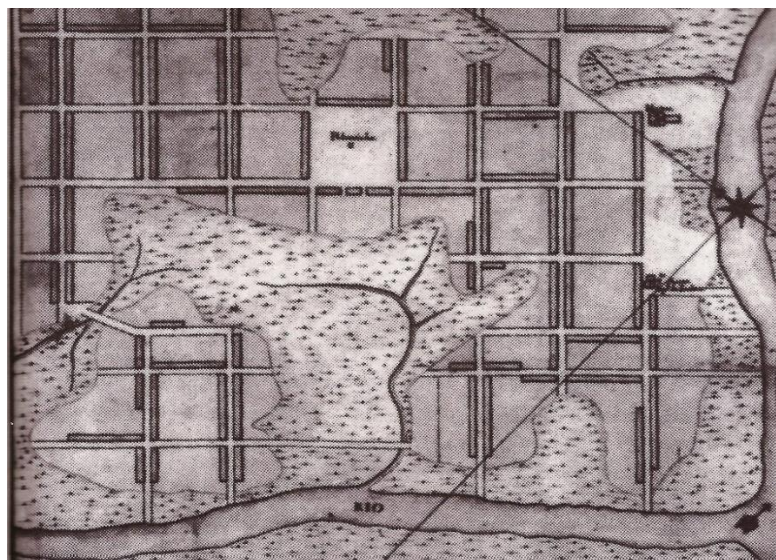


Fig. 3.6 – Planta da Nova Vila de Mazagão em, aproximadamente, 1800.
Fonte Delson (1997, p. 61)

Assim, no urbanismo da maioria das cidades desse período, a praça localizava-se na área central, geralmente com formato quadrado, o que, por sua vez, também definia o traçado das ruas principais. Os quarteirões também tinham essa mesma forma, tendendo-se para o quadrado, com lotes virados para todas as faces, ou “de um quadrado perfeito (com 640 palmos de lado, ou seja, 140,8 metros), e estavam dispostos lado a lado

¹⁴³ Conforme Assunção (2009, p. 45), “José de Figueiredo Seixas escreveu em 1762 o Tratado de Ruação. Este documento propunha um modelo utópico de parcelamento e organização do território, que previa o estabelecimento

numa impecável simetria”.(VIDAL, 2007, p. 145 in TEIXEIRA, 2001, p. 29, citados por ASSUNÇÃO, 2009, p. 48).¹⁴³

O urbanismo português caracteriza-se em todas as épocas por uma dupla vertente: a vertente vernácula, que tem como característica fundamental uma grande ligação ao território e uma vertente erudita, que tem como característica fundamental basear-se, a maior parte das vezes, em sistemas ortogonais. Uma das principais características do urbanismo português é a sua capacidade de síntese destas duas vertentes, que pode ser observada ao longo da história. (TEIXEIRA, 2001, p. 31 in ASSUNÇÃO, 2009, p. 48)

A cidade deste período detinha diversas funções, comerciais, administrativas, portuárias, militares, ou políticas, ou conjugando mais de uma destas funções, sendo imprescindível a localização, que, por sua vez era determinada também pela topografia do lugar, seguindo outros diversos pré-requisitos tais como:

a exposição solar, o regime de ventos, o abastecimento de água, a qualidade do solo e

de um quadriculado, como um tabuleiro de damas, orientado pelos pontos cardeais, que seria a base de referência para o estabelecimento de casas, ruas e praças”.

suas qualidades defensivas. As interações entre esses vários fatores eram múltiplas: se as funções do núcleo urbano levavam à escolha de localização, a questão defensiva podia condicionar a escolha do sítio e a topografia o traçado das muralhas. (TEIXEIRA, 2012, p. 40)

Também conforme Teixeira (2012), essa forma de construir cidades, era uma escolha “técnica” dirigida pelos engenheiros da época, relacionando o traçado urbano com as características do local e a escolha dos lugares mais altos, os pontos dominantes, portanto, os mais privilegiados, para localizar os edifícios mais importantes, geralmente, associados a uma praça, uma configuração que aparece na maioria das cidades portuguesas implantadas bem anteriormente à descoberta do Brasil.¹⁴⁴

A grande maioria das cidades implantadas no Brasil, desde o descobrimento, século XVI até o século XX, de acordo com o Paulo Santos (2008, p. 83, 84), tiveram seis tipos de orientação na

sua fundação, conforme síntese de seu trabalho de pesquisa, resumido no Quadro 3.1.

Quadro 3.1 – Tipos e características das cidades no Brasil

TIPO DE CIDADE	CARACTERÍSTICAS/ATIVIDADES
1 – Cidades de litoral em geral - afirmação de posse e defesa da costa	Fundadas nos séculos (XVI e XVII). Atividades principais – fabricação de açúcar e defesa (estratégicas)
2 – Cidades de conquista do interior	Fundadas nos três primeiros séculos (XVI, XVII e XVIII). Atividades – Entradas, bandeiras e mineração.
3 – Cidades de penetração rumo às fronteiras oeste e sul	Fundadas no terceiro século (XVIII). Atividades – Consolidação das fronteiras
APÓS O PERÍODO COLONIAL (XIX)	
4 – Cidades do café	Século XIX Na região Fluminense, São Paulo e Paraná.
5 – Cidades da borracha	Final do século XIX e princípios do XX Na região Amazônica
6 – Cidades da Indústria	Século XX Regiões de fácil acesso a matérias-primas – Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Elaborado pela autora, sobre texto de Santos (2008 p.83)

¹⁴⁴ “Nos traçados regulares do urbanismo português incluem-se além das próprias cidades romanas construídas em Portugal entre os séculos I a. C. e III d. C., as cidades novas medievais dos séculos XIII e XIV, as remodelações urbanas quinhentistas, os traçados urbanos modernos

construídos nas ilhas atlânticas e na África, desde o século XV, e no Brasil e no Oriente, a partir do século XVI, os quais atingiram sua afirmação plena nos traçados iluministas setecentistas, no Brasil e em Portugal”. (TEIXEIRA, 2012, p. 55)

3.1.1 – O surgimento da cidade de Formosa

Embora, como foi apresentado no tópico anterior, uma parte das cidades implantadas no Brasil-colônia tenha seguido um planejamento com a orientação vinda da corte portuguesa, a grande maioria surgiu de forma espontânea ao longo dos séculos, após o descobrimento, em locais como o cruzamento de caminhos, trilhas ou atalhos, locais onde havia água e, portanto, se ofereciam como um ponto de descanso para viajantes, aventureiros, criadores de gado ou de homens procurando ouro, que vagavam pelo país desde o final do século XVI e início do XVIII.¹⁴⁵ A cidade de Pirenópolis, fundada em 1731, inicialmente com o nome de Meia Ponte, após a descoberta de ouro e implantação de “roças”¹⁴⁶ (Figura 3.7).

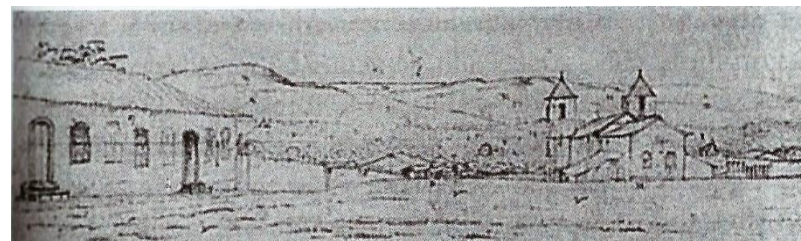


Fig.3.7 – Desenho da Matriz de Pirenópolis e vista parcial da antiga Meia Ponte. W. J. Burchell, 1827. Fonte: Bertran (2011, p. 169).

Assim, como tantas cidades do interior do Brasil, o Arraial de Couros surge de descendentes de bandeirantes em busca de ouro e índios¹⁴⁷, e negros que viviam no povoado de Santo Antonio e aí se estabeleceram em cerca de 1749 (meados do século XVIII), próximo ao Registro da Lagoa Feia “no cruzamento da Estrada Geral do Sertão com a Estrada dos Currais de São Francisco”, de acordo com pesquisas de Lucas (2013, p. 9-10)¹⁴⁸.

¹⁴⁵ Entre as cidades que surgiram de um acampamento, podem ser citadas, no estado de Goiás – além de Pirenópolis – as cidades de Corumbá e Jaraguá. Em São Paulo, as cidades de São Vicente (1532) e Nova Bragança (Bragança Paulista – 1797), entre outras. No Nordeste, a cidade de Porto Seguro, próximo ao local do descobrimento, entre outras tantas.

¹⁴⁶ De acordo com Bertran (2011, p. 168).

¹⁴⁷ Indígenas das nações Crixá e Pedra Branca, hoje desaparecidas, e também pelos Xavantes, povos conhecidos por serem exímios caçadores. (DARLAN, 2005, p. 18)

¹⁴⁸ O ciclo do ouro durou, aproximadamente, os primeiros sessenta anos do século XVIII. A casa de Registro de Lagoa Feia foi instalada em fevereiro de 1736. Os Registros eram locais onde se fiscalizavam e se cobravam os quintos. Posteriormente, o Marquês de Pombal extinguiu essa cobrança, substituindo-a por Casas de Fundição com uma quota mínima anual de 100 arrobas (1.500 quilogramas), que seriam garantidas pelos municípios, comprometendo-se estes a lançar “derramas” para compensar eventuais diferenças entre a quantia efetivamente arrecadada e a importância destinada ao erário real. Esta consistia no rateio da diferença entre as comarcas e, nestas, o rateio entre os homens bons, sob pena de confisco

Segundo Saad Filho (2013), esses antigos moradores do Arraial de Santo Antônio, que ficava situado no vale do Rio Paraná, fugiram depois que uma forte epidemia de malária que assolou a região. Além deles, os primeiros moradores também foram formados por tropeiros e comerciantes, vindos da Bahia e de Minas Gerais, que acampavam na região, devido à existência de inúmeras nascentes e, portanto, pela facilidade de encontrar água e alimento.¹⁴⁹

Embora o local exato do início da cidade seja ainda controverso, uma das hipóteses elaborada e descrita por Saad Filho (2013) no livro “Álbun de Formosa”, considera que a cidade surgiu às margens do córrego Abreu, nas proximidades da Lagoa Feia, tanto pela facilidade de acesso à água potável quanto pela facilidade de encontrar alimento através da pesca e, também, como consequência do entroncamento dos

primeiros caminhos, trilhas e atalhos, que eram utilizados por todos que se deslocavam pela região (Figura 3.8).



Fig. 3.8 – Primeiras construções ao longo do Córrego do Abreu, séculos XVII-XVIII, e caminhos da primeira fase da malha urbana da cidade. Fonte: croqui de Saad Filho (2013, p. 55).

Nesse lugar, ladeando pelo córrego Abreu, teria surgido a primeira rua, a Rua dos Crioulos, mais tarde Rua do Norte¹⁵⁰,

forçado dos seus bens, caso não atingissem o valor acima mencionado". Estes motivaram revoltas como a Inconfidência Mineira iniciada em Minas Gerais, tendo como principal líder Tiradentes. (LUCAS, 2013, p. 9-10)

¹⁴⁹ Esta região foi palco da implantação de diversas sesmarias, das quais são conhecidas doze, implantadas entre os anos de 1739 a 1885.

¹⁵⁰ Este nome foi trocado, em 1877, para rua do Norte, porque nela moravam os novos ricos da cidade. (SAAD Filho, 2013, p. 102)

quando Formosa foi elevada à categoria de cidade, e, atualmente, Rua Jesuíno Malheiros. Nesta rua, também, foi construída a primeira igreja de Couros, da qual não restam ruínas devido à precariedade da construção.

A data da fundação do arraial não é muito clara, apesar de se comemorar o dia 4 de outubro de 1767, como a data da celebração da primeira missa na casa de Oração do Arraial de Couros. E, embora em 1823 o povoado já se caracterizasse como um pequeno entreposto de comércio, ainda continuava fazendo parte do município de Luziânia.

De acordo com o Livro Tombo¹⁵¹, em 1833, o povoado foi elevado à categoria de Julgado e, em 1838, passou a constituir uma Freguesia. Em 1843, data em que é comemorada a elevação do povoado à condição de Vila Formosa da Imperatriz, em homenagem à Imperatriz, (segundo alguns

formosenses, a data correta é 1844) e, em 1877, obtém a autonomia como município.

Além da população inicial, formada em parte por negros vindos da mineração ou que vieram de São Paulo, também procurando ouro no sertão goiano, na sequência vieram descendentes de comerciantes mineiros e baianos, que tinham o Arraial de Couros como ponto de intercâmbio para seus negócios.

Posteriormente, a partir do início do século XX, vieram imigrantes estrangeiros, como sírios, libaneses, japoneses e espanhóis – que se dedicaram ao comércio –, holandeses, franceses e italianos – à religião e ao ensino –, e, mais recentemente, a partir do final da década de 1970 e início de 1980, vieram os imigrantes do sul do país – que se dedicam, principalmente, ao agronegócio. E todos os descendentes desses, hoje, constituem a população de Formosa. (SAAD Filho, 2013)

¹⁵¹ O livro do Tombo encontra-se na Cúria Diocesana de Formosa, onde estão registradas as datas importantes da cidade como, a implantação da primeira linha de correios, em 25 de fevereiro de 1835, ligando a vila de Couros à vila de Santa Luzia (Luziânia); a construção da primeira Igreja, Matriz de Nossa Senhora da Conceição em 1838 localizada no local onde hoje se encontra o chafariz do Jardim do Centenário (Praça da Prefeitura),

demolida em 1915. No mesmo local foi construída outra igreja, de Santo Estevão que por sua vez também foi demolida em 1960. Até 1940 a praça era apenas um descampado, quando foi construído o Jardim do Centenário atrás dessa igreja para comemorar o centenário, em 1943. Em 1908 já existia a praça da Conceição onde foi construído o Colégio São José, e após a nova Igreja Matriz de Formosa.

Quanto à estrutura urbana, a primeira praça da cidade de Formosa pode ser considerada o Largo do Baruzeiro¹⁵², posteriormente, denominado de Praça de São Vicente e, atualmente, de Largo do Pau Ferro, localizado na saída do povoado em direção ao registro da Lagoa Feia, “no entroncamento de vários caminhos, o caminho de baixo com o caminho do brejo e o caminho do registro e o caminho da Visconde”. (SAAD Filho, 2013, p. 132).

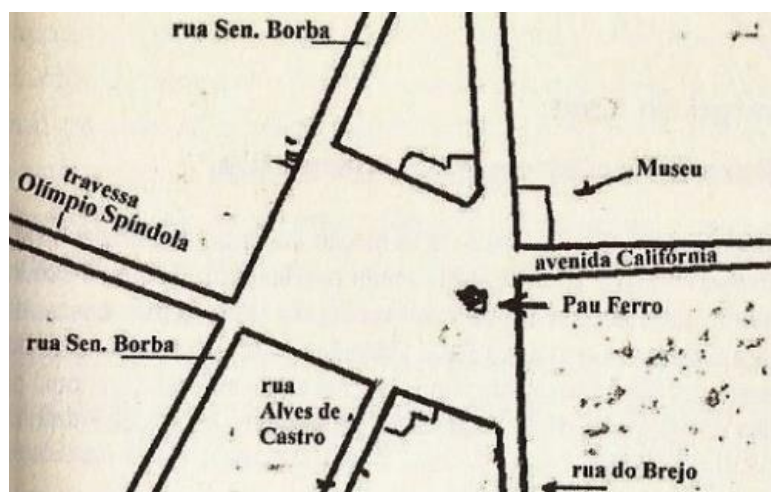


Fig. 3.9 – Largo do Baruzeiro, já com o pé de Pau Ferro, em 1920. Fonte: croqui de SAAD Filho (2013, p. 135).

A Figura 3.9 mostra as primeiras ruas da cidade e o largo do Pau Ferro antes do seu desaparecimento. Mostra também o local onde foi plantado o Pau Ferro, no mesmo local onde ficava o pé de Barú, ainda existente à época da passagem da missão Cruls pela cidade, em 1892, conforme (Figura 3.10).

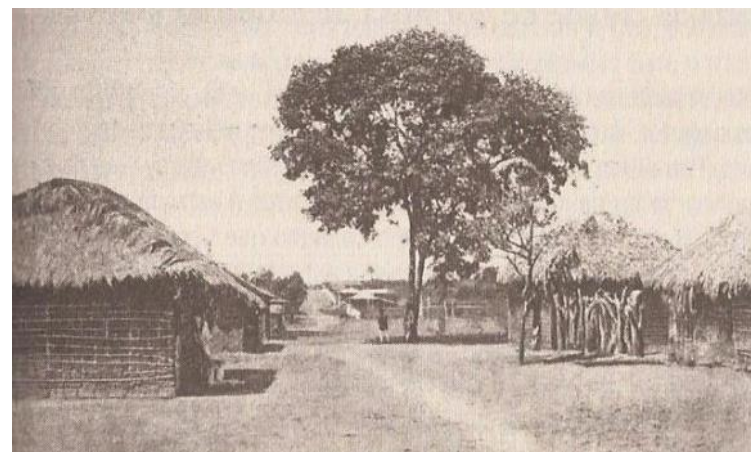


Fig. 3.10 – O Largo do Baruzeiro, em 1892. Fonte: Foto do Relatório Cruls, adaptada por Saad Filho (2013, p. 119)

O Largo do Baruzeiro ou Largo do Barú, a partir de 1960, teve sua área parcelada para a construção de uma igreja e de outros edifícios públicos. Atualmente, o lugar se constitui

¹⁵² Inicialmente era uma grande área vazia na forma de um trapézio, com cerca de cem metros de um lado e cento e cinquenta no lado paralelo e oitenta e sessenta metros nos outros dois lados. (SAAD Filho, 2013, p. 132)

apenas numa pequena rótula viária, com uma árvore de Pau Ferro ao centro (Figuras 3.11).



Fig. 3.11 – Área onde se localizava o Largo do Baruzeiro, tendo à esquerda o canteiro com o Pau Ferro. Fonte: Google Earth. Street View em 2011.

Na primeira fase do processo de ocupação da cidade, aparece o segundo caminho, o “caminho do brejo”, que era o mais transitado, pois facilitava o contorno tanto do Rio Negro quanto da Lagoa Feia e atendia tanto às primeiras fazendas de gado quanto às primeiras plantações que surgiram às margens do córrego do Brejo, gerando a Rua do Brejo. Na sequência, surge um novo caminho de um desvio do caminho do Brejo, no largo da Bica, denominado “caminho direto”. Posteriormente, foram surgindo o chamado “caminho de baixo”, paralelo ao primeiro,

longe dos terrenos alagadiços, e, em seguida, o “caminho do meio”, uma alternativa de chegada mais rápida à rua dos Crioulos, dando origem às atuais travessas que cortam as ruas principais da cidade.

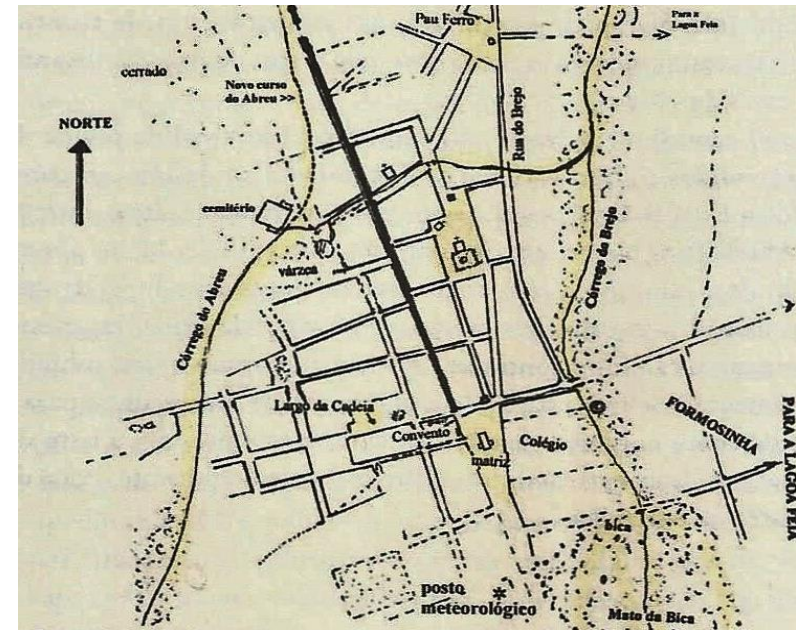


Fig. 3.12 – Primeiras ruas. Caminho direto, em preto – atual Visconde de Porto Seguro. A pequena rua paralela à direita – Caminho do Meio –, a seguinte – Caminho de Baixo – Rua de Baixo. 1 – Largo do Pau Ferro. 2 – Praça Rui Barbosa. 3 – Praça da Catedral. Fonte: croqui adaptado de Saad Filho (2013, p. 144).

Assim, conforme apresentado na Figura 3.12, do “caminho direto” surgiu a Rua Visconde de Porto Seguro, do “caminho

de baixo”, a Rua de Baixo, e do “caminho do meio” a Rua do Meio. Estas duas saindo da atual Praça Nossa Senhora Conceição, no desenho onde se localiza a Catedral da cidade, ao lado do Colégio (São José).

Com a implantação dessas principais ruas, a partir dos primeiros caminhos surgidos até à década de 1920, e por outras que surgiram paralelas a estas, todas no sentido norte sul da cidade, exceto a primeira rua – a Rua dos Crioulos –, que acompanha as margens do Córrego do Abreu, a atual área central da cidade já estava consolidada. As ruas secundárias e travessas foram surgindo no sentido leste-oeste, num traçado da malha urbana que acompanha as características do sítio físico, onde se destaca também uma grande quantidade de nascentes e pequenos córregos (Figura 3.13).

Como esse primeiro sistema viário continha algumas áreas mais alargadas, no entroncamento dessas primeiras vias, foram se formando os largos, os quais, posteriormente, deram origem às primeiras praças. Assim, surgiram o Largo do Pau Ferro, a Praça da Matriz, atual Praça Rui Barbosa, o Largo da

Matriz, atual Praça Nossa Senhora da Conceição e o Largo da Cadeia, atual Praça da Liberdade.

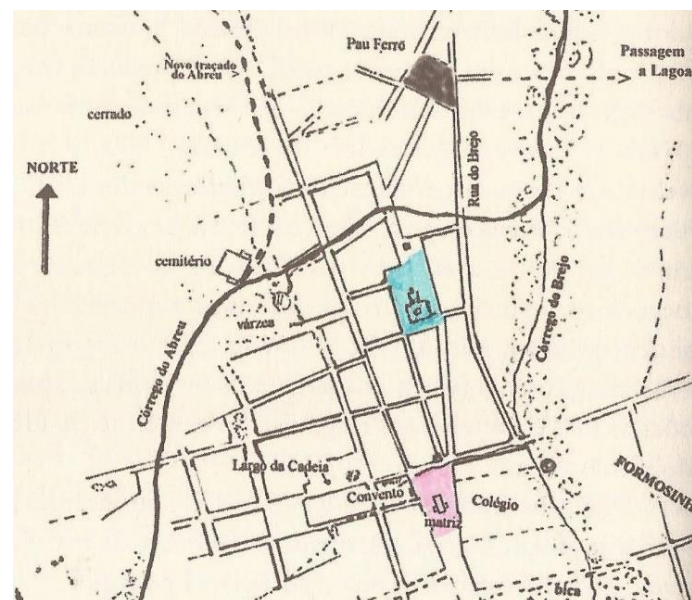


Fig. 3.13 – Formosa na década de 1920. Sistema viário as praças.

■ Largo do Pau Ferro, ■ Praça Rui Barbosa, ■ Praça da Catedral
Fonte: Adaptação de croqui de Saad Filho (2013 p.333).

Embora Darlan (2005) sugira que a Mata da Bica tenha tido alguma influência na localização da cidade, pode-se afirmar que a Praça Rui Barbosa, ou da Prefeitura (antiga Praça da Matriz), foi o ponto central de onde a cidade se expandiu, principalmente a partir da construção da igreja Matriz e da consolidação das primeiras ruas da cidade. Porém, conforme

o mesmo autor, a Mata da Bica era um dos lugares onde as famílias da cidade iam passear, juntamente com a Lagoa Feia e o Salto de Itiquira, estes, ainda hoje, muito utilizados para passeio e lazer dos moradores da cidade. (DARLAN, 2005, p. 22)

Pode-se concluir, dessa forma, que não foi das praças de igreja que se irradiou o surgimento das ruas da cidade, mas do entroncamento das ruas é que surgiram os largos e, posteriormente, alguns destes se transformaram nas atuais praças. E desses largos, surgiram as primeiras igrejas da cidade de Formosa.

Até cerca de 1920, a cidade teve um crescimento muito lento, e assim manteve a mesma estrutura viária da fundação. Cerca de sessenta anos depois, já na década de 1980, a cidade já tinha crescido, embora muito lentamente, como se pode verificar na Figura 3.14, vista do Setor Central com os casarões em primeiro plano, alguns ainda existentes, na parte norte da praça Rui Barbosa.



Fig. 3.14—Formosa na década de 80 do século XX. Fonte: (autor desconhecido). Disponível em: Saad Filho (2013 p. 206).

A partir da década de 1970¹⁵³ até inícios de 1990, todas as cidades da região do entorno do Distrito Federal tiveram um aumento de população expressivo, absorvendo, especialmente, a população de baixa renda vinda das áreas rurais. O crescimento dessas áreas do entorno se deve, principalmente, à facilidade de custos mais acessíveis

¹⁵³ Embora o impacto da construção de Brasília já se faça sentir a partir de 1957, data do começo da obra.

economicamente, já que os altos custos da capital federal eram proibitivos para esses imigrantes.

56Km² (cinquenta e seis quilômetros quadrados), conforme a Figura 3.15 e compõem-se de 52 bairros.¹⁵⁴

Quadro 3.2 – Evolução da população urbana da cidade de Formosa – 1970-2015

ANOS	TOTAL	URBANA
1970	28.874	12.965
1980	43.296	29.645
1991	62.982	49.659
1996	68.704	59.918
2000	78.651	69.285
2010	100.085	92.035
2015 (Previsão)	112.236	102.085

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Formosa, de acordo com dados do Plano Diretor (2003, p. 1-10), no período de 1970/1980, “teve um crescimento urbano percentualmente duas vezes superior ao nacional”, e, na década de 1990, continuou se urbanizando mais do que o Estado de Goiás e do que a média nacional, conforme mostra o Quadro 3.2. Atualmente a cidade ocupa uma área de, aproximadamente,

¹⁵⁴ Segundo informação da Secretaria de Obras, a cidade ainda não possui uma Planta Cadastral da área urbana. Assim o único mapa disponível é o que se segue.

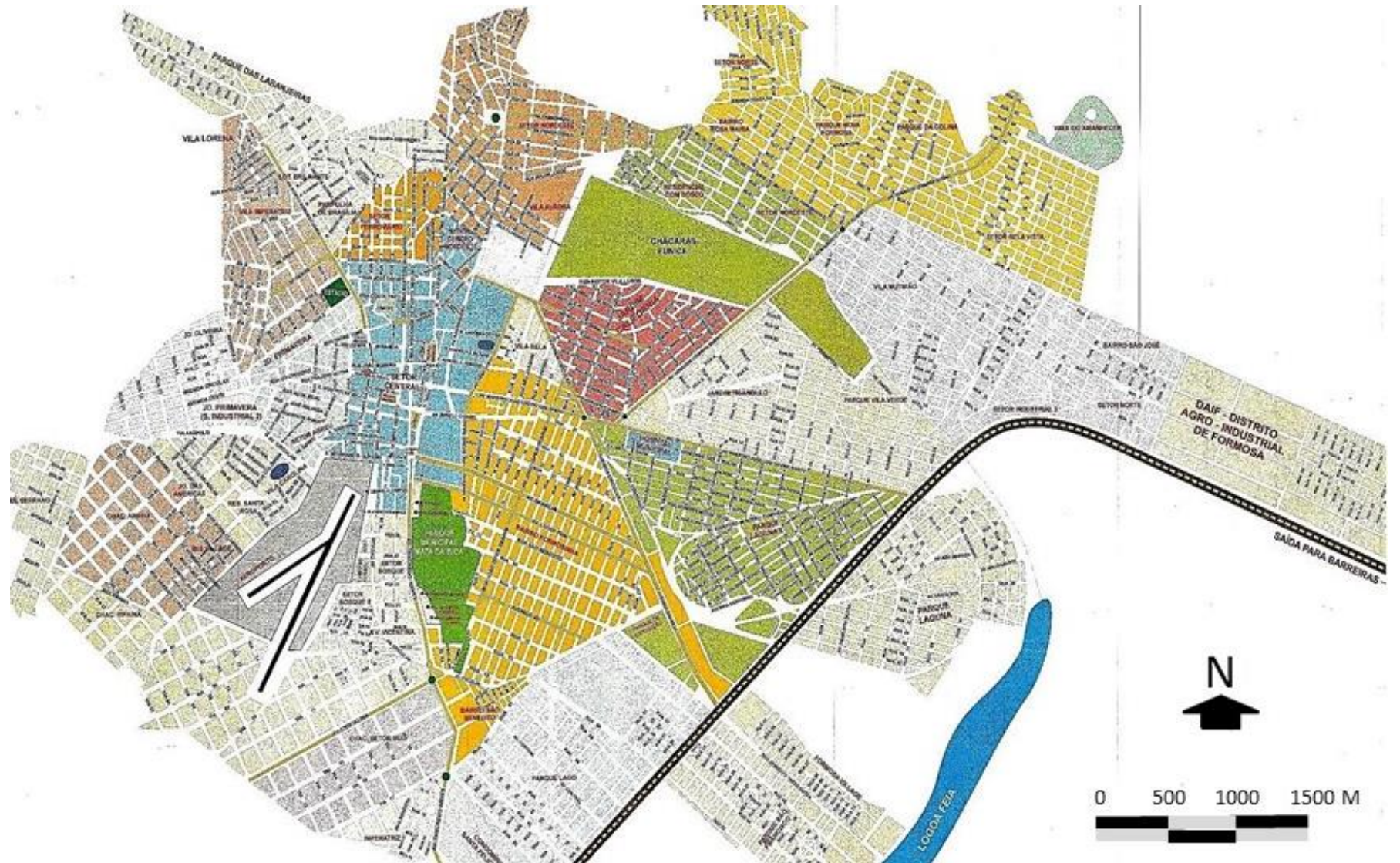


Figura 3.15 - Mapa atual da Cidade de Formosa, com os bairros. Fonte: Prefeitura Municipal de Formosa. 2012.

3.2 – Cidades Médias¹⁵⁵

Atualmente, o crescimento das áreas urbanas se dá em dois sentidos: primeiramente na dimensão horizontal, pela expansão da área territorial, aspecto que mais acarreta grandes transformações, tanto na estrutura urbana, gerando graves problemas no sistema de circulação, entre outros, quanto na estrutura social, com a perda da coesão social provocada pela demanda de espaço para atender os novos usos que vão sendo agregados à medida que a cidade vai se expandindo. A outra forma de crescimento se dá no sentido vertical, pelo adensamento de certas áreas, via de regra nas áreas centrais, onde os usos são mais diversificados e a valorização do solo é mais elevada.

O termo “cidade média”, apesar de muito utilizado, não possui, ainda, um significado preciso ou consensual, admitindo-se outras expressões que são utilizadas com o mesmo significado, ou com um significado análogo, como “cidade de porte médio”, “cidade

de média dimensão”, “cidade intermédia/intermediária”, ou ainda “centros regionais ou sub-regionais”.

Segundo Corrêa (2002, p. 26), a preocupação com a cidade média no Brasil surgiu em meados da década de 1960, visando “incluir a dimensão espacial nas políticas governamentais, a exemplo dos polos de desenvolvimento e das regiões-programa”. O objetivo dessa retórica de forma de planejamento, a exemplo dos países europeus, era também “conter as correntes migratórias em direção aos grandes centros metropolitanos”.

Para Sposito (2001), apesar do termo “cidade média” ser o mais utilizado, também são utilizados outros, como “cidade intermédia”, embora “cidade média” expresse mais uma noção do que propriamente um conceito ou definição, tanto que a autora, assim, se refere a essa acepção:

No plano da construção do pensamento, essa definição se aproximaria mais de uma noção, já

¹⁵⁵ Para facilitar o estudo, as cidades costumam ser identificadas como grandes, médias e pequenas, levando-se em consideração alguns aspectos que, em determinados momentos, podem ser empregados em conjunto ou isoladamente. Inicialmente, a importância dada às cidades médias surgiu

em diversos países europeus como forma de desenvolver e ordenar o território, de modo a diminuir a concentração populacional nas grandes cidades

que sua base de sustentação é empírica, oriunda das informações demográficas organizadas em classes e, nessa medida, pouco ajudaria na elaboração do conceito, pelo menos por duas razões, dentre muitas outras: a) não há correspondência direta entre o tamanho demográfico de uma cidade e seu papel na rede urbana ou, em outras palavras, cidades de mesmo porte populacional podem desempenhar papéis que diferem em sua natureza e importância; b) as múltiplas formas de aglomeração urbana que se constituem, com intensidade crescente a partir da segunda metade do século XX, apresentam realidades urbanas que expressam integração do ponto de vista funcional, ainda que, no caso brasileiro, o tamanho populacional tome como base os limites municipais. (SPOSITO, 2001, p. 613-614).

De acordo com Oliveira Jr. (2007, p. 148), o adjetivo relativo a cidade “intermédia”

começou a ser efetivado com considerável aceitação no meio acadêmico no decorrer da década de 1980. [...] dilata o significado da denominação que ele substitui, na medida em que a cidade média tem relação direta com critérios quantitativos excessivamente rígidos e estáticos, que serviram e ainda servem, para tornar oculta a função principal desempenhada por este tipo de cidades: a da

intermediação entre os espaços locais e os espaços regionais, nacionais e, em alguns casos, inclusive globais.

No caso do crescimento das cidades brasileiras, destaca-se a rapidez com que, a partir da segunda metade do século XX, algumas pequenas cidades se transformaram em cidades médias, num espaço de tempo de menos de meio século, devido, principalmente, à industrialização, que se intensificou nesse período. Assim, a principal consequência da industrialização foi o desenvolvimento econômico, que, paralelamente, trouxe o aumento do crescimento demográfico, causado, principalmente, pela migração em massa do campo para as cidades (Santos, 2005).

Esse crescimento tem demandado mais espaço, principalmente, para as áreas destinadas ao sistema viário, que, na maioria das cidades, especialmente, as grandes e inclusive as médias, já se encontram congestionadas pelos automóveis. Por outro lado, os espaços destinados ao pedestre, como calçadas, praças e outros tipos de espaços públicos, são os que mais sofrem perdas sob os efeitos do crescimento urbano, em todos os portes de cidade.

A preocupação do estado brasileiro em relação às cidades médias começou “no período 1975/86 com a implantação de um programa que visava promover as cidades de porte médio a centros estratégicos da rede urbana nacional”, período em que, segundo Steinberger e Bruna (2001, p. 35), “falar de cidades de porte médio significava falar de política urbana nacional enquanto política pública”. Diferentemente da atualidade, em que a iniciativa privada ocupa um espaço maior nessas iniciativas, ou seja:

o Estado brasileiro, desde meados dos anos 80, abandonou a ideia de explicitar, oficialmente, discursos de políticas nacionais de cunho territorial, tanto urbanas quanto regionais. (STEINBERGER E BRUNA, 2001, p. 35),

Para a definição da grandeza de uma cidade era usual, tanto no Brasil quanto em outros países, apenas utilizar-se o critério de quantitativo populacional, que, no Brasil, ainda é formulado oficialmente pelo IBGE.¹⁵⁶ Mas mesmo que esse parâmetro fosse

um dado “exato”, outros países adotam cada qual um critério populacional, conforme se pode observar pelo Quadro 3.3.

Quadro 3.3 – Classificação demográfica das cidades médias.

País / Instituição	Faixa de tamanho demográfico (habitantes)
Alemanha	150.000 – 600.000
Argentina	50.000 – 1.000.000
Brasil (IBGE)	100.000 – 500.000
Dinamarca	Menor que 100.000
Espanha	30.000 – 130.000
Estados Unidos	200.000 – 500.000
França	20.000 – 100.000
Grécia	10.000 – 100.000
Irlanda	50.000 – 100.000
Itália	50.000 – 300.000
ONU	100.000 – 3.000.000
Paquistão	20.000 – 100.000
Portugal	20.000 – 100.000
Reino Unido	150.000 – 600.000
Suécia	50.000 – 200.000
União Europeia	20.000 – 500.000

Fonte: Souza *et al* (2007, p. 07).

Assim, com relação aos critérios populacionais, a grande maioria dos países europeus, que tem uma tradição mais sólida

¹⁵⁶ IBGE considera como cidades médias todas aquelas cuja população se situe entre 100 e 2.500 mil habitantes.

no estudo do tema, como a França por exemplo, utiliza uma faixa bem menor de número de população, talvez pelo grau de consolidação de suas cidades¹⁵⁷. Embora esse critério ofereça facilidades para seu emprego, outros aspectos não eram considerados, apesar de se mostrarem muito mais importantes, considerando-se que, em cada região, uma cidade pode ser considerada como tal, dependendo de outros aspectos relativos às suas funções e à sua inserção na região onde está inserida.

Contudo, a formação e incremento das cidades médias, não é só interessante do ponto de vista de melhor equilibrar a distribuição da população no território, freando o inchaço das grandes metrópoles, mas é também fator de interesse dos investimentos econômicos, visto que:

há a necessidade de uma determinada densidade de consumidores para que certa localidade seja interessante para investimentos dos capitais que se desconcentram, as cidades médias

apresentam-se como espaços privilegiados de alocação destes investimentos, dos quais decorre o fortalecimento do papel destas cidades no que tange ao oferecimento de funções, bens e serviços aos moradores da sua hinterlândia e de áreas rurais ou urbanas mais ou menos distantes. Assim este processo implica no reforço do papel das cidades médias como espaços de consumo locais e regionais, reforçando a centralidade e intermediação destas cidades. (OLIVEIRA Jr., 2007, p. 136)

Segundo Maricato (2001), por volta da década de 1980, foram determinadas algumas características que definiriam a categoria das cidades médias, entre as quais a autora destaca os intercâmbios com a região e com as cidades de maior porte mais próximas, ter um tamanho suficiente que comportasse funções e usos de modo a oferecer grande diversidade de bens e serviços à região onde se situa, poder receber e fixar migrantes das cidades menores e da zona rural, de modo a evitar que esse movimento se dirija diretamente para as grandes cidades já saturadas e possuir um centro bem definido com diversidade

¹⁵⁷ Por outro lado, a Alemanha e os EUA, utilizam um critério populacional até maior do que o brasileiro, que é semelhante em termos mínimos ao recomendado pela ONU.

funcional e uma periferia em expansão e também dinâmica, com oferta habitacional em novos núcleos.¹⁵⁸

Outro critério bastante discutido atualmente, do ponto de vista econômico e político, considera o atual estágio da agricultura tecnológica e do agronegócio como um fator de grande importância para caracterizar as cidades médias que, geralmente, estão vinculadas a uma função econômica de comando técnico da região agrícola em que se inserem. Esse aspecto também é bem estudado por Arroyo (2006), quando afirma que:

Justamente, as cidades médias vinculadas à instalação de uma agricultura científica globalizada intensificam sua vida de relações, como decorrência de uma atividade econômica que as transforma em um ponto da topologia de grandes empresas, impondo novos ritmos e novas exigências a seu cotidiano. Quanto maior número de circuitos produtivos e círculos de cooperação atravessam a cidade, mais ela

precisa atender a suas redes técnicas – de transporte e de comunicação – para garantir uma circulação adequada às novas demandas. Cabe, entretanto, observar que embora essas cidades médias se diferenciem por serem mais dinâmicas e complexas, raramente elas têm o papel de comando. Na realidade, sua área de ação política é reduzida, pois são as metrópoles, como sede das grandes empresas, que exercem um maior controle territorial. (ARROYO, 2006, p. 82-83)

Esse aspecto está presente em muitas de nossas cidades médias, que ascenderam recentemente a este posto, como é o caso da cidade de Formosa, considerada uma cidade de pequeno porte até muito recentemente, e que, pela sua localização, atende a uma ampla região agrícola de caráter empresarial e, somente nos últimos cinco anos, sua população passou dos 100.000 habitantes.

Um fator que contribui ainda mais para dificultar a conceituação das cidades médias no Brasil é a utilização de

¹⁵⁸ Para Deus (2004, p.89-90), “A função, o grau de polarização, os equipamentos de serviços e de lazer e o papel que sua estrutura urbana exerce na região recebendo e emitindo externalidades, é o que caracteriza uma cidade média, ou seja, é uma cidade com uma população acima da média

regional, que exerce uma influência em uma determinada sub-região, com funções que a fazem assumir o papel de polo regional na hierarquia urbana, provendo o consumo produtivo e coletivo da sub-região onde está inserida”.

uma escala nacional para dimensionar esse tipo de cidade em todas as regiões. Por se tratar de um país de dimensões continentais, com, ainda, grandes diferenças regionais, deveriam ser adotadas escalas regionais, como padrão de análise, as quais poderiam conjugar os diversos aspectos, visto que acabam prevalecendo os critérios adotados para as regiões de maior destaque, como a região Centro-Sul.

Assim, essa constatação é bastante reveladora para avaliar a realidade de cada cidade e deveria ser considerada na avaliação do critério de classificação para se estabelecer uma cidade desse porte, conforme alguns autores. Pois a importância econômica que uma cidade representa na escala regional em que está inserida é muito diferente, considerando uma cidade média localizada no interior do Nordeste e uma outra, localizada no interior da região Sudeste, mesmo que as duas tenham população equivalente, o que justifica, em boa parte, que apenas o fator populacional não é um fator suficiente e determinante.

A principal diferença, provavelmente, vai se revelar no grau de desenvolvimento urbano de uma e outra. No caso, que nos interessa diretamente, refere-se ao estágio de desenvolvimento da estrutura urbana de cada cidade, ou seja, ao grau de aperfeiçoamento de sua infraestrutura, de serviços, de equipamento urbanos e públicos. Também, por conseguinte no que se refere aos seus espaços livres públicos, principalmente, nas áreas de expansão mais recentes, o IDH.¹⁵⁹

Assim sendo, a questão demográfica deveria vir conjugada com o desenvolvimento urbano, ou seja, com as atividades e o desenho do espaço urbano. A esse respeito, alguns autores enfatizam a análise do espaço urbano expresso pela distância entre o centro e a periferia da cidade e, ainda, como os fatores econômicos se rebatem nessas diferentes áreas, muitas vezes, contribuindo para a dispersão das atividades, fragmentando o tecido urbano, aspectos que geram uma mais complexa divisão social do espaço, com ocupação em áreas bastante diferenciadas. Nesse sentido, Correia (2007) também argumenta a importância dos diversos aspectos que deverão

¹⁵⁹ Ver o IDH do município de Formosa, na página 145.

ser considerados na análise da estrutura das cidades médias, ou seja:

quanto maior o tamanho demográfico e mais complexas as atividades econômicas, particularmente as funções urbanas, mais fragmentada e, por conseguinte, mais articulada será a cidade. É neste continuum que vai de minúsculos núcleos de povoamento às cidades globais, que se inserem as cidades médias, um tipo de cidade caracterizado por uma particular combinação de tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intra-urbano. (CORREA, 2007, p. 24-25)

Outro aspecto importante a se destacar na caracterização das cidades médias é o papel de intermediação que estas oferecem justamente por sua posição de relação entre as grandes e as pequenas cidades.¹⁶⁰ Essa situação deve-se ao

¹⁶⁰ Amorim Filho e Serra (*apud* OLIVEIRA e SOARES, 2013, p. 122-123) propõem, para definir a cidade média, uma conceituação baseada na presença dos seguintes atributos: a) interações constantes e duradouras tanto com seu espaço regional subordinado, quanto com aglomerações urbanas de hierarquia superior; b) tamanho demográfico e funcional suficientes para que possam oferecer um leque bastante largo de bens e serviços ao espaço microrregional a elas ligado; c) capacidade de receber e fixar os migrantes de cidades menores ou da zona rural, através do oferecimento de oportunidades de trabalho, funcionando, assim, como

fato de sua localização permitir a concentração de atividades econômicas expressivas, geralmente facilitadas pelo sistema rodoviário de transporte, que permite a incorporação de atividades que redefinem seus setores econômicos, de indústria, comércio e serviços.

No período dos últimos trinta anos do século XX (entre as décadas de 1970 e 2000), a realidade da distribuição da população pelo tamanho dos municípios teve uma queda substancial em relação ao percentual da população total do país, caindo de 65% para 49,1%, embora, ainda, representem quase 50% do total e apesar dos pequenos municípios terem tido um grande aumento em seu número.

pontos de interrupção do movimento migratório na direção das grandes cidades, já saturadas; d) condições necessárias ao estabelecimento de relações de dinamização com o espaço rural microrregional que as envolve; e) diferenciação do espaço intra-urbano, com um centro funcional já bem individualizado e uma periferia dinâmica, evoluindo segundo um modelo bem parecido com o das grandes cidades, isto é, através da multiplicação de novos núcleos habitacionais periféricos, e f) aparecimento, embora evidentemente em menor escala, de certos problemas semelhantes aos das grandes cidades, como, por exemplo, a pobreza das populações de certos setores urbanos.

Por outro lado, conforme o Quadro 3.4, os municípios com média de população entre 100 e 500 mil habitantes, que equivalia na década de 1970 a apenas 15,5% da população total, em 2000 já representava 23,3 %, um aumento de 15%. Embora os municípios de maior porte sejam os que tiveram o maior crescimento percentual, passando de 19% para 27,6% da população total, um aumento relativo de 14,5%.

Pode-se observar, também, que os municípios que mais cresceram no período já apresentavam uma população expressiva, que por critérios apenas populacionais já poderiam ser considerados de porte médio. Assim sendo, no caso das cidades, há que se analisar outros aspectos que refletem

um conjunto de problemas e conflitos gerados e mantidos no bojo do processo de reprodução da sociedade e, que são próprias do sistema econômico de acumulação do capital. (OLIVEIRA Jr., 2007, p. 24)

Quadro 3.4 – Participação relativa na população nacional e número de municípios brasileiros, segundo sua classe de tamanho – 1970 e 2000.¹⁶¹

Classe de tamanho dos Municípios (Mil Habitantes)	1970			2000		
	Nº de Municípios	População	% na População Total	Nº de Municípios	População	% na População Total
< 20	2.874	26.449.064	28,0	4.022	33.493.617	19,8
Entre 20 e 50	827	24.983.054	26,4	958	28.631.758	16,9
Entre 50 e 100	157	10.433.689	11,0	303	21.004.081	12,4
Entre 100 e 250	69	9.830.063	10,4	140	21.555.843	12,7
Entre 250 e 500	14	4.776.841	5,1	53	17.985.773	10,6
Entre 500 e 2 mil	9	7.687.110	8,1	25	21.764.675	12,8
>2 milhões	2	10.302.148	10,9	6	25.108.696	14,8
Total do Brasil	3.952	94.461.969	100,0	5.507	169.544.443	100,0

Fonte: IBGE/Censos Demográficos de 1970 e 2000. Adaptado de Andrade e Serra (2001, p. 131). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/capitulo4_desenvolvimento.pdf. Acesso: janeiro 2015.

Conforme Oliveira Jr. (2007), ainda existem algumas dificuldades para definir o que é uma cidade média, já que existe uma grande diversidade delas, levando-se em

¹⁶¹ A cidade de Formosa encontra-se entre as duas faixas destacadas no Quadro 3.4. Os dados referem-se à população total, rural e urbana.

consideração apenas o aspecto que se refere ao número de habitantes. Mas essa dificuldade pode se estender até para o caso de cidades de pequeno porte, já que as cidades de grande porte são mais facilmente identificadas.¹⁶²

Por outro lado, considerando o aspecto urbanístico, quanto à definição e aos atributos de uma cidade média, também ainda não existe um consenso, visto que, já nas últimas décadas do século XX, a sociedade vem se adaptando a um grande conjunto de rápidas transformações, tanto tecnológicas quanto econômicas, políticas e culturais. Isso tem alterado de modo significativo a sua forma de pensar e agir, o que por sua vez, também, se manifesta na constante alteração das cidades. Todas essas mudanças fazem com que a gestão das cidades se torne um grande desafio para o ordenamento do território e para o desenvolvimento urbano tanto nas médias cidades quanto nas grandes e também nas de pequeno porte.

¹⁶² Outra característica levantada pelos autores Bellet Sanféliu, Llop Torné (2004) diz respeito ao fato de que “as cidades intermédias se configuram como cidades mais tranquilas. Dessa forma, a realidade do cotidiano dessas cidades, em certa medida, tende a contrastar com a própria imagem provocada pelos ritmos frenéticos constituintes da realidade e cotidiano

Pode-se, assim, compreender que as cidades médias são áreas urbanas que ainda possuem as vantagens das pequenas cidades, principalmente quando sua população se situa em torno dos cem mil habitantes. Por outro lado, as de população próxima, ou pouco superior a meio milhão de habitantes, já evidenciam alguns problemas das grandes cidades, embora suas dificuldades não sejam as mesmas das grandes cidades, principalmente daquelas com população acima de um milhão de habitantes.

Mesmo assim, conforme Oliveira Jr. (2007), por não serem nem grandes aglomerações e nem pequenos núcleos urbanos, o problema do critério quantitativo aparece, mesmo que veladamente.

Dessa forma, uma cidade média deveria se constituir como um centro regional, com todos os serviços necessários às pequenas cidades de seu entorno. No caso da realidade da urbanização brasileira, pode-se dizer que a cidade de Formosa

das metrópoles. Essa imagem dos ritmos, inclusive, é normalmente associada à cidade genericamente, quando na verdade a maior parte da população urbana mundial encontra-se localizada em cidades pequenas e médias”. (OLIVEIRA Jr., 2009, p. 4)

já possui parte dessas características para ser considerada como tal – uma cidade média no Centro-Oeste do país.¹⁶³

3.3 –Formosa – uma Cidade Média no Centro-Oeste

No estudo de classificação das cidades elaborado pelo IBGE, “Região de Influência das cidades em 2007”, nessa data, a cidade de Formosa ainda não aparecia nem como cidade regional e nem como centro sub-regional. Embora nessa categoria aparecessem cidades com população média equivalente de 79.000 habitantes.¹⁶⁴

Trata-se de uma típica cidade brasileira do interior do país, localizada a pequena distância, aproximadamente, 75 Km da cidade de Brasília e a 282 Km da cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás. Limita-se a norte com os municípios de Água Fria de Goiás e São João da Aliança, ao sul, com Cabeceiras e Unaí, situadas no estado de Minas Gerais, a leste com Vila Boa

e Flores de Goiás e a oeste com a cidade de Planaltina no Distrito Federal (Figura 3.16).

Formosa apresenta as mesmas diversas características que podem ser observadas em outras cidades semelhantes, especialmente localizadas nas proximidades dos grandes centros urbanos. Embora a cidade tenha vida própria, uma parcela da população desloca-se diariamente para trabalhar na cidade de Brasília e outras áreas do Distrito Federal, onde se localizam melhores postos de trabalho, além da procura por serviços mais especializados nas áreas de saúde, educação e outros.

Até a década de 1980, Formosa ainda se constituía numa pequena cidade, sem muita expressividade econômica. A partir desse período, recebe contingentes populacionais expressivos, vindos, principalmente, da região sul do país – os gaúchos. Os quais dinamizaram os processos de produção, em especial o

¹⁶³ Esta temática é amplamente abordada e estudada entre os geógrafos, cujos critérios adotados são os mais diversos, mesmo quando se considera, também, o critério populacional.

¹⁶⁴ Em 2007, o IBGE catalogou na categoria de Centro sub-regional B – 79 cidades, com populações medianas com população média de 71 mil habitantes e 71 relacionamentos. Nessa mesma época, a cidade de Formosa já apresentava uma população semelhante, ou seja, em 2000, sua população já era de 69.035 habitantes conforme Quadro 3.1.

agronegócios, o que provocou fortes alterações na cidade e em toda a rede urbana dos estados da Região Centro-Oeste.

Desde a segunda metade do século passado, a cidade tem experimentado grandes mudanças, primeiramente decorrentes da construção de Brasília, o que causou forte estímulo de desenvolvimento em toda a região do planalto central do país, principalmente nos estados de Goiás e do Mato Grosso. Assim, a cidade passa de pequeno núcleo urbano, com atributos baseadas na tradição até a década de 1970, às características de cidade de pequeno porte e, sucessivamente, nos últimos quarenta anos, apresenta maior crescimento, até alcançar o porte atual. Tal porte, na percepção dos moradores, se deu com mais ênfase a partir das duas últimas décadas do século XX.

A cidade começou a crescer a partir da década de 1980, com a vinda dos gaúchos. Eles vendiam um lote pequeno lá no Sul e com o

mesmo dinheiro compravam uma grande fazenda aqui em Goiás. Veio muito gaúcho e muito mineiro também. Além disso aqui eles tinham investimento a juros baixíssimos do governo, incentivos, [...] depois voltou a crescer em menor proporção, continuavam a vir pessoas e depois com a duplicação da BR, muita gente que morava em cidades como Taguatinga, preferiram vir pra Formosa, porque achavam que Formosa é mais tranquilo para morar e trabalhar em Brasília. (M. 53 anos, natural de Formosa, aposentada. Em dezembro de 2015).¹⁶⁵.

¹⁶⁵ Conforme a mesma moradora: “Com a duplicação da BR-020, muita gente que morava em cidades do DF, preferiram vir para Formosa, pois muitas vezes demorava mais para chegar em Taguatinga do que para chegar aqui em Formosa. Os engarrafamentos para quem mora em Taguatinga eram maiores. Muitas pessoas que moravam em Sobradinho que acharam que era muito violento, muito perigoso também, acabaram vindo pra Formosa que é mais tranquilo. Então houve um novo crescimento. Além de gaúchos

vieram catarinenses e paranaenses, procurando terras para o plantio de soja. Formosa é mais tranquilo para morar e trabalhar em Brasília. Mais tranquilo que Planaltina, que Sobradinho, Sobradinho II, dependendo do local que morar em Sobradinho ainda é tranquilo, mais tranquilo que Taguatinga, Ceilândia. (M. 53 anos, natural de Formosa, advogada e professora aposentada, em dezembro de 2015).

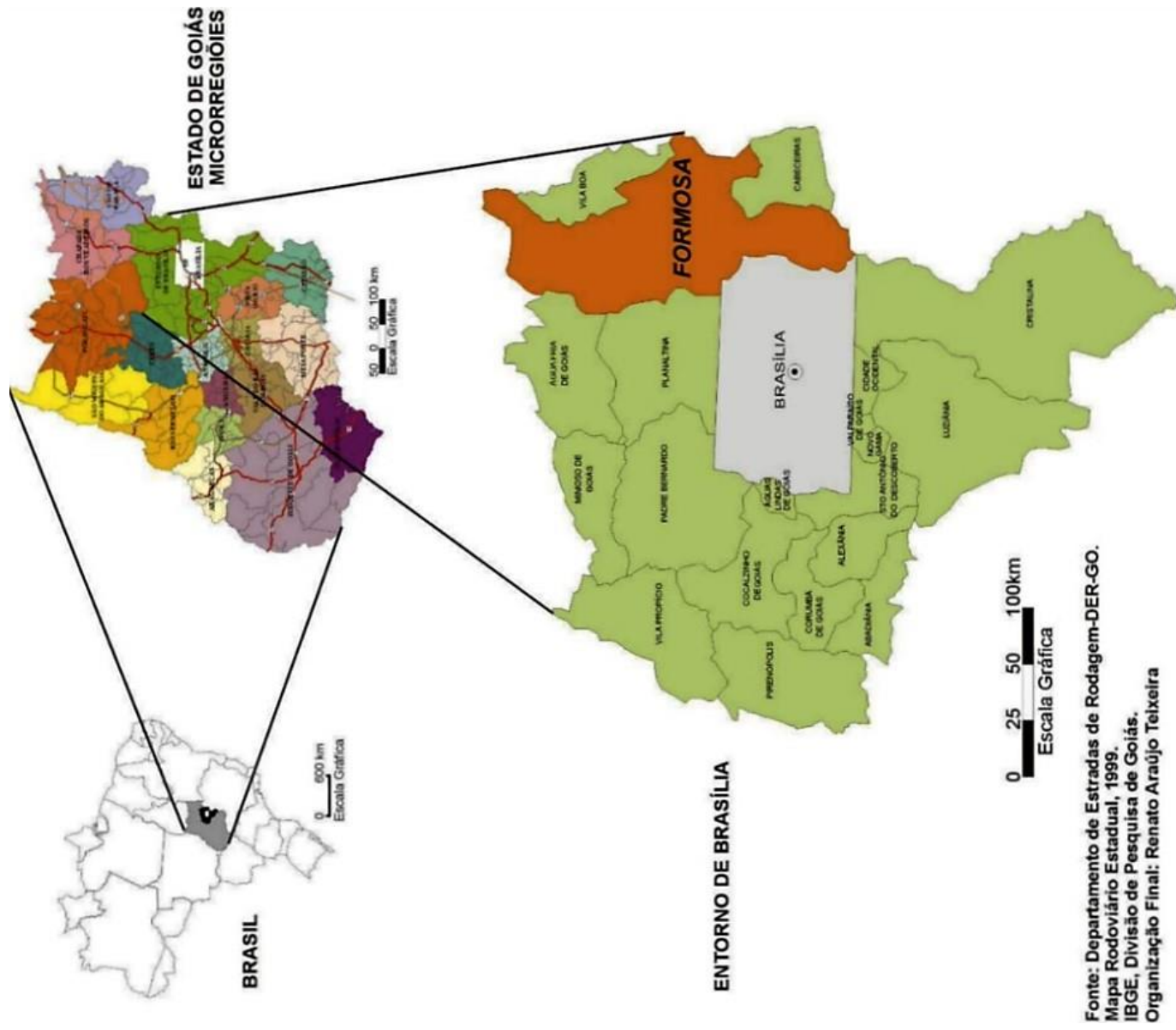


Fig. 3.16 – Localização de Formosa em relação ao entorno de Brasília (2005). Fonte: DER-GO, adaptado de Araújo (2005)

Conforme relata Vieira (2010), muitas famílias que vieram do sul do país para a agricultura, na região do PADF¹⁶⁶ do Rio Preto, entre outras, passaram a morar na cidade, principalmente em busca de melhor educação para os filhos, além de assistência em saúde e trabalho profissional para os mais jovens. Assim, como já tinham

um grau de educação elevado e a diversificação de suas próprias atividades, terminaram por influenciar no comércio, na cultura e no desenvolvimento da cidade. Embora muitos estivessem no Distrito Federal, a escolha por Formosa era feita pela proximidade com suas fazendas. (VIEIRA, 2010, p. 44).

Por outro lado, a mecanização da agricultura também fez com que milhares de famílias perdessem suas terras (na maioria compostos de arrendatários e agregados) e, dessa forma, forçadas a migrar para as cidades que, no caso dessa região,

¹⁶⁶ Programa concebido e implantado pelo Governo do Distrito Federal, através da Secretaria de Agricultura e Produção e executado pela Fundação Zoobotânica do Distrito Federal, com início em 1977, visando incorporar ao processo produtivo, as áreas rurais do Distrito Federal, até então inteiramente inexploradas.

se dirigissem primeiramente às cidades de Brasília e Goiânia, e visto que não:

dispuseram de apoio oficial para o desenvolvimento de atividades urbanas, sendo, pois, então, privados dos meios essenciais para a sobrevivência, amontoando-se na periferia das cidades. (MENDONÇA e JUNIOR, 2002, p. 97)

Assim, esse crescimento dos últimos trinta anos, principalmente com a introdução do agronegócio na região, trouxe grandes transformações para a cidade pois o seu crescimento populacional gerou, como consequência, não só uma expansão econômica como também uma expansão na estrutura urbana da cidade, com aumento de tráfego e outras externalidades, como aumento da pobreza. Embora, na primeira década deste século, o IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano por Município) divulgado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento)¹⁶⁷, do município, manifeste uma tendência de melhoria.

¹⁶⁷ O IDH considera os indicadores de longevidade (saúde), renda e educação para cada município brasileiro. Os dados a seguir foram retirados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil em 2013, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e da Fundação João Pinheiro (FJP), com dados extraídos dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010. O IDH

No caso do município de Formosa, o Quadro 3.5 apresenta dados que assinalam o aumento recente desses valores, o que demonstra melhoria nas condições de vida do município. Talvez ocasionado pela consolidação do agronegócio e pela nova leva de imigrantes que se mudaram para a cidade em busca de melhoria nas condições de moradia, apesar do deslocamento diário para trabalhar em Brasília.

Quadro 3.5 – Valores do IDH do Município de Formosa

Ano	IDH - M
2010	0,744
2000	0,598
1991	0,482

Fonte: PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) – IDH por município e estado.

Até a década de 1970, a infraestrutura da cidade também era incipiente no que se refere à energia elétrica, que era fornecida por uma pequena usina localizada a nove quilômetros da cidade e que sequer atendia aos poucos bairros da época. Na década de 1980, as melhorias já eram visíveis. No

municipal varia de 0 a 1, considerando que, quanto mais próximo de 0, pior é o desenvolvimento humano do município, e, quanto mais próximo de 1, mais alto é o desenvolvimento do município.

entanto, quanto ao tratamento da água, só em 2002 é que a regional da Saneago¹⁶⁸ constrói a Estação de Tratamento de Água em Formosa e estende a rede de abastecimento a todos os bairros da cidade e, também, instalou a rede de esgotos. (VIEIRA, 2010, p. 81).

3.3.1 – Economia

A economia do município de Formosa está estruturada em todos os setores, primário, secundário e terciário. O primário representa a atividade mais importante economicamente, embora não seja o setor que empregue o maior percentual da população.

Os produtos que mais se destacam são os das lavouras de soja, seguidos pelas de milho e de arroz. De acordo com o IBGE, e o Plano Diretor de Formosa, em 2000, o setor terciário respondia por 85% de empregos e o secundário por 12% do total das empresas atuantes, segmento este que, por ser bastante diversificado, é referência para outros municípios vizinhos.¹⁶⁹

¹⁶⁸ Saneago – Saneamento de Goiás S/A.

¹⁶⁹ De acordo com dados do IBGE de 2001, quanto às profissões, 9,6% eram comerciantes, 9,0% professores. Empregadas domésticas e motoristas

Mesmo o município sendo considerado um pólo regional de produção agrícola e de apoio ao agronegócio, uma parte de sua população ainda é constituída pelo segmento de baixa renda. Paralelamente, devido à relativa prosperidade da cidade, uma grande maioria dos proprietários rurais da região (Cabeceiras, Buritis, Formoso, Flores de Goiás, São João d'Aliança, Planaltina de Goiás, Água Fria e parte do Distrito Federal – Rio Preto) residem na cidade de Formosa (segundo dados do PD de 2003).

Dessa forma, a cidade também se apresenta como opção de trabalho, investimento e como uma alternativa para a localização de migrantes de baixa renda, além de ser atrativa para o mercado imobiliário, devido ao menor índice de violência, se comparado com os demais municípios do entorno do Distrito Federal (IICA-Brasil, 2008, p. 25).

correspondiam a 8,0%. Por outro lado, no mesmo período, em pesquisa realizada pela Secretaria de Trabalho do Distrito Federal, 24% dos entrevistados em Formosa, trabalhavam no Distrito Federal (segundo dados do P.D. de Formosa, 2003).

¹⁷⁰ Os solos da região de Formosa são bons para agricultura, são solos minerais, profundos a muito profundos, argilosos ou de textura média,

As duas atividades econômicas principais, a agricultura e a pecuária, se fortaleceram com o processo de transformação que ocorreu em toda a região Centro-Oeste, após a construção de Brasília, tendo inserido toda região na economia nacional, continuando a ser, até hoje, a base da economia municipal.¹⁷⁰

Mesmo mantendo algumas características de cidade de interior, já apresenta uma tendência de crescimento marcado pela semelhança com o que ocorre em cidades de maior porte, com a verticalização das construções, na região central (com edifícios de mais de 10 pavimentos, condomínios fechados e a indicação de construção de um *shopping center*), podendo se entender como reflexo do progresso advindo após a construção de Brasília e da sua inserção no agronegócio, principalmente, após a década de 1975/1980.

Apesar desse relativo crescimento econômico, Formosa apresenta uma taxa de crescimento populacional mediana em

geralmente, bem drenados, pouco suscetíveis a erosão, frequentemente, associados a solos medianamente profundos e apresentam grandes quantidades de concreções e cascalhos na sua composição, mas ocorrem, também, solos medianamente profundos, argilosos, ácidos, suscetíveis à erosão e com baixa fertilidade.

relação a grande maioria dos outros municípios do entorno de Brasília, os quais apresentam valores bastantes elevados, principalmente neste início do século XXI. Águas Lindas de Goiás e Valparaíso de Goiás são as duas cidades que apresentam as maiores taxas de crescimento na região (Quadro 3.6).

Uma das razões de Formosa ter essa menor taxa de crescimento relativamente a Águas Lindas de Goiás, deve-se ao fato de Águas Lindas se situa mais próxima a Brasília (51 Km), o que facilita o deslocamento diário entre as duas cidades, e também pela falta de qualificação da mão de obra que reside nessa cidade, portanto, de menor poder aquisitivo.

Por outro lado, como a distância entre a cidade de Formosa e a capital é bem maior relativamente aos demais municípios do Entorno (cerca de 75 km), esta mantém certo grau de “vida própria”, visto o deslocamento diário entre as duas cidades ser dificultado, tanto pela distância quanto pelo custo que acarreta. No entanto, uma boa parte de pessoas ainda prefere morar na cidade e se deslocar diariamente para trabalhar em Brasília.

Quadro 3.6 – Taxa geométrica de crescimento populacional de municípios do entorno imediato do Distrito Federal de 1980 a 2010.

MUNICÍPIO	Área (Km ²)	Habitantes					
		1980	1985	1991	1993	2003	2010
Abadiânia	1.047,70	9.005	10.013	9.402	9.439	12.084	15.757
Águas Lindas de Goiás	191,19	-	-	-	-	132.076	159.378
Cidade Ocidental	389,80	-	-	-	32.061	43.879	55.915
Cocalzinho	1.794,30	-	-	-	10.328	15.940	17.407
Cristalina	6.188,70	15.991	19.881	24.937	26.536	36.944	46.580
Formosa	5.827,70	43.296	53.878	62.982	63.999	84.353	97.903
Novo Gama	191,67	-	-	-	-	83.575	95.018
Padre Bernardo	3.148,90	15.857	17.581	16.500	17.558	23.059	27.671
Planaltina (Goiás)	2.547,70	16.172	27.195	40.201	42.779	84.043	81.649
S. Antônio, do Descoberto	1.133,50	-	17.092	35.509	37.786	63.191	63.248
Valparaíso de Goiás	60,11	-	-	-	-	106.970	132.982

Fontes: SEPLAN-GO (2003) e IBGE – Cidades

Formosa, no entanto, se beneficia da proximidade com Brasília, ofertando, além de mão de obra, produção de hortifrutigranjeiros, carne, leite, turismo e moradia barata, entre outros benefícios. Em contrapartida, Brasília proporciona ao município infraestrutura mais diversificada, uma rede consolidada nos meios técnico-científico-informacionais e maior oferta de produtos e serviços.

Nessas duas últimas décadas, o dinamismo no processo de modernização da agricultura e da pecuária tem moldado o município como um agente importante dentro do contexto regional. Embora não apresente muitas áreas planas, a agricultura mecanizada proporciona uma produção maior em uma área menor.

Segundo dados econômicos recentes (2004), a cidade era a 11.^a colocada entre as melhores infraestruturas produtivas do estado de Goiás¹⁷¹. Firmando-se como polo na prestação de serviços para a população do nordeste goiano. A indústria de mobiliário é grande fornecedora para o Distrito Federal, com dezenas de empresas instaladas na cidade, que “vão desde simples fábricas de fundo de quintal até empresas maiores que planejam grandes investimentos”. (VIEIRA, 2010, p. 71-72).

Nesse sentido, importa desmistificar um ponto importante acerca de algumas cidades do entorno de Brasília, especialmente no caso de Formosa, que não deve ser

considerada como uma cidade dormitório. Muito pelo contrário, já que apresenta por um lado uma produtividade agropecuária que, inclusive, abastece Brasília e, por outro lado, oferece opções de turismo, isto inclusive devido à boa rede viária existente entre ambas as cidades. E, embora a cidade de Formosa exerça uma pressão menos evidenciada sobre os equipamentos do Distrito Federal, verifica-se, ainda, uma dependência de serviços mais especializados, principalmente os de saúde e educação de nível superior.¹⁷²

Com relação ao potencial turístico e seus desdobramentos na economia do município, Formosa é privilegiada por suas belezas naturais – Gruta das Andorinhas, Salto do Itiquira, Cachoeiras do Bandeirinha, Cachoeira do Capetinga e o sítio arqueológico do Bisnau. Esses são alguns dos seus principais pontos de atração turística, o que lhe confere uma boa alternativa de arrecadação de recursos, já que com a consolidação do Distrito Federal e de

¹⁷¹ O Estado de Goiás possui 246 municípios.

¹⁷² Formosa possui atualmente apenas 4 (quatro) Instituições de Ensino Superior, o IFG (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás) – campus Formosa, a IESGO (Faculdades Integradas de Ensino

Superior de Goiás), a Faculdade Cambury de Formosa e a UNOPAR (Universidade Norte do Paraná), com cursos à distância. Águas Lindas possui 2 (duas) e Valparaíso de Goiás 4 (quatro), sendo cidades cuja população é bem maior do que a de Formosa.

suas primeiras gerações já há uma demanda por opções de lazer em áreas mais próximas à capital Federal. (Araújo, 2005).

A tendência do crescimento dessa alternativa turística, tanto no Brasil como em todo mundo, faz com que algumas cidades do entorno de Brasília tenham se tornado opções de passeios e viagens curtas e até de opção de segunda moradia, de final de semana¹⁷³. Conforme destaca o Plano Diretor do Município de Formosa (2003), em análise do comportamento demográfico na cidade foi verificado um movimento pendular com os municípios próximos, de pessoas que vão fazer faculdades em Formosa e para outras atividades.

Trata-se de um fluxo concentrado especialmente de sexta-feira a domingo, com origem no Distrito Federal em busca das atrações naturais de Formosa, e advindos de municípios distantes até 350 km para assistir aos cursos superiores com aulas aos finais de semana. (Plano Diretor do Município de Formosa, 2003, p. 1.11)

¹⁷³ A cidade do entorno que mais tem crescido com o turismo é Pirenópolis. No entanto, mesmo em finais de semana normais (fora de feriados ou datas festivas), segundo dados estatísticos da Secretaria de Cultura e Turismo da cidade de Formosa, o número de pessoas visitando a cidade chega a cerca

Um dos problemas da cidade na área do turismo é a falta de incentivo e, conseqüentemente, maior investimento na estrutura turística, de cultura e de preservação e valorização do patrimônio em geral, inclusive no arquitetônico. Embora a cidade tenha mais de 170 anos, existem poucos exemplares da antiga arquitetura colonial (séculos XVIII e XIX). E os poucos que ainda existem estão dispersos pela área central, mas estão em sua maioria pouco preservados ou já descaracterizados, pois não existe na administração da cidade um órgão ligado ao IPHAN¹⁷⁴ que possa assessorar o poder municipal nesse sentido. Assim, grande parte desse patrimônio já foi demolido, situação que se verifica em função da grande quantidade de lotes vazios encontrados nessa área e que, com certeza, aguardam a valorização com a especulação imobiliária. Assim, conforme Saad (2013, p. 15), “As marcas primitivas, suas praças e seus velhos casarões, tudo isso está se perdendo rapidamente”.

de 10.000 turistas por mês, sendo a maior parcela oriunda da região de Brasília, e se dirigem, preferencialmente, à cachoeira do Itiquira.

¹⁷⁴ IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Alguns festejos, como a Festa/Folia do Divino Espírito Santo, são um aspecto da cultura de Formosa que também gera importância econômica. Atualmente, realiza-se no mês de maio na Praça da Catedral e é a maior festa religiosa da cidade de Formosa, que mobiliza um grande número de pessoas, tanto dos habitantes quanto inclusive de visitantes, turistas das cidades próximas.

3.3.2 – Quanto à estrutura urbana

Quanto à sua inserção da cidade na região, trata-se de uma área urbana bem conectada por rodovias, tanto com o município em si quanto com todas as cidades de seu entorno, além de outros estados. Como via principal de acesso e de ligação importante com o Distrito Federal e toda a região norte do país, a BR-020, conhecida também como Rodovia Brasília-Fortaleza, atravessa a cidade, dando-lhe acesso por três entradas. No trecho ainda dentro dos limites do Distrito Federal, a rodovia é duplicada somente até o primeiro acesso, o mais antigo, na ponte do rio Santa Rita, o qual faz a divisa do município com o Distrito Federal (Figura 3.17).

Além desse, existem outros acessos, um pela rodovia GO-430, que liga Formosa à cidade de Planaltina de Goiás, rodovia que também é cortada pela GO-118, que liga o Distrito Federal à Chapada dos Veadeiros. Além do acesso através da GO-116, que liga a cidade Formosa ao Salto do Itiquira.



Fig. 3.17 – Principais rodovias de acesso e a estruturação das vias principais e coletoras. Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-15.5444748,-47.3225412,12z>. Acesso: janeiro de 2014.

Quanto ao sistema viário, a cidade apresenta um traçado bastante irregular, seja quanto à largura das ruas e das calçadas, seja quanto à hierarquia das vias. Apresenta, no

entanto, vias de quatro categorias: vias expressas – de trânsito rápido que dão acesso ao centro da cidade –, as vias arteriais –as de ligação entre os bairros e que recebem o tráfego das vias coletoras e o encaminham para as vias expressas – e as vias coletoras –fazem a ligação entre as vias arteriais e as locais.

Em Formosa, tanto as vias expressas quanto as vias artérias apresentam a mesma configuração, geralmente se constituem de avenidas com duas caixas viárias, com canteiro central arborizado, mas estão pouco conectadas, tanto entre si, inclusive muitas coletoras também não se conectam com as vias arteriais. Devido à pequena largura das calçadas, de modo geral, nenhuma das ruas possui arborização¹⁷⁵.

Os pequenos parcelamentos mais periféricos, e que se ligam entre si e com o restante da cidade, constroem um tecido urbano pouco coeso. Alguns loteamentos ainda se encontram

¹⁷⁵ Destaca-se, contudo, a vegetação, ainda existente nos lotes residenciais, em sua maioria ainda unifamiliares e a existente nas praças principais, a qual se destaca pelo porte e pela quantidade. Com a verticalização, esta

isolados dos mais centrais e consolidados, e o sistema viário entre eles também é pouco integrado.

Quanto ao transporte público, como até o final do século passado o perímetro da cidade era pequeno, o principal meio de transporte utilizado até a década de 1970, período em que a maioria das ruas ainda não eram asfaltadas, está apresentado na Figura 3.18.



Fig. 3.18 – Meio de transporte utilizado na cidade de Formosa até a década de 1970. Fonte: LUCAS e FREITAS (Folheto de fotos - s/data e s/p.)

característica deverá se perder, caso não sejam tomadas providências de se manter uma reserva.



Fig. 3.19 – Estacionamento de motos e bicicletas na Rua Visconde de Porto Seguro. Fonte: Foto da autora, em 2016.

Atualmente, a cidade possui um sistema de transporte público que liga o centro aos bairros mais afastados, mas seu funcionamento, ainda, é precário. Havendo longos períodos de tempo entre a passagem de um veículo e outro, assim, a grande maioria da população que vive nos bairros mais afastados desloca-se de bicicleta ou a pé, sendo também bastante significativa a frota atual

¹⁷⁶ Talvez porque até há, apenas, 50 anos atrás, o meio de transporte mais utilizado na cidade eram as carroças, atualmente, para a classe média fazer pequenos percursos de automóvel, é uma condição de mostrar seu *status*, mesmo que esses trajetos possam ser feitos mais rapidamente a pé do que de automóvel, considerando serem as ruas estreitas e os terrenos vazios, que funcionam como estacionamentos, cobrarem um preço bastante elevado.

de motocicletas (Figura 3.19), embora uma parcela mais favorecida economicamente, se desloque em veículo particular.¹⁷⁶

3.3.3 – Quanto aos usos atuais

A cidade de Formosa desenvolveu-se em todas as direções, a partir da área central – Setor Central –, sendo que a sudeste já ultrapassou a rodovia BR-020, chegando aos limites com a Lagoa Feia. A noroeste sua expansão também está contida pela borda da chapada, continuando a se expandir nas demais direções.

A cidade compõe-se por diversos bairros¹⁷⁷: Setor Central, Formosinha, Abreu e Lago dos Santos, Setor Nordeste, Setor Ferroviário, Ex-Industrial e Industrial e alguns loteamentos; Parque das Laranjeiras, Pampulha de Brasília, Jardim Oliveira, Parque das Américas, Bairro Imperatriz e Vila Yara, entre outros que também se identificam como vilas, ou parques, e

¹⁷⁷ Os bairros, na maioria loteamentos de pequena extensão, recebem distintas nomenclaturas, como setores (Setor Central, Setor Abreu, Setor Bosque I, Setor Bosque II, Setor Nordeste, etc.), vilas (Vila Aurora, Vila Imperatriz, Vila Lorena, Vila Mutirão), parques (Parque Lago, Parque Vila Formosa, Parque da Colina, Parque Vila Verde), entre outros.

que em grande parte são constituídos por pequenos loteamentos, surgidos de pequenas parcelas rurais, os quais em sua maioria não possuem ainda muita infraestrutura e são, também, ainda pouco ocupados.¹⁷⁸

O Setor Central é a área mais consolidada e apresenta os usos mais diversificados, embora ainda predomine o uso residencial unifamiliar, principalmente, nas ruas dos seus limites, se pode verificar que já existem edifícios residenciais multifamiliares (Figura 3.20), embora ainda de poucos pavimentos (em média 4 pisos). Com isso, a vegetação vai desaparecendo da cidade.

Nessa área existem diversos lotes vazios dos casarões antigos que foram demolidos e aguardam maior valorização¹⁷⁹, funcionando, nesse ínterim como locais para estacionar, por existirem poucos estacionamentos públicos, além das vias centrais serem estreitas e, ainda, se permitir estacionar numa

faixa. Por isso, essa área já apresenta congestionamento durante os dias de semana¹⁸⁰.



Fig. 3.20 – Vista da área central da cidade. Em primeiro plano, a prefeitura e a Praça Rui Barbosa – Fonte: <http://www.redecol.com.br/2012/09/as-20-maiores-cidades-do-centro-oeste.html>. Acesso: dezembro de 2014.

Um aspecto que se observa com frequência nas cidades é a centralidade – correspondente à área central geográfica da cidade –, geralmente a área mais antiga e que comporta a

¹⁷⁸ O Setor Central inclui o local de origem da cidade – o Largo do Pau Ferro –, muito embora essa parte da cidade não seja entendida pelos moradores como parte do centro atual, sendo inclusive destacado na divisão administrativa pelo nome de Setor Central Nordeste. Conforme Araújo (2005), no intuito de não deixar que as antigas tradições do povo de Formosa se perdessem no esquecimento, foi criada, em 1998, a Fundação Museu Couros, uma entidade particular, sendo uns dos eventos pioneiros no país.

¹⁷⁹ Esses lotes vazios localizados numa área central, com toda a infraestrutura disponível, deveriam ser taxados de forma a serem ocupados (como, por exemplo, IPTU progressivo).

¹⁸⁰ As vias desta região central já funcionam no sistema binário, no entanto, devido à sua largura e aos diversos semáforos nos cruzamentos, o trânsito flui com lentidão.

esfera da administração pública, da centralidade política e maior concentração das atividades comerciais e financeiras. Um espaço vivo e animado durante o dia, que se esvazia, expressivamente, durante a noite, logo após o fim dos habituais expedientes de trabalho.

As ruas comerciais do Setor Central são chamadas pela população que reside nos bairros mais afastados de “cidade”, sendo comum alguém usar a expressão “vou à cidade”. A explicação é em razão da presença do comércio mais intenso, além de bancos e demais serviços públicos, os quais estão concentrados somente nesse local, o que provoca um intenso fluxo de pessoas e automóveis circulando durante os dias de semana. Por outro lado, aos finais de semana, quase não há movimento nesta área.

Uma realidade que se apresenta na cidade de Formosa, e que é característico da periferia da maioria das grandes cidades, é uma configuração com dispersão da ocupação, com presença

de grandes áreas vazias, inclusive com “uso rural” em meio à área urbana, sem ainda outra destinação, principalmente, entre os bairros mais centrais e os novos loteamentos. Isso dificulta a conexão entre os bairros, devido ao aumento das distâncias entre eles. Nesses novos bairros, predomina o uso residencial unifamiliar, com alguns pequenos trechos de uso comercial, embora essas áreas não tenham nenhuma característica de centros de bairro.¹⁸¹

Assim, em Formosa, além das principais ruas comerciais, o centro é também identificado pela Catedral Católica, que, ainda, marca a paisagem com suas torres. Mas essa marca tende a desaparecer devido à tendência de verticalização que já se espalha pelo Setor Central e nos bairros próximos de Formosinha e São Benedito, este último situado ao longo da Avenida Tancredo Neves, próximo ao principal acesso à cidade.

Um aspecto que se destaca na cidade é a existência das diversas lagoas e córregos espalhados na malha urbana e que

¹⁸¹ Por outro lado, segundo Lynch (1970), para os moradores, os bairros são identificados pela imaginação, por possuírem alguma identidade temática que os diferenciam entre si.

desaguam na Lagoa Feia. São elas: a Lagoa do Vovô, a Lagoa do Abreu ou da Vovó e a Lagoa dos Santos. Todas decorrentes de nascentes, e atualmente, além de serem cercadas por uma pista para pedestres, possuem também uma praça, em área adjacente.

A outra nascente, que também possui uma lagoa, é a do Rio Preto, que é protegida por lei e está integralmente protegida pelo Parque Municipal da Mata da Bica. Este parque se destaca na cidade pela sua grande massa verde, que, segundo o Secretário de Meio Ambiente, cuja sede se situa na área do parque, carece de recursos para que se mantenha, assim como a lagoa da nascente que já está parcialmente assoreada, devido ao desmatamento.¹⁸² A Figura 3.21 apresenta a vista aérea do parque, da lagoa e de parte da cidade.



Fig. 3.21 – Mata da Bica. Fonte: Site da Secretaria de Turismo da cidade de Formosa. Fonte: http://iconosquare.com/p/1008031618041983737_1713144171. Acesso: janeiro de 2016.

A cidade possui aeroporto, implantado na década de 1935 pela Agepot¹⁸³, com pista asfaltada e capacidade para receber aviões de pequeno e médio porte. Não tem linhas comerciais regulares, sendo, no entanto, muito utilizado por pequenos

¹⁸² O Rio Preto é uma das nascentes que abastece a Lagoa Feia, que desagua no rio Paracatu, um dos afluentes do Rio São Francisco. O parque

já possui um projeto e um Plano de Gestão que estão sendo avaliados para futura implantação.

¹⁸³ Agepot (Agência Goiana de Transportes e Obras).

aviões particulares (fazendeiros ou grande empresas de proprietários rurais), principalmente nos finais de semana. Com o crescimento da cidade, não foi reservada a área necessária para a expansão deste aeroporto, que no momento já se encontra envolvido pelos novos bairros, impossibilitando-o, assim, de crescer.

CAPÍTULO IV – As praças da cidade de FORMOSA

4.1 – Bairros e praças de Formosa

A cidade de Formosa possui atualmente 51 bairros sendo que apenas 16 bairros deste total possuem praças, num total de trinta e três (Quadro 4.1). Um aspecto relevante é que, desse total de 33 praças, pode-se considerar que o maior percentual, vinte praças, mesmo considerando um raio de 1.000 metros, atendem apenas a região central e a região leste da cidade.

O bairro que possui o maior número de praças é o bairro Centro o mais antigo da cidade (também denominado de Setor Central), num total de 9 praças. As demais praças estão distribuídas de forma irregular nos outros 15 bairros. Desses 15 bairros, os que são mais bem atendidos possuem, no máximo, até três praças. Com isso, os demais 35 bairros, principalmente os que estão localizados na periferia da cidade, ou seja, mais afastados do Centro, não possuem nenhuma praça.

Além dessa desigualdade na distribuição dos espaços livres, no contexto urbano, as praças apresentam as mais diversas dimensões, formas, funções, estado de conservação e manutenção, entre outros aspectos. Entre as dimensões e formas mais encontradas, destaca-se as com forma triangular com um ângulo agudo acentuado e resultante da junção de duas ruas e com pequenas dimensões¹⁸⁴.

Entre os bairros que possuem apenas uma ou duas praças, está o Bairro Formosinha, um dos maiores e mais antigos da cidade, que, além de poucas, suas praças estão localizadas apenas nos seus limites – no centro do bairro não existe nenhuma praça. O aspecto que melhora as suas condições é a existência de praças localizadas em outros bairros, mas situadas nos seus limites, como o caso do Laginho do Vovô e do Parque da Mata da Bica além das praças do bairro Vila Bela.

¹⁸⁴ Algumas dessas pequenas praças têm área de cerca de 330 metros quadrados.

Os bairros mais afastados, como o Jardim Triangulo, o Setor Bela Vista, o Parque da Colina, entre outros, são os menos privilegiados, pois, além de não terem nenhuma praça, as mais próximas estão localizadas a mais de 2.000 metros de distância dos limites do bairro.

Em outros bairros, também mais afastados do centro, não foi localizada nenhuma praça. No entanto, são, ainda, pouco ocupados, como o Parque São Francisco e o Parque Laguna II, ambos localizados nas proximidades da Lagoa Feia¹⁸⁵. Estes são separados da cidade propriamente dita pela rodovia BR-020. Além disso, os usos que existem ao longo desta rodovia, são grandes equipamentos, como galpões de máquinas agrícolas e armazéns. Esses fatos segregam a população residente do restante do centro urbano, que, assim, fica mais desassistida de espaços públicos destinado ao lazer.¹⁸⁶

Como forma de melhor explicar a distribuição das praças pelos bairros da cidade de Formosa, foi elaborado um mapa (Figura

4.1), com a localização das praças. O Quadro 4.2 apresenta uma figura e a descrição básica quanto às principais características (área, forma, vegetação, equipamentos e condições de uso), de uma praça escolhida, aleatoriamente, em cada bairro da cidade.

¹⁸⁵ Estes bairros, além de afastados de outros bairros da cidade, ficam isolados, pois são limitados pela rodovia BR-020.

¹⁸⁶ Numa parte da área do bairro Parque Lago, localizado na parte sudeste da cidade, foi implantado recentemente, um projeto “Minha Casa Minha

Vida”, e, embora ainda não possua uma praça, foram previstas quatro grandes áreas para implantação de equipamentos públicos, entre os quais uma praça.

Quadro 4.1 – Bairros e praças na cidade de Formosa

BAIRROS	PRAÇAS	BAIRROS	PRAÇAS	BAIRROS	PRAÇAS
1) Abreu	3	18) Parque Lago	2	35) Setor Imperatriz	3
2) Centro (Setor Central)	9	19) Parque Laguna II	—	36) Setor Industrial II	—
3) Chácaras do Abreu	—	20) Parque São Francisco	—	37) Setor Nordeste	1
4) Conjunto Padre José	—	21) Parque Serrano	—	38) Setor Pampulha	—
5) Formosinha	2	22) Parque Serrano	—	39) Setor (Jardim) Primavera	1
6) Iris Village	—	23) Parque União	—	40) Setor Sul	—
7) Jardim Califórnia	2	24) Parque Vila Verde	—	41) Sul América	—
8) Jardim das Américas	—	25) Residencial Jardim Planalto ...	—	42) Vila Aurora	—
9) Jardim Ipê	—	26) Residencial Santa Rosa	—	43) Vila Bela	1
10) Jardim Oliveira	—	27) Rosa Maria	—	44) Vila Carolina	1
11) Jardim Triângulo	—	28) São Benedito (Vila Beneditina)	1	45) Vila Iara	—
12) Nova Formosa	—	29) São Vicente	—	46) Vila Lorena	—
13) Parque da Colina I	—	30) São Vicente (Vila Vicentina) ...	—	47) Vila Mutirão	1
13) Parque da Colina II	—	31) Setor Bela Vista	—	48) Vila Pantanal	—
15) Parque das Laranjeiras	—	32) Setor Bosque	—	49) Vila Santos	1
16) Parque Dom Bosco	2	33) Setor Bosque II	1	50) Village	—
17) Parque Esmeralda	—	34) Setor Ferroviário	2	51) Vista Alegre	—

Elaborado pela autora, a partir do CEP dos Correios de Formosa e de levantamentos das praças por bairro. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Formosa_\(Goi%C3%A1s\)#Bairros](https://pt.wikipedia.org/wiki/Formosa_(Goi%C3%A1s)#Bairros). Acesso: janeiro 2016



- | | | | |
|-------------------------------------|---|----------------------------------|--|
| 1. Praça 22 de Outubro | 9. Praça da Cadeia/Liberdade/Bíblia | 17. Praça da Rua 9 | 25. Praça da Vila Imperatriz |
| 2. Praça 21 de Abril | 10. Praça da Imaculada Conceição | 18. Praça rua 23 - st. Nordeste | 26. Praça da capela da Vila Imperatriz |
| 3. Praça Castro Alves - Setor Abreu | 11. Praça Anísio Lobo | 19. Praça do Parque Lago | 27. Praça Vó Bela |
| 4. Praça do Mercado (Feira Coberta) | 12. Praça da Rodoviária | 20. CEU das Artes | 28. Praça Igreja Santa Luzia |
| 5. Praça da Concórdia | 13. Praça Av. M. João Luiz Espírito Santo | 21. Praça no São Benedito | 29. Largo da Feira |
| 6. Praça Rui Barbosa | 14. Praça Av. Brasília | 22. Pracinha do Bosque 2 | 30. Praça Av. Circular - Vila Bela |
| 7. Laguinho do Vovô | 15. Parque Esportivo | 23. Praça Av. Posto Agropecuário | 31. Laguinho da Vovó |
| 8. Praça da Imperatriz | 16. Ludovico de Almeida | 24. Praça Cristo Rei | 32. Praça Vila Mutirão |
| | | | 33. Lagoa dos Santos |

Fig. 4.1 – Mapa de localização das praças na cidade de Formosa. Fonte: Adaptado sobre figura fornecida pela Prefeitura Municipal de Formosa em 2012.

Quadro 4.2 – Praças nos bairros da cidade de Formosa

Bairro	Praças	Imagem	Descrição básica	Público usuário e condições de uso
Setor Abreu	1. Praça 22 de Outubro 2. Praça 21 de Abril 3. Praça Ângelo Chaves		Praça 22 de Outubro Área: 1.500 m ² Formato: Triangular Vegetação: Gramado, duas grandes mungubas (<i>Pachira aquatica</i>), e palmeiras, areca de Locuba (<i>Dypsis madagascariensis</i>), arbustos (<i>Duranta erecta</i>) Equipamentos e mobiliário: bancos	Pela falta de manutenção está bastante degradada, não sendo muito utilizada pela população, atualmente.
	4. P. do Mercado (Feira Coberta) 5. P. da Concórdia 6. P. Rui Barbosa 7. L. do Vovô 8. P. da Imperatriz 9. P. da Liberdade 10. Praça N. S. Conceição 11. P. Anísio Lobo 12. P. da Rodoviária		Praça da Liberdade ou da Bíblia (nome na placa). Área: 4.500 m ² Formato: Retangular Vegetação: Gramados, árvores de pequeno porte, palmeiras e arbustos. Equipamentos e mobiliário: bancos e playground destruído.	Foi bastante utilizada até final do século passado. Deixou de ser usada por falta de segurança. Praticamente abandonada, enquanto se aguarda a transferência da cadeia para outra área.
Bairro Formosinha	13. Praça da Av. M. João Luiz Espirito Santo / Av. Circular 14 – Praça da Av. Brasília		Praça da Av. M. João Luiz Espirito Santo / Av. Circular Área: 2.500 m ² Formato: retangular Vegetação: Árvores de pequeno porte e copa rala, pequenos arbustos, palmeiras e pequena área de grama Equipamentos e mobiliário: quadra esportiva cercada, quiosque, playground e bancos. Maior parte da área pavimentada.	Quiosque aberto o dia inteiro, sempre movimentado Playground localizado a um canto, não é muito utilizado, assim como os poucos bancos que ficam expostos ao sol.

Bairro	Praças	Imagem	Descrição básica	Público usuário e condições de uso
Jardim Califórnia	<p>15. Parque Esportivo</p> <p>16. Praça da Rua Ludovico de Almeida (Praça do Telefone)</p>		<p>Parque Esportivo Área: mais de 20.000 m² Formato: irregular Vegetação: Gramados e arborização ainda em fase de crescimento Equipamentos e mobiliário: Trata-se de um parque, com área de com praça com bancos e playground, campo de futebol, quadras sendo uma coberta e quiosque</p>	<p>Localizado num bairro de periferia é o único equipamento de lazer da região, num raio de mais de 1.000 metros Devido à diversidade de equipamentos sempre tem usuários, principalmente na quadra coberta. A falta de sombreamento dificulta a utilização da praça.</p>
Parque Dom Bosco	<p>17. Praça da Rua 9</p> <p>18. Praça São Vicente - Rua 23</p>		<p>Praça São Vicente - Rua 23 Área: 1.200 m². Formato: triangular Vegetação: gramada e cercada por <i>Duranta erecta</i>, possui três <i>ficus benjamim</i> Equipamentos e mobiliário: Dois bancos e um pequeno quiosque</p>	<p>Pouco espaço disponível. A sombra favorece que as pessoas pararem para conversar, mas por ter apenas dois bancos o outro lugar para sentar é no quiosque que funciona regularmente.</p>
Parque Lago	<p>19. Praça (Rua 5)</p> <p>20. CEU das Artes – Praça Olinda Rocha Lobo (Skatistas)</p>		<p>Praça (Rua 5) Área: 1.875 m². Formato: triangular. 150 m. de comprimento e 25 m. na maior largura Vegetação: Gramados, quaresmeiras (<i>Tibouchina granulosa</i>), palmeiras Jerivá (<i>Syagrus romanzoffiana</i>) Equipamentos e mobiliário: Quiosque, playground e ciclovia. Os bancos de ferro possuem encosto.</p>	<p>Muito utilizada pelas crianças nos finais de semana. Durante a semana, alguns cavalos pastam nos gramados. Por falta de manutenção os gramados estão com falhas e o quiosque foi destruído.</p>
Bairro	Praças	Imagem	Descrição básica	Público usuário e condições de uso

Bairro	Praças	Imagem	Descrição básica	Público usuário e condições de uso
São Benedito	21. Praça São Benedito		<p>Praça São Benedito Área: cerca de 750 m². Formato: triangular Vegetação: gramado e no centro um <i>Ficus benjamim</i>. Equipamentos e mobiliário: Ainda não foi implantada.</p>	Como ainda não foi implantada, as pessoas caminham pela rua. Está localizada próximo ao Colégio Estadual Prof. Maria Angélica de Oliveira.
Setor Bosque II	22. Pracinha do Setor Bosque II		<p>Pracinha do Setor Bosque II Área: cerca de 200 m², Formato: trapezoidal Vegetação: duas árvores. Uma é oiti (<i>Licania tomentosa</i>), amendoim-bravo (<i>Pterogyne nitens</i>). Equipamentos e mobiliário: Nenhum.</p>	Localizada perto de uma escola, as crianças param para brincar. Alguns moto boys também param para descansar à sombra.
Setor Ferroviário	23. P. Av. Posto Agropecuário 24. P. da Igreja Cristo Rei		<p>P. Av. Posto Agropecuário Área: 1.200 m² Formato: triangular Vegetação: gramados, arborização na maioria de folhas caducas (período da seca sem folhas). Equipamentos e mobiliário: quiosque e cinco bancos.</p>	Pela falta de sombreamento é pouco utilizada durante o dia. No final da tarde e à noite algumas pessoas se encontram no quiosque.

Bairro	Praças	Imagem	Descrição básica	Público usuário e condições de uso
Vila Imperatriz	25. Praça da Vila Imperatriz 26. P. da capela da Vila Imperatriz 27. Praça Vó Bela		Praça Vó Bela Área: 2.400 m2. Formato: triangular Vegetação: Grama e poucas árvores e em fase de crescimento Equipamentos e mobiliário: playground cercado, quiosque/bar na área central, recantos construídos com muretas/jardins, bancos sem encosto	Bastante utilizada nos finais de semana, tanto por adultos, no quiosque, e por crianças no playground, que se aglomeram nesses locais por falta de sombreamento nos demais espaços
Setor Nordeste	28. Praça da Igreja Santa Luzia		Praça da Igreja Santa Luzia Área: 10.000 m2 Formato: retangular Vegetação: Apenas gramada, não possui árvores. Equipamentos e mobiliário: Igreja no centro da praça, dois quiosques de alimentação, quadra esportiva (vôlei e basquete, cercada com tela) e um playground e bancos.	Muito frequentada por crianças da escola e a igreja, que utilizam o playground e a quadra esportiva. Ainda não tem áreas sombreadas.
Jardim Primavera	29. Largo da Feira		Largo da Feira Área: 1.000 m2, Formato: Retangular Vegetação: Sem vegetação Equipamentos e mobiliário: Espaço totalmente pavimentado, onde se realiza uma feira livre muito apreciada pelos Formosenses.	Utilizada como passagem e para a feira realizada todos os finais de semana.

Bairro	Praças	Imagem	Descrição básica	Público usuário e condições de uso
Vila Bela	30. Praça Av. Circular		<p>Praça Av. Circular Área: 330 m² Formato: Triangular. Vegetação: vegetação arbustiva, gramados e dois <i>Ficus benjamim</i>. Equipamentos e mobiliário: Quiosque avarandado que funciona no final da tarde e noite. Não tem bancos, apenas as cadeiras do quiosque que são espalhada até ao canto da praça.</p>	Bastante sombreada e boa manutenção (feita pelo gerente do quiosque) propiciam o uso. O quiosque é bastante frequentado principalmente à noite.
Vila Carolina	31. Lagunho da Vovó		<p>Lagunho da Vovó Área: Praça com 4.000 m², pista com 800 m., em volta da lagoa. Formato: retangular Vegetação: gramados, arvores de pequeno porte e arbustos. Equipamentos e mobiliário Lagoa numa área de nascente com pista de corrida, playground, quiosque e bancos, a maioria está localizados ao sol. Grande área pavimentada.</p>	Parquinho e quiosque são bastante frequentados. A pista de caminhada não atrai os moradores por falta de segurança. Bancos ao sol. As únicas áreas sombreadas ficam no quiosque..
Vila Mutirão	32. Praça da Vila Mutirão		<p>Praça da Vila Mutirão Área: 5.000 m². Formato: Irregular e seccionada em duas áreas por uma rua. Vegetação: Em fase de crescimento Equipamentos e mobiliário: Grandes áreas pavimentadas com bancos. Numa parte tem academia, playground, e um quiosque. Na outra, uma quadra esportiva e bancos. A arborização ainda não oferece sombreamento</p>	É frequentada nos finais de semana, especialmente no final da tarde, devido à pouca sombra e quando o quiosque fica aberto. Os equipamentos são bastante utilizados. Não tem lugares sombreados durante o dia.

33. Lagoa dos Santos

**Lagoa dos Santos**

Área: Praça com 1.600 m2. Pista com cerca de 700 metros.

Formato: Irregular.

Vegetação: gramados, arbustos diversos e arborização com oitis (*Licania tomentosa*).

Equipamentos e mobiliário: Lagoa natural (assoreada) com a pista de caminhada em seu perímetro.

Praça abandonada, sem manutenção.

Pouco utilizada para lazer pela falta de manutenção e lixo acumulado nas margens da lagoa.

Fonte das Figuras deste quadro – Praças (3, 18, 19, 21, 23, 30, 32) Street View do Google. Figuras (913, 15, 27, 28, 29, 3, 33) Fotos da autora.¹⁸⁷

¹⁸⁷ Elaborado pela autora, a partir visita a todos os bairros da cidade durante os anos de 2014 e 201

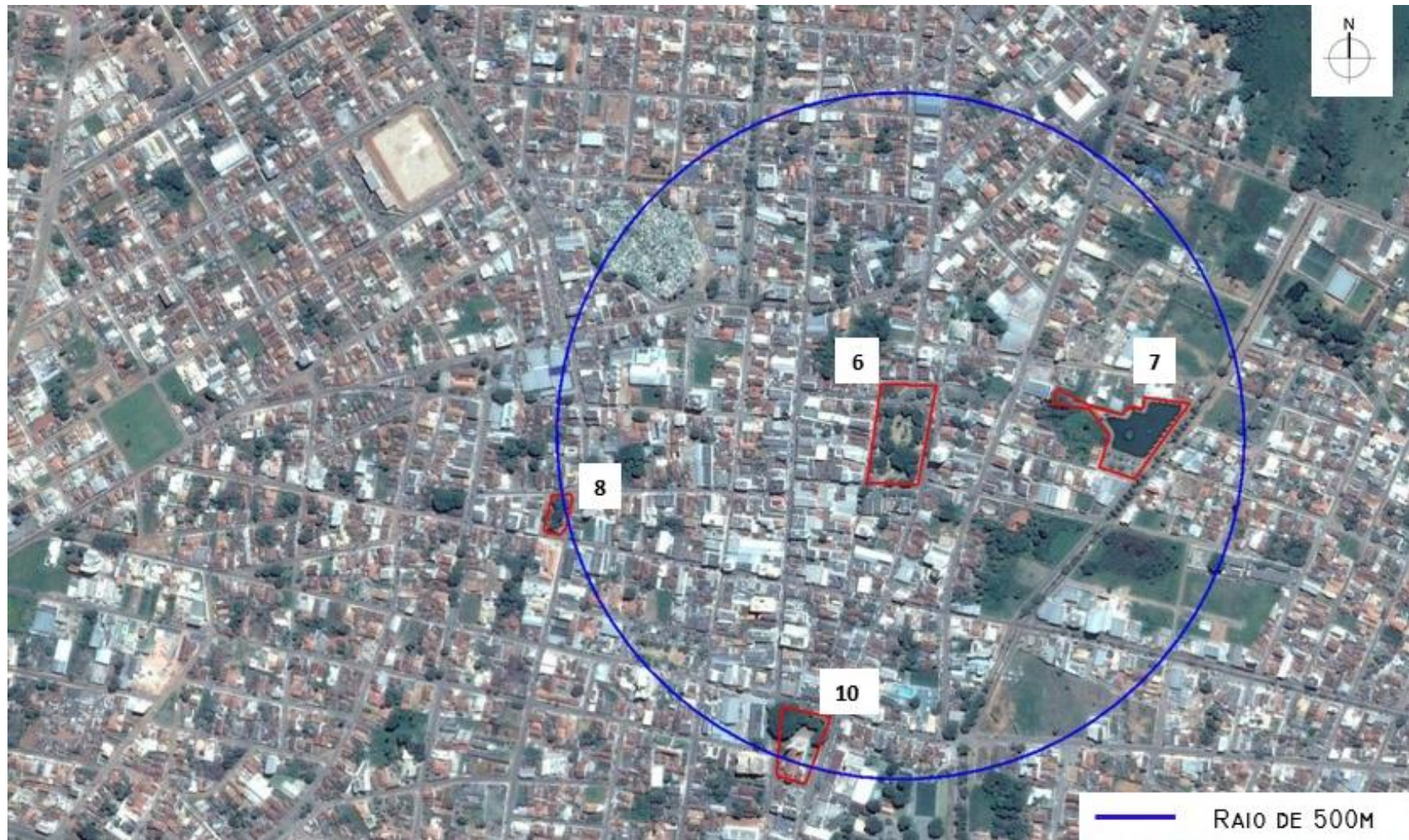


Fig. 4.2 – Localização das quatro praças seleccionadas. Fonte: Adaptação da autora sobre mapa da cidade extraído do Google Earth. Acesso em março de 2016

4.2 – Praças estudadas em Formosa

Para este estudo, foram selecionadas quatro praças localizadas no Setor Central da cidade (bairro Centro), por ser a área mais consolidada e onde existe o maior número de praças: a Praça Rui Barbosa (Praça da Prefeitura), a mais central e a partir dela, outras três localizadas num raio de 500 (quinhentos) metros, a Praça Nossa Senhora Conceição (Praça da Catedral), a Praça Vovô Lucio Albino Griebeler (Laguinho do Vovô) e a Praça Pedro Chaves (Praça da Imperatriz), Figura 4.2.

Trata-se de espaços consolidados, mas diferenciados entre si, que foram escolhidos por representarem uma amostra da diversidade das praças existentes na cidade de Formosa. Duas foram escolhidas por se tratar de praças de referência da população da cidade – a Praça Rui Barbosa e a Praça Nossa Senhora Conceição. As outras duas – uma atualmente também é muito utilizada e conhecida de grande parcela da população da cidade que vai lá se exercitar (caminhar ou correr) –, a Praça Vovô Lucio, ou Laguinho do Vovô, e a Praça Pedro

Chaves também bastante utilizada pelas atividades que atualmente se desenvolvem principalmente no período do final da tarde. Tratam-se, portanto, de dois espaços públicos também bastante consolidados. Esta última, diferentemente, das outras três, está inserida numa área de maior uso residencial, ou seja, trata-se de uma praça de uso local, cujo raio de abrangência era de cerca de 500 metros, até recentemente, mas atualmente é conhecida por grande parte da população da cidade que vai lá apreciar o movimento.

A Praça Rui Barbosa, por se localizar na área central, é a mais conhecida e, portanto, mais “utilizada”, pois se situa no trajeto de grande parte dos moradores que se deslocam para esta região da cidade a trabalho, para fazer compras, estudar ou para outras atividades. Conhecida de praticamente todos os moradores da cidade, trata-se de uma praça cujo raio de abrangência, alcança todo a cidade.¹⁸⁸

A Praça da Catedral foi escolhida por ser uma praça que, apesar de funcionar como praça apenas em parte de sua área,

¹⁸⁸ O raio de influência ou raio de abrangência, significa a área da cidade que esse equipamento efetivamente atende.

é muito utilizada por uma parcela da população que aproveita a sombra. Possui uma parte interna que se constitui num grande adro, utilizado para festas religiosas e, também, eventualmente, como estacionamento pelos moradores que frequentam as cerimônias na Catedral.

A Praça Laginho do Vovô, embora não seja uma das mais populares, pois localiza-se fora da rota de circulação da maioria dos moradores, foi escolhida por ser, atualmente, um espaço muito apreciado por parcela da população para correr e fazer caminhadas.

E a Praça Pedro Chaves, também localizada na área central da cidade, embora se trate de uma “típica” praça de bairro. Embora sem nenhum equipamento que a destaque, é bastante utilizada, atualmente, por uma parcela da população da cidade que vai atraída pela movimentação propiciada pelo churrasquinho do Marcelinho.

Todas foram pesquisadas de acordo com o modelo de análise desenvolvido e detalhado no Capítulo I ¹⁸⁹, a seguir resumido, e através das narrativas de moradores, de autoridades e de historiadores da cidade.

Modelo de análise das praças selecionadas

1 – A praça no contexto urbano:

- a. Localização
- b. Relações quanto ao sistema viário do entorno (hierarquia viária);
- c. Tipologias das edificações que compõem as “paredes” da praça; Usos e atividades;
- d. Acessibilidade, fontes geradoras dos principais percursos dos pedestres e de veículos, e estacionamentos;
- e. Raio de abrangência.

2 – O sítio físico e os condicionantes ambientais da praça:

- f. Dimensões e forma;
- g. Relevo (topografia / declividade);
- h. Rede hídrica / drenagem;
- i. Solos;

¹⁸⁹ Conforme Jacobs (2000) Capítulo I – página 25 – desta tese, para haver uso efetivo, uma praça não deve ter concorrência de outras nas proximidades.

- j. Infraestrutura, iluminação;
- k. Áreas impermeabilizadas (pavimentações);
- l. Vegetação (todos os extratos);
- m. Microclima, insolação (sombreamento) e direção dos ventos predominantes e secundários;

3 – Caracterização espacial:

- n. Complexidade visual (diversidade de usos);
- o. Limites físicos (cercas, muros, canais, etc.);
- p. Identificação de visuais (pontos de referência);
- q. Marcos visuais (monumentos de caráter simbólico ou elementos que se destacam na paisagem e em princípio contribuem para a identidade da praça) e algum elemento que destaque a centralidade da praça;
- r. Focos de animação (banca de jornal, quiosques, quadras, etc.);
- s. Poluição ou focos de perturbação por odores e/ou sons indesejáveis.

4 – Elementos acessórios:

- t. Mobiliário urbano (brinquedos, bancos, orelhões, postes, monumentos, quiosques, banca de jornal, etc.);
- u. Informação (placas de orientação, anúncios e outros).

5 – Usuários, comunidade residente no entorno e narrativas:

- v. Identificação dos diferentes grupos sociais que utilizam a praça;
- w. Usos e intensidades de uso, atividades e preferências;

- x. Horários de ocorrência e setorização da permanência dos usuários;
- y. Áreas utilizadas pelos diferentes grupos sociais;
- z. Desejos com relação à praça;
- aa. Segurança;
- bb. Identificação dos conflitos de interesse em relação à ocupação do espaço.

6 – Aspectos culturais e históricos:

- cc. Origem e importância da tradição ou cultura local.

4.3 – Praça Rui Barbosa

Inicialmente, era um antigo largo que teve diversos usos. Nele, foi construída a primeira Igreja Matriz da cidade, em 1834. Paralelamente, parte da área também foi utilizada como o primeiro cemitério da cidade, mas, após a demolição da primeira igreja em 1915, também foi retirado, já que a cidade crescia nesta direção. Em 1918, foi construída uma segunda igreja, a de Santo Estevão, aproximadamente, no local onde atualmente se situa o Centro Administrativo (Prefeitura e Secretarias) (Figura 4.3).



Fig. 4.3 - Mapa da praça Rui Barbosa. Fonte: Google Earth. Acesso: janeiro 2016

Esta praça também já foi conhecida como Praça Municipal¹⁹⁰ e, posteriormente, por Jardim do Centenário, período em que se

¹⁹⁰ Nesse período a antiga Prefeitura localizava-se no prédio que ainda existe, a “casa da roda”, no limite norte da praça, atualmente ocupado pela CELG.

¹⁹¹ O jardim foi construído em 1943 para comemorar o centenário da elevação do arraial à condição de Vila, o qual implantou passeios, canteiros, arborização e um coreto. Em 1957, a praça foi totalmente reformada, só restando o coreto, que também sofreu uma reforma com a

construiu o Coreto Municipal (ainda existente)¹⁹¹. Numa parte desse largo, também, funcionou uma rodoviária da cidade, construída em 1958. O nome atual de Praça Rui Barbosa, embora seja conhecido recentemente, já era oficial desde 1929. No entanto, devido à localização do novo edifício da Prefeitura da cidade, o mais utilizado pelos moradores é Praça da Prefeitura. Trata-se da segunda praça mais antiga da cidade.

4.3.1 – A praça no contexto urbano

- a. **Localização** – a praça situa-se, aproximadamente, no centro geométrico da cidade, portanto, equidistante de todos os bairros.
- b. O sistema viário de seu entorno é constituído pela rua Hugo Lobo, a norte, a José Viana Lobo, a leste, ambas vias principais. Esta segunda, no trecho da praça, está subdividida em duas pistas, com um pequeno canteiro central. A oeste a praça é

construção de um telhado, o que impediu que a banda pudesse continuar a se apresentar. (SAAD Filho, 2013, p. 423). O costume do vai e vem (ou *footing*), passou a acontecer ao redor do coreto. Lá se apresentavam a “Corporação Musical 24 de dezembro, [...] se instalou o primeiro sistema de rádio e notícias de Formosa, com quatro autofalantes, tipo “corneta’ ”.

contornada pela rua Herculano Lobo, também uma coletora. A sul a rua Alfredo Nasser, esta, uma via de caráter local.

c. **Tipologias das edificações que compõem as “paredes” da praça, usos e atividades do entorno** – Por ser uma das áreas mais antigas da cidade, as construções são de diferentes períodos históricos, algumas do início do século passado e outras de períodos mais recentes (final do século XX). Na parte externa da rua José Viana Lobo, ainda, existem duas construções do início do século XX e um edifício onde funciona um hotel, com nove pavimentos, que se destaca pelo seu porte em relação às demais construções, que são de um pavimento apenas. Quanto ao uso, apenas uma ainda é residencial, as demais já têm uso comercial. Também já existem terrenos vazios o que dá pouco movimento a esta lateral da área. Na Figura 4.4, pode-se ver o edifício do hotel e a arborização da praça.



Fig. 4.4 – Hotel na rua José Viana Lobo em frente à Praça Rui Barbos.
Fonte: foto da autora, 2011.

A rua Hugo Lobo, que inicialmente só existia no trecho entre a rua Visconde de Porto Seguro e a rua Herculano Lobo, foi prolongada após a derrubada da Igreja de Santo Estevão. Dessa forma, delimita a praça até encontrar com a rua José Viana Lobo. Nesse trecho, localiza-se a CELG¹⁹², numa construção do início do século passado, onde já se localizou a Prefeitura, além outras construções, também, do mesmo

¹⁹² CELG – Centrais Elétricas de Goiás S/A.

período, todas de um pavimento apenas e todas de uso comercial.

Entre essa rua (Hugo Lobo) e o trecho anterior que dava acesso aos lotes existentes, ainda, sobraram dois trechos de praça, resultante do recorte feito na área, os quais não tem mais nenhum uso, pois além de serem exíguos, ficaram separados da praça por uma via de tráfego intenso, (Figuras 4.5, 4.6 e 4.7) a seguir.



Fig.4.5 – A praça antes da abertura da rua Hugo Lobo. Fonte; <http://formosahistorica.blogspot.com.br/2011/10/fotos-antigas-de-formosa.html>. Acesso: março de 2016.



Fig. 4.6 – À esquerda a Rua Hugo Lobo e o trecho da praça isolado entre essa e uma rua sem saída. Fonte: foto da autora, 2011.



Fig. 4.7 – “Casa da roda”, edifício onde atualmente funciona a sede da CELG. Fonte: foto da autora, 2011.

Na rua Herculano Lobo (Figura 4.8), a oeste, localizam-se a Câmara de Vereadores e comércio em geral, a maioria em edifícios de apenas um pavimento, e, ao fundo, um pequeno edifício de três pavimentos, onde se localiza um hotel.



Fig. 4.8 – Rua Herculano Lobo. Estacionamento criado ao lado da rua Herculano Lobo, separado desta por canteiro e arborização. Fonte: foto da autora, 2016.

Paralela à rua Herculano Lobo, foi criada outra rua, ligando-a com a rua Alfredo Nasser, a qual passa em frente ao Centro Administrativo. Esta rua paralela serve de estacionamento, para atendimento aos funcionários da Prefeitura, da Câmara de

Vereadores, das secretarias e aos moradores que vão ao centro da cidade.

Quanto ao estado geral de conservação das construções que contornam a praça, é relativamente precário.



Fig. 4.9 – Centro Administrativo – Foto da autora, 2011.

A quarta rua, a Alfredo Nasser, passa em frente ao Centro Administrativo (Figura 4.9). A Prefeitura e o edifício onde funcionam algumas secretarias foram construídos em 1978, e se constituem em edificações de dois pavimentos. Esta rua, está bloqueada na continuidade com o restante dela.

d. **Acessibilidade, fontes geradoras dos percursos** dos pedestres e de veículos e estacionamentos; a praça se situa no nível da rua Herculano Lobo, e da rua Alfredo Nasser, pelas quais tem **acessibilidade**, sendo, também, acessível pela Hugo Lobo, embora esta se situe um pouco abaixo do nível da praça. Pela rua José Viana Lobo, a acessibilidade, antes da última reforma feita em 2015, ficava cerca de quase um metro acima da calçada que a circulava, possuindo nesse trecho apenas três acessos, em rampas e escadas. Com a reforma feita no ano de 2015, a praça foi nivelada em relação a todas as ruas o que melhorou a acessibilidade.

A Prefeitura, as Secretarias e a Câmara Municipal, são os principais focos para onde se dirigem tanto os pedestres quanto os veículos que estacionam na área. Não se observou nenhum percurso mais evidente de transeuntes que atravessa a praça, a não ser os que, eventualmente, se dirigem a esses mesmos locais, mas estes quase sempre se deslocam a partir do estacionamento.

A proximidade com a rua comercial mais importante da cidade – a Rua Visconde de Porto Seguro –, também atrai a população

de todas as áreas da cidade. Uma grande parte da população utiliza veículos particulares para esses deslocamentos, embora quanto aos estacionamentos, por trata-se de uma área bastante movimentada, há poucas áreas de estacionamentos. Muitos terrenos vazios nesta região transformaram-se em estacionamentos.

e. Quanto ao **raio de abrangência**, esta praça é a praça mais importante da cidade, portanto, é uma praça que abrange desde as áreas mais próximas às mais distantes, que se localizam a mais de cinco quilômetros de distância.

4.3.2 – O sítio físico e o microclima da praça

f. Quanto às **dimensões** da praça, correspondem a uma área de aproximadamente 8.750,00 m², sendo uma das maiores praças da cidade. Mas essa dimensão atual não é a original, pois, após a demolição da igreja Matriz, a área foi ampliada de tal forma que, segundo Saad (2013, p. 424), a praça “quase que

duplicou”¹⁹³, e adquiriu a **forma** trapezoidal (um retângulo irregular), cujas maiores dimensões atuais são cerca de 70,00 m de largura por 125,00 m de comprimento, embora já tenham sido maiores, antes do alargamento das vias e construção do estacionamento e do Centro Administrativo, conforme narram outros contadores das histórias da cidade.¹⁹⁴

g. Quanto ao **relevo** a praça localiza-se numa região com **declividade** plana, com poucos graus, ou seja, apenas suficiente para o escoamento das águas pluviais. Essa declividade aumentou após a reforma recente, que melhorou a acessibilidade a partir, principalmente, da rua José Viana Lobo.

h. A **rede hídrica** da praça não apresenta nenhum destaque, pois não existem enxurradas ou pontos inundáveis e, portanto, a água também não tem nenhuma influência no

clima da praça. O único aspecto se refere apenas à drenagem das águas pluviais que está localizada nas vias do entorno.

i. Quanto **aos solos** não foi possível saber, visto que a área da praça está em parte gramada e em parte pavimentada.

j. A **infraestrutura** é constituída pela rede de iluminação que é subterrânea e apresenta-se distribuída tanto dentro da área quanto no entorno, pela iluminação das ruas. Quanto à **iluminação**, a praça possui dois tipos de postes: um que se situa muito acima das copas das árvores e, portanto, não ilumina nada no nível do piso e outro que se situa nas calçadas laterais, e ilumina tanto a rua como deveria, também, iluminar a praça. No entanto a iluminação é obstruída pela vegetação, na maioria dos trechos, motivo pelo qual a população tem receio de se arriscar a frequentar a praça à noite.

¹⁹³ Dessa forma, o Coreto ficou, desproporcionalmente, pequeno em relação às dimensões atuais da praça.

¹⁹⁴ Os principais contadores de “histórias” da cidade são Olympio Jacintho que em 1979 escreveu *Esboço histórico de Formosa*, livro que não conseguimos encontrar, Jucelina de Moura Lobo e Marco Aurélio Bernardes, que escreveram o livro *Formosa em Retinas Idosas*, em 2006, sobre o período de 1930 a 1970, Alfredo A. Saad, que escreveu *“Álbum de*

Formosa: um ensaio de história de mentalidades”, com 485 páginas, em 2013, e também Samuel Lucas, que, em 2013, escreveu o pequeno livro *“A Igreja Católica e sua influência no desenvolvimento de Formosa”* (53 páginas) e mais dois folhetos, um ilustrado – *“Formosa, a gente, a história, a cultura e as artes”*, em edição bilíngue português/espanhol – e o *“Jardim do Centenário & Coreto Municipal”*, s/data.

k. As áreas impermeabilizadas (pavimentações) correspondem a cerca de 60% da área da praça, pois atendem a grandes concentrações de população principalmente em festas comemorativas (carnaval, Natal e São João) ou de grupos que também utilizam a praça para outras celebrações como apresentações de capoeira e outras atividades (Figura 4.10).



Fig. 4.10. Festa Junina na Praça Rui Barbosa. Fonte: <http://www.entornourgente.com/2015/07/ii-arraia-du-sociar-praca-rui-barbosa.html>. Acesso em março de 2016.

l. A vegetação constitui-se de gramados com grama esmeralda (*Zoysia japônica*), arbustos de diversos tipos como (*Dracaenas sp*) e diversos tipos de palmeiras de pequeno porte

(como *Chamaedorea sp*, *Phoenix sp*, *Syagrus sp*), entre outras. A arborização é constituída de árvores de grande porte, mungubas (*Pachira-aquatica*), mangueiras (*Mangifera indica*), além de cássia (*Cassia grandis*), flamboyant (*Delonix regia*) e tipuana (*Tipuana tipu*). Conta, também, com um pé de “*Ficus elástica*”¹⁹⁵ (Figura 4.11), localizado na área central, sendo que todo o restante da arborização, está localizada na borda da praça. Constam, ainda, alguns pés de palmeira guariroba (*Syagrus oleracea*), plantados na época da construção do jardim do centenário.¹⁹⁶

m. Quanto ao microclima, insolação, sombreamento e direção dos ventos dos ventos predominantes e secundários, a praça apresenta as seguintes condições: a temperatura é efetivamente menor em alguns graus em relação ao das ruas próximas, devido, principalmente, à densidade da vegetação. A cidade, apresenta temperaturas mínimas, em torno de 12°, nos meses mais frios, e máximas de 34°, nos meses quentes. Quanto à umidade relativa, as mínimas

¹⁹⁵ A copa deste *ficus* possui um diâmetro de mais de 30 metros.

¹⁹⁶ Essas guarirobas têm, portanto, cerca de 70 anos.

situam-se em torno de 45% e as máximas em 88%, segundo dados do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia).



Fig. 4.11 – O *Ficus elástica* no centro da praça Rui Barbosa. Fonte: Foto da autora em 2014

A **insolação** direta incide apenas em duas áreas do centro da praça, visto que a vegetação arbórea propicia uma grande área de **sombreamento**, o que oferece bastante conforto térmico para

¹⁹⁷ Algumas razões podem explicar este fenômeno: o crescimento do comércio o que torna a área muito barulhenta, com muitos veículos, durante o dia, fazendo que as classes mais abastadas procurem áreas mais nobres onde possam ser menos incomodadas. A pressão exercida pela valorização da terra, nos centros urbanos, também contribui para o uso habitacional

os usuários, já que a maioria dos bancos estão localizados à sombra dessas árvores. Os ventos **predominantes** cruzam a praça no sentido nordeste para sudoeste e são bastante constantes. Os ventos secundários são mais raros, acontecem geralmente no período das chuvas e atravessam a praça no sendo contrário, de noroeste para sudeste.

4.3.3 – Caracterização espacial:

n. Quanto à **complexidade visual** caracterizada pelos usos no entorno, atualmente predomina o uso comercial e atividades administrativas. Os antigos moradores também vem abandonando essa área da cidade e se mudando para outros bairros.¹⁹⁷

No entanto, está começando a ser implantado o uso misto na região, visto a tendência à verticalização. Como avalia Rybczynski (1996, p. 182), outra razão que originou e continua contribuindo

unifamiliar seja expulso para outras áreas mais afastadas, como acontece em outras cidades, principalmente as de maior porte. Jane Jacobs (2000) também já observava esse fenômeno nas cidades americanas no final dos anos 1950, ou seja, a falta de diversidade de uso proporcionada pelo uso misto, pois já não existem mais residências, contribuiu para que essa área e as praças, após o horário comercial, ficassem mais desertas.

para o deslocamento dos moradores do centro, para os bairros em áreas mais afastadas, o que acarreta entre outras consequências a expansão da cidade, não foi “nem a decadência do centro e nem a ascensão suburbana, em si”, mas, o advento de meios de transporte mais rápidos o que facilita a mobilidade que o automóvel particular propicia, possibilitando que se possa viver em locais mais distantes do centro.

o. Não apresenta **limites físicos**, além das paredes (edifícios) que configuram este espaço.

p. Também não apresenta fortes **referências visuais** que identifiquem a praça. O único elemento que dá identidade ao local é o coreto. Atualmente, é tombado por Lei e já teve diversas funções como um CAT – Centro de Atendimento ao Turista.

Por outro lado, quando olhamos para a praça, passando pelas ruas adjacentes, o visual é bastante agradável devido às frondosas árvores. Mas, quando situados na praça e olhamos para o seu entorno (as paredes da praça), o que se verifica é uma grande quantidade de elementos, principalmente, de excesso de propaganda, em placas de diversas formas,

dimensões, cores, etc., conforme apresentado nas Figuras 4.12, 4.13, 4.14).



Fig. 4.12 – Visual com grande quantidade, variedade, formas e cores de placas de anúncios de propaganda. Fonte: Foto da autora, 2014.

q. Quanto aos **marcos visuais** (monumentos de caráter simbólico ou elementos que se destacam na paisagem e em principio contribuem para a identidade da praça), a árvore existente no centro da praça se destaca como um elemento de grande impacto (Figura 4.11).



Fig. 4.13 – Visual da rua Herculano Lobo. Fonte: Foto da autora, 2011.



Fig. 4.14 – Visual da continuação da rua Herculano Lobo. Fonte: Foto da autora, 2014.

Outro marco visual que em princípio contribui para a identidade da praça, neste caso, refere-se ao Coreto, que é um dos elementos representativos da história da cidade, (Figuras 4.15 e 4.16).



Figuras 4.15 e 4.16 – O Coreto em dois momentos, em 2011, e em 2015, após a reforma com as cores originais. Fonte: Fotos da autora, 2011 e 2015.

r. **Focos de animação** como, banca de jornal, quiosques, quadras e outros elementos semelhantes, que congreguem a população não constam nesta praça. Até a década de 1970, a fonte luminosa constituía-se num grande foco de animação que atraía os moradores da cidade para passear na praça. Atualmente, encontra-se desativada.

s. Quanto à **poluição ou focos de perturbação** por odores e / ou sons indesejáveis, não estão presentes nesta praça.

4.3.4 – Elementos acessórios:

t. O mobiliário da praça constitui-se pelos bancos, um monumento, (placa da inauguração) e os postes de iluminação. Quanto aos **bancos**¹⁹⁸, os introduzidos com a última reforma (feita em 2015), perderam em qualidade, pois não são confortáveis, não possuem encosto, embora apresentem um desenho mais atualizado, ao contrário dos antigos modelos, que eram mais confortáveis, porém, esteticamente de menor qualidade (Figuras 4.17 e 4.18).



Fig. 4.17 – Um modelo de banco antes da reforma de 2015. Fonte: Foto da autora, 2014.



Fig. 4.18 – Bancos após a reforma. Fonte: Foto da autora, 2015

A praça possui também uma fonte luminosa, um elemento muito apreciado em praças de capitais e de cidade maiores de todo o interior do Brasil entre as décadas de 1960 e 1970, e em Formosa, também, era um lugar muito apreciado, onde os moradores iam passear (Figura 4.19).

Atualmente é um elemento secundário, que não desperta mais nenhuma atenção, mas continuava funcionando, diariamente, todas as noites, até aproximadamente 21h30min, antes da última

¹⁹⁸ Antes da reforma de 2015, a praça possui cinco tipos de banco, sendo que grande parte possuía anúncios comerciais nos seus encostos.

reforma acima mencionada, em que esta foi desativada, e atualmente, a administração pública ainda não definiu o que fará.



Fig. 4.19 – A fonte antes da reforma. Fonte: Foto da autora, 2014.

Possui lixeiras espalhadas por toda a área, mas sem muita relação com as áreas mais frequentadas. E em uma das áreas que foram recortadas pela rua Viana Lobo, e ficaram para “fora” da praça propriamente dita, há um ponto de ônibus coberto e um grande *outdoor*.

u. As únicas placas de orientação ou informação são as que anunciam as lixeiras, onde aparece o nome da Prefeitura Municipal. Não há outras placas dentro dos limites da praça.

4.3.5 – Usuários, comunidade residente no entorno e narrativas

v. **Identificação dos diferentes grupos sociais que utilizam a praça.** Por se tratar de uma praça por onde transitam pessoas de toda a cidade, condição facilitada pela sua localização, região central da cidade e onde se localiza o Centro Administrativo, não foi identificado um grupo social específico como usuário. Assim pode-se entender que todos os **grupos sociais** são usuários da praça.

Era um acontecimento, no final de semana ir para a praça da Prefeitura, à tarde e à noite. A gente ia para conversar. Até que depois daí em 2005, 2006, começou a ir um povo meio esquisito, aí a gente já não ia mais. Vendia sorvete lá perto. Tem uma lanchonete que tem lá até hoje, a gente comprava, ficava lá comprava um refrigerante e ficava lá a tarde inteira até à noite conversando. Era o ponto de encontro. Ainda tem isso lá, o pessoal se reúne, mas não são mais as mesmas pessoas. Claro, as pessoas crescem. Não tem mais isso. São alguns adolescentes, eu acho, que vão para lá. Porque é diferente, é mais perigoso. Antes a gente ia e nem estava preocupada. (N., geóloga, 28 anos, em dezembro de 2015).

w. **Usos e intensidades de uso, atividades e preferências;** Quanto a **usos e atividades**, diariamente as pessoas apenas caminham ou sentam nos bancos, pois como a praça não oferece nenhum equipamento que possibilite uma atividade específica é usada para circular, sentar à sombra e aproveitar a amenidade propiciada pela exuberante arborização, para conversar. Em alguns dias da semana, jovens se encontram à noite, para ensaiar batucada ou jogar capoeira.



Fig. 4.20 – Grande animação na praça com a reinauguração. Fonte: Foto da autora, 2015.

Constatou-se que nos eventos a praça recebe uma grande parcela da população da cidade, e o comparecimento é bastante heterogêneo, não existindo, portanto, nenhuma atividade preferencial utilizada por diferentes grupos sociais, conforme se verifica na (Figura 4.20), quando houve a preparação da praça para a reinauguração e a festa de Natal.



Fig. 4.21 – Locais onde ocorrem a maior frequência de usuários da praça Rui Barbosa. Fonte: Foto da autora em 2014

x. Quanto aos **horários de ocorrência e setorização da permanência**: Os horários de maior ocorrência na praça são no horário comercial, no período da tarde e nos dias de

semana, visto que nesta região já predomina o uso comercial e administrativo.

Quanto à setorização da permanência a maioria dos usuários se concentra nas faixas próximas à Prefeitura e ao longo da rua Herculano Lobo, por ser uma rua onde há maior movimento de pessoas circulando (Figura 4.21).

y. Quanto às **áreas utilizadas pelos diferentes grupos sociais**, não foi elaborada uma pesquisa mais detalhada quanto aos usuários, mas se fizeram observações de campo onde se quantificou o número de usuários e os usos que estes faziam durante todos os dias de uma semana e em três horários do dia, manhã, tarde e início da noite, conforme detalhado no Quadro 4.3.

Nesse quadro, verifica-se que a praça é frequentada durante o dia, principalmente no horário da tarde, diminuindo nos finais de semana, quando não tem algum evento especial¹⁹⁹.

¹⁹⁹ O levantamento coincidiu de ser numa data com uma programação no domingo, o que atraiu grande quantidade de público jovem. Este detalha o que os usuários faziam na praça nos horários em que foi observada.

z. Quanto aos **desejos em relação à praça**, foram ouvidos alguns moradores de diversas faixas etárias e de famílias antigas da cidade, além de autoridades. Os usuários apontaram as melhorias, em geral, que necessitavam ser feitas com relação aos pisos, à limpeza, à manutenção e à segurança. Todos esses aspectos foram levantados antes da reforma. Conforme uma moradora que sintetiza todos esses aspectos, “poderia ser melhor administrada, pois é o cartão de visitas da cidade” (J, 22 anos, moradora do Setor Sul). Outra moradora diz que, para ela voltar a frequentar qualquer praça da cidade precisa ter “bancos confortáveis para sentar e conversar, segurança e uma lugar bem cuidado e bonito para poder caminhar”(T.).

A má conservação e a baixa qualidade da pavimentação²⁰⁰, que era bastante irregular, também foram apontados pelos usuários como outro aspecto negativo, antes da reforma. A Figura 4.22, mostra parte da praça após a reforma. A seguir, em alguns

²⁰⁰ Como uma parte dos moradores foram ouvidos em 2014, a praça ainda não tinha sido reformada. A reforma iniciou-se em julho de 2015 e foi concluída antes do Natal do mesmo ano.

trechos das narrativas²⁰¹, A (19 anos, jogador de futebol e morador do Parque Lago), considera que

a Praça Rui Barbosa é a mais movimentada da cidade e eu frequento nos finais de semana, para ficar à toa, observando, paquerando, conversando com amigos, tomar sorvete [...].



Fig. 4.22 – Novo desenho de piso após a reforma de 2015. Fonte: Foto da autora, 2016.

Para outro morador, natural da própria cidade, guardador de automóveis no estacionamento da praça, e, por esse motivo, um frequentador assíduo, em todos os dias úteis da semana, no horário de 8h00 às 18h00 ou 19h00:

é muito boa, deve conservar, mas antigamente era melhor, pois tinha mais grama, mais iluminação e mais segurança, mas como não tem muitos estacionamentos, tenho medo que a praça seja derrubada para isso”. (L, 48 anos, morador do bairro São Jose)

Outra moradora, nascida na cidade, que trabalha num café próximo da praça, diz que não frequenta mais nenhuma praça por causa da violência, principalmente à noite, mas já frequentou e que. Atualmente, a única praça que ainda dá para ir é o Laguinho do Vovô, que “está mais arrumada”:

Antes levava os filhos para brincar no parquinho da praça da Rodoviária, mas os brinquedos quebraram, os mendigos urinam na areia e não dá mais para ir lá. A Praça Rui Barbosa é bacana, boa de ser frequentada, mas pelo abandono perdemos o gosto por esta praça. Atualmente falta tudo no lazer, bancos nojentos, sujos, iluminação péssima, árvores maltratadas, gramas ressecadas, assaltos à noite principalmente. Poderia ser um lugar para encontrar amigos para conversar, levar a família e os meninos iam brincar no quintal. (I, 36 anos, moradora de Formosinha).

²⁰¹ As narrativas foram gravadas e estão transcritas no anexo A

aa. Devido às dimensões, à iluminação precária e à pouca presença de moradores no entorno, esta praça não apresenta **segurança** para os usuários, sendo este um dos aspectos que os moradores das redondezas apontaram como essencial para que se melhorem as condições de frequência, principalmente depois do horário de trabalho.

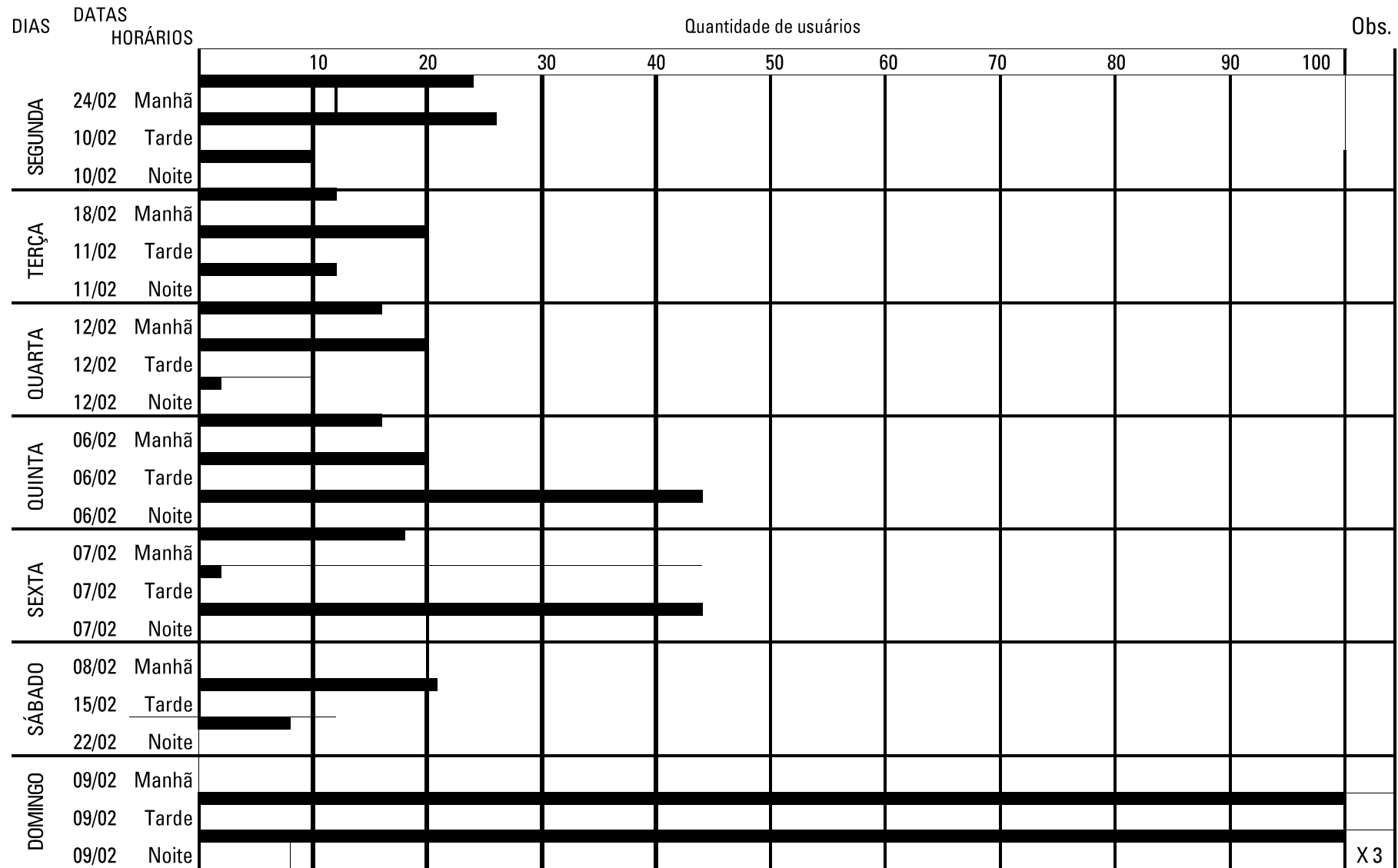
bb. Não foram identificados **conflitos de interesse** em relação à ocupação do espaço da praça. No entanto, pela narrativa de uma antiga usuária, pode-se verificar que não existem, visivelmente, mas veladamente, enquanto algum novo grupo social vai se apropriando do espaço, outro se afasta:

Quando eu era adolescente, também ia muito na praça da Prefeitura (Praça Rui Barbosa), 2000, 2001 até 2005 eu ia muito, ia eu e meus amigos. [...] Era um ponto de encontro. Era um acontecimento, no final de semana ir para a praça da prefeitura, ia à da tarde e ia à noite. Ia lá para conversar. É engraçado que na época, aí em 2005, 2006, começou a ir um povo meio esquisito, aí deixei de ir. (N, 28 anos, natural de Formosa, moradora do bairro Formosinha).

4.3.6 – Aspectos culturais e históricos

cc. Quanto à **origem**, esta é a praça mais antiga da cidade, embora enquanto praça, date da inauguração do Jardim do Centenário. O largo do Pau Ferro, não existe mais como espaço público e sua representação também está se perdendo, na memória da cidade. Assim esta praça adquiriu importância na **tradição e cultura** local pois representa parte da própria origem da cidade, e onde as manifestações tradicionais e culturais acontecem.

Quadro 4.3 – Gráfico de pesquisa dos usos da Praça Rui Barbosa



Obs.: Cada célula corresponde a dois usuários. (*) – Encontro de jovens em evento pré-carnavalesco. Fonte: Elaborado pela autora, durante diversos dias no mês de fevereiro de 2014.

4.4 – Praça Nossa Senhora da Conceição

Também conhecida como Praça da Catedral, situa-se no quarteirão, antes denominado de largo do Cruzeiro, que até 1979 era constituído por um imenso descampado, onde já tinha sido construída uma igreja Matriz, entre 1915–1920, que, conforme a Figura 4.23, manteve a mesma configuração até cerca da década de 1940. A área do largo onde foi construída a praça atual e a nova Matriz tinha a forma de trapézio, orientado na direção norte-sul, com cerca de trezentos metros nos lados maiores, cem metros no lado norte e cinquenta metros na largura sul, no ponto em que recebia o nome de largo da Bica.²⁰²

A praça atual foi construída após a nova catedral, inaugurada em 1966. No lado leste da praça, foi construído o primeiro edifício onde funciona o colégio São José, inaugurado em 1910, e um dos mais antigos e conceituados da cidade.²⁰³

²⁰² Atualmente, no local do Largo da Bica atual Parque Mata da Bica, foram construídos a Praça Dona Neném e a atual rodoviária da cidade.



Fig. 4.23 – Praça da Catedral (ou da Igreja Nossa Senhora da Conceição) em 1940, ainda com a antiga igreja. Fonte Foto de Sebastião Spindola. Adaptação de Saad (2013, p. 331)

4.4.1 – A praça no contexto urbano:

- a. Quanto à **localização**, a praça está situa-se no centro da cidade de Formosa e, juntamente, com a Praça Rui Barbosa constituem as duas praças mais conhecidas da cidade.
- b. Limita-se a leste com a rua José Viana Lobo, a norte com a rua Modesto de Melo, a oeste com a Rua Visconde de Porto Seguro e a sul com a Catedral. (Figura 4.24)

²⁰³ Nas casas que circundavam a praça da Matriz, moraram as famílias mais tradicionais da cidade de Formosa, “aquelas que se fixaram antes do século dezenove”, os Guimarães, os Melo, os Lobo e os Viana. (SAAD, 2013, p. 347)



Fig. 4.24 – Vista da praça e Catedral. Fonte: Google Earth. Acesso: janeiro de 2016.

Na Figura 4.25, vê-se toda a quadra onde se situa a igreja Matriz e a praça, com a densa arborização situada na parte oeste, parte da qual já se encontra bastante deteriorada.²⁰⁴

²⁰⁴ Os padres já quiseram retirar todas essas árvores por conta da falta de manutenção (galhos apodrecem e caem próximo aos usuários), mas, conforme relato, não houve um entendimento para que a reforma fosse possível. Conforme relato de Lucas (2013, p. 46), a Igreja defende a derrubada das árvores, alegando que foram plantadas através de um projeto pedagógico do



Fig. 4.25 – Vista da praça e Catedral. Fonte: http://iconosquare.com/p/1008031618041983737_1713144171. Acesso: janeiro de 2016.

c. **Tipologias, usos e atividades das edificações** que compõem as “paredes” da praça. As edificações apresentam grande diversidade quanto à altura ao tratamento e aos usos. A leste, na rua José Viana Lobo, situa-se o colégio São José, num edifício de três pavimentos e três construções antigas de um

Ginásio Arquidiocesano do Planalto e cresceram muito após a morte de Dom Victor, passando a oferecer riscos, necessitando-se de uma reforma geral, que consiste, inclusive, no corte das referidas árvores. Do outro lado, a sociedade civil organizada e ambientalistas defendem a manutenção das árvores, com os devidos cuidados e manutenção.

pavimento (meados do século XX), que tem uso comercial. Nas construções localizadas a norte, destacam-se a Caixa Econômica Federal, em um edifício de dois pavimentos, duas lojas comerciais, em edifícios de um pavimento, e um posto de gasolina, na esquina com a rua Visconde de Porto Seguro.

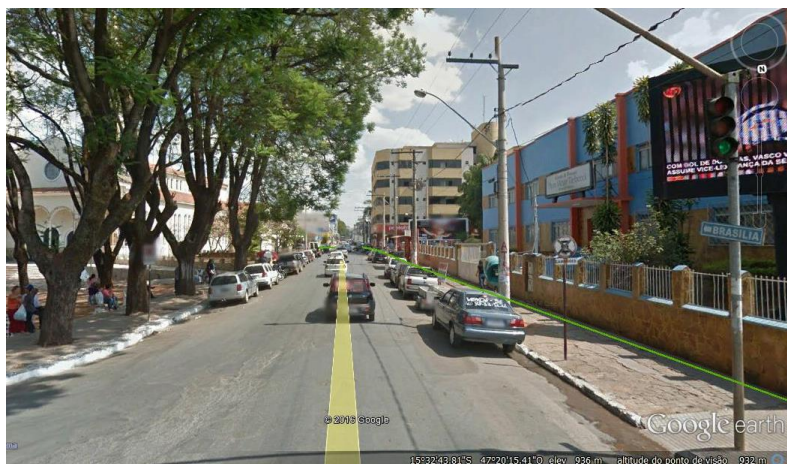


Fig. 4.26 – Vista da rua Visconde de Porto Seguro. Fonte: Google Earth. Street View. Acesso: janeiro de 2016.

Na rua Visconde de Porto Seguro, tem-se o edifício de dois pavimentos da Pastoral da Terra, uma residência e uma pequena loja comercial. Destaca um edifício de uso misto, com cinco pavimentos. Por outro lado, a igreja ainda continua sendo a construção mais marcante da área (Figura 4.26).

d. Quanto à **acessibilidade**, fontes geradoras dos percursos de pedestres e veículos e estacionamentos, esta praça apresenta apenas um acesso pela rua José Viana Lobo, pelo qual se chega à rampa que dá acesso à igreja, e, ao lado deste, foi improvisado um acesso para o nível da praça, por onde, inclusive, entram os automóveis que aí estacionam durante as cerimônias religiosas. Prosseguindo neste limite, a praça apresenta um grande desnível em relação esquina entre essas ruas (cerca de 1,50 metros), onde também não existe calçada para contornar essa esquina, o que dificulta a passagem pela área (Figuras 4.27).



Fig. 4.27 – Esquina entre as ruas Modesto de Melo e José Viana Lobo, o muro e falta da calçada neste trecho das ruas. Fonte: Fotos da autora, 2016.

Pela rua Modesto de Melo, a acessibilidade também é bastante precária, pois a praça e a calçada ficam em média um metro e meio acima do nível da rua, e na esquina com a Visconde de Porto Seguro chega a altura de 40 cm, prejudicando-se, portanto, a acessibilidade em todo esse trecho. O acesso mais seguro se dá pela rua Visconde de Porto Seguro, onde inclusive existe uma rampa para portadores de deficiência, só que localizado na esquina das duas ruas e sem faixa de pedestres em nenhuma das duas vias²⁰⁵ (Figura 4.28).

As ruas José Viana Lobo e Visconde de Porto Seguro, são vias arteriais. A Modesto de Melo também é uma via principal que pode ser considerada como coletora. A outra via da parte posterior da igreja, constitui-se numa alça de retorno, devido à sua pequena dimensão. Todas estas vias têm fluxo em apenas uma direção.

As principais fontes geradoras dos percursos de pedestres são as pessoas (alunos, principalmente) que saem do colégio São José

e se dirigem aos bairros Abreu e demais situados na região oeste da cidade.



Fig. 4.28 – Esquina entre as Ruas Modesto de Melo com rua Visconde de Porto Seguro. Fonte: Google Earth. Street View. Acesso: janeiro de 2016.

Outro foco gerador de fluxos é a Caixa Econômica e o comércio, principalmente o da Rua Visconde de Porto Seguro. A terceira fonte de percursos é o edifício da Pastoral e a quarta fonte é própria Catedral, que, nos seus horários de cerimônias, também, gera um grande fluxo de percursos de pedestres e, neste caso, também de veículos. Enquanto aguardam a abertura da Caixa

vem pela Rua Modesto de Melo, interrompe-se a passagem de pedestres de quem vem do outro lado da rua Visconde de Porto Seguro.

²⁰⁵ Aqui existe um semáforo, o que facilita que os pedestres possam se deslocar e atravessar as duas ruas com relativa segurança, embora o sistema de trânsito em binário não facilite, pois, quando o sinal abre para os veículos que

Econômica, sempre há uma grande concentração de usuários nos bancos e em pé, na faixa ao longo da Rua Modesto de Melo (Figura 4.29).



Fig.4.29 – Lateral para a rua Visconde de Porto Seguro. Fonte: Foto da autora, 2014.

e Quanto ao **raio de abrangência**, esta praça é a segunda mais importante da cidade, pois, como a catedral é conhecida da maioria da população, também abrange desde as áreas mais próximas até aos bairros mais distantes.

4.4.2 – O sítio físico e o microclima da praça

f Quanto às **dimensões**, esta praça possui uma área de aproximadamente 2.800 m². Nessa área, não foram considerados os

dois gramados cercados situados nas laterais da igreja, já que, efetivamente, não são utilizados como praça (Figura 4.30). Apresenta a forma de polígono trapezoidal com dimensões médias de 40 metros no sentido da nave da igreja e 70 metros de largura. Situa-se a uma distância de apenas 350 metros da Praça Rui Barbosa.



Fig.4.30 – Lateral jardim privativo da igreja. Fonte: Foto da autora, 2014.

g. A praça apresenta **declividade** (relevo) plano, com caimento apenas suficiente para o escoamento das águas pluviais em direção à rua Modesto de Melo. Esta situação fez com que a praça fique acima do nível da rua Jose Viana Lobo, (figura 4.27). A catedral situa-se num plano mais elevado em relação à praça em cerca de 1,20 metros.

h. Quanto à rede hídrica, a praça não possui nenhum destaque. A drenagem de águas pluviais encontra-se localizada nas vias do entorno, principalmente na rua José Viana Lobo que se situa na cota mais baixa.

i. Os solos da praça, podem ser considerados argilosos (conforme avaliado nas áreas com terreno natural, que antes foram vegetadas e atualmente encontram-se totalmente degradadas) (Figura 4.31).

j. A **infraestrutura** é constituída pela rede de iluminação subterrânea, e apresenta-se distribuída tanto dentro da área quanto no entorno, pela iluminação das ruas. Quanto à **iluminação**, a praça possui dois tipos de postes: um tipo alto, para iluminação das vias e que se situa muito acima das copas das árvores e, portanto, não ilumina o nível do piso do interior da praça e outro tipo de baixo porte, distribuído internamente na área dos bancos que ilumina esta parte da praça. Na área do adro, a iluminação é feita por algumas luminárias baixas, situadas na parede das rampas de acesso à catedral. No entanto a iluminação é bastante fraca, na maioria dos trechos, motivo pelo qual a população tem receio de se arriscar a frequentar a praça à noite.

k. Uma grande área central da praça apresenta-se pavimentada e, portanto, **impermeabilizada**, o que corresponde a cerca de 80% da área da praça. Sendo que, atualmente, nenhuma parte da praça propriamente dita apresenta vegetação de forração das partes do piso.



Fig. 4.31 – Contraste entre as laterais da Igreja gramadas e bem cuidadas na figura acima e aqui a praça com piso e bancos quebrado, e canteiros sem vegetação. Fonte: Fotos da autora, 2014.

l A **vegetação** constitui-se apenas pela arborização com árvores de grande porte, mungubas (*Pachira-aquatica*), e tipuana (*Tipuana tipu*). Existem ainda dois arbustos – hibisco (*Hibiscus-rosa-sinensis*). Os canteiros onde existiram outras espécies de forração ou grama não têm mais vegetação. A igreja também é circundada

por um jardim gramado, com algumas árvores e palmeiras e cercado por mureta e grades tanto nas laterais quanto nos fundos.

m. Quanto ao **microclima, insolação, sombreamento e direção dos ventos predominantes e secundários**, tem-se a mesma temperatura relativa, semelhante à da praça Rui Barbosa, pois trata-se de duas praças muito semelhantes no que se refere à exuberância da vegetação.

Quanto à **insolação** direta, incide-se apenas na área central pavimentada (adro) no centro da praça. Nas demais áreas, a vegetação arbórea propicia um grande **sombreamento**, o que oferece bastante conforto térmico aos usuários, já que os bancos estão todos localizados à sombra dessas árvores. Quanto aos ventos **predominantes**, estes cruzam a praça, constantemente, no sentido nordeste para sudoeste. No sentido inverso, raramente ocorrem ventos secundários.

4.4.3 – Caracterização espacial da praça:

n. Quanto à **complexidade visual**, a diversidade de usos no entorno, torna esta praça bastante animada, não sendo maior, devido às condições físicas atuais em que se encontra a praça, com

bancos quebrados e calçadas e passeios deteriorados. A região também está tendendo à verticalização, com o uso misto, o que não deverá interferir no grande uso potencial que esta praça usufrui.

o. Os **limites físicos** desta praça, são as próprias paredes dos edifícios situados nas vias que a contornam além da Catedral que a delimita na sua parte sul.

p. Quanto às **referências visuais**, a Catedral apresenta-se como um grande elemento de destaque, além da vegetação arbórea que compõe a parte norte da praça e que se destaca em relação ao entorno que é pobre em vegetação

q. Quanto aos **marcos visuais**, (monumentos e outros elementos que destacam a praça), pode-se considerar a própria Catedral, a escadaria e as rampas de acesso, pois são elementos exclusivos deste espaço e, portanto, podem ser considerados especiais para quem circula pela área. A cruz ao lado da catedral também pode ser considerada como um monumento de caráter simbólico, que aparece como **marco visual**. Estes elementos se destacam na paisagem e, em princípio, contribuem para a identidade da praça.

r. Os **focos de animação** desta praça são apenas a igreja, nas suas celebrações. No entanto os bancos mesmo quebrados na maioria, situados na área sombreada, também são um foco de animação, visto atraírem bastantes usuários durante o horário comercial.

s. Quanto à **poluição ou focos de perturbação por odores ou sons indesejáveis**, não estão presentes na praça. Os **sons indesejáveis** vêm do intenso movimento de veículos que circulam pelas ruas que contornam a praça nas três vias com que se limita, visto que duas delas são vias arteriais, portanto das principais da cidade.

4.4.4 – Elementos acessórios encontrados na praça

t. O **mobiliário** desta praça constitui-se pelos poucos bancos, atualmente em sua maioria quebrados, sendo que inclusive algumas pessoas se sentam no meio fio dos canteiros (figuras 4.32 e 4.33).



Fig. 4.32 – lateral da rua Modesto de Melo. Fonte: Foto da autora, 2014. (Vale lembrar que atualmente a praça se encontra em pior situação do que a encontrada na ocasião desta foto).

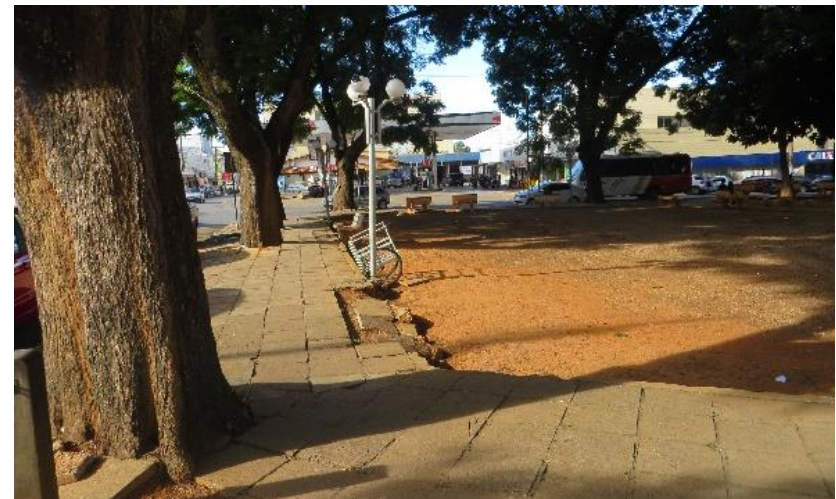


Fig. 4.33 – Calçadas e bancos quebrados, árvores plantada ao centro da calçada, sem gola ou canteiro. Fonte: Foto da autora, 2016.

u. Quanto a **placas de orientação, ou informação** as únicas são o *outdoor* que anuncia as cerimônias na igreja. Não aparecem outras placas ou elementos com anúncios (Figura 4.34).



Fig. 4.34 – Poluição visual na lateral da praça. Fonte: Foto da autora, 2014

4.4.5 – Usuários e comunidade residente no entorno e narrativas

v. A **identificação dos diferentes grupos sociais** que utilizam a praça foi feita pela observação das pessoas que a

frequentam, nos diversos horários e funções. Assim, foram observados dois grupos de usuários, distintos.

Durante o período diurno, compõem-se em sua maioria de pessoas da periferia da cidade, que vem ao comércio ou aguardam o banco abrir. Também transitam pelo local pessoas de toda a cidade, pela sua localização na região central. Encontram-se entre os usuários aposentados e muitos camelôs, alguns em veículos estacionados na rua Visconde de Porto Seguro e diversos vendedores ambulantes, que se instalam dentro da praça, além de mendigos e bêbados.

O outro grupo é constituído pelos moradores mais próximos que frequentam as cerimônias religiosas, (missas, batizados, casamentos, etc.). Muitos desses frequentadores vêm, geralmente, de automóvel, mas utilizam o espaço da praça para estacionar, (Figuras 4.35 e 4.36).

w. Quanto a **usos, intensidade de usos, atividades e preferências**²⁰⁶, devido ao estado precário em que se encontra a praça e ao fato de não oferecer nenhum atrativo, não existem nenhuma outra atividade a não ser sentar ou ficar em pé

²⁰⁶ Em anexo, levantamento que detalha os que os usuários faziam na praça nos dias e horários em que foi observada.

conversando. Foi constatado que, atualmente, os moradores do entorno não frequentam a praça, pois não oferece outras opções de uso a não ser as detalhadas acima.



Fig. 4.35 – A praça – estacionamento diurno. Fonte: Foto da autora, 2014.

Dessa forma, não foi feita pesquisa mais detalhada sobre os usuários. Foram feitas observações em que se quantificaram o número e os usos que as pessoas faziam durante todos os dias de uma semana e em três horários do dia, manhã, tarde e início da noite, conforme Quadro 4.4, detalhado em anexo, em que se constatou que, apesar da precariedade em que se encontra, a praça é bastante

utilizada durante o dia, mas seu uso diminuiu bastante a partir do final da tarde, quando o comércio encerra suas atividades.



Fig. 4.36 – A praça – estacionamento, no período noturno. Fonte: Foto da autora, em 2014.

Foram registradas narrativas de alguns usuários e autoridades, nas quais foram apontadas a precariedade e a falta de segurança, principalmente à noite, devido à pouca presença de pessoas na vizinhança e iluminação precária. A má conservação e precariedade do mobiliário e das calçadas foi o aspecto negativo mais apontado pelos usuários.²⁰⁷

Não foram identificadas **preferências** em relação às áreas utilizadas pelos usuários, até porque atualmente a praça só é

²⁰⁷ As narrativas foram gravadas e estão transcritas no anexo A.

utilizada pela necessidade de se ter um lugar para parar e espera ou descansar à sombra. Não existem diferenças visíveis nos atuais usuários da praça.

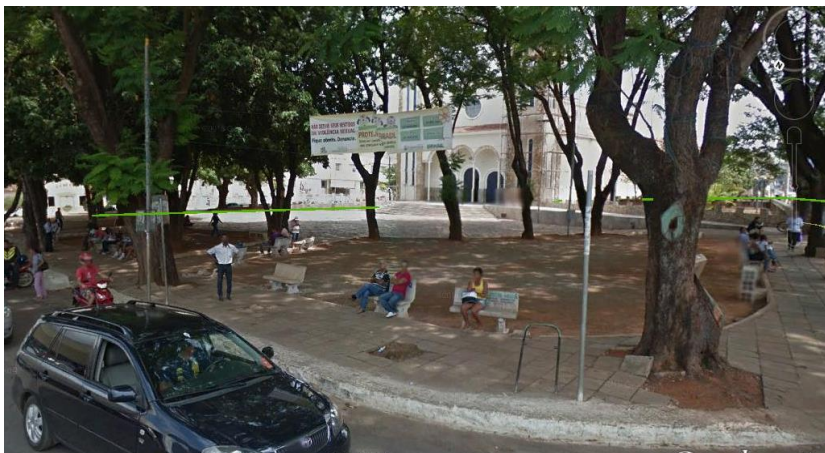


Fig. 4.37 – Visual da esquina da rua Visconde de Porto Seguro. Fonte: Google Earth. Street View, em 2016.

No entanto, o grande movimento que esta praça apresenta é destacado pelos moradores, (Figuras 4.32 e 4.37). Uma moradora do Setor Bela Vista, bairro bem distante da área, mas que trabalha como estagiária numa agência bancária da região, assim, se referiu à praça:

A praça é bastante movimentada, acho que é a mais movimentada da cidade. [...] Uso esta praça como ponto de encontro para esperar meu marido para voltar para casa. Deveria ser um local de

lazer. As praças são importantes como lugar de referência para a cidade. (E, 23 anos)

x. Quanto aos **horários de ocorrência e setorização da permanência**, a maioria dos usuários se concentra nos bancos e na área ao longo da rua Modesto de Melo. Na figura 4.38, verifica-se a grande quantidade de pessoas que frequentam esta praça, apesar da precariedade em que se encontra, com o piso quebrado nas calçadas e não oferecer nenhuma comodidade – a maioria dos bancos já estão quebrados e alguns dos antigos canteiros, são utilizados, também, como estacionamento para os frequentadores da igreja, foram cobertos com brita.

A intensidade do uso reduz-se, também, bastante nos finais de semana, quando não há alguma cerimônia na Catedral ou, eventualmente, no adro.

y. Quanto às áreas utilizadas pelos diferentes grupos sociais, não foi elaborada uma pesquisa mais detalhada quanto aos usuários, mas se fizeram visitas de observação de campo onde se quantificou o número de usuários e os usos que estes faziam durante todos os dias de uma semana e em três horários do dia, manhã, tarde e início da noite, conforme detalhado no Quadro 4.4. No caso deste

levantamento, coincidiu com nenhuma data ou horário de programação na igreja.



Fig. 4.38 – Concentração das pessoas à sombra. Fonte: Foto da autora em 2014.

z. Quanto aos desejos em relação à praça, os frequentadores apontaram, entre outros aspectos: “falta tudo nesta praça, limpeza, bancos, jardins” (E, 23 anos, moradora do bairro Setor Bela Vista na periferia da cidade).

Outra moradora que não é usuária da praça, mas se referiu à importância da praça, destaca diversos problemas que deveriam ser resolvidos para atender melhor aos moradores e a todos os usuários que utilizam esta praça, elencando, entre as principais necessidades que deveriam ser propiciadas a qualquer praça:

Em primeiro lugar um piso adequado, mais regular para poder andar com segurança. Não precisa ser nada especial, mas que seja bom de caminhar. Em 2º lugar que tenha bancos à sombra porque aqui no cerrado o sol é muito forte, mas que não seja um lugar muito fechado, muito escuro. 3º que tenha área para as crianças brincarem, um lugar bem planejado para também ter segurança e bastante lixeiras para que a praça seja mantida limpa.

Para (L, 22 anos), moradora do Setor Sul, esta, também, “é a praça mais movimentada, mas falta tudo, limpeza, organização, segurança e algo para lazer”. Também para a moradora do Setor Nordeste que vende frutas na praça (morango, caju e pinha), A (25 anos), embora seja um bom ponto comercial, reconhece que a precariedade do local tende a afastar as pessoas.

Esta é a praça mais movimentada, aqui é o centro, tem posto, a pastoral, a igreja, o colégio São José e o comércio forte, mas na praça é tudo feio, só é boa porque passa muita gente, mas tem bêbados que brigam de vez em quando. É o melhor lugar para vender. (A, 25 anos)

Por sua vez, J, 36 anos, natural de Goiânia e, há apenas 4 (quatro) anos, mora na cidade, em Formosinha, bairro situado bem próximo à praça, fala da importância desta praça:

Não tenho tempo para ir à praça, pois trabalho muito, mas considero que a praça da Matriz é a mais importante da cidade, pela Catedral, e para melhorar deveria tirar os camelôs, colocar mais bancos e melhores e reformar e cuidar. Considero que a praça é um ponto de referência importante.

Pelas narrativas desses poucos usuários, pode-se compreender que, quanto às condições em que se encontra esta praça, ela está em péssimo estado de conservação e não apresenta um mínimo de manutenção. O que demonstra, no mínimo, a falta de interesse do poder público por um espaço público importante do ponto de vista de uma grande parcela da população da cidade.

Essa situação pode ser decorrente da questão de disputas entre a igreja e a sociedade civil e o próprio poder municipal, que tem o dever de tomar para si a questão de manter um mínimo de qualidade nos espaços públicos, pois são de sua responsabilidade.

Por outro lado, nas demais praças, se verificou, ao menos em certos dias da semana, que sempre tem alguns funcionários da Secretaria de Limpeza Urbana cuidando, varrendo e regando as plantas

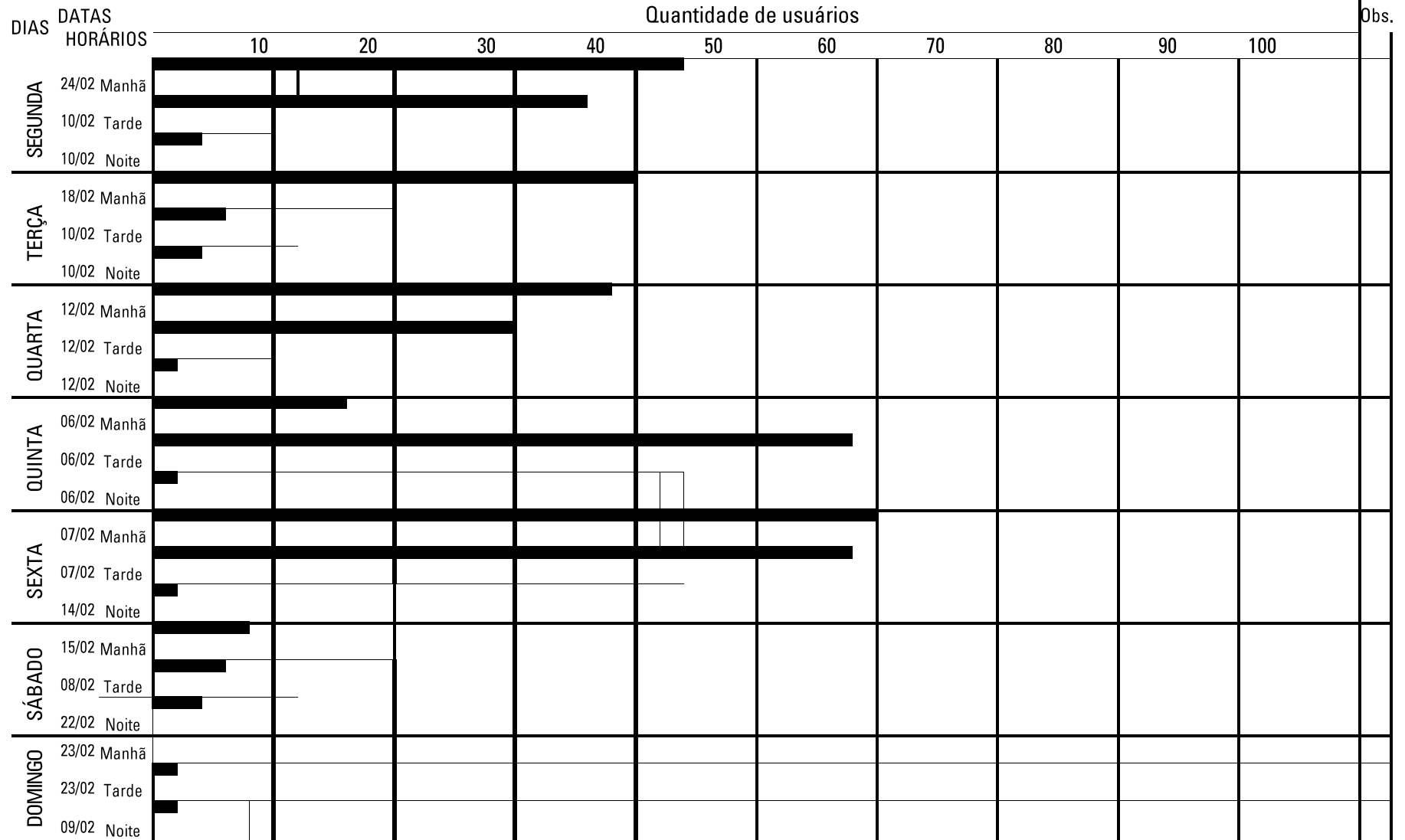
aa. Os moradores da cidade não sentem **segurança** na praça, devido ao estado em que se encontra. É um dos aspectos apontados por eles como essencial para que se melhorem as condições de frequência.

bb. Não foram identificados **conflitos de interesse** em relação à ocupação do espaço da praça.

4.4.6 – Aspectos culturais e históricos

cc. Quanto à **origem**, esta também pode ser considerada a segunda praça mais antiga da cidade. Assim tem uma forte representatividade na história da cidade. Também é reconhecida pela sua importância na **tradição e cultura** pelas manifestações religiosas que aqui acontecem.

Quadro 4.4 - Gráfico de pesquisa dos usos da Praça Nossa Senhora da Conceição



Obs.: Cada célula corresponde a dois usuários. (*) – Encontro de jovens em evento pré-carnavalesco. Fonte: Elaborado pela autora, durante diversos dias no mês de fevereiro de 2014

4.5 – Praça Vovô Lucio Albino Griebeler ou Laguinho do Vovô²⁰⁸

A praça Laguinho do Vovô com pista de caminhada foi implantado em 2002, a partir da remodelação de uma pequena lagoa represada no local de uma das muitas nascentes existentes na área urbana de Formosa (Figuras 4.39 e 40).



Fig. 4.39 – Localização da praça do Laguinho do Vovô, com terrenos vazios nas proximidades. Fonte: Google Earth. Acesso: fevereiro de 2016.



Fig. 4.40 – Vista geral da praça do Laguinho do Vovô, com a ilha e o esguicho e as edificações do entorno. Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g2343225-d8521581-Reviews-Lago_do_Vovo-Formosa_State_of_Goias.html. Acesso: janeiro de 2016.

Conhecido pela população como “Laguinho do Vovô”²⁰⁹, nome dado ao local pelos moradores que acompanhavam um velho gaúcho morador da cidade que, após se aposentar, ia diariamente passear no local e alimentar os peixes e patos que vivem na ilha do lago. Após seu falecimento, em 2010, a praça foi nomeada oficialmente pelo nome de Vovô Lucio Albino Griebeler. Trata-se de um lugar agradável para caminhadas,

²⁰⁸ Trata-se de uma lagoa, pois os lagos costumam ter grandes espelhos de água. Assim, utilizaremos diversas denominações, lagoa, laguinho ou lago.

²⁰⁹ Um aspecto interessante da cidade de Formosa é dar um segundo nome, ou apelido, a todos os lugares, tanto aos bairros como também às praças.

atraindo usuários dos mais diversos bairros da cidade, que ali vão para caminhar, principalmente de automóvel, no início e final do dia, até à noite. Os usuários noturnos são atraídos também pelos restaurantes que existem na região.

Nas redondezas, ainda existem muitos lotes desocupados, embora essa área se situe no Setor Central da cidade e diste apenas cerca de 500 metros da Praça Rui Barbosa. Essas áreas vazias não são ocupadas, pela existência de diversas nascentes no local o que o torna impróprio para ocupação, devido ao excesso de umidade no solo. Os poucos lotes de residências situadas no entorno são “colados” nos limites da praça.

4.5.1 – A praça no contexto urbano:

a. Quanto à **localização**, a praça situa-se também no Setor Central (Centro) da cidade de Formosa, embora na prática fique “de fora” da área considerada o centro propriamente dito, visto se localizar num trecho ainda pouco ocupado, com grandes lotes vazios, ou com ocupação ainda nitidamente de uso rural, embora se situem ao longo da avenida Ivone Saad.

b. Quanto ao **sistema viário** e hierarquia a praça é contornada apenas por duas vias, a avenida Ivone Saad uma avenida que tem porte de via arterial, mas ainda não possui muito tráfego, devido à pouca ocupação dos lotes nesta área. Esta avenida foi construída como modo de canalizar e retificar o leito do córrego da Bica, mas que, ao fazê-lo, não considerou que todo este vale onde o córrego originalmente corria é permeado de nascentes que contribuía para sua calha, assim sendo, pela dificuldade de drenagem, essa área talvez seja mantida sem ocupação devido à umidade (Figura 4.41). Os lotes que já foram ocupados sofrem com o problema da umidade nas paredes das edificações (principalmente moradias). A outra via é a rua Domingos A. de Faria, uma via de caráter local.

c. Quanto às **tipologias das edificações que compõem as “paredes” da praça**, trata-se de uma área diferenciada devido à presença da lagoa, duas das principais “paredes” da praça são fechadas por **barreira visual**, constituída pelos muros das divisas desses lotes.



Fig. 4.41 – Vista de um dos terrenos vazios próximos à praça. Fonte: Foto da autora, 2014.

No limite norte, as construções estão situadas nos limites do lote (Figura 4.42) e têm uma distância da lagoa de apenas cerca de 5 metros, resultado da falta de cuidados na implantação, ou de técnicos da Prefeitura que não fiscalizaram a área na ocasião da construção das casas. Caso essas tenham sido implantadas após a construção do lago, ou se já existiam antes da construção deste, deveria ter se mantida uma maior distância das residências já aí situadas.

Na lateral leste que se limita com a avenida Ivone Saad, (via construída com a canalização do córrego do Brejo), predomina o uso comercial, em construções ainda de poucos pavimentos²¹⁰ (Figura 4.43). A maioria desse comércio permanece fechado durante a maior parte do dia.



Fig. 4.42 - Limites norte do lago, onde à direita se vê parte de um muro. Fonte: Foto de Carlos Roberto Alves de Oliveira, 2014

²¹⁰ A maioria das construções é de um pavimento, sendo a maior com apenas três. Essa via, apesar de ser o limite entre os bairros Setor Central e Formosinha, ainda é muito pouco utilizada tanto por veículos quanto por pedestres.



Fig. 4.43 – Construções da Av. Ivone Saad e o movimento de automóveis dos moradores que caminham na praça. Fonte: Foto da autora, em 2014.

A maior quantidade de automóveis estacionados (Figura 4.43) acontece durante o dia, nos horários de início da manhã ou do final da tarde, quando as pessoas vão caminhar ou correr na praça. Como os estabelecimentos comerciais (pizzaria, boate, cursos, etc.) funcionam apenas no período noturno – período em que a praça também recebe grande número de usuários (Figura 4.44) –, também é grande o fluxo ao local.

Como durante a maior parte do dia o comércio permanece fechado e a região vazia, há uma certa insegurança entre os moradores, quanto a frequentar o local fora desses horários.



Fig. 4.44 – O comércio na Av. Ivone Saad, fechado durante o dia. Fonte: Foto da autora, 2015.

Na parte sul, a praça se limita com a rua Domingos J. de Paiva, uma rua de pouco movimento, onde as edificações são casas de um pavimento e um galpão também de um pavimento, utilizado eventualmente – o “Divinódromo” um galpão, situado na esquina com a avenida Ivone Saad (Figura 4.45), utilizado para a preparação da festa do Divino, evento tradicional na cidade.



Fig. 4.45 – Vista das construções na Rua Domingos Paiva. Divinódromo.
Fonte: Foto da autora, 2014.

Na parte oeste, a praça limita-se com a área preservada, que, do ponto de vista legal, deverá ter 50 metros de raio, a partir do ponto da nascente, cercada com tela de arame, o que permite que a vegetação nativa seja mantida, a qual é formada por espécies arbustivas e palmeiras buriti (*Mauritia flexuosa*) e desta forma pode ser vista e apreciada pelos passantes. (Figuras 4.46 e 4.47).



Fig. 4.46 – Vegetação da área da nascente. Fonte: Foto da autora, 2014.



Fig. 4.47 – Parte oeste do lago (nascente) e edifício do Hotel Serrador ao fundo (na praça Rui Barbosa). Fonte: foto da autora, 2014

d. Quanto aos usos, atividade, acessibilidade e fontes geradoras de percursos dos pedestres e de veículos e estacionamentos, a praça é bem receptiva para quem transita pelas duas ruas que a contornam, devido ao seu desenho e relevo plano no nível dessas ruas. Também o fato de seu piso ser liso e ter bom acabamento, torna-a bastante convidativa.

As principais fontes geradoras dos percursos dos pedestres são diversas, pois os usuários vêm de diferentes bairros da cidade, embora a concentração maior seja de pessoas dos bairros de classe média da cidade que chegam à praça de automóvel e, principalmente, pela avenida Ivone Saad, onde podem estacionar facilmente devido ao pouco movimento da área. Observou-se que o trânsito de quem circula pela área com outros destinos ainda é muito pequeno.

e. Quanto ao raio de abrangência, apesar da praça se situar fora dos fluxos mais movimentados, percebe-se pelos usuários que vêm de outros bairros para caminhar, que se trata de um lugar convidativo, o que justifica esses deslocamentos,

na medida em que se encontra um lugar para se desfrutar de uma paisagem agradável e com relativa segurança.

4.5.2 – O sítio físico e o microclima da praça

Quanto ao sítio físico, a praça situa-se num vale, em cota mais baixa em relação ao nível da área central do bairro, onde se localiza a Praça Rui Barbosa que fica a apenas cerca de 400 metros de distância.

f. Quanto às dimensões, a praça possui área aproximada de 10.000,00 metros quadrados, incluindo-se a área do espelho d'água e a pista de caminhada que contorna o laguinho, a qual possui uma extensão de cerca de 500 metros.

A forma da praça no total é irregular, apenas o trecho da área pavimentada e ajardinada, possui a forma mais regular, a de um trapézio. A forma da lagoa também é de uma figura irregular e nota-se que não corresponde a sua forma natural, ou seja, foi construída. No trecho noroeste, há uma faixa estreita de terreno, lateral à área da nascente, que se alonga para o interior da quadra a qual é pouco utilizada (Figura 4.48).



Fig. 4.48 – Trecho alongado da área da praça, onde ficam os banheiros e um conjunto de palmeiras buritis. Fonte: foto da autora, 2014.

g. Quanto ao **relevo e declividade** a praça situa-se numa área com declividade suave, mas essa é plana, assim como a pista de caminhada, e as duas possuem apenas um caimento suficiente para o escoamento das águas pluviais.

h. Quanto à **rede hídrica**, é um aspecto bastante presente na área. Destaca-se como um aspecto importante nesta praça visto que esta decorre da nascente e do laguinho que se formou a partir dela.

Outro aspecto que valorizou a área foi a retificação do leito do córrego da Bica, mas que, ao fazê-lo, não considerou que todo

esse vale onde o córrego originalmente corria é permeado de nascentes que contribuíam para sua calha, assim sendo, pela dificuldade de drenagem, muitos lotes dessa área talvez sejam mantidos sem ocupação de construções devido à umidade constante. Os lotes que já foram ocupados também sofrem com esse problema de umidade permanente nas paredes das construções, na sua maioria habitações.

i. Os **solos** desta região podem ser considerados como solos hidromórficos, que se caracterizam por se encontrarem saturados por água, ou excesso de umidade, em condições naturais, permanentemente, ou em determinado período do ano.

Formosa é uma região rica em nascentes, sendo denominada com razão “berço das águas”. Por esse motivo, algumas partes da cidade encontram-se vazias, devido à forte presença de nascentes e, portanto, com dificuldades de serem drenadas.

j. **Infraestrutura, iluminação e drenagem.** Com relação à infraestrutura (pisos, e acessos) esta praça foi construída recentemente e este aspecto foi bem resolvido, inclusive com rampas de acesso para cadeirantes. Quanto à

iluminação, possui um tipo de poste com três lâmpadas, idêntico aos de outras praças da cidade.

k. As **áreas impermeabilizadas** (pavimentações) correspondem a cerca de 30% da área total da praça, incluindo o espaço do lago, que corresponde a mais de 60% da área desse total.

l. A **vegetação** constitui-se de gramados com (*Zoysia japônica*), grama esmeralda, arbustos de diversos tipos, como diversas agaves (*Agave attenuata*, *Agave americana* e *agave angustifolia*), buxinhos, (*Buxus sempervirens*) e ixoras (*Ixora chinensis*), algumas touceiras de strelitzia (*Strelitzia reginae*) e de Palmeira-fênix (*Phoenix roebelenii*). Fazendo barreira com o lago, cerca viva de pingo de ouro (*Duranta repens*). Quanto às árvores e palmeiras, compõe-se de árvore chorão (*Salix x pendulina*) e coqueiros (*Cocos nucifera*).

Na área externa à praça, a área preservada da nascente, mas que também pode ser considerada como incluída nesse espaço público, pois os usuários desfrutam de sua vista, um conjunto de palmeiras buriti (*Mauritia flexuosa*) – Figura 4.49, contribui para

emoldurar o lugar. Essa espécie, também, foi plantada numa ilha do centro da lagoa.



Fig. 4.49 – Os grandes buritis na nascente. Fonte: Foto da autora, em 2016.

m. Quanto ao **microclima** da praça, têm-se duas situações distintas. Na área da “praça”, devido à relativa quantidade de piso e da pequena quantidade de vegetação arbórea, portanto, com pouca sombra ainda, o clima é efetivamente idêntico ao das ruas próximas, ou o mesmo clima da cidade (12° graus nos meses mais frios e máximas de 34° nos meses quentes).

Na pista que contorna o laguinho, devido à umidade, inclusive incrementada com o esguicho (Figura 4.50) que borrifa água, a

grande altura e com a ação do vento, a caminhada fica bastante confortável. A temperatura, com a umidade, nos meses mais quentes também é bastante amenizada.



Fig. 4.50 – Ao centro o esguicho que proporciona um grande frescor aos caminhantes. Fonte: Foto da autora, em 2014.

A **insolação** é direta e bastante forte na maior parte da área devido à falta de arborização de grande porte. As árvores plantadas na praça são de pequeno porte e, também as palmeiras não oferecem muita sombra (Figura 4.51). No entanto, uns poucos bancos ficam à sombra (Figura 4.52).

Os **ventos predominantes** cruzam a área no sentido nordeste para sudoeste, sendo bastante constantes, visto não haver

barreiras altas nas proximidades. Os ventos secundários ocorrem nos meses mais chuvosos e sua direção é mais irregular, com uma tendência dominante no sentido noroeste para sudeste.



Fig. 4.51 - Poucos bancos e pouca sombra, os frequentadores sentam na grama. Fonte: fotos da autora, 2016.

4.5.3 – Caracterização espacial da praça

n. A **complexidade visual** é definida pela diversidade de usos que nesta praça tem uma pequena variedade. No entanto como o entorno é pouco movimentado, os usuários vão ao local com objetivos bem específicos, ou seja, o de praticar atividades físicas.



Fig. 4.52 – A praça num sábado 8h30min da manhã com pessoas caminhando e praticando outras atividades físicas. Fonte: Fotos da autora, em 2016.

o. Quanto aos **limites físicos** da área (cercas, muros, canais ou outros), a área apresenta alguns. A norte, apresenta um longo muro, ao longo da divisa com diversos e a oeste uma cerca que separa a praça da área da nascente do lago. Esses muros das construções vizinhas, constituem uma grande barreira visual e são percebidas com maior intensidade quando se caminha ao lado deles, constituindo-se num impacto negativo para a área²¹¹.

p. **Identificação de visuais** (pontos de referência). As vistas para o lago e a mata da nascente, podem ser consideradas com um forte grau de impacto positivo, o que diminui muito esse impacto negativo das barreiras. Quem passa pela praça ou senta num banco ou caminha em volta do lago, normalmente, aprecia a vista para o espelho d'água, e não se atenta muito para esses muros cegos que a circundam.

Por outro lado, o edifício do “Divinódromo”, por se tratar de um galpão cuja construção não tem bom acabamento além de pintura na cor vermelha, destaca-se com certo impacto negativo. (Figura 4.53)



²¹¹ Esta avaliação é de acordo com a percepção e juízo de valor da autora deste trabalho, portanto, não se constitui numa avaliação com “critério científico”.

Fig. 4.53 – Vista do Divinódromo. Fonte: foto da autora, 2014.

q. Os **marcos visuais**, monumentos, e outros elementos que contribuem para a identidade desta praça, podem ser considerados o próprio lago e o conjunto de palmeiras buriti, ao fundo que se destacam na paisagem (Figura 4.49)

r. A pista de caminhada pode ser considerada o principal **foco de animação** desta praça. O quiosque de alimentação fica fechado grande parte do dia, pois não há muitos frequentadores. O parquinho não pode mais ser considerado, como tal, já que os brinquedos estão quebrados e, portanto, sem condições de uso (Figura 4.54).

s. Esta praça não apresenta **focos de poluição** de nenhum tipo, nem de ruídos nem de odores ou outro tipo.

4.5.4 – Elementos acessórios

t. O **mobiliário** dessa praça constitui-se pelos bancos, o playground, mesmo que abandonado, dois monumentos (com placas da inauguração do lago e da pracinha) (Figura 4.55), um medidor de energia elétrica, um quiosque, um orelhão, uma guarita abandonada e os postes de iluminação. Quanto aos

bancos (apenas cinco), não são muito confortáveis pois não possuem encosto e a grande maioria está localizada ao sol. Possui também lixeiras localizadas em espaços afastados com relação às áreas mais frequentadas.



Fig. 4.54 – Playground, abandonado. Fonte: foto da autora, 2014.

u. A praça tem **placas de orientação e informação**, como as que anunciam as lixeiras, onde se informa o que é expressamente proibido (pescar, circular de bicicleta, levar cachorro para nadar, etc.), além de um *outdoor* com propaganda comercial (Figuras 4.56 e 4.57). Também existe uma placa próximo à área de preservação, proibindo a entrada

(Figura 4.49). Além destas existem também duas placas comemorativas da inauguração da praça e do lago.



Fig. 4.55 – Placas de inauguração. Fonte: fotos da autora, em 2015.



Fig. 4.56 – A placa, onde se proíbe pescar, e ao fundo a guarita abandonada. Fonte: foto da autora, 2014.



Fig. 4.57 – Outdoor com propaganda comercial. Fonte: Google Earth. Acesso: março de 2016.

4.5.5 – Usuários e comunidade residente no entorno e narrativas

v. Apesar de ser uma praça onde as pessoas de maior poder aquisitivo da cidade vão caminhar, entre os usuários foram identificadas algumas pessoas de **diferentes grupos sociais** entre os caminhantes usuais, inclusive algumas pessoas de origem bem simples, também caminhando na área.

De maneira geral, a praça é bem referenciada pelos moradores da cidade conforme narrativas a seguir. Uma moradora que frequenta a praça como vendedora ambulante de pipoca,

também, fala dessa praça como a mais agradável da cidade (Figura 4.60).

Quando não estou muito cansada, vendo pipoca aqui. Eventualmente trago minha filha de 9 anos para brincar de correr. Esta é a praça mais arrumada e que as pessoas mais frequentam principalmente nos finais de semana. (T, 46 anos, moradora do bairro Jardim Oliveira).

x. Os **horários de ocorrência e setorização da permanência** da maioria dos usuários dessa praça são mais acentuados tanto nas primeiras horas da manhã, até aproximadamente 10 horas, como no final da tarde, horários em que as pessoas vão caminhar ou correr (Quadro 4.5).

Quanto à **setorização da permanência**, a maioria desses usuários circula pela pista em volta do laguinho e pela calçada que contorna o limite externo da praça. No entanto, também há bastante usuários se exercitando na área pavimentada, no centro da praça (Figuras 5.58 e 4.59).



Fig. 4.58 – Locais onde ocorre a maior frequência de usuários. Fonte: foto da autora, 2016.

Uma moradora que, embora não tenha nascido na cidade, mas se diz moradora antiga, sente a diferença entre a manutenção desta praça em relação às demais, de maneira geral, e narra que já frequentou esta praça para caminhar:

É a melhor da cidade para caminhar e também é a mais bonita e arrumada. É um lugar que serve para passear e tira um pouco o clima de cidade do interior. (V, 38 anos, moradora da cidade. Trabalha no Hotel Serrador).

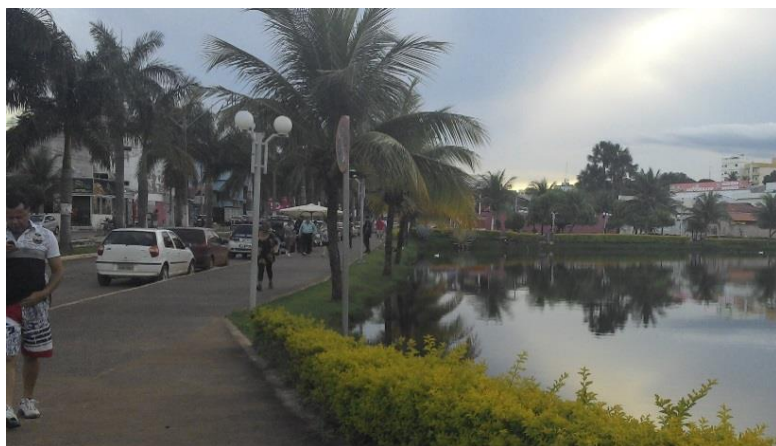


Fig. 4.59 – Calçada por onde os usuários caminham ou correm. Fonte: foto da autora, 2016

Essa praça tem uma manutenção boa, sua aparência é sempre limpa, com a grama aparada e a vegetação cuidada, e isso se reflete inclusive na forma de uso e nas narrativas dos usuários, que revelam novamente como o estado de conservação é um fator importante de interesse e satisfação da população quanto ao espaço público.

O lago do vovô é “grande” e cheio de peixes pequenos, grandes e enormes além de lindos patinhos e cágados. É um espaço muito bom para levar a criançada que se encanta jogando ração para os peixes (que pode ser comprada lá no quiosque por 0,50). Eu uso para caminhadas, aqui não é permitido andar de bicicleta no calçadão. À noite o local “bomba”,

pois tem vários carrinhos de lanche, além de alguns restaurantes interessantíssimos. (C, 35 anos). (Aspas da autora)



Fig. 4.60 – A pipoqueira na praça num sábado em dezembro de 2015. Fonte: foto da autora.

w. Os usos e atividades preferenciais identificadas são, portanto, caminhar ou correr em volta do lago e eventualmente praticar outras atividades físicas como Pilatis, etc. E como não existem equipamentos que possibilitem alguma outra atividade, a praça fica vazia durante uma boa parte do dia (Figura 4.61).

x. **Horários de ocorrência e setorização da permanência dos usuários.** Embora não se tenha realizado uma pesquisa mais detalhada sobre os usuários, observações

feitas em campo quantificaram o número e os usos que as pessoas faziam durante os dias de uma semana e em três horários do dia, manhã, tarde e início da noite, conforme apresentado no Anexo B e no Quadro 4.5.

Nesse quadro, pode-se verificar também que a praça é mais frequentada no horário do começo da manhã e no final da tarde, aumentando-se, consideravelmente, nos finais de semana, quando aparecem os que só caminham ou correm eventualmente.²¹²



Fig. 4.61 – A praça nos horários entre 11 e 15 horas, aproximadamente, tem pouco uso. Fonte: foto da autora, em 2014.

O local onde a maioria dos frequentadores se localiza é ao longo da calçada que circunda o lago. Nas demais áreas, somente tem frequentadores eventuais.

y. **As áreas utilizadas pelos diversos grupos sociais** são a calçada que circula o lago e a área central da praça quando acontecem atividades de ginástica. Algumas pessoas aproveitam esses horários mais movimentados para também irem à praça e ficar apenas sentados nos bancos, conversando e apreciando o movimento, sendo, no entanto, um número pequeno de usuários em vista dos que vão para fazer atividades físicas.

z. Quanto aos **desejos com relação à praça**, os frequentadores também não apontaram nenhuma necessidade específica, embora se sinta falta de mais sombreamento na área.

aa. Quanto à **segurança**, os usuários não sentem preocupação neste aspecto nos horários de caminhada, pois sempre há um carro da polícia circulando pela área. Fora

²¹² Em anexo, os levantamentos detalham os que os usuários faziam na praça no horário em que foi observada.

desses horários, a segurança também desaparece juntamente com o público e a área fica deserta (Figura 4.62). As falas de usuários das diversas faixas etárias, além de ambulantes e algumas autoridades, registraram a falta de **segurança**, principalmente à noite, nos dias em que os restaurantes estão fechados, devido à pouca presença de pessoas na vizinhança.

bb. Não foram identificados **conflitos de interesse** em relação à ocupação do espaço da praça, até porque a ocupação só ocorre quase que apenas para os usos específicos, acima citados.

4.5.6 – Aspectos culturais e históricos

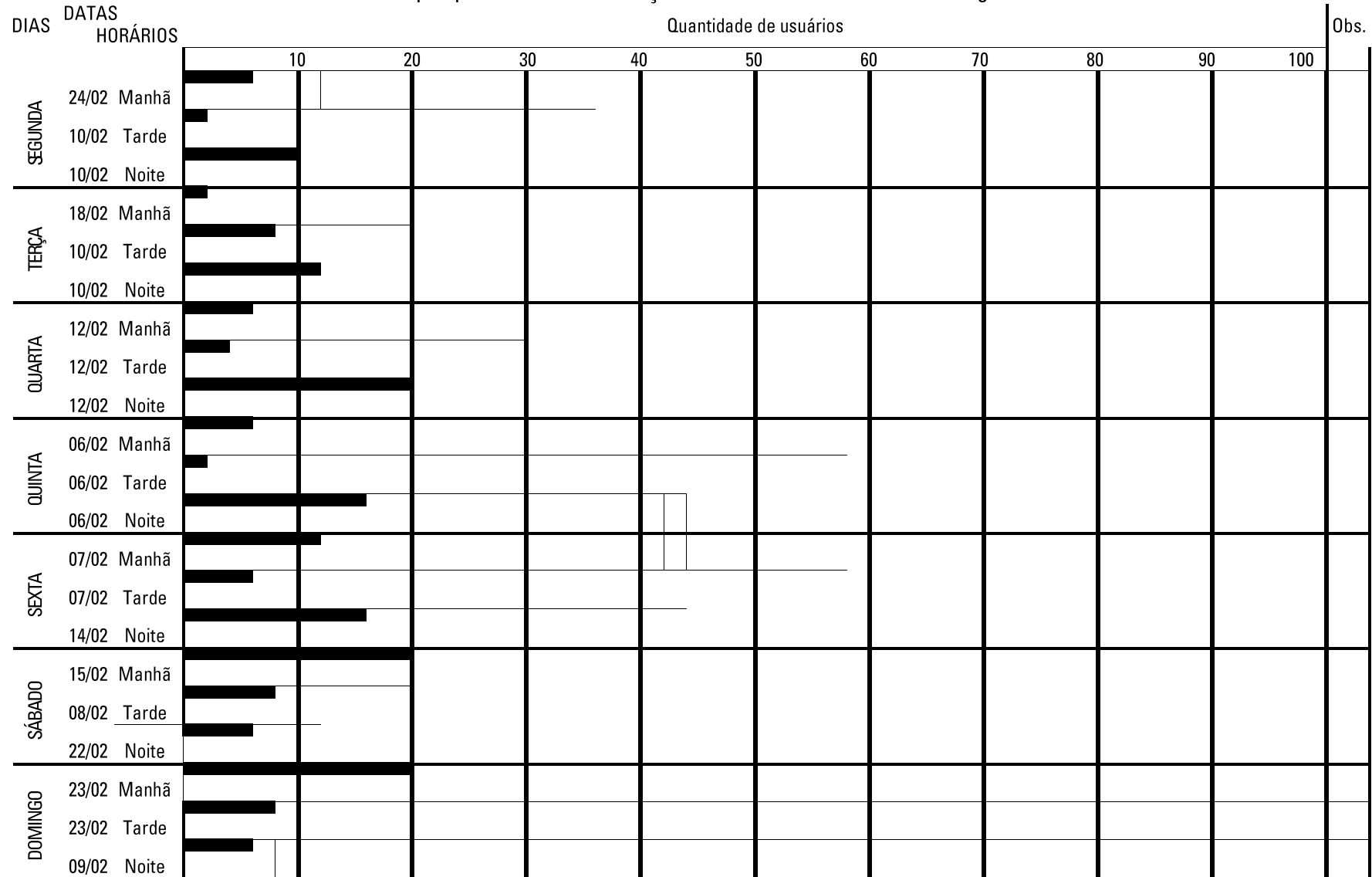
cc – Quanto à **origem**, o laguinho do Vovô é antigo na cidade, embora a sua estruturação como espaço de caminhada e praça seja recente (2002). A sua aceitação foi tal que posteriormente foram implantados os outros dois laguinhos (o da Vovó e o dos Santos). Portanto, ainda não tem uma forte representatividade na **história** da cidade, mas são muito significativos e marcantes, pela sua originalidade, em aproveitar um recurso bastante disponível na área urbana, que

são as diversas nascentes existentes. Desta forma, os laguinhos já fazem parte da história da cidade.



Fig. 4.62 – A praça que fica vazia a maior parte do dia, e embora o quiosque esteja aberto na parte da tarde, a praça é toda dos patinhos.
Fonte: Foto da autora, em 2014.

Quadro 4.5– Gráfico de pesquisa dos usos da Praça Vovô Lucio Albino Griebeler -- Laguinho do Vovô



Obs.: Cada célula corresponde a dois usuários. (*) – Encontro de jovens em evento pré-carnavalesco. Fonte: Elaborado pela autora, durante diversos dias no mês de fevereiro de 2014

4.6 – Praça Pedro Chaves (Praça da Imperatriz)²¹³

Trata-se de uma pequena praça também localizada no bairro Centro (Setor Central) que, quando foi implantada, situava-se numa área de uso habitacional de baixa densidade (figura 4.63)

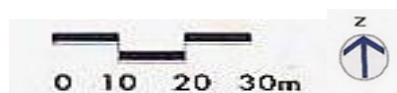


Fig. 4.63 – Delimitação da área da praça nas paredes dos edifícios do entorno. Fonte: Google Earth. Acesso: janeiro de 2016.

²¹³ Um aspecto interessante da cidade de Formosa é dar um segundo nome, ou apelido a todos os lugares, como aos bairros e às praças.

O nome mais conhecido entre os moradores da cidade é Praça da Imperatriz, por localizar-se ao lado do Hotel Imperatriz, um dos mais antigos da cidade (construído em 1957), sendo a praça também das mais antigas, embora não saibamos a data exata de sua construção²¹⁴, (Figura 4.64).



Fig. 4.64 – A praça no período após sua implantação com o Hotel ao fundo. Fonte: Foto fornecida pela Secretaria de Turismo da cidade de Formosa.

O Hotel é uma construção que se abre em direção à praça e fica numa cota de nível alguns degraus acima do nível desta e do qual se tem uma vista da praça (Figuras 4.64).

²¹⁴ Pela altura das árvores que nesse período ainda não possuíam porte adulto, e o hotel já existia, a praça deve ter sido construída após o hotel.

A praça apresenta a mesma configuração de sua implantação, quanto ao desenho e à localização dos bancos recuados em relação à calçada. Esse é um aspecto que chamou a atenção em algumas outras praças da cidade de Formosa, localizar os bancos ao longo da calçada e virados para a rua, de maneira que as pessoas ficam olhando para fora e não para dentro da praça. Talvez pela pouca movimentação interna e a falta de atributos no interior da praça, olhar o que acontecia na rua fosse mais interessante (Figura 4.65).



Fig. 4.65 – Vista da praça a partir do Hotel Imperatriz. Em primeiro plano um estacionamento. Fonte: foto da autora, 2016.

O estacionamento e uma passagem de veículos entre este e a praça, localizados na face em frente ao hotel, foram implantados

posteriormente, reduzindo-se, assim, o tamanho desta já pequena praça (Figuras 4.65 e 4.66).

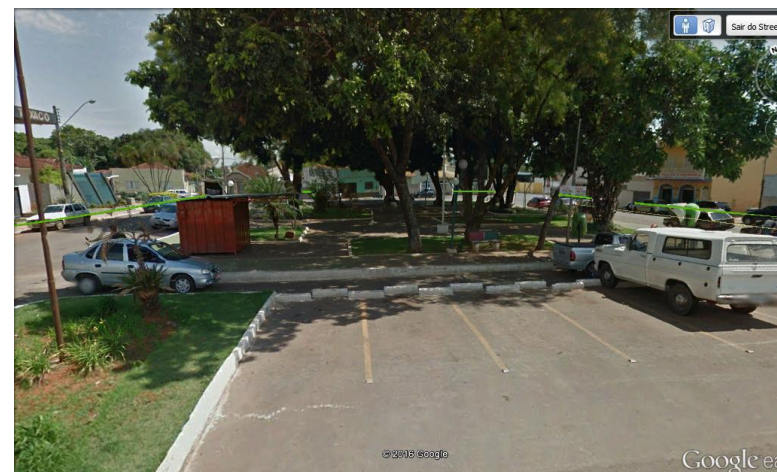


Fig. 4.66 – Vista de um trecho de via entre a praça e o estacionamento que suprimiu parte da área da praça. Fonte: Google Earth. Street View. Acesso: março 2016

4.6.1 – A praça no contexto urbano

a. Quanto à **localização** a praça situa-se também no Setor Central da cidade. Mesmo localizada nesse bairro e em área próxima à região mais densa de uso comercial e de serviços (a rua Visconde de Porto Seguro, dista cerca de 300 metros), essa área ainda é considerada uma área predominantemente de uso residencial.



Fig. 4.67 – Vista da rua Praça Pedro Chaves, lado ímpar. Atrás um edifício situado na rua Emilio Póvoa. Fonte: Foto da autora, 2016.

b. O **sistema viário** que contorna os quatro limites da praça possui todo a mesma categoria viária, ou seja, é composto por vias locais. Ao Norte, limita-se pela rua João Moreira, ao sul, pela Emilio Póvoa, estas no sentido da largura da praça. No sentido do comprimento tem-se, a leste, a rua Praça Pedro Chaves e uma pequena rua, a oeste, a qual também nomeiam de Praça Pedro Chaves (Figura 4.67).

c. **Tipologias das edificações que compõem as “paredes” da praça, usos e atividades.** Quanto às paredes, essa praça é bem configurada, pois não apresenta vazios no seu entorno. Pela Rua João Moreira, a **tipologia** das construções é

de apenas um pavimento e a maioria, ainda, tem uso residencial (Figura 4.68).



Fig. 4.68 – Residências na rua João Moreira. Fonte: Google Earth. Street View. Acesso fevereiro 2016.

Na rua Praça Pedro Chaves lado ímpar, limite oeste da praça, localiza-se um posto de combustível, uso bastante incompatível com os demais usos do local e com a tranquilidade das ruas, pois atrai um fluxo de automóveis que talvez não passassem pela área (Figura 4.69).

Apenas uma edificação situada em frente à praça já está mudando o uso para o comercial e algumas casas também já estão sendo demolidas para a construção de edifícios de uso

misto tendência à verticalização que já se verifica nas ruas próximas (Figuras 4.67 e 4.70).



Fig. 4.69 – A praça e o posto de combustível na esquina em frente ao estacionamento. Fonte: Google Earth. Street View. Acesso: março de 2016.

Por outro lado, como a maioria dos clientes são os próprios moradores das redondezas, como foi constatado em diversas visitas à praça e pelo reduzido número de veículos abastecendo. No entanto, com a tendência à verticalização, esse número poderá aumentar, o que talvez venha a prejudicar a utilização dessa praça.



Fig. 4.70 – Rua da Praça Pedro Chaves com edifícios de um pavimento todos de uso comercial. Atrás edifício na rua João Moreira. Fonte: Foto da autora 2016.

As outras construções dessa rua são edificações de um pavimento, que também já abrigam o uso comercial. Com o processo de verticalização já em andamento, deverá se gerar um fluxo maior de tráfego num futuro próximo.



Fig. 4.71 – Loja situada na esquina da rua Praça Pedro Chaves, lado par, com a rua João Moreira, vista da Praça. Fonte: Foto da autora, 2015.

No limite leste, na rua Praça Pedro Chaves lado par, as construções são todas ainda de apenas um pavimento e de uso comercial, onde se destaca um pequeno edifício branco, a loja Maison Lili Fashion, de nº 60, situado na esquina com a Rua João Moreira cuja construção apresenta arquitetura de linha modernista²¹⁵ (Figura 4.71).

²¹⁵ Na placa se destacam as diversas marcas dos produtos que comercializa. Na vista da praça para a loja, já se destaca um edifício



Fig. 4.72 – A praça vista da Rua Praça Pedro Chaves, ao fundo o Hotel Imperatriz. Fonte: Foto da autora, em dezembro de 2015.

A Rua Emilio Póvoa que faz o limite sul da praça, em frente ao hotel Imperatriz atravessa todo o Setor Central da cidade no sentido leste oeste e, na continuidade, se liga com a Av. Maestro João Luiz do Espírito Santo, avenida que se constitui no terceiro acesso da cidade de quem vem pela rodovia BR-020. (Figura 4.72).

residencial de diversos pavimentos, que fica localizado em lote com acesso pela Rua João Moreira.



Fig. 4.73 – Calçada com rampa de acessibilidade, inacessível. Fonte: Google Earth. Acesso: março 2016

d. Quanto aos **usos, atividades** e à **acessibilidade**. Como já foi dito, os **usos principais** são o habitacional, seguido por alguns pontos de comércio e o hotel. Quanto à **acessibilidade** é feita diretamente por todas as ruas que a circundam. Tem rampas de acessibilidade em alguns pontos, mas a pavimentação, tanto do piso da calçada quanto internamente não facilita nem o caminhar, quanto mais a acessibilidade para portadores de necessidades especiais (Figura 4.73). As principais fontes geradoras dos **percursos de pedestres** são das ruas que a acessam. Os **percursos de veículos** possuem uma pequena hierarquia, visto que pela rua Emilio Povo existe

um tráfego maior que dá acesso ao centro da cidade para quem vem da BR-020.

e. Quanto ao **raio de abrangência**, embora se trate de uma típica “pracinha de bairro”, cujo raio de abrangência seria em torno de 500 metros, devido às atividades que se desenvolvem atualmente, as quais serão detalhados a seguir, ela está ficando conhecida por grande parte da população da cidade.

4.6.2 – O sítio físico e os condicionantes ambientais

f. Quanto ao **sítio físico**, a praça está situada a oeste da área central bairro e próxima ao bairro Abreu (que se localiza a oeste no final da rua João Moreira) a cerca de 150 metros.

Possui **forma** retangular, irregular, com **dimensões** aproximadas de comprimento 48 metros e largura de 30 metros, perfazendo uma área aproximada de 1.450 metros quadrados.

g. Quanto à **declividade (relevo)**, a praça é plana, assim como a região de seu entorno, e situa-se em cota mais elevada em relação à praça Rui Barbosa, da qual dista apenas cerca de 450 metros.

Quanto aos níveis do piso da praça, toda a área central está cerca de 18 cm (um degrau), abaixo do nível da calçada que a circunda e dos canteiros gramados. Esse desnível oferece certo desconforto para os usuários, também piorado pelo tipo de piso dessa área, que é de blocos intertravados, de formato hexagonal e que já se encontra bastante desnivelado (Figura 4.74).

h. A **rede hídrica** não apresenta nenhum problema de enxurradas ou pontos inundáveis na praça e também água que influencie no clima local.

i. Quanto aos **solos** não foi possível avaliar, visto que a área se encontra ou pavimentada ou plantada.

j. Quanto à **infraestrutura** é constituída pela iluminação, cuja rede é subterrânea, e se apresenta distribuída tanto no entorno quanto na área interna da praça. Quanto aos pavimentos apresentam um piso bastante irregular, constituído de intertravados na parte interna e cimento pintado na parte das calçadas (Figura 4.74). A praça é bem iluminada pelos dois tipos de postes, embora parte do tipo alto, também, seja obstruída pela copa das árvores. A do

tipo baixo possui três lâmpadas e é idêntico aos das outras praças.

e) As **fontes geradoras dos percursos** dos pedestres nesta praça são condicionadas pelas ruas por onde as pessoas circulam em direção aos pontos de interesse, ou seja, principalmente o comércio nas redondezas. Assim, localizam nos seus vértices, ou seja, onde as ruas se cruzam. O fluxo mais intenso é em direção à rua comercial (Visconde de Porto Seguro) e à Praça da Feira.



Fig. 4.74 – Fonte: A calçada com um recorte para acesso ao piso do interior da praça. Fonte: Google Earth. Street View. Acesso: março de 2016.



Fig. 4.75 – Uma das maiores áreas pavimentadas. Piso de blocos sextavados. Fonte: Fotos da autora, em 2014.

k. As **áreas impermeabilizadas**, pavimentadas, correspondem a, aproximadamente, 50% da área total da praça, no entanto, devido ao desenho, são muito recortados, o que não favorece um melhor aproveitamento do espaço (Figura 4.75).

l. Quanto à **vegetação**, constitui-se de gramados que, pelas dimensões e colocação, são canteiros, com grama esmeralda (*Zoysia japônica*), e arbustos de diversos tipos: palmeira-fênix (*Phoenix roebelenii*), dracena (*dracaena marginata*), diversas bromeliáceas, e ixoras (*Ixora chinensis*).

Há também algumas herbáceas como ofiopógo (*Ophiopogon jaburan*), fazendo um colar no pé das árvores.

Quanto às árvores e palmeiras, compõe-se de palmeira rabo de peixe (*Caryota mitis*) e árvores mungubas (*Pachira aquatica*), mangueiras (*mangifera indica*) (*Salix x pendulina*), abacateiro (*Persea americana*) e angelim (*Dinizia excelsa*). A maioria dessas árvores já se encontra envelhecida, principalmente, as mungubas (Figura 4.76).



Fig. 4.76 – A arborização e os canteiros gramados. Fonte: Google Earth. Street View. Acesso: 2016.

m. Quanto ao **microclima** da praça, como possui bastante **sombreamento** a maior parte do dia, é alguns graus mais baixo

do que o das ruas próximas²¹⁶. A arborização cobre toda a praça, deixando apenas com **insolação** direta áreas mais próximas aos passeios e o estacionamento, na maior parte do dia.



Fig. 4.77 – A praça ensolarada, num sábado, às 17h. Marcelinho preparando o espaço. Fonte: Foto da autora, 2016.

Os bancos, em sua maioria, ficam à sombra, embora os que estão localizados ao longo da calçada, recebam sol direto dependendo do horário – na parte da manhã, os situados a leste, e à tarde, os situados a oeste. No final da tarde, a praça recebe sol devido à altura do fuste²¹⁷ das árvores (Figura 4.77).

²¹⁶ O clima da cidade, como já foi dito acima, varia entre os 12º, nos meses mais frios e 34º nos meses quentes.

Nessa praça, os **ventos predominantes** são pouco percebidos, visto que circulam através das vias, e só a cruzam no sentido leste para oeste, passando quase direto pelas duas ruas principais (João Moreira e Emilio Póvoa). Os ventos secundários, também mudam de direção no período das chuvas principalmente, no sentido noroeste para sudeste.

4.6.3 – Caracterização espacial da praça

n. A **complexidade visual** é dada pelos usos do entorno que neste caso ainda são pouco diversificados e como ainda predomina o uso habitacional unifamiliar, o movimento fora dos horários das atividades que se desenvolvem na praça, ainda é muito restrito.

o. **Limites físicos** (cercas muros ou outros) não estão presentes na área desta praça.

p. Esta praça não possui **pontos de referência** marcantes, embora seja um espaço agradável, pois os únicos

²¹⁷ O fuste refere-se à parte do tronco das árvores, que desprovido de galhos e folhas

elementos físicos que apresentam maior destaque podem ser considerados a vegetação arbórea.

q. Quanto a **marcos visuais** (monumentos de caráter simbólico ou outros), e que em princípio, contribuam para a identidade da praça também não estão presentes.

Esta praça também não apresenta nenhuma **barreira visual**. Uma das visuais **desagradáveis**, é proporcionada por um elemento de mobiliário, que atende aos usuários do Churrasquinho do Marcelinho, o banheiro seco (Figura 4.78).

r. Os **focos de animação** dessa praça acontecem quando há eventos ou, aos finais de da tarde, quando se instala o churrasquinho do Marcelinho. Embora o quiosque de sucos seja um ponto fixo, ele também se beneficia do movimento que o churrasquinho atraiu para a praça. Outro elemento que anima a praça atualmente é o “pula-pula”, que se instala também todos os dias (exceto segundas-feiras) a partir do final da tarde (Figura 4.79). Não existem **focos de perturbação**, produzidos por odores ou sons indesejáveis na área.



Fig. 4.78 – O banheiro semifixo sobre canteiro no centro da praça. Fonte: foto da autora, em 2016.



Fig. 4.79 – A praça no sábado à noite. Fonte: Foto da autora, em janeiro de 2016.

s. Quanto a **poluição ou focos de perturbação por odores e ou sons indesejáveis**, também não foram relatados pelos usuários da praça.



Fig. 4.80 – Banco ao longo da calçada. Fonte: Foto da autora, em dezembro de 2015.

4.6.4 – Elementos acessórios

t. O **mobiliário** fixo dessa praça constitui-se pelos bancos, neste caso, todos com encosto, sendo 3 (três) localizados em recuos na calçada da Rua Praça Pedro Chaves de frente para essa rua (Figura 4.80). Um marco geodésico no centro da praça, um hidrante, um quiosque, três orlhões de telefone, lixeiras e dois tipos de postes de iluminação.

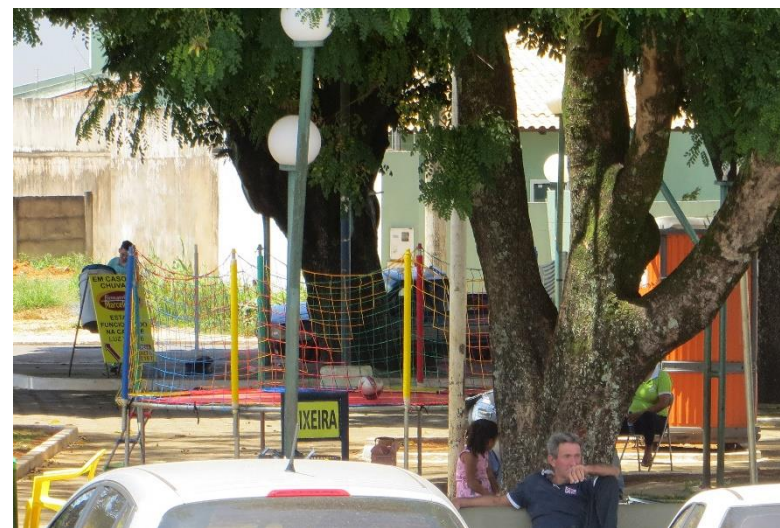


Fig. 4.81 – Pula-pula. Fonte: Foto da autora, em 2016

O “banheiro” e o quiosque (venda de sucos e sanduíches), localizados no canto, em frente ao posto de combustível, são os dois elementos de mobiliário semifixo. No período noturno, instalam-se como mobiliário móvel os equipamentos do churrasquinho com 17 mesas, cadeiras e banquinhos, as cadeiras do quiosque de sanduiches e o pula-pula no centro da praça, os quais são colocados e retirados diariamente (Figura 4.81).

o) A praça possui poucas **placas de orientação ou informação**, exceto a das lixeiras, do banheiro e do quiosque.

4.6.5 – Usuários e comunidade residente no entorno e narrativas

v. Trata-se de uma praça de bairro, por isso os **grupos sociais** que a utilizariam são da comunidade residente no entorno, que, em sua maioria, é constituída por classe média, a maioria residente na área há mais de quarenta anos na região. No entanto, com as novas atividades introduzidas recentemente, a praça tem atraído usuários de toda a cidade e de diversos grupos sociais.

A praça era a Praça Pedro Chaves (onde fica o Hotel Imperatriz), [...]. Então, as minhas brincadeiras na praça, eram em cima de uma gameleira bem grande que tinha na praça, aí a arte minha mais os meus colegas, quando eu tinha em torno de 6, 7 anos, (*aproximadamente 1986*) a arte era subir na gameleira²¹⁸, fazer aqueles sucos e pegar o

²¹⁸ Tratava-se de um exemplar da árvore *Ficus elástica*, espécie cuja seiva é uma resina, que solta em abundância quando se retira uma folha. De origem indiana foi introduzida no Brasil nas primeiras décadas do sec. XX, como arbusto de decoração, devido à sua aparência exótica com grandes folhas brilhantes e duráveis e facilidade de trato, além de se reproduzir com muita facilidade por estaquia de qualquer galho. Com o tempo, como crescia muito, tanto a copa quanto as raízes, quebrando os próprios vasos, as pessoas passaram a planta-las no quintal, ou nos jardins e praças próximos de suas casas, onde se desenvolvia até atingir dimensões inimagináveis. Em Brasília, tem o caso de uma dessas espécies plantada na

leite colocava nas folhas, deixava secar, como se fosse índio, e aí dali, fazia as bolinhas de borracha de um tamanho bacana e aí brincava com essas bolinhas. Então as nossas brincadeiras eram essas. Outras brincadeiras eram, brincar de pique, de futebol, de paredão. Inclusive estes dias eu estava conversando com uns amigos de infância. Hoje em dia as crianças têm um contexto bem diferente de brincadeiras, mais tecnológicas, mais artificiais. Eu não sei se é tão bom como era na nossa época. A gente tinha mais movimento. O corpo se exercitava mais de forma que eu acho que até o sedentarismo naquela época era menor em função disso, porque havia mais movimento de crianças na praça. (R., 47 anos, natural de Formosa, em dezembro de 2015). Grifo nosso.

w. Quanto aos **usos, atividades e preferencias**, são mais intensas como já foi dito, a partir do final da tarde e também nos finais de semana (Figura 4.82). Nos dias comuns e nos

esquina da Quadra 406 Norte, com a via L2 que já invadiu parte dessa via e, apesar das podas constantes, o diâmetro de sua copa é de cerca de 25 metros. Outros exemplares plantados próximo a construções tiveram que ser retiradas pois cresceram tanto que as raízes ameaçavam derruba-las. Outra espécie da mesma família que tem sido muito plantada já há algumas décadas, utilizada principalmente como cerca viva, pela beleza de sua folhagem brilhante e densa é a *Ficus benjamina*, que embora tenha tronco e galhos mais frágeis, que se quebram facilmente com ventos um pouco mais fortes, tem as mesmas características quanto ao crescimento das raízes.

horários da parte da manhã as crianças brincam de correr e os adultos sentam nos bancos.



Fig. 4.82 — Sábado, às 17h00. Crianças brincam no “pula-pula”. Fonte: Foto da autora, janeiro de 2016.

As observações feitas na praça, quantificaram o número de usuários e os usos que as pessoas faziam. Foram realizadas durante todos os dias de uma semana, em diferentes horários do dia, de manhã, de tarde e no início da noite, conforme

Quadro 4.6. Os horários de maior frequência são no período noturno, conforme levantamentos em tabela anexa.²¹⁹

Ainda quanto aos usos, um dos mais assíduos usuários atualmente é o dono do Churrasquinho, que abre todos os dias da semana, exceto às segundas-feiras, o Marcelinho (Marcelo Salgado, 20 anos) que²²⁰, assim se expressa:

Morava no bairro Abreu, (bairro muito próximo) mas fui criado aqui nesta praça. Meu tio tinha uma loja ali e eu ficava lá com meu primo e aí vinha brincar aqui na praça todo dia, todo dia brincava nesta praça, na verdade todo dia, mas mais ainda no final de semana. A gente brincava de futebolzinho de praça e era bem gostoso. [...], Aí consegui montar isto aqui com 19 anos, agora tenho 20 e faz um ano de churrasquinho e graças a Deus é só sucesso. Dando tudo certo. Eu sempre falo que hoje eu tenho mais que agradecer do que pedir. Porque fui muito abençoado aqui. Nosso movimento é maravilhoso, nossa clientela é maravilhosa²²¹. (Em dezembro de 2015).

²¹⁹ Os levantamentos detalham os que os usuários faziam na praça nos dias e horários em que foi observada e estão em tabela anexa a este estudo.

²²⁰ Neste caso o nome da pessoa é citado por que se trata já é “famosa” na cidade pelo churrasquinho e pelo seu carisma o que atrai uma clientela de até outros bairros, como de Formosinha, por exemplo.

²²¹ Este pequeno empresário tem intenções de expansão de seu ramo de atuação. [...]. Aluguei essa casa só para guardar minhas coisas, antigamente não tinha onde guardar. Agora estamos pensando em montar um restaurante ao final de semana. Estava bem derrubada, reformei ela, deu um trato e ficou bem aconchegante, bem gostoso mesmo, aí como está

x. Os **horários de ocorrência** da maioria dos usuários, atualmente, são mais acentuados no período da tarde e da noite devido às novas atrações.²²² Assim, mesmo no período da tarde, a frequência ainda é relativamente pequena, pois depende de ocorrer algum evento ocasional. (Ver Quadro 4.6).

A partir das 17h00min, aproximadamente, principalmente nos finais de semana, praça se enche de pessoas, inclusive outros vendedores (algodão doce e picolé), cada grupo escolhendo o espaço com o qual mais se identifica, embora não se percebam **preferências** ou diferentes grupos sociais (Figura 4.83). A preferência notada, é quanto às crianças pois preferem se localizar onde fica o pula-pula.

O convívio é favorecido pelos quiosques de alimentação, que atraem pessoas vindas de diversos bairros da cidade, tornando a praça um espaço também importante para os moradores, visto que, boa parte deles, só vai à praça atraído pelo número de pessoas e

armando chuva como para hoje, provavelmente a gente vai trabalhar na casa. Tem que conhecer a casa. (Fomos conhecer – casarão amplo, quintal grande). Dei um trato, ficou bem gostoso. Quando não tem como trabalhar na praça, vamos para casa. (MARCELO, 20 anos, empresário).

não para se alimentar ou para brincar, utilizando os poucos bancos que existem ou caminhando entre os outros usuários.



Fig. 4.83 – A praça num sábado, às 17h00, com atividade cultural, patrocinada pela Secretaria de Cultura da cidade. Fonte: Foto da autora, 2016.

Atualmente, a própria Prefeitura, através da Secretaria de Cultura e Comunicação, também tem participado do movimento que acontece nessa praça, instalando um espaço nos finais de

²²² Conforme pode ser observado o quadro de levantamentos feitos na praça deu-se em dois diferentes anos (2014 e 2016). Assim, após a instalação do Churrasquinho do Marcelinho a frequência aumentou muito principalmente a partir do final da tarde, período em que começa a funcionar o que só ocorreu a partir do ano de 2015.

semana para apresentações conforme a programação a seguir (Figura 4.84).



Fig. 4.84 – Propaganda da Secretaria de Cultura – eventos sociais e culturais na praça. Fonte: Foto da autora, janeiro de 2016.

Quanto à **setorização da permanência**, devido às pequenas dimensões da praça, e à localização das atividades, que atualmente ocupam toda a área da praça, a maioria dos usuários fica circulando pelas diversas áreas. Os que preferem uma atividade estão sentados nos bancos ou nas cadeiras dos dois quiosques (Figura 4.85).

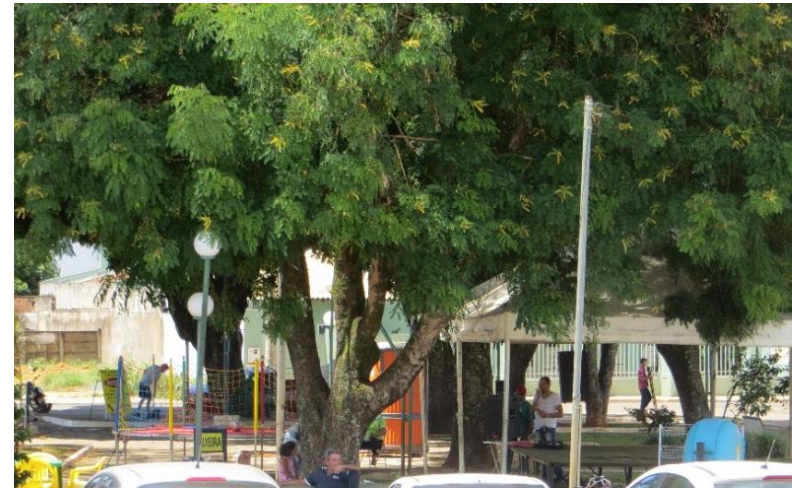


Fig. 4.85 – Os usuários ocupam toda a praça. Fonte: foto da autora, janeiro de 2016

Y. Não foram identificadas áreas especiais utilizadas pelos diferentes grupos sociais, a não ser as das cadeiras do churrasquinho, que ficam todas ocupadas e com fila de espera, aguardando para serem atendidas.

Os lugares mais frequentados são onde tem comida, como a Praça da Imperatriz que as pessoas agora frequentam por conta da comida. (G, 23 anos, natural da cidade de Formosa. Dono de um café próximo à praça Rui Barbosa).

z. Quanto aos **desejos em relação à praça**, os frequentadores não apontaram nenhuma necessidade

específica, mas algumas narrativas revelam que aspectos como o estado de conservação e a existência de alguns equipamentos – pontos de alimentação, principalmente –, são fatores importantes no interesse e satisfação da população com relação aos espaços públicos da cidade.

aa. Essa praça apresenta boa manutenção, e quanto aos pontos de alimentação, principalmente, quando são bem gerenciados, rapidamente, se constituem em fator de atração da população em geral, devido à divulgação:

O que precisa melhorar nas praças é tudo, tirar os mendigos porque sujam e os cachorros. A praça da Imperatriz ainda não conheço direito lá para cima, mas já ouvi falar do churrasquinho do Marcelinho. Um dia destes vou lá para ver. (R, 25 anos, trabalha num quiosque da praça da Rodoviária, entrevistada na praça da Catedral, enquanto esperava uma amiga.)

No entanto, o uso da praça mudou, as crianças que costumavam ir à praça até algumas décadas atrás,

independentemente dos atrativos, hoje não vão mais, por diversas razões, que podem e devem ser apontadas em pesquisas a ser desenvolvidas.

Depois quando a minha irmã nasceu, também tinha uma praça lá perto de onde a gente morava, (Praça Pedro Chaves) mas era menor e também não tinha nada na praça, então a área para brincar não era tão grande assim, aí a gente não ia. Ela mesmo foi pouco à praça. Eu não sei se mudou muita coisa ou se a gente passou a não ir mais. Mas hoje na praça que eu ia, eu não vejo tanta criança brincando. (N, 28 anos, geóloga, natural de Formosa, em dezembro de 2015). A irmã de N nasceu quando esta tinha 12 anos, ou seja, há 16 anos atrás),

Para os que moram no centro da cidade de Formosa ou nos bairros mais próximos (os mais antigos como Formosinha e Abreu), ou os que possuem um padrão de vida um pouco melhor, já não vêm nessas praças os lugares que gostariam de ter na cidade.²²³

Eu ia à praça muito pequenininha, quando era criança, até uns 12 anos (até cerca de 1999) e

²²³ Muitos aguardam a construção do shopping, pela segurança e exclusividade que esperam usufruir.

ia muito e era muito bom, eu morava bem perto da praça (refere-se à praça da Liberdade, ou praça da Cadeia) e a praça não tinha nada, mas brincava de tudo, tinha as crianças que moravam perto, a gente levava corda, bola. E na rua do lado, era difícil passar carro, então a gente jogava bola lá, futebol, só não jogava vôlei, porque não tinha onde lugar de amarrar a rede, mas a gente brincava muito lá, ia muita criança para lá. Eu levava cachorro para passear. Nas férias e acho que ia lá quase todo dia e era bom porque era mais tranquilo, em volta não era tão movimentado assim. (N, 28 anos, geóloga, natural de Formosa, em dezembro de 2015).

Assim quanto à **segurança**, como já foi dito, durante o horário noturno, que costuma ser o horário em que os usuários sentem mais insegurança, o grande movimento gerado pelo uso mais intenso e um carro de polícia circulando pela área constituem a “escolta policial” que assegura a tranquilidade dos usuários.

bb. Não foram identificados **conflitos de interesse** em relação à ocupação do espaço, que, talvez pelas suas

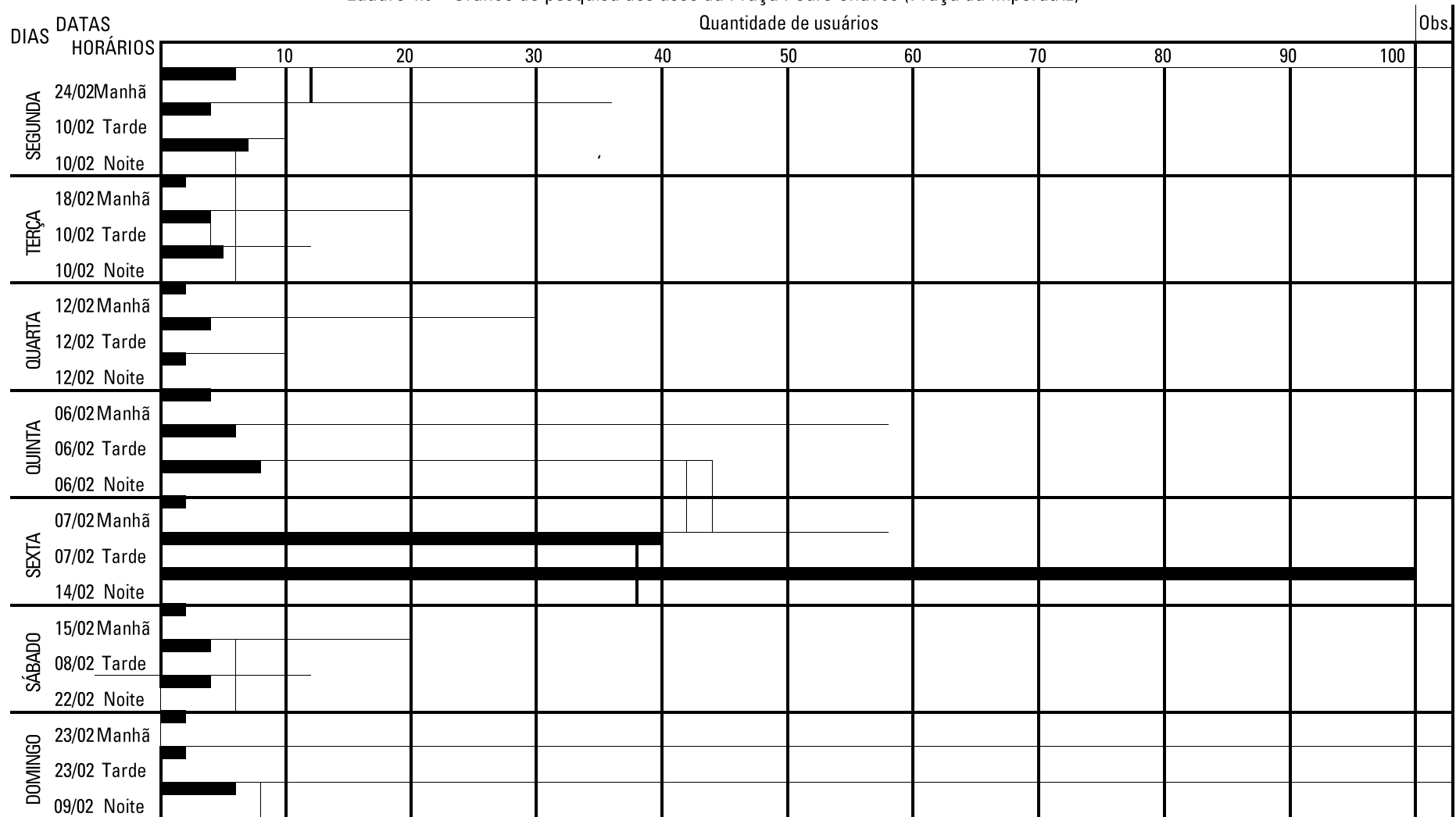
pequenas dimensões, já se encontra totalmente tomado e, assim, não dispõe de mais áreas que possam ser disputadas.

4.6.6 – Aspectos culturais e históricos

cc. Quanto à origem a praça Pedro Chaves, ou praça da Imperatriz é também do início da expansão da cidade. Traz à memória dos formosenses o nome original da cidade – Vila Formosa da Imperatriz. Assim, mesmo se tratando de uma pracinha de bairro, não fossem as atividades lá desenvolvidas, ela continuaria sendo apenas mais uma pracinha na cidade.²²⁴

²²⁴ Lá sempre teve a cultura do churrasquinho, à tardezinha, já passaram vários. Sempre teve, é antigo. Hoje é muito forte o Churrasquinho do Marcelinho e tem também o sanduiche. (R. 47 anos, natural de Formosa).

Quadro 4.6 – Gráfico de pesquisa dos usos da Praça Pedro Chaves (Praça da Imperatriz)



Obs.: Cada célula corresponde a dois usuários. (*) – Encontro de jovens em evento pré-carnavalesco. Fonte: Elaborado pela autora, durante diversos dias no mês de fevereiro de 2014

Quadro 4.7 – Resumo dos aspectos analisados por praça

ASPECTOS	PRAÇA RUI BARBOSA	PRAÇA DA CATEDRAL	PRAÇA-LAGO DO VOVÔ	PRAÇA PEDRO CHAVES
1 – Contexto urbano	<p>Localização: Setor Central. Centro geométrico da cidade. Em frente ao Centro Administrativo (Prefeitura, Câmara e Secretarias); Próxima à rua Visconde de Porto Seguro, a comercial mais importante da cidade.</p>	<p>Localização: Setor Central. Quarteirão da nova Matriz. Entorno com grande diversidade, quanto à altura, quanto ao tratamento e aos usos.</p>	<p>Localização: Setor Central. Região com lotes desocupadas, por excesso de umidade; A 500 metros da Praça Rui Barbosa. Área de uso residencial e comercial (fechado durante o dia); A oeste área de preservação.</p>	<p>Localização: Setor Central. Área habitacional de baixa densidade; próxima à região mais densa de uso comercial e serviços. Conhecida como Praça da Imperatriz.</p>
2 – Sítio físico	<p>Área: 8.750 m²; Forma: Trapezoidal; Pisos: cerca de 60%; Vegetação: Todos os extratos; Grandes áreas sombreadas.</p>	<p>Área: 2.800 m². Forma: Trapezoidal; Pisos: área central com cerca de 80%. Vegetação: Árvores de grande porte. Grandes áreas sombreadas e insolação direta na área pavimentada.</p>	<p>Área: 10.000 m² no total, (espelho d'água. 6.000 m² e área da praça 4.000 m²) Forma: Irregular; Pisos: cerca de 30% Vegetação: Todos os extratos; Grandes áreas com insolação direta e forte.</p>	<p>Área: 1.500 m² Forma: retângulo irregular; Pisos: cerca de 50%. E um degrau mais baixo em relação à calçada; Vegetação: Todos os extratos; Pouca insolação direta.</p>
3 – Caracterização espacial	<p>Horários de ocorrência dos usuários: horário comercial. Permanência: Faixas próximas à Prefeitura; Não apresenta barreiras visuais. Visuais de interesse: Copas das árvores. Visual desagradável: excesso de propaganda, em placas de diversas formas, dimensões nas edificações do entorno.</p>	<p>Horários de ocorrência dos usuários: horário comercial. Permanência: Ao longo da rua Modesto de Mello. Visuais de interesse: Copas das árvores. Visual desagradável: muro alto altura na esquina das ruas Modesto de Melo com José Viana Lobo, Marcos visuais: Catedral e a cruz.</p>	<p>Horários de ocorrência dos usuários: início da manhã e final da tarde. Permanência: Circulam pela pista à volta do Laguinho; Barreiras visuais: muros das casas. Visuais de interesse: lago e mata da nascente. Visual desagradável: muros das construções vizinhas e Divinódromo;</p>	<p>Horários de ocorrência dos usuários: final da tarde e início da noite. Permanência: Toda a área da praça; Não possui barreiras visuais, visuais desagradáveis ou de interesse nem, marcos visuais.</p>

4 – Elementos acessórios	<p>Marcos visuais: Coreto.</p> <p>Mobiliário: bancos, um monumento, (placa da inauguração), lixeiras e postes de iluminação.</p> <p>Fonte luminosa e o coreto.</p>	<p>Mobiliário: bancos;</p> <p>Placas de orientação ou informação: outdoor que anuncia as cerimônias na igreja.</p>	<p>Marcos visuais: Lagoa.</p> <p>Mobiliário: bancos, dois monumentos, (placas da inauguração do lago e praça), quiosque, orelhão e os postes de iluminação.</p> <p>Placas de orientação ou informação.</p>	<p>Mobiliário: bancos, marco geodésico, hidrante, três orelhões de telefone, lixeiras e postes de iluminação.</p> <p>Semifixos: banheiro químico e quiosque de vendas.</p>
5 – Usuários e comunidade	<p>Usuários: Pessoas de toda a cidade; usuários - grupo social diversificado;</p> <p>Conflitos de interesse: Não foram identificados</p> <p>Preferências: Não foram identificadas</p>	<p>Usuários: Pessoas de toda a cidade; aposentados e camelôs;</p> <p>Conflitos de interesse: Não foram identificados</p> <p>Preferências: Não foram identificadas</p>	<p>Usuários: Pessoas de maior poder aquisitivo; diversos lugares da cidade;</p> <p>Conflitos de interesse: Não foram identificados</p> <p>Preferências: Caminhar e correr à volta do lago.</p>	<p>Usuários: comunidade residente no entorno, e pessoas de toda a cidade;</p> <p>Conflitos de interesse: Não foram identificados</p> <p>Preferências: Quiosques de alimentação.</p>
6 – Culturais e históricos	<p>Forte tradição, cultural e histórica para os habitantes da cidade</p>	<p>Forte tradição cultural e histórica para os habitantes da cidade</p>	<p>Não apresenta</p>	<p>Não apresenta</p>

O Quadro 5.1 apresenta uma síntese dos aspectos analisados nas quatro praças selecionadas na cidade. Estas praças foram escolhidas no bairro Centro da cidade, mas apresentam características que as distinguem entre si e de outras da própria cidade. Assim, pode-se entender que quanto aos seus atributos, destacados nos aspectos analisados, elas compõem um quadro de impactos positivos na vida dos formosenses.

Um dos aspectos que mais se destaca é quanto às dimensões, que apresentam grandes diferenças entre si. A maior praça é a Rui Barbosa, a praça mais antiga e também a maior, chegando a ter mais de cinco vezes a dimensão da menor delas – a praça Pedro Chaves. No entanto essas diferenças de área não afetam seu uso, como se pode verificar nas análises das praças.

²²⁵ No caso da reinauguração da Praça Rui Barbosa, em dezembro de 2015, enquanto um coral se apresentava, grande número de pessoas apenas passeava ou se encontrava para conversar, em mais uma demonstração do traço gregário das pessoas. Nesse evento o clima cordial e a satisfação dos presentes eram perceptíveis, demonstravam que gostam de estar em

CAPÍTULO V – Desdobramentos da pesquisa/ Caminhos

Desta forma, pode-se entender que as dimensões e a forma do espaço, não são aspectos que mais interferem na valorização e usos das praças. Por outro lado, a localização, a manutenção, a segurança, o mobiliário, a insolação, entre outros, são aspectos que foram apontados com enfoques negativos e até impeditivos do uso, por parte da população.

1 – A ressignificação de praças de Formosa a partir de novos usos

A praça Rui Barbosa²²⁵ é a praça de referência da cidade para os formosenses, praça central junto da qual se instala a Prefeitura. A abrangência de significados dessa praça, para toda a cidade, faz com que alguns parâmetros de referência, tais como localização, dimensões e configuração, não sejam os mais importantes para a população, no caso desta praça,

lugares onde possam ver e encontrar outras muitas pessoas. A programação foi organizada pela Secretaria de Turismo e contou com atividades programadas para todo o mês de dezembro que se estenderam até meados de janeiro.

mas, sim, as diferentes possibilidades, os usos e as atividades que ela propicia (Figuras 5.1 e 5.2).



Fig. 5.12 – Apresentação de Coral na inauguração da praça. Atividade coordenada e desenvolvida pela Secretaria de Turismo da cidade. Fonte: Foto da autora, 2015.

Por ter sido remodelada recentemente, já se percebe um pequeno aumento do número de frequentadores, em todos os horários. Mesmo que apenas dois elementos das suas características físicas anteriores tenham melhorado significativamente – os novos gramados, mais cuidados, e os novos pisos, mais lisos –, tais elementos tornaram o ir à praça, não só mais agradável visualmente, mas, também, mais

confortável para caminhar, para transitar por ela, mesmo que os novos bancos tenham deixado a desejar em termos de conforto.

Os recursos que mantem as praças vêm da Secretaria de Turismo, provenientes da arrecadação como o Parque Municipal do Itiquira. Assim tem se dado incentivos para as atividades e manifestações que acontecem principalmente nesta praça, entre elas, as festas anuais.



Fig. 5.13 – As pessoas conversando durante a inauguração. Fonte: Foto da autora, 2015.

A Praça Nossa Senhora da Conceição – Praça da Catedral – também é forte referência simbólica para os habitantes da cidade de Formosa e pode ser considerada como uma segunda

praça central da cidade. Essa praça, na nossa percepção, carece de melhorias no que se refere à sua configuração estrutural, manutenção e funções. Pois, só assim, terá sua frequência revitalizada e efetivação de seu potencial de atração paisagística e histórica para a cidade.

Trata-se de uma praça que, atualmente, se encontra em situação muito precária quanto à manutenção de todos os seus elementos, pisos, mobiliário e vegetação. No entanto, apesar desse estado, tem um trânsito bastante intenso de pedestres, em função da grande diversidade de atividades desenvolvidas no entorno, que atraem um grande movimento de pessoas²²⁶.

A praça Vovô Lúcio Albino Griebeler – conhecida como Laginho do Vovô, é a que atualmente apresenta o melhor estado de conservação, especialmente com relação ao piso, o que propicia a prática de atividades físicas, como caminhadas e

corridas, atraindo a maior parte dos usuários. Os picos de frequência ocorrem nas primeiras horas da manhã e no final da tarde, pois o local é pouco sombreado. Nesses horários, muitas pessoas se exercitam na orla do espelho d'água, num espaço muito confortável e agradável para a prática de atividades físicas.²²⁷

O aspecto que se nota ao longo da Av. Ivone Saad é a quantidade de lotes com nascentes, cuja solução talvez possa ser a de desapropriá-los, ou requerer uma doação já que a construção nesses lotes não poderá ser viabilizada, e a criação de pequenos bosques ou hortas urbanas, soluções ambientalmente ricas e que já são uma realidade em grandes cidades, tanto nos EUA, como em Cuba e também aqui no Brasil, em São Paulo e Brasília, além de outras cidades.²²⁸

²²⁶ Para este caso, propusemos uma intervenção, na forma de uma proposta de projeto, detalhado mais adiante em Memorial específico.

²²⁷ A autora calçou um tênis e se juntou aos usuários para sentir como é, verdadeiramente, utilizar esta praça, e se trata, realmente, de um lugar especial. É silencioso, apesar de se localizar muito próximo do núcleo central da cidade. A forma irregular do lago propicia descortinar, a cada volta, diferentes visuais do entorno, na sua maioria bem agradáveis. Trata-

se de um lago, mas, na realidade, é uma ilha de conforto ambiental na malha urbana.

²²⁸ Soluções desse tipo contribuem para não só melhorar o aspecto da região como criar fonte de recursos para parte da comunidade, em que todos se beneficiariam. Uma iniciativa dessas deveria ser incentivada e apoiada pelas secretarias de governo da cidade, como a Secretaria de Agricultura e de Meio Ambiente.

A Praça Pedro Chaves apresenta, como características principais, a localização na parte mais antiga da cidade e uma configuração e tratamento físico singelos – uma típica pracinha de bairro. Apesar disso, tem um raio de abrangência muito maior do que o de uma simples praça de bairro, pois é bastante conhecida por quase todos os moradores da cidade, sendo bastante frequentada.

Observa-se que a pavimentação atual necessita de melhorias. Uma reconfiguração em termos da distribuição de pisos e canteiros, com uma proporção maior de pisos, atenderia melhor ao conforto dos usuários. Isso, considerando-se, principalmente, a grande frequência atualmente verificada em quase todos os dias da semana. Frequentam essa praça não só os moradores vizinhos, mas gente de todas as partes da cidade. Vão atraídos pelos novos usos agregados à praça, a partir da instalação de dois pequenos empreendimentos²²⁹, que

²²⁹ Esta frequência, que já se estende há mais de um ano, deve-se ao início do funcionamento do churrasquinho do Marcelinho e do quiosque de sucos e sanduíches que nela foram instalados. Esses dois empreendimentos, dadas a proximidade e a complementaridade, conseguem agregar maior eficiência mútua, atraindo para a praça um número crescente de

funcionam à maneira das praças de alimentação dos *shoppings centers*, porém, ao ar livre. Trata-se de uma iniciativa privada, de moradores locais, que acabou chamando a atenção até da administração pública. Esta, hoje, já se faz presente, atraindo novos usuários, mediante a programação de eventos. Assim, todos se beneficiam, mutuamente, pelo lazer e pelo convívio. Isso tudo transformou a praça, antes praticamente abandonada, em um lugar com ambiente familiar, bastante animado e bem frequentado.²³⁰

Já que as praças analisadas oferecem oportunidade para se refletir sobre a ressignificação dos seus próprios espaços, o estudo e as análises até aqui realizados, bem como as conclusões a que trouxeram, nos animam a propor e discutir alternativas e ideias que afirmem ou ressignifiquem as praças de Formosa.

frequentadores de todas as idades, durante o dia e parte da noite, até, aproximadamente, às 22h.

²³⁰ Diversas praças na cidade de Formosa possuem algum quiosque de alimentação, mas devido à falta de entusiasmo e cuidado na apresentação dos locais, e mesmo de alguns vendedores, não atraem muitos usuários.

5.2 – Demandas levantadas em praças em Formosa

As principais questões observadas, relativas às praças em Formosa, levando-se em conta os parâmetros anteriormente referidos, podem ser assim pontuadas:

- Não foram projetadas considerando a população que devem atender.
- Apenas o Setor Central, que corresponde à parte mais antiga da cidade, é melhor servido, tanto em termos de quantidade quanto de distribuição e raio de abrangência dentro do setor.
- Quanto à conservação, em sua maioria, quase todas, não recebem nenhuma manutenção periódica e nem estão adequadas aos usos atuais, com exceção da Praça Rui Barbosa, que, por estar situada em frente à Prefeitura, geralmente passa por uma remodelação a cada nova administração que assume.
- Nos novos bairros, as áreas projetadas para praças, quando haviam, foram posteriormente destinadas a diferentes equipamentos, como igrejas entre outros. Algumas dessas áreas foram, inclusive, parceladas e vendidas como lotes urbanos. Assim as “praças” existentes nesses bairros, na

maioria dos casos, resumem-se a pequenos “triângulos” de entroncamento de ruas.

Indagar o porquê de uma determinada situação ou cenário deste tipo nos leva a descobrir os caminhos para encontrar soluções. Muitas vezes, algumas pequenas intervenções podem fazer toda a diferença e resgatar, ou seja, ressignificar esses espaços. Mais do que os equipamentos que possam ser instalados nessas praças, algumas propostas de uso, podem ser um estimulador potencial para revitaliza-las e atrair as pessoas de volta, como forma de devolver-lhes o lugar de referência significativa para a cidade.

Neste sentido, reafirma-se a hipótese anunciada no início deste trabalho de que a praça conserva ainda a atmosfera propiciadora de sentimentos de pertencimento a uma comunidade.

A beleza de uma praça é constituída a partir da história que ela carrega, de seu desenho paisagístico e de seu conjunto urbanístico. A integração entre morfologia, estética e apropriação é que permite a formação de praças, como espaços simbólicos, lugares de

memória, alma da cidade (CALDEIRA, 2007, p.3).

Ela desempenha a função efetiva de lugar de referência significativa, embora, na maioria das vezes, não ostente mais nem os elementos e nem as características atrativas que a configuraram como local de encontro e convivência da população. Mas, novos programas e atributos podem resgatar essa função de convívio e encontro da população.

Observa-se que as praças mais frequentadas, em Formosa, não possuem grande número de equipamentos ou de elementos sofisticados. Ou seja, em geral, as melhores são na maioria das vezes aquelas que mais se oferecem à descoberta de oportunidades para equipá-las e preenche-las adequadamente, mesmo que com novas atividades efêmeras.

Pensamos que certos usos devem ser mantidos e outros novos, mais adequados à realidade do momento, devam ser introduzidos, de modo que elementos simples já existentes possam ser reutilizados.

Como exemplo, trazemos as mesas de cimento com desenhos de tabuleiros de jogos de xadrez ou damas, as quais propiciam

atividades que são ótimos meios de lazer e convivência para pessoas, geralmente idosas, que passam, às vezes, as manhãs ou as tardes inteiras apenas contemplando os transeuntes.

Os jogos de mesa, além de serem excelentes formas para estimular interação e relacionamentos, também trabalham o raciocínio lógico e auxiliam a melhorar o desempenho cognitivo dos mais idosos. Dessa forma, em praças próximas a escolas é possível estabelecer encontros entre pessoas de diversas gerações e assim transformar a ida à praça num momento mais divertido e enriquecedor.

Embora esse equipamento possa ser questionado, pois a durabilidade não é muito longa, devemos ter em mente que a manutenção periódica deles é um direito da população, como pagadora de impostos destinados entre outros fins para manter os equipamentos urbanos em condições de uso.

Outros elementos que também podem ser transformadores, para o maior uso das praças, são algumas tecnologias, como a internet, que podem estar disponíveis e acessíveis nesses espaços públicos de modo a atrair os usuários mais jovens. Pois, deste modo não deixam de se comunicar e ao mesmo

tempo estar, presencialmente, com seus amigos, se sentindo, por isto, mais estimulados a frequentar as praças.

A construção de praças com as quais os moradores/usuários se identifiquem passa pela criação de lugares que não precisam ter, necessariamente, todos os equipamentos “atuais”, ou “modernos”, que na maioria dos casos rapidamente perdem o interesse²³¹.

Por outro lado, é importante entender a dinâmica da sociedade e conhecer os interesses dos usuários potenciais desses locais. Tuan (1974) recomenda que para se criar um “lugar”, onde as pessoas criem afetividade, deve-se entender, quem são esses usuários, como vivem e o que gostam de fazer, ou seja, o que os diferencia de outros grupos sociais. Assim, já em termos propositivos, é fortemente desejável um amplo levantamento, junto a população, das suas demandas relativas a esses espaços e suas funções.

²³¹ Os equipamentos de ginástica – as barras simples de exercício e, atualmente, substituídas pelo chamado circuito inteligente – são os

Evidencia-se também a importância de um estudo e planejamento, por parte do poder público, com foco na criação de novos espaços livres e na revitalização dos já existentes em Formosa. Melhorando, assim, a qualidade de vida da população no que diz respeito aqueles aspectos que as praças suprem, de fato e potencialmente, e ampliando ou reforçando ao mesmo tempo a vocação turística da cidade.

Alguns elementos e características morfológicas ou arquitetônicas do espaço são aspectos essenciais para que os usuários se sintam motivados a frequentar um lugar. Bancos confortáveis, em áreas sombreadas e em áreas para o tomar sol, principalmente, o da manhã, ou onde se descortinem vistas agradáveis, são aspectos que deveriam ser observados em todas as praças.

Após diversos anos de pesquisas, em várias partes do mundo, a organização PPS concluiu que quatro qualidades são essenciais para se ter uma praça bem-sucedida, seja ela de qualquer tamanho: 1 – Acessibilidade (de modo que pessoas de qualquer

aparelhos de ginásticas mais complexos. Ou o PEC – ponto de encontro comunitário – que são aparelhos de ginástica destinados à terceira idade.

idade e condições físicas, quais sejam dificuldade de locomoção, uso de cadeiras de rodas, ou outros, consigam chegar ao espaço e se locomover nele; 2 – Atividades que ofereçam a possibilidade de se exercerem diferentes atividades e formas de uso do espaço; 3 – Confortável (o espaço deve ter lugares para sentar, uma vista agradável e outros atributos que o tornem convidativo ao uso); 4 – Sociabilidade (que seja um lugar onde as pessoas possam encontrar os amigos ou até possam conhecer e fazer novos amigos).

Afora esses elementos, as praças de maiores dimensões podem ter algum equipamento esportivo, ou de ginástica, ou para as crianças menores brincarem, embora nem sempre esses elementos sejam essências para que o espaço possibilite um uso intenso.

5.3 – Formosa com praças formosas, uma contribuição

Das trinta e três praças existentes na cidade, como já foi dito, 12 (doze) têm formato de triângulo, por se localizam em

encontros de duas vias em diagonal, são, portanto, “sobras” do sistema viário. Situadas em canteiro de avenida, estão outras seis. Todas elas de tamanho abaixo de um padrão mínimo ideal²³². Nem por isso, no entanto, deixam de merecer atenção e tratamento paisagístico. Nesses casos, pequenas e pouco onerosas intervenções podem transformá-las em verdadeiras ilhas de conforto, na malha urbana, no mínimo enquanto visual, com função meramente estética, e, nem por isso, menos necessária.

Um piso liso e planejado, uma árvore de boa sombra, um banco e, onde couber, um mini quiosque já seriam o suficiente para o propósito de merecerem o nome de praça. A Figura 5.3 ilustra uma dessas intervenções feitas em Lisboa.

Nos novos bairros, para os quais não foram previstos espaços livres e que já se encontram bastante ocupados, uma solução possível seria, usando-se de imaginação, aproveitar outros espaços com a introdução de pequenas transformações, que

²³² Ver quadro 6.1.

podem neles serem feitas sem perda do uso ou função a que se destinam.



Fig. 5.14 – Praça triangular na Rua Lema no Parque das Nações em Lisboa.
Fonte: Google Street View. Acesso: março de 2016.

Tal é o caso de ruas com fluxo de trânsito mais leve, ou próximas a pequenas áreas verdes, que poderiam ser fechadas pelo menos aos domingos e feriados, transformando-as nesses dias em espaços de lazer para a população.

²³³ Por exemplo, ruas fechadas ao trânsito de veículos nos finais de semanas e feriados e reservadas para atividades culturais e de lazer.

²³⁴ Lynch (1970) também analisou diversas cidades através de pesquisa e constatou que, para um lugar ser frequentado, deve ter

Uma alternativa possível aos espaços efêmeros²³³ é o planejamento de atividades sociais por um período suficientemente longo, um espaço de tempo que sirva de âncora para que comunidade e autoridades locais percebam o valor da área, invistam nela a tornem permanentemente viva. (TUAN, 1974, p. 74)²³⁴

Um aspecto pouco explorado, mas não menos importante, é a função econômica das praças, considerada, muitas vezes, apenas potencial e secundária. Formosa tem uma bem-sucedida experiência nesse sentido, como já referimos antes, na praça Pedro Chaves.

Assim, em praças com pouco ou nenhum comércio de alimentação nas redondezas, prever um ou mais quiosques de alimentação concorre, certamente, para aumentar a frequência e ao mesmo tempo propiciar o atendimento das necessidades da população, de lazer, alimentação e conagraçamento²³⁵. Esse

algo de marcante com o que o cidadão possa estabelecer uma referência, ou um significado, ou uma imagem de identidade.

²³⁵ Como complementação, também, podem ser criadas diretrizes para praças, como as estabelecidas pela SEDHAB, atual SEGET do Distrito

tipo de atividade, assim como o estímulo de outras, feiras de artesanato, de arte, antiguidades entre inúmeras outras possibilidades, fixas ou itinerantes, além de revitalizar as praças, podem ser importantes fontes de geração de renda para a população.

Por fim, trazemos uma seleção de casos ilustrativos das inúmeras possibilidades de alternativas de espaços livres, principalmente nos novos bairros, onde estas não foram planejadas. Isto para subsidiar intervenções possíveis e pouco onerosas para as ações de revitalização e ressignificação da praça/espaço livre público, com atividades que incidem na qualidade de vida dos habitantes da cidade.

5.4 – Usos da praça em outros espaços públicos – uma alternativa para Formosa²³⁶

Ressignificar a praça não significa copiar os vazios das praças medievais, menos ainda ocupar os seus espaços com todos os equipamentos mais atuais e sofisticados. Ao contrário, um

Federal, por exemplo, que estabelece indicações quanto a infraestrutura, mobiliário, entre outras.

princípio universal, pode-se dizer assim, é o uso equilibrado de elementos que ofereçam maiores possibilidades de utilização pela comunidade. São esses elementos os que mais estimulam as pessoas a frequentar os espaços livres públicos. Além, devem ser considerados, entre outros, a localização, o entorno, o clima e a cultura locais.

5.4.1 – O Eixão de Brasília, Brasil

O que foi dito acima pode ser facilmente verificado, por exemplo, numa caminhada, no espaço livre das pistas do eixo rodoviário, que corta a cidade de Brasília de norte a sul, num dia de domingo ou feriado. Nesses dias, essas pistas são fechadas ao tráfego de veículos automotores e liberadas para o lazer dos moradores da cidade. As dimensões desse espaço criam uma espécie de “praia” de Brasília, onde se marcam encontros, se conhecem pessoas, se fazem novas amizades,

²³⁶ Aqui são elencados alguns exemplos de alternativas de apropriação de espaços públicos para o caso de ausência de praças na cidade.

se paqueram, etc. No entanto, preferimos dizer que se trata da grande praça alternativa da cidade de Brasília.²³⁷



Fig. 5.15 – Eixão. Caminhadas. Foto da autora, 2015

Apesar de margeada por dois largos espaços gramados e fartamente arborizados, trata-se de pista asfaltada que, além do pavimento liso, não oferece nenhum outro mobiliário ou equipamento, nem um único banco sequer existe. No entanto, qualquer pessoa pode perceber as diversas atividades que são ali praticadas, conforme ilustram as figuras a seguir (Fig. 5.4 a

²³⁷ Trata-se de um espaço bastante democrático, que embora frequentado por uma população com poder aquisitivo semelhante, cada um pode se vestir da forma que melhor se sentir e praticar a atividade que quiser.

²³⁸ Todas as fotos foram feitas pela autora em dezembro de 2015.

5.20)²³⁸. Nelas, podem ser identificadas cerca de dez atividades diferentes e muitas outras possíveis, inclusive festas de aniversário e comemorações, brechós, exposições de arte e de artesanato, apresentações artísticas e circenses, que já acontecem eventualmente²³⁹.



Fig. 5.16 – Eixão. Corridas e patins. Foto da autora, 2015

²³⁹ Ciclismo, patinação, caminhada, corrida, prática de skate, bate-papo, comércio, ambulante de água, refrescos e outros produtos, pontos de venda de alimentos *fast-food* e bebidas, passeio com crianças e bebês e passeio com animais domésticos.



Fig. 5.17 – Eixão. Ciclismo. Foto da autora, 2015



Fig. 5.19 – Eixão. Patins e cachorros. Foto da autora, 2015



Fig. 5.18 – Eixão. Ciclismo e passeio de criança. Foto da autora, 2015



Fig. 5.20 – Eixão. Patins e cachorros. Foto da autora, 2015



Fig. 5.21 – Eixão. Atividades esportivas. Foto da autora, 2015



Fig. 5.23 – Eixão. Vendas. Foto da autora, 2015



Fig. 5.22 – Eixão. Skate. Foto da autora, 2015



Fig. 5.24 – Eixão. Vendas. Foto da autora, 2015



Fig. 5.25 – Eixão. Vendas. Foto da autora, 2015



Fig. 5. 16 – Novos “equipamentos”. Foto da autora, 2015

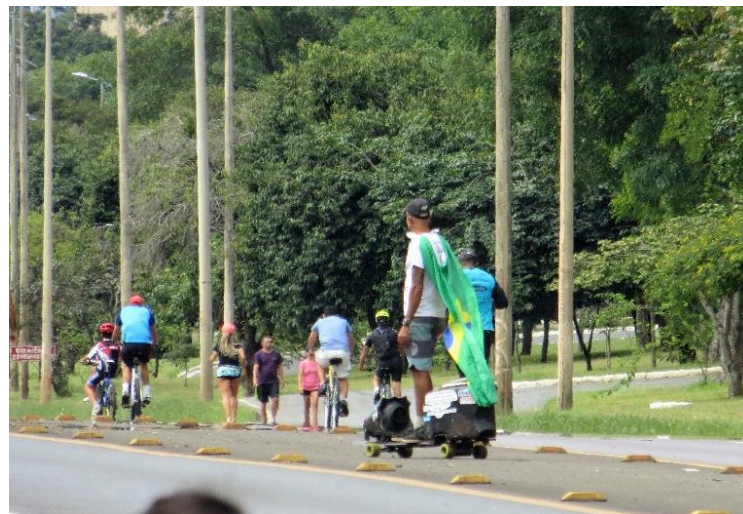


Fig. 5. 15 – Novidades em “brinquedos” de adultos. Foto da autora, 2015



Fig. 5. 17 – Idosos passeiam. Foto da autora, 2015



Fig. 5. 18 – Novas experiências. Foto da autora, 2015



Fig. 5. 19 – Os gramados ganham brinquedos. Foto da autora, 2015



Fig. 5.20 – Eixão. Piso sugerindo o jogo de “amarelinha”. Foto da autora, 2015

O fato da maioria dessas atividades estarem associadas as preocupações com a saúde, com atividades ligadas ao condicionamento físico; e considerando-se ainda, que as dimensões generosas do espaço estimulam a criatividade, e permite atividades que um espaço de pequenas dimensões não permitiria, na mesma escala; de forma alguma compromete o que queremos ilustrar. Ou seja, como já dito antes, a carência de praças não é impedimento para oferecer a própria rua como espaço alternativo para o lazer e o encontro das pessoas, para fortalecer o senso de pertencimento e a criação de laços comunitários.

5.4.2 – Às Margens do Sena, em Paris, França

Como antes afirmamos, não é a quantidade de equipamentos ou de elementos físicos que fazem um espaço ser realmente um lugar especial. Isto se confirma em algumas narrativas, nesta pesquisa, nas quais se revela o interesse nas praças não porque ofereciam muitos equipamentos, mas pelo ponto de vista do uso, ou seja, pela oportunidade de encontrar os amigos e interagir com outros semelhantes.



Fig. 5.21 – Vista geral com quiosques de alimentação ao fundo. Fonte: Foto da autora em 2013

O espaço que trataremos agora, localiza-se à margem esquerda do rio Sena em Paris, sua localização próxima à

água, em si, já faz dele uma atração especial para uma grande diversidade de frequentadores, de todas as faixas etárias. Este exemplo se trata de uma verdadeira ressignificação do espaço público, pela transformação de uma rua, que perdeu sua função de uso específico, em um espaço onde a população pode se encontrar. (Figuras 5.21 a 5.26)



Fig. 5.22 – Frequentadores de todas as faixas etárias. Fonte: Foto da autora em 2013

Além de atividades semelhantes às encontradas no exemplo de Brasília, neste, as pinturas no piso, de alguns jogos infantis, brincadeiras muito comuns da infância, de gerações passadas, com as quais muitas crianças ainda hoje se divertem, não só

preservam a memória, como criam laços entre a história de diferentes gerações, na cidade.



Fig. 5.23– Pinturas de piso. Fonte: Foto da autora em 2013

Nesse espaço cujos equipamentos se resumem a diversas pinturas no piso e a toras de madeira estrategicamente espalhadas pela área fazendo as vezes de escadarias, bancos, ou pisos diferenciados, dão um toque de improviso ao local e remetem, provavelmente, a antigos usos: um pátio de carga e descarga de um pequeno porto, uma atividade que essa rua ainda desempenha em parte, mas agora como ancoradouro de barcos de passeio.



Fig. 5.24– Jogos pintados no piso. Fonte: Foto da autora em 2013



Fig. 5.25 – Bancos de toras de madeira. Fonte: Foto da autora. 2013



Fig. 5.26 – As toras de madeira e pinturas. Fonte: Foto da autora. 2013

5.4.3 – Vias Recreativas em Guadalajara, México

A cidade de Guadalajara situa-se na parte central do México e é a segunda cidade mais importante e mais populosa deste país. A cidade possui grande quantidade de praças, mas a população sente falta de mais espaços onde possa se encontrar.

Trata-se de um projeto itinerante, desenvolvido nessa cidade, a exemplo de outros locais semelhantes, pelo mundo afora. Conforme os apresentados acima, também permite que, aos domingos e feriados, as pistas de determinadas ruas, cada vez numa região diferente da cidade, sejam tomadas por bicicletas, skates, patins e patinetes.



Fig. 5. 27 – Plaza de la Liberación na cidade de Guadalajara. Fonte: Disponível em: <https://culturaeviagem.wordpress.com/2014/12/22/viagem-cultural-tesouros-mexicanos/>. Acesso: março 2016.

O projeto propicia múltiplas atividades envolvendo os moradores de diversas formas: através das famílias, das

escolas, dos grupos comunitários, das associações, entre outros (Figura 5.27 e 5.30).²⁴⁰



Fig.5. 28 – Recuperando brincadeiras antigas. Cidade de Guadalajara. Fonte: <http://www.viarecreactiva.org/>. Acesso: março 2016.



Fig. 5.9 – Recuperando brincadeiras antigas. Cidade de Guadalajara. Fonte: <http://www.viarecreactiva.org/>. Acesso: março 2016.



Fig. 5.30 – Estimulando atividades artísticas. Cidade de Guadalajara. Fonte: <http://www.viarecreactiva.org/>. Acesso: março 2016.

²⁴⁰ Participam artistas locais, que expõem seus trabalhos. Outros eventos reúnem grande número de participantes e tornam a cidade um lugar mais humano, propiciado pela convivência, que, estimula a inclusão, a educação

e a solidariedade, entre outros aspectos. Fonte: http://www.viarecreactiva.org. Acesso: janeiro de 2016.

Organizam-se atividades em espaços exclusivos para todas as faixas etárias. Para crianças entre 4 e 12 anos, são dispostas em circuito de modo a que as crianças possam desfrutar de todas elas, como; jogos, atividades físicas, atelier para aprender a andar de bicicleta, boliche, tiro ao alvo, enigmas, mini tênis, etc.

5.4.4 – Proposta para uma praça de Formosa

Como constata Caldeira (2007, p. 4), “toda cidade possui uma praça que se destaca como símbolo urbano, palco de eventos históricos, espaço agregador, ou local de confluência”. Assim, a análise das praças de Formosa, com base na pesquisa de observação de campo desenvolvidas no capítulo IV, nos estimulou a apresentar uma proposta que contribua para a revitalização de uma dessas praças. Constatou-se também que a praça da Nossa Senhora da Conceição – Praça da Catedral –, é a que mais está necessitando de uma revitalização, por isso, a elegemos para a qual elaboramos uma proposta conforme desenhos e memorial a seguir²⁴¹, (Figuras 5.31 a 5.37).

A Catedral de Formosa ocupa, no sentido longitudinal norte sul, a maior parte da área sul de uma pequena quadra de formato trapezoidal, circundada por ruas. Trata-se de uma região bastante movimentada devido à proximidade com o comércio de maior

movimento da cidade e aos estabelecimentos situados no seu entorno – o Colégio São José, a Caixa Econômica Federal, um Posto de Abastecimento de Combustível e a sede Pastoral. Na área norte, em frente à igreja, localiza-se a praça, muito frequentada durante todos os dias da semana apesar dos problemas que a afetam. Para resolvê-los, a proposta aqui apresentada propõe soluções, sem que se faça uma grande intervenção no zoneamento dos espaços atuais dessa praça.

Quanto ao aspecto geral da praça, essa apresenta duas situações totalmente distintas, uma área bem cuidada, totalmente cercada e isolada do acesso situado ao longo das duas laterais da igreja e a praça propriamente dita, com aparência geral de lugar totalmente abandonado à própria sorte.

As principais alterações propostas neste estudo constam de:

²⁴¹ Foi observado que a cidade de Formosa possui, não uma, mas duas praças de referência para a cidade – a praça da prefeitura e a praça da Catedral (uma cívica e outra religiosa). Sendo a praça da Catedral a que mais necessita de revitalização, por isso, foi a escolhida para esta proposta.

Segundo Caldeira (2007, p. 4), “Toda cidade possui uma praça que se destaca como símbolo urbano, palco de eventos históricos, espaço agregador, ou local de confluência”.

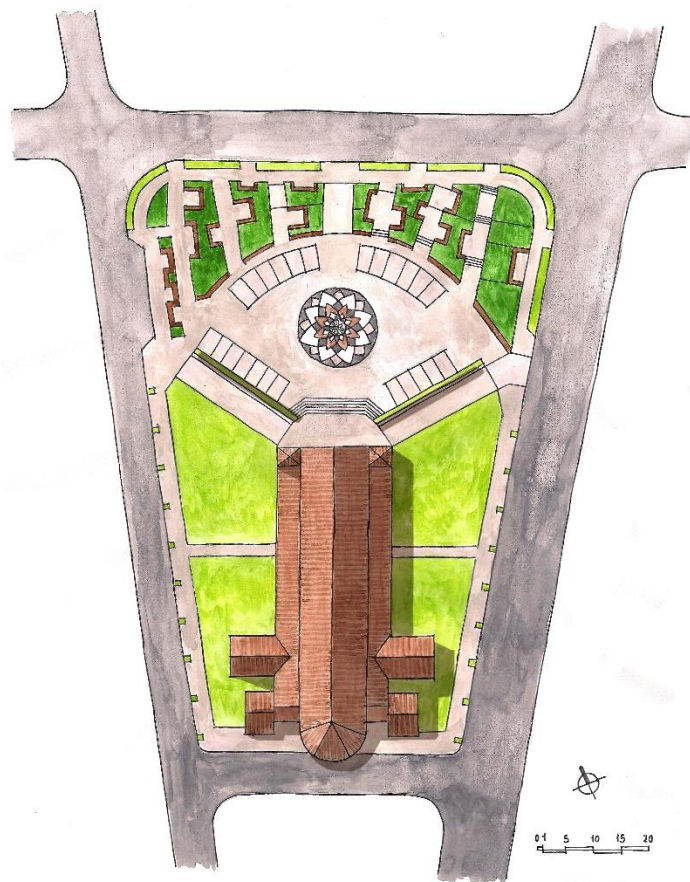


Fig. 5.31 – Estudo da praça N. S. Conceição (da Catedral). Piso. Fonte: Desenho de Ricardo Martins sobre desenho de Alba Grilo, sobre croqui da autora.

1 – A implantação de uma extensão de calçada ligando as ruas José Viana Lobo e rua Modesto de Melo. A inexistência dessa

calçada causa bastante desconforto para quem circula a pé pela área.



Fig. 5.32 – Vista da nova calçada na esquina das ruas José Viana Lobo com Modesto de Melo. Desenho de Ricardo Martins

2 – Tratamento da estrutura do muro, situado na esquina das ruas José Viana Lobo com Modesto de Melo, que serve para nivelar a praça com a rua Visconde de Porto Seguro. Esse muro tem altura de, aproximadamente, 1,50 m (um metro e cinquenta centímetros) e causa uma visão desagradável para quem transita pela rua Viana Lobo.

3 – Melhorar as condições da área de estar, instalando uma grande quantidade de bancos de forma a estimular a convivência, criando recantos agradáveis e propiciando maior conforto aos usuários.



Fig. 5.33 – Criação de recantos com maior quantidade de bancos. Desenho de Ricardo Martins.

4 – Melhorar o desenho e o tratamento do piso da área central – o “adro”, que, hoje, é só esporadicamente utilizado em cerimônias e festas religiosas, servindo também como estacionamento para os participantes desses eventos.

5 – Melhorar os acessos à praça, com implantação de faixas para pedestres em todas as esquinas das ruas que a circundam. Além de melhorar os acessos entre a calçada e a própria área da praça, que é muito utilizada por estudantes e por pessoas que moram, trabalham, ou circulam pelas redondezas, instalando rampas de acesso, para cadeirantes, e piso tátil para deficientes visuais e idosos.



Fig. 5.34 – Vista da área central com piso com mandala e plantio de palmeiras ao lado dos acessos à catedral. Desenho de Ricardo Martins

6 – Melhorar as condições de aridez do espaço central da praça, instalando dois canteiros laterais às rampas de acesso ao templo, de forma a criar um aspecto de maior conforto visual

e térmico, sem que se diminua muito o espaço do “adro”. Assim, quanto ao zoneamento, serão mantidas aproximadamente nos mesmos locais os espaços e funções atualmente existentes, quais sejam, os acessos à catedral, a escadaria, a grande área central e a área de estar sombreada.

A maior alteração proposta refere-se à largura das calçadas que circundam a praça em toda a quadra, ou seja, incluindo a própria catedral. São, hoje, passeios bastante estreitos, como os demais da cidade, com cerca de 1,50 metros de largura, que dificultam caminhar pela região e inserir arborização. Propomos, alargar as calçadas das ruas laterais para 3m, avançando para dentro do espaço da praça, sem alterar a largura das vias. Assim, o espaço, que continuará a ser utilizado apenas pelos pedestres, ganhará muito em conforto espacial e térmico, pois esse alargamento permitirá que essas duas ruas recebam arborização, com a construção de golas de 1m X 1m.

Por outro lado, como pela calçada da Rua Modesto de Melo flui uma grande movimentação de pedestres, esta seria alargada para 4m sendo, destes, 1,5m destinados à faixa de serviço (plantio das árvores, placas de sinalização e outros elementos

de mobiliário da rua) e, os 2,5m restantes, para circulação exclusiva dos pedestres.



Fig.5.35 – Recuo na calçada da rua Visconde de Porto Seguro para ambulantes ou *Food trucks*. Fonte: Desenho de Ricardo Martins.

Com relação aos demais elementos, o grande “adro” será, inclusive, ampliado. A pavimentação e pinturas propostas para o piso, não impedirão o seu uso como estacionamento, ao contrário, pretende-se, com o desenho, em dois materiais diferentes, marcar o estacionamento e organizar o espaço, garantindo o fluxo dos pedestres que atravessam a praça. Os desenhos sugeridos poderão ser feitos de acordo com os interesses dos diferentes

usuários. O grande adro ganhara maior valorização, com mais opções de uso, sem criar barreiras ou modificar significativamente seu tamanho atual.



Fig.5.36 – Recuo na calçada da rua Visconde de Porto Seguro para ambulantes ou *Food trucks*. Fonte: Desenho de Ricardo Martins.

Quanto à circulação, entre a praça propriamente dita e a calçada do adro, serão feitas mais aberturas para acesso à calçada, com uma passagem mais alargada, situada no eixo frontal da igreja até à rua, de forma a reforçar a vista da igreja, visual que merece destaque. As

outras aberturas menores servirão para acesso tanto à calçada do adro, quanto às rampas que levam às faixas de pedestres, propostas para as ruas Viana Lobo e Visconde de Porto Seguro.

Na área da praça, onde atualmente se situam os canteiros e os bancos, foram propostos novos canteiros, formando recantos internos, em diferentes níveis, suavizando o desnível da praça em relação a rua. Junto a esses canteiros, propõe-se instalar bancos longos com encostos de madeira tratada, para desfrute dos usuários da praça. Já no espaço interno, no adro, em toda a frente dos novos canteiros, também seriam instalados grandes bancos com encostos de madeira tratada.

No que se refere à vegetação, provisoriamente, e na medida do possível, todas as árvores existentes, em bom estado de conservação, deverão ser mantidas.

Paralelamente a essas, já deverão ser plantadas novas espécies de grande porte do tipo oiti (*Licania tomentosa*)²⁴², em duas faixas, com três árvores em cada uma delas, na área em

²⁴² A *Licania tomentosa* é uma árvore nativa do Nordeste, muito bem adaptada em todas as cidades das diversas regiões brasileiras. Trata-se de uma árvore muito resistente às condições mais adversas, como poluição e

poeiras, que absorve e tem longo ciclo de vida. Em cidades como o Rio de Janeiro, algumas espécies têm mais de cem anos e ainda estão bem conservadas.

frente à rua Modesto de Melo. Essas árvores deverão ser plantadas tanto na calçada quanto no espaço interno da praça. Nas outras duas novas calçadas, junto as ruas Visconde de Porto Seguro e José Viana Lobo, seriam plantadas espécies de árvores de menor porte, tais como a magnólia amarela (*Michelia chamapaca*), em uma das ruas, e a saboneteira (*Sapindus saponária*), na outra via.

Nos dois canteiros que marcam a perspectiva frontal da catedral, seriam plantadas duas palmeiras imperiais (*Roystonea oleraceae*) de cada lado. E nos canteiros laterais das rampas, também se propõe que sejam plantadas cinco palmeiras imperiais de cada lado.

Quanto às espécies de cobertura de solo, para os canteiros de todas as áreas sombreadas, propomos pequenos arbustos ou forrações, de espécies resistentes à sombra, como a grama-amendoim (*Arachis repens*), o singônio (*Syngonium podophyllum*), ou a grama preta (*Ophiopogon japonicus*). Já com relação às espécies arbustivas, propomos algumas espécies de filodendros, por serem bastante resistentes e adaptados tanto ao sol como à meia sombra.

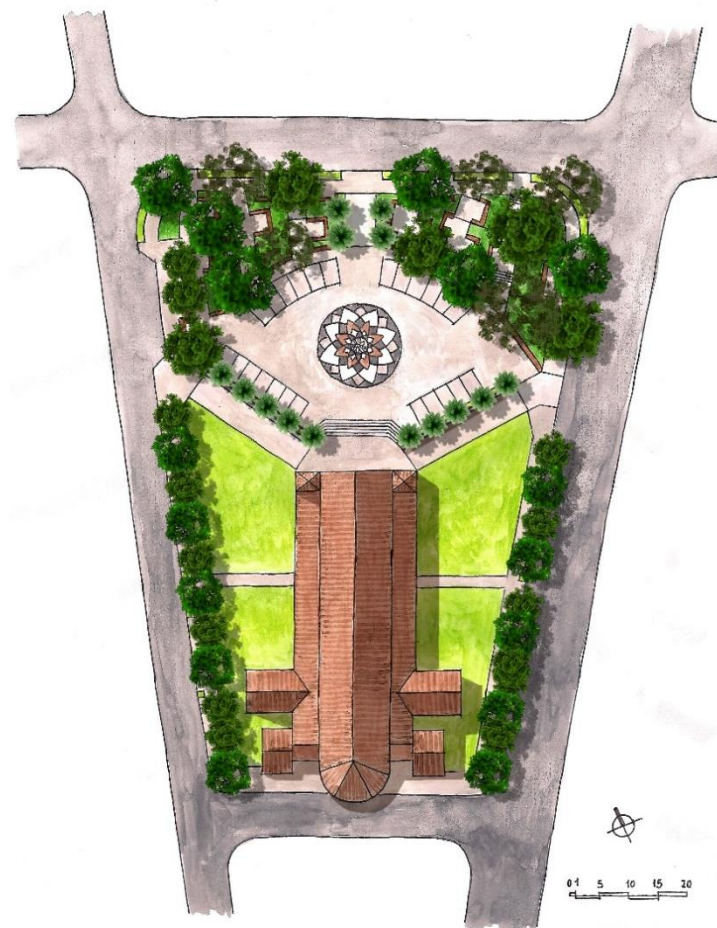


Fig. 5.37 – Estudo da proposta de vegetação. Fonte: Desenho de Ricardo Martins sobre desenho de Alba Grilo, sobre croqui da autora.

Por esse motivo, podem ser plantados próximo das árvores, nas quais também poderão se apoiar. Sugerimos a banana de Imbé (*Philodendron bipinnatifidum*), a costela de adão

(*Monstera deliciosa*) ou o filodendro (*Philodendron speciosum*).

Para os canteiros laterais das rampas, como estes, são expostos ao sol, sugerimos espécies arbustivas, resistentes ao sol e que floresçam durante todo o ano, como a bela emília (*Plumbago capensis*), a alamanda amarela (*Allamanda catártica*) ou a alamanda rosa (*Allamanda blanchetti*) ou. Ainda, uma espécie bem rustica como a turnera (*Turnera ulmifolia*).

Na nova mureta, que contornará a praça frente às ruas situadas em nível mais baixo, também se propõe o plantio de espécies floridas, como capota vermelha (*Megaskepasma erythrochlamys*) e/ou odontonema (*odononema strictum*), ou outra espécie semelhante, de forma a criar um visual mais agradável dessa mureta.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As praças agonizam, mas não morrem²⁴³

No caso da cidade de Formosa, verificou-se, num primeiro momento que, aparentemente, as praças se afiguraram como pouco utilizadas pela população ou até abandonadas pelo poder público. Tal situação se confirma por relatos de moradores da cidade que justificam esse fenômeno. Primeiramente, por entenderem haver uma crise da segurança, que faz com que as pessoas se sintam inseguras para transitar livremente e usufruir dos espaços livres da cidade. Soma-se a isso, no caso das praças, a falta de manutenção das existentes e a carência delas nas áreas periféricas.

No périplo feito, durante este estudo, na cidade e em todos os espaços livres nela existentes, verificou-se a grande carência de praças nos novos bairros, especialmente nos das regiões mais pobres e mais afastadas do centro da

cidade. Para esses bairros, espaços para a construção de praças sequer foram previstos.

Ainda durante a pesquisa, se percebeu uma relativa baixa frequência, especialmente de adolescentes, jovens e adultos jovens.

Buscando entender esta baixa frequência às praças, verificou-se que as atividades de encontro e lazer dessas faixas etárias tendem a se deslocar, em grande parte, para espaços fechados, tais como barzinhos e, até mesmo, academias, onde os amigos também se encontram para conversar. Inclusive, as próprias residências ganham essa função de encontro e lazer, como espaço de reunião de jovens para ver filmes ou participar de jogos eletrônicos. Assim, a socialização e o lazer não mais se verificavam nas praças como outrora. Elas não mais apresentam atrativos para as demandas dessas faixas etárias:

²⁴³ Este termo está referenciado na música “O samba agoniza, mas não morre”, de Nelson Sargento.

O que a gente faz mais é dar uma volta pela cidade, porque aqui não tem muita coisa para fazer, aí a gente vai na casa de amigos. [...] sinto falta de ficar mais tempo com meus amigos, mas agora estou saindo bastante. Saio de tarde e até de noite. Hoje em dia tem Sky aí se juntam na casa de alguém para ver um filme. (L, 16 anos, estudante).

Também não é mais tão comum que parcela da classe média da cidade utilize as praças²⁴⁴, no entanto, ela busca outras formas de convívio, ou seja, continuam se encontrando em outros locais. Mesmo assim, as praças permanecem sendo lugares onde as atividades programadas, as novidades, ainda as atraem. Conforme Junior (2006, p. 211-219), as principais atividades de lazer das pessoas da cidade de Formosa, entre as décadas de 1930 e 1970, eram, entre outras, “as pescarias na Lagoa Feia”, onde se encontram jovens, idosos, homens e mulheres, incrementados em 1961, com a construção de ranchos. Também as festas na roça (com a dança da curraleira, típica

da população rural). As festas no Parque de Exposições “Pecuária”, com rodeios e shows de música caipira, e as festas e desfiles dos colégios mais tradicionais. As serenatas e os bailes do Clube da Lagoa Feia nos anos cinquenta e sessenta que atraíam jovens de cidades vizinhas e que, também, recebiam os jovens da cidade. A famosa Festa de Na. Sa d’Abadia entre outras festas religiosas, onde os visitantes se instalavam onde hoje fica o Parque da Mata da Bica.

O cinema também foi uma diversão importante, com a construção do primeiro na década de 1950, seguindo-se o segundo em 1960, o Cine Imperatriz, mas que com a facilidade de aquisição dos aparelhos de TV a partir da década de 1970, todos acabaram. E antes ainda da Televisão se instalar definitivamente, os grupos de reunião para leitura era um hábito entre os formosenses, que se reuniam por afinidades entre amigos, ao final da tarde ou à noite. Mas isso desapareceu com a maior difusão da televisão. Todos os anos, também, apareciam circos que mudavam a rotina da cidade

²⁴⁴ Até a década de 1970, as praças eram usadas para o *footing* pela classe média (Ver Zuenir Ventura, 2012, pag. 45. Citado na introdução).

durante pelo menos um mês. No entanto, também foram escasseando até praticamente desaparecerem. Outro ponto de encontro bastante movimentado para a “elite e classe média da cidade, nos anos sessenta, era a boate do cinema” e os bares do centro da cidade, também frequentados pelos homens da elite e pelos pobres da cidade, onde o “consumo de cachaça era altíssimo”.

Essa tendência de deslocamento das atividades de socialização e lazer se deslocarem das praças se explicaria, em parte, pela nova cultura informatizada que se verifica globalmente. No entanto, pode-se concluir também que, parte desse isolamento das atividades sociais – espacial, geracional, e, às vezes, mesmo de classe – se deva ao abandono por parte do poder público, referente às questões de manutenção e de conservação das praças como local de socialização e lazer.

Somado a isso, têm-se, ainda, a falta de segurança e de atrativos nas praças da cidade, sejam eles de ordem paisagística, estética ou funcional, tais como sombreamento, equipamentos esportivos, mobiliários ou de espaços mais adequados à socialização.

Muitos desses acontecimentos se devem ao fato de que a cidade de Formosa teve um crescimento bastante intenso nos últimos anos. No entanto, ainda não adequou sua estrutura administrativa à realidade atual. Isso justifica muitos dos problemas levantados durante a pesquisa e refere-se ao fato de que algumas praças, mesmo na área central, estão abandonadas pelo poder público e estão danificadas pelo mau uso da própria população que frequenta o local. Isso faz com que sejam subutilizadas e, raramente, seja percebido o seu potencial enquanto elemento urbanístico, com funções múltiplas, ambientais, estéticas e sociais.

Verifica-se esse fato, por exemplo, quando a Secretaria de Obras e Urbanismo, não possui sequer um arquiteto e, muito menos, um urbanista nos seus quadros. Uma consequência dessa falta de adequação é o fato de o Plano Diretor da Cidade aprovado nunca ter saído da gaveta, havendo o risco de a revisão, atualmente feita, ter destino semelhante, considerando-se, entre outras razões, a rapidez com que foi feita, sem muitas consultas à sociedade.

A Secretaria de Obras é o órgão responsável pelos projetos e reformas das praças. Além de não ter nenhum arquiteto no quadro de pessoal, não tem muita atuação nessa atividade. Os projetos tanto de execução quanto de reforma são contratados, diretamente pelo Prefeito, e normalmente por um arquiteto de fora da cidade.

A Secretaria de Turismo é a responsável pelas principais festas populares que acontecem nas praças, principalmente as festas de final de ano e o carnaval, além de outras eventuais atividades.²⁴⁵ É dessa Secretaria que saem os recursos para a manutenção e reforma das praças, principalmente, de recursos decorrentes da arrecadação com os visitantes das cidades próximas à cachoeira do Salto do Itiquira.²⁴⁶

²⁴⁵ A atual secretária de Turismo é arquiteta e, tem dado especial atenção às questões relativas ao potencial turístico de Formosa, tanto aos aspectos relacionados aos potenciais naturais quanto aos arquitetônicos, praças e edifícios históricos da cidade. Para a secretária, já que a ocupação espontânea da praça não acontece, resolveu estimular o uso, criando e incentivando um movimento denominado “Coletivo Vivart”, que, uma vez por mês (no último domingo de cada mês), organizava um momento de “arte na rua”, um “papo cabeça”, uma “arte por toda a parte”. O movimento funcionou até o mês de outubro de 2014 e terminou quando o contrato com os animadores terminou. Ainda segundo a secretária, a última reforma da

A partir desses fatos, é possível entender que o processo de desenvolvimento da civilização é cumulativo, ou seja, “conserva-se o antigo apesar da aquisição do novo”, conforme Laraia (2009, p. 40 e 45). A resignificação faz parte do processo de desenvolvimento civilizatório e, portanto, é bem-vinda no caso deste estudo das praças. O homem, resultado do meio natural em que foi socializado, é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam.

Assim, o objetivo norteador desta tese é estudar e compreender a praça no novo contexto histórico das transformações pelas quais a cidade passa atualmente, evidenciando-se suas características sociais e morfológicas e,

praça Rui Barbosa feita por um arquiteto de Goiânia, de maneira tão rápida, que não teve nem muito tempo para fazer uma análise do local. Assim, não foram respeitados, o pavimento de ladrilho hidráulico do projeto do Jardim do Centenário, existente na área do coreto. Nos últimos 20 anos (da década de 1995 a 2015), a praça já teve 4 (quatro) reformas que modificaram o desenho de piso e os gramados.

²⁴⁶ Trata-se de um dos pontos turísticos mais atrativos e importantes do município de Formosa. Possui 168 m de queda livre, sendo a 7ª maior queda do país e a de mais fácil acesso do Brasil.

ainda, os significados – novos e resilientes – que esses espaços adquirem e conservam.

Para buscá-lo, tomou-se a cidade de Formosa como referência e, aqui, apresenta-se as considerações e conclusões consideradas mais importantes neste estudo.

Quanto aos objetivos específicos, os parâmetros explicitados no Quadro 6.1 a seguir, foram construídos a partir da percepção frente à realidade da cidade, quanto aos aspectos estudados. Espera-se que estes parâmetros possam contribuir, como referências, para a administração pública pensar futuras implantações e revitalizações de espaços livres em Formosa e em cidades semelhantes.

Trata-se de critérios que, uma vez aplicados, poderão nortear e auxiliar na melhoria das condições de espaços livres para a prática de atividades de lazer, para a qualidade de vida e o fortalecimento da cidadania.

Quadro 6.1 – Parâmetros para futuras intervenções²⁴⁷

Parâmetro	Condições mínimas ideais
Localização	Próximas a escolas, igrejas, comércio local e outras atividades diversificadas.
Distribuição	Dependendo da área disponível, poderão se localizar a pelo menos cada 1.000 metros entre uma e outra.
Raio de Influência	Mínimo de 500 metros até um máximo de 1.500 metros.
Dimensionamento mínimo	1.000 metros quadrados.
Acessibilidade	Evitar áreas de fluxo principal e de trânsito de veículos pesados. Utilizar todos os requisitos de acessibilidade (faixas de pedestres sinalizadas, rampas, etc.).
Configuração	Evitar formatos muito irregulares e criar projetos que possam criar alguma identidade para a área onde se localiza a praça.
Funções – Programa de necessidades	Área pavimentada livre, onde se possam efetuar diversas atividades com a participação da comunidade do entorno. Áreas generosas para o encontro e convivência com bancos e sombra, no mínimo. Nas áreas de pouco ou nenhum comércio de alimentação nas redondezas, prever um ou mais quiosques de alimentação.

Desta forma, facilitam o vínculo do cidadão com o espaço e apropriação coletiva da cidade por seus habitantes, condições básicas para construir ou fortalecer um sentimento de

²⁴⁷ A construção deste Quadro é fruto da vivência da autora, como pesquisadora, paisagista e professora que observa o espaço e vê suas

características e potencialidades com maior percepção aos detalhes, assim, foi estruturado a partir da pesquisa realizada.

pertencimento, de vontade de diálogo e interação, como manifestado nas entrevistas.

Acho a praça um lugar importante para a formação da cidadania, pois é um lugar com pessoas heterogêneas, diversos status sociais e isso cria princípios de igualdade nas crianças e de direitos nos cidadãos. (M, 53 anos, em 12.12.2015)

Como pensa Arendt (1981), ação, palavra e liberdade não estão dadas, mas são fruto da vontade e intenção humanas e requerem, para surgir, a construção e a manutenção do espaço público²⁴⁸. Este, pode ser entendido num sentido virtual, abstrato, subjetivo, mas também, e aqui principalmente, num sentido concreto e real.

Por outro lado, ações públicas nessa direção, no caso de Formosa, certamente concorrem para um fortalecimento e maior desenvolvimento da vocação turística que o entorno da cidade lhe propicia.

248 Hannah Arendt (1981, p. 352) no posfácio do livro “A Condição Humana”.

249 “Uma das tentativas de fazer recuperar ou “salvar” o espaço passou por assumi-lo como um elemento especializado, um “equipamento” da cidade, o que faz com que se criem espaços

Porque as praças agonizam, mas não morrem, identifica-se inclusive, demandas a respeito da construção ou revitalização desses espaços, principalmente nos bairros novos, onde elas praticamente inexistem.

Verifica-se, também, que todos os espaços livres públicos tendem a ser abandonados, quando não têm manutenção, ou o seu projeto não está inserido num contexto urbano que faça sentido para os usuários, o que se pôde observar em algumas praças de Formosa.

Por existir praças que mantenham pouca ou nenhuma identidade com bairro, com a cidade, ou com características da região onde se localizam, conseqüentemente as pessoas sentem pouco interesse ou afinidade com o lugar. Mas não quer dizer que as praças não tenham mais nenhuma função como espaço público, como se poderia pensar a partir de constatações desse tipo.²⁴⁹

segregados e monovalentes (um espaço para os miúdos, um para os cães, outro para sentar, outro monumental). O espaço público perde assim algumas das suas funções e potencialidades como dar forma e sentido ao conjunto da cidade, garantir a continuidade e unir os

Vê-se que uma boa dinâmica urbana no seu entorno impacta positivamente na vitalidade da praça. E isso acontece em algumas praças da cidade, em que pese o estado geral de conservação ser muito precário. Quanto às que ficam abandonadas, esquecidas ou “mal frequentadas”, entre as principais razões para isso está a falta de manutenção e de segurança, agravadas pelo próprio abandono, como no caso da Praça da Liberdade, ironicamente conhecida como Praça da Cadeia. Então, a ideia de que ninguém mais vai à praça, de que ela, como espaço público não tem mais função, que praças são lugares perigosos, não é, necessariamente uma realidade, menos ainda uma realidade necessária.

Há ainda a necessidade latente e o desejo por espaços livres, onde se encontrar, onde caminhar, onde ter contato com o belo, com o diferente, enfim, com o outro. Por isso, as praças agonizam, mas não morrem. Por essas razões, quando são

espaços, concebendo trajetos e ordenar as relações entre os edifícios, equipamentos, monumentos, espaços de transição entre cada área da cidade.” (CALVÁRIO, 2009, p. 69).

oferecidas oportunidades concretas de uso, elas podem ser lugares de grande vitalidade e sociabilidade.

Assim, confirma-se a hipótese de que a praça, nas suas diferentes formas e vocações, desempenha a função efetiva de lugar de referência significativa para a cidade. E ainda conserva uma atmosfera propiciadora de sentimentos de pertencimento a comunidade.

Da mesma forma, se reafirma a ideia de que novos atributos (como quiosques, locais para caminhar, a presença do poder público, entre outros) lhes propiciam novos usos e as ressignificam. Nesse sentido, as narrativas foram importantes na confirmação da hipótese. Segundo Motta (2013, p. 51):

Todo relato carrega duas dimensões: a dimensão cronológica (episódica), relacionada ao ato de seguir a história, que levanta perguntas do tipo o que aconteceu, qual o desenlace, etc., e dimensão atemporal (configuradora), pois

o ato de contar não consiste apenas em somar episódios, mas em elaborar totalidades significativas a partir de eventos dispersos, em capturar conjuntamente uma série de eventos sucessivos, em obter uma configuração de uma sucessão.

Um exemplo que ilustra como uma praça pode ser compreendida, mesmo que apenas na memória dos moradores da cidade, é a Praça da Feira²⁵⁰, que, apesar de assim se referirem ao local, trata-se apenas de um pequeno Centro Comercial construído no local de uma praça onde se realizava uma feira periódica e que, atualmente, é uma “feira permanente”, constituída de módulos entremeados por pequenas áreas livres, com bancos, o que ainda é a praça no entender dos moradores da cidade, tanto que Vieira (2010, p. 179)²⁵¹ reconhece a importância dessas pracinhas existentes entre os módulos:

[A feira é coberta e dividida em módulos, [...], tem o módulo dos açougues e peixarias; o módulo de comidas e bebidas; [...] o módulo de diversões e um módulo com banheiros, estação de rádio e administração. Entre os mesmos, encontram-se pequenas praças e jardins com alguns bancos e toda a feira é cercada com grades.

As narrativas também confirmam a importância da praça na cidade. E corroboram a hipótese inicial, por quanto, verificou-se que as praças atualmente existentes, ainda, atendem a uma parcela da população em diversas atividades sociais de convívio e lazer, principalmente, aquelas praças localizadas nos bairros centrais e algumas periféricas, onde, nos finais de semana, inclusive, observa-se muitas crianças brincando nos parquinhos e ao ar livre.

O que verifica-se na Praça Pedro Chaves,²⁵² confirma a hipótese, pois trata-se de uma praça que, mesmo sem atrativos paisagísticos ou equipamentos especiais, vem apresentando

²⁵⁰ A autora, custou a aceitar este espaço como uma das praças, mas teve que fazê-lo face às reclamações de moradores da cidade que leram a primeira relação das praças e esta não constava da listagem.

²⁵¹ Vieira é um dos escritores da cidade de Formosa que narra a sua história.

²⁵² Caso descrito no Cap. VI

um número crescente de frequentadores. Esses têm sido atraídos por uma atividade altamente propícia à socialização, ao encontro e a formação de uma identidade comunitária.

a praça ficou parada muito tempo aí vinha um pessoal para cá que usava droga aquela coisa toda, quebrava a iluminação, [...] aí que na verdade tem o nosso vigia João Neto, que cuida da praça [...] é um morador, é o dono do posto, então é ele arrumava o pessoal vinha e quebrava, aí quando a gente veio, veio o movimento e a gente sai daqui umas 23–23h30. Houve no início uma resistenciazinha, [...], aí com o tempo foi tudo normalizando, hoje vocês precisam ver esta praça aqui à noite, o pessoal vem e coloca o pula-pula, a gente tem a paleta mexicana que agregou o nosso negócio, [...] é uma Kombi toda montada onde funciona o picolé recheado, [...] a praça é maravilhosa, a gente tentou montar uma coisa bem diferente que Formosa não tinha, e estava precisando e graças a Deus deu certo, muito certo.

(Marcelinho, 20 anos, dono do churrasquinho na praça)

Dessa maneira, as praças concorrem para melhorar a qualidade de vida e qualificar a cidade, enquanto atrativas nos quesitos destacados no texto acima. Pois observa-se que, quando apresentado um novo acontecimento ou uma nova atividade, elas se enchem novamente de pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBUD, Benedito. **Criando Paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. 1ª ed. São Paulo. Senac, 2006.
- ADAM, Roberto, Sabatella. **Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen**. 2008. Da Vinci, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-68. Disponível em www.up.edu.br/davinci/5/pdf21.pdf. Acesso em março de 2015
- ALEX, Sun. **Projeto de praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Editora SENAC. S. Paulo, 2008.
- ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray. **A pattern language**. New York: Oxford University Press, 1977.
- ALMEIDA, J. G. **Espaço, Ambiente e Uso: um estudo de espaços públicos de estabelecimentos escolares**. In: I Encontro Nacional de Conforto do Ambiente Construído, Gramado. RS. Anais: ANTAC. Porto Alegre. RS, 1995.
- ALVARES, Lucia C. VAINER, C. B, QUEIROGA, Eugenio F. **Conflitos Urbanos e Espaços Livres públicos – construção de uma metodologia para estudos comparativos**. Projetos “Observatório Permanente de Conflitos Urbanos” e QUAPÁ-SEL nacional e UFMG. 2008. Disponível em http://www.ettern.ippur.ufrj.br/central_download.php?hash=ceb89b767d80aea2d746d46f3ee82278&id=43. Acesso em março de 2014
- ALVES, Fernando M. B. **Avaliação da qualidade do espaço público urbano**. Proposta metodológica. Tese de doutorado. Instituto Superior Técnico na Universidade Técnica, Lisboa, 1996.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno, e RIGOTTI, José I. R. **Os Limiares Demográficos na caracterização das Cidades Médias**. In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 13. 2002, Ouro Preto. Disponível em: <http://redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/os%20limiares%20demogr%C3%A1ficos%20na%20caracteriza%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em janeiro de 2016.
- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro; SOUZA, C. F; PESAVENTO, S. J.: **Confinamento e Deriva: sobre o eclipse do lugar público na cidade moderna**. In: PESAVENTO, S. Jatahy; CARDOSO, Ciro F. S. A. (Org.). **Imagens Urbanas. Os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Cidade-Estado Antiga. São Paulo: Ática, 1985
- ANDRADE, Fábio Bezerra de. (2012): **Disposição e esquemas de classificação: uma sistematização das trocas simbólicas em Pierre Bourdieu**. Apresentado no XV Encontro De Ciências Sociais Do Norte E Nordeste Pré-Alas Brasil. Setembro 2012. UFPI Teresina. Disponível em <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT14-09.pdf>. Acesso em agosto de 2015.
- ANDRADE, Luciana Teixeira. **Espaços semipublicos como patrimônio imaterial**. 2008 Disponível em:

- http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/luciana_argentina.pdf. Acesso: dezembro 2014.
- ANDRADE, Thompson A. e SERRA, Rodrigo V. (orgs.) **CIDADES MÉDIAS BRASILEIRAS**. IPEA/IBGE/NESUR-IE-UNICAMP. Dois volumes, 2001. (Esgotado). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/capitulo4_desenvolvimento.pdf. Acesso em janeiro 2016.
- ARANTES, Antônio. (Org.). **O Espaço da diferença**. Campinas – São Paulo: Papirus, 2000.
- ARANTES, Otília, VAINER, Carlos, MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**. Edit. Vozes. Petrópolis, 2000.
- ARAÚJO, Teixeira Renato & Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira. **Formosa: portal do nordeste goiano ou polo regional no entorno de Brasília?** Revista Sociedade & Natureza, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9347>. Acesso em julho de 2015
- ARENDETT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 5 Ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária. RJ, 2005.
- ARROYO, M.M. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. In: SPOSITO, E.S.; SPOSITO, M.E.B; SOBARZO, O. (Org.). **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, (p. 71 – 85).
- ASSUNÇÃO, Paulo de. **Mazagão: cidades em dois continentes**. www.usjt-arq.urb - número 2/ segundo semestre de 2009. (p. 24 a 51). Disponível em: http://www.usjt.br/arq.urb/numero_02/artigo_paulo.pdf. Acesso em janeiro de 2016.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. s/ed. Livraria Eldorado Tijuca Ltda. Rio de Janeiro, 1977.
- BAENINGER, Rosana. Crescimento das cidades: metrópole e interior do Brasil. In: _____ Rosana (Org.). **População e Cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Brasília: UNFPA, 2010. Disponível em: www.nepo.unicamp.br/publicacoes/pop_e_cidades.pdf. Acesso junho de 2014.
- BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais/ Mikhail Bakhtin: tradução de Yara Frateschi Vieira**. São Paulo: Hucitec: Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BARCELLOS, V. **Os Parques como Espaços Livres Públicos de Lazer: o Caso de Brasília**. 1999. 214 f. Tese (Doutorado e Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.
- BARCELLOS, Leticia N. (2009): Espaços livres públicos na Região de Vitória: um estudo de quanto à localização e a gestão de praças e parques. In: TÂNGARI, V. R.; ANDRADE, Rubens de; SCHELEE, M. B. (org.). **Sistema de Espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências**. Colóquio Nacional QUAPÁ-SEL. Rio de Janeiro. UFRJ/FAU. PPPGAU. RJ, 2009

- BARREIRA Irllys A. F. **Narrativas políticas da cidade: tempo espaço e patrimônio.** 2009. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4499&Itemid=317. Acesso em 26/11/2015.
- BARROS, José D`Assunção. **Cidade e História.** Celta. Rio de Janeiro, 2003.
- BARTALINI, Vladimir. **Praça: a forma mais que difícil.** *Arquitextos*, São Paulo, 08.086, Vitruvius, 2007. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.086/227>>. Acesso em fevereiro de 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno.** Tradução Carlos Alberto Medeiros, - 1 ed. – Rio de Janeiro. Zahar, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida:** tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001
- BENEDET, Michelle Souza. **Apropriação de praças públicas centrais em cidades de pequeno porte.** Dissertação de (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Florianópolis. SC. 2008. Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. SC. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91626>. Acesso em maio de 2013.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade.** 3a ed. São Paulo: Editora Perspectiva. SP, 2003.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador – Observações acerca da Obras de Nicolau Leskow. In: _____, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. **Textos Escolhidos.** Tradução de José Lino Grumnewald ...[et al.] – 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar.** PDF. Disponível em: [www.http://controversia.com.br/wp-content/uploads/2015/02/BERMAN-Marshall.-Tudo-O-Que-%C3%A9-Solido-Desmancha-No-Ar.pdf](http://controversia.com.br/wp-content/uploads/2015/02/BERMAN-Marshall.-Tudo-O-Que-%C3%A9-Solido-Desmancha-No-Ar.pdf). Acesso em agosto de 2015.
- BOURDEIU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo. 7. Ed. Perspectiva, 2013.
- BORJA, Jordi; MUXI, Zaída. **El Espacio Público y la Ciudadania.** Barcelona: Electa, 2003.
- BORJA, Jordi. **Gestión Integrada del Espacio Público.** 2009. Disponível em www.barcelosna2004.org. Acesso em maio de 2014.
- BOXER, C. R.. **O Império Marítimo Português.** São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- BRANDÃO, Vera Bonna. **Espaço Urbano x apropriação social: Um estudo de caso nos espaços públicos abertos de Taguatinga.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Mémoire. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília. DF. 2003.
- BRANDÃO, Pedro. **A cidade, como tudo o que é sólido, está a derreter-se no ar?** Ensaio provisório, sobre Duração e

- Complexidade. De la edición: CR POLIS Universitat de Barcelona. 2009. (p. 189 – 192). Disponível em: on the w@terfront, vol. 12, april 2009 The on-line magazine on waterfronts, public space, public art and urban regeneration. Acesso em agosto de 2012.
- BRISOLARA, Valéria. **Narrativa, memória e identidade: o boom das narrativas de cunho memorial.** Cenários, Porto Alegre, v.1, n.5, 1º semestre 2012. Disponível em seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/download/737/499, acesso em outubro de 2015.
- BUSTOS ROMERO, Marta Adriana. **A arquitetura bioclimática do espaço público.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, Brasília. DF. 2001.
- _____, Marta Adriana. **Correlação entre o microclima e a configuração do espaço residencial em Brasília.** Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/15488/11034>. Revista no 5. 2010. Acesso em fevereiro de 2012.
- CALABI, Donatella. **História do Urbanismo Europeu.** 1ª Edição. Editora Perspectiva. São Paulo, 2012.
- CALDEIRA, Júnia Marques. **A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – Origem e modernidade.** 2007, 424 f. Tese (Doutorado em História). Área de Concentração: Política, Memória e Cidade. Universidade de Campinas. Campinas. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000428029>. Acesso em fevereiro de 2012.
- CALDERÓN, Jorge Eduardo Minda: **Os espaços livres públicos e o contexto local: o caso da praça principal de Pitalito – Huila – Colômbia.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília. DF, 2009.
- CALVÁRIO, Filipa. **A Arte Pública como acontecimento urbano - Centro e Periferia.** Publicado em “on the w@terfront. 2009. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/viewFile/218893/299213>. Acesso em junho de 2014.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis,** Companhia das Letras. 1990.
- CARNEIRO, Ana Rita Sá; MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços livres do Recife.** Recife: Prefeitura do Recife/UFPE, 2000.
- CARVALHO, Mariana P. **Os Largos na Paisagem Paulistana: uma abordagem histórica e morfológica.** Disponível em: <http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/339.pdf>. Acesso: fevereiro 2014.
- CARVALHO, Pompeu F. de: **Revitalização de Praças e Jardins nas áreas centrais de cidades médias paulistas.** Texto USP. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/publicações/TextosPDF/pompeu05.pdf>. Acesso em novembro de 2010.
- CASTELLS, Manoel. (1999). **A era da informação: economia, sociedade e cultura;** vol1: a Sociedade em Rede. Tradução Reoneid Venâncio Majer. São Paulo. Paz e Terra.
- CASTRO, Alexandra. **Espaços públicos, coexistência social e civildade: Contributos para uma reflexão sobre os espaços públicos urbanos.** Cidades – Comunidades e Territórios. 2002.

- Dez. nº 95, p. 53 – 67. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3392?mode=simple>. Acesso em maio 2013.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **LUGAR, NÃO-LUGAR, ENTRE-LUGAR – O lugar do Turismo**. 2008. Disponível em: <http://www.unifra.br/pos/gestaoemturismo/downloads/Texto%201-%20A%20Complexidade%20do%20Espa%20E7o%20Tur%20EDstico%20e%20a%20Sustentabilidade.doc>. Acesso em janeiro de 2016.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem; tradução Marcos Marcionilo**. – São Paulo: Martins, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro, 1998.
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo, utopias e realidades, uma antologia**, São Paulo, Editora Perspectiva, S.A, 2005.
- CUSTÓDIO, Vanderli e outros. **Os sistemas de espaços livres da cidade contemporânea brasileira e a esfera de vida pública – considerações preliminares**, 2009. Disponível em: www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/.../52.pdf. Acesso: novembro 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo, ed. Ática. 2002
- COSTA, Maria de Lourdes P. M. **A urbanização e suas novas conotações**. Rebatimentos sobre o processo de reestruturação do território. I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2010. (p. 1 – 16). Disponível em <http://www.anparq.org.br/dvd-nanparq/simposios/144/144-803-1-SP.pdf>. Acesso: outubro 2015.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. 1ª Edição. Lisboa: Edições 70, 1983.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Editora Guanabara Koogan S. A. Rio de Janeiro, 1991.
- DANTAS, Eugenia Maria, e MORAIS, Ione R. Diniz. **Território e territorialidades: Abordagens conceituais**. UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da UEPB - Universidade Estadual da Paraíba, 2008. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/organizacao_do_espaco/Org_Esp_A07_I_WEB_SF_SI_050805.pdf. Acesso em agosto de 2015.
- DANTAS, Joseney, R. de Q. e CLEMENTINO, Maria do L. M. **O PAPEL DAS CIDADES (INTER) MÉDIAS PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL: um estudo a partir dos centros sub-regionais (Pau dos Ferros-RN, Cajazeiras-PB e Sousa-PB)**. Geo UERJ - Ano 15, nº. 24, v. 1, 1º semestre de 2013. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/6915/5029>. Acesso em janeiro de 2016.
- DARLAN, Bernades. **Sustentabilidade Institucional e Social das áreas protegidas em centro urbanos: O caso do Parque Ecológico Mata da Bica em Formosa – Goiás**. Dissertação de Mestrado. UCB. Universidade Católica de Brasília. 2005. Disponível em: http://www.btdt.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=924. Acesso em janeiro de 2016.

- DEFFONTAINES, Pierre. **Como se constituiu no Brasil a rede de cidades**. Artigo publicado em Bulletin de la Societé de Geographie de Lille – xerox. 1959.
- DELPHIN, Carlos Fernando de Moura. **Intervenções em Jardins Históricos**: Manual. Brasília. IPHAN, 2005.
- DELSON, Roberta M. **Novas vilas para o Brasil colônia**: planejamento espacial e social no Século XVIII. Brasília: Ed. Alva-Ciord, 1997.
- DEUS, João Batista. **As cidades médias na nova configuração territorial brasileira**. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, Goiás, Brasil. v. 24, n. 1-2, (p. 81 – 91). Jan. / dez. 2004. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4785878.pdf>. Acesso em agosto de 2014.
- DIAS, Fabiano Vieira. **A luta pelo espaço nas cidades latino-americanas – o caso do Brasil**. 2005. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>. Acesso: janeiro 2016.
- DIAS, Maria A. Medeiros. Praça Itália: Encantos e desencantos de um cenário urbano. In: **Arquitetura e Urbanismo: posturas, tendências e reflexões**. Vol. 2. BREGATTO, P. R. et al (Org.). Porto Alegre: Livraria do Arquiteto-Editora. RS, 2009.
- DIAS, Karina. **Entre Visão e Invisão: Paisagem**: [Por uma experiência da paisagem no cotidiano]. 1ª Edição. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010. 300 p. il.
- Dicionário do Aurélio Online: Dicionário Português. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/>. Acesso de outubro de 2015
- DOBERSTEIN, A. Walter. Praça da Matriz de Porto Alegre: ganhos e perdas nas intervenções patrimoniais. In: **Arquitetura e Urbanismo: posturas, tendências e reflexões**. Vol. 2. BREGATTO, P. R. et al (Org.). Porto Alegre: Livraria do Arquiteto-Editora. RS, 2009.
- DUARTE, Fábio. **Cidade, modos de usar: um ensaio sobre leitura. Paisagem e Ambiente**, [S.l.], n. 25, p. 173-183, jun. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/105988>. Acesso: janeiro de 2015.
- DUARTE, Valquíria Guimarães. **A Narratividade e o campo da arquitetura**: a perspectiva de Paul Ricoeur e Walter Benjamin. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Valqu%C3%ADria.pdf>. Acesso em novembro de 2015.
- FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson. **Quando a rua vira casa**. IBAM/FINEP. 2ª edição ver. e atualizada. Rio de Janeiro. 1981.
- FONTES, Nádia. **Categoria de espaços livres públicos de lazer e indicadores de disponibilidade**: Jaboticabal/SP. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2003: Disponível em: http://www.elecs2013.ufpr.br/wp-content/uploads/anais/2003/2003_artigo_085.pdf. Acesso em 19 de dez. 2014.

- GOITIA, Fernando Chueca. **Breve História del Urbanismo**. Alianza Editorial, S. A, Madrid, segunda edición, 1970.
- GOMES, Carina. **Representações, imagens e narrativas sobre as cidades**. Disponível em: <http://www.cidadesturismo.com/2012/01/representacoes-imagens-e-narrativas.html>. Acesso em novembro de 2015
- GOMIDE Walter. **Sobre o conceito de khora: um diálogo entre Platão e Einstein**. Disponível em: http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/um_dialogo_entre_platao_e_einstein/artigos187201.pdf. Acesso em maio de 2016.
- GONZALEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. [Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva]. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2005.
- GOSLING, David. **Atributos dos Espaços Públicos no Downtown**. Os centros das metrópoles: reflexos e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Editora Terceiro Nome: Viva Centro: Imprensa Oficial do Estado, 2001. (P. 167 - 181). Disponível em <http://pt.slideshare.net/mackenzista2/os-centros-das-metropoles-atributos-dos-espacos0001>. Acesso: novembro de 2014.
- GUNTHER, Hartmut, Elali, GLEICE Azambuja, PINHEIRO, José Q. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo. Editora: Casa do Psicólogo, 2008.
- HABERMAS, Jurgen. **Consciência Moral e Agir comunicativo**: tradução de Guido A. de Almeida. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HALL, Edward. **A dimensão oculta**. Martins Fontes. São Paulo, 2005.
- HALL, PETER. **Cidades do amanhã**. Coleção Urbanismo. Editora Perspectiva, 1988.
- HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Edições Loyola. São Paulo. SP, 2000.
- HASSENPFUG, Dieter. **Sobre centralidade urbana**. Arqtextos, 2007. Disponível em: www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq085/arq085_00.asp,. Acesso: outubro de 2013.
- HEEMANN, Jeniffer et SANTIAGO, Paola Caiuby. **Guia do Espaço Público**. Disponível em: <http://www.placemaking.org.br/home/wp-content/uploads/2015/03/Guia-do-Espa%C3%A7o-P%C3%BAblico1.pdf>. Acesso: setembro de 2015.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. Hibridismo cultural, mobilidade e multiterritorialidade: contradições e ambivalências. In: SERPA, A., (org.) **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Autores: CLAVAL, Paul [et al] [online]. Salvador. EDUFBA, 2008. 426 p. ISBN 978-85-232-0538-6. Available from Scielo Books, 2008. Disponível in <http://books.scielo.org>. Acesso: maio de 2015.
- HOLDEN Robert. **Diseño del espacio público internacional**. Gustavo Gili, Barcelona. Espanha, 1996.
- HOUGH, Michael. **Naturaleza y ciudad**, Editorial Gustavo Gili, S. A, Barcelona, 1995.

- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2003
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Região de Influência das Cidades** - 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 201p. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/_arquivos/regic_28.pdf. Acesso: em dezembro de 2015.
- _____. **Resultados do Censo 2010**. IBGE, 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/populacao_por_municipio_zip.shtm. Acesso: em dezembro de 2015.
- _____. **Resultados do Censo 2010 – GOIÁS**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_goiias.pdf. Acesso: fevereiro de 2016.
- _____. **Resultados do Censo 2014 – GOIÁS**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_goiias.pdf. Acesso em fevereiro de 2016.
- IICA-Brasil – PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMOSA. Representação do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura no Brasil. **A experiência do município de Formosa na Geração de capacidades para o desenvolvimento com enfoque nas cadeias produtivas**. 2008. Disponível em: <http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/A-experiencia-do-Municipio-de-Formosa.pdf>. Acesso fevereiro de 2016
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 1ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KANT, Emmanuel; **Crítica da Razão Pura**. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian. 5ª Edição. Av. de Berna I Lisboa 2001
- JELLICOE, Geoffrey y Susan. **El Paisaje del hombre**. La conformacion del entorno desde la prehistoria hasta nuestros dias, Editorial Gustavo Gili S.A., Barcelona. España, 1995.
- JUNIOR, Normando Augusto Cavalcanti. **Formosa em retinas idosas. Período dos anos 30 aos 70.** / Jucelina de Moura Lobo/Marco Aurélio Bernardes. – Brasília: ALPHA, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. – 24 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- LAURIE, Michael. **Introducción a la arquitectura del paisaje**. Gustavo Gili, Barcelona. Espanha, 1983.
- LAVALLE, Adrián Gurza. **Espaço e vida públicos: reflexões teóricas e sobre o pensamento brasileiro**. Tese (Doutorado em Ciência Política). Pós-graduação em Ciência Política. Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/Adrian.pdf>. Acesso em 15/05/2012.
- LEFEBVRE Henri. **O Direito à Cidade**. Traduction: T. C. Netto. São Paulot: Ed. Documentos LTD, 1969.
- LEIBNIZ, G.W. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**, Coleção Os pensadores, V.2 – 253 Correspondência com Clarke, tradução de Carlos Lopes de Mattos – São Paulo: Nova Cultural, 1988.

- LOPES, Diva Maria Ferlin; WENDEL, Henrique (organizadores). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso.** – Editor Publicações Salvador, BA SEI. (250 p.). (Série estudos e pesquisas, 87), 2010. Disponível em https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=wllgVdHkHKuk8w eM7oHwAQ#q=cidades+m%C3%A9dias+e+pequenas+teorias+conceitos+e+estudos+de+caso. Acesso em abril de 2015.
- LUCAS, Samuel. **A Igreja Católica e sua influência no desenvolvimento de Formosa** – Goiânia: Kelps, 2013.
- LUCAS, Samuel e FREITAS, Silvanete A. **Formosa, la Gente, la Historia, la Cultura y las Artes** – Folheto de fotos impresso na Copiadora Central, sem data.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- MACEDO, Silvio S. **Espaços Livres.** FAUUSP, São Paulo, 1995.
- _____, Silvio S. **Quadro do paisagismo no Brasil.** S. Paulo: FAUUSP, (Coleção Quapá, v.1), 1999.
- _____, Silvio S. **Paisagismo Brasileiro na Virada do Século: 1990-2010.** –São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- MAGNOLI, Miranda M. **Espaços livres e urbanização, uma introdução aos aspectos da paisagem metropolitana.** Tese de Livre docência. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982.
- _____. **Em Busca de “Outros” Espaços Livres de Edificação.** Revista Paisagem Ambiente: Ensaios. Nº. 21. (p. 141 - 174), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.
- _____. **Espaços Livres – Objeto de trabalho.** Revista Paisagem Ambiente: Ensaios. No. 21. (p. 175– 198), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MARX, Murillo. **Cidade Brasileira.** São Paulo: Edusp; Melhoramentos, 1980.
- _____. Murillo. **Nosso chão: do sagrado ao profano.** São Paulo: Edusp, 2003.
- MASCARENHAS DE LEMOS, Eduardo Cardoso: **"Do Largo à Praça".** In “Modelos urbanos e a formação da cidade balnear. Portugal e a Europa”, policopiado, tese de doutoramento em Arquitectura, especialidade de Planeamento Urbano, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Wrocław, Polónia, 2006. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=415816>. Acesso: março de 2014.
- MENDONÇA, M., JUNIOR, Antonio Thomáz. **A modernização da agricultura nas áreas de Cerrado em Goiás (Brasil) e os impactos sobre o trabalho.** Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía, UNAM ISSN 0188-4611, Núm. 55, 2004, pp. 97-121. 2003. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/rig/article/view/30113/27990>. Acesso em fevereiro de 2016.
- MILES, Malcolm. **Para além do espaço público.** Lisboa, Associação Extra-Muros e Centro Português do Design. 2001. Disponível em:

- <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=781794>.
Acesso: novembro de 2014.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- MONTEIRO, Lenine Bueno. **Espaço Público e Urbanismo Pós-moderno**, in PARANOÁ, Cadernos de Arquitetura e Urbanismo / Número 2 / 2006 /ISSN 1677-7395. Pags. 195-216.
- MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MIYAZAKI, Vitor Koiti. Um estudo sobre o processo de aglomeração urbana: Alvares Machado, Presidente Prudente e Regente Feijó. Dissertação de Mestrado
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa Mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: SOUZA, M. Dantas. **O espaço fora do lugar: uma suposta filosofia geográfica do espaço e do lugar**. 2015. p.309.
- OLIVEIRA, C. Edinei; SOUZA Rafael de Oliveira. **A praça como lugar da diversidade cultural**. (Sem data): Disponível em: <http://need.unemat.br/4_forum/artigos/rafael.pdf> Acesso: maio de 2011.
- OLIVEIRA, Helio, C. M. e SOARES, Beatriz R. Cidade Média: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS E TIPOLOGIA. In CAMINHOS DA GEOGRAFIA – revista online. <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/>. UFU. Uberlândia. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/articloe/download/23678/15964>. Acesso em janeiro de 2016.
- OLIVEIRA Jr, Gilberto. **Redefinição da Centralidade Urbana em Cidades Médias**. Mestrado (Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade de Brasília, 2007. Disponível in <http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n1/a14v20n1.pdf>. Acesso: setembro de 2015.
- _____. Gilberto. **A CIDADE MÉDIA ENQUANTO ESCALA DE ANÁLISE DOS CONTEÚDOS DA URBANIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA**. In Anais 12º EGAL, 2009. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/244.pdf>. Acesso em fevereiro de 2016.
- ORLANDI, Eni P. Trilhas e Troços: o flagrante Urbano. In: _____, Eni P. (org.). **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço**. Campinas, SP: Pontes, 2001. (p. 9 – 24)
- PADOVANI, E. G. R. A cidade: o espaço, o tempo e o lazer. In: GERARDI, L. H. O. (org.). **Ambientes: estudos geográficos**. Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia Teórica – AGETEO, 2003.
- PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Trad. Francisco Leitão. Brasília: Ed. UNB, 2006.
- PANTALEÃO, Sandra Catharinne & REIS, Mônica Otero de Melo dos. **Cidades médias goianas: crescimento urbano, ocupação territorial e dinâmica econômica**. Estudos, Goiânia, v. 41, especial, 2014, (p. 155 -174). Disponível em:

<http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/view/3875>.
Acesso: agosto de 2015.

PELLEGRINO, P. R. & OSEKI, J. H. **Paisagem, Sociedade e Ambiente**. In: Philippi, Arlindo; Romero, Marcelo & Bruna, Gilda Collet. (Org.). Curso de Gestão Ambiental. São Paulo: Editora Manole, 2004, v., p. 485-524;

PFEIFFER, Claudia Castellanos. Cidade e sujeito escolarizado. In: ORLANDI, Eni P. (org). **Cidade Atravessada: os sentidos públicos do espaço urbano**. – Campinas, SP: Pontes, 2001. (p. 29 – 34).

POUPART, Jean. **A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas**, in, A Pesquisa Qualitativa – Enfoques epistemológicos e metodológicos. Canadá. Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro, 1997.

QUEIROGA, E. A. **Do Vazio ao Espaço Público: Requalificando Paisagens, Reestruturando Territórios**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i28p21-40>. Acesso: fevereiro de 2014.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática. 1993.

RECIFE. Prefeitura. Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente. **As praças que a gente tem, as praças que a gente quer**: manual de procedimentos para intervenção em praças. LEITÃO, L (org.). Recife: A Secretaria, 2002.

REIS, Monica Otero de Melo Reis e PANTALEÃO, Sandra Catharinne. **Cidades Médias Goianas: Crescimento urbano, ocupação territorial e Dinâmica econômica**. ESTUDOS | Pontifícia

Universidade Católica de Goiás Volume 41, especial, (p. 155 – 174), dez. 2014. ISSN 1983-781X | Qualis B5. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/view/3875>. Acesso: junho de 2015.

RELPH, Edward. **A Paisagem Urbana Moderna**. Tradução de Ana MacDonald de Carvalho. Edições 70 Ltda. Lisboa, 1987.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo III. Trad. De Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP. Papyrus, 1996.

_____, Paul. **Arquitetura e narrativa**. Publicado na revista Urbanismo 303 nov/dez, 1998, pp 44-51. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/arquiteturaenarratividadepaulricoer.html> Acesso em: novembro de 2015.

RYBCZYNSKI, Witold. **Vida nas cidades**: expectativas urbanas no Novo Mundo. Rio de Janeiro: Record, 1996.

RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar**: a história e o futuro da cidade. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROBBA, Fábio; MACEDO Silvio Soares. **Praças Brasileiras**. Edusp. Imprensa Oficial: [Coleção Quapá]. São Paulo. 312p, 2003.

SAAD Filho, Alfredo A. **Álbum de Formosa** – um ensaio de história de mentalidades. Garamond Premier Pro. Goiânia. Goiás. www.editora.ufg.br. 2013.

SABOIA, Luciana F. & MEDEIROS, Ana Elisabete. **Brasília, discurso ou narrativa?** Questões sobre preservação e identidade cultural. 2011. Disponível em: www.docomomobsb.org. Acesso em novembro de 2015.

- SANTANA, T. C. & ELALI, Gleice A. **A vitalidade em espaços livres urbanos: uma busca de elementos para a análise de praças em Natal-RN.** S/data. Disponível em: http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/005_C.pdf. Acesso em janeiro de 2016.
- SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988
- _____, Milton. **Técnica Espaço, Tempo**, 3ª ed. Editora Hucitec. São Paulo, 1997.
- _____, Milton. **O espaço do cidadão**, 4 edição. São Paulo: Edusp, 2007. Disponível em: <http://books.google.com.br>. Acesso junho de 2013.
- _____, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**, 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2009.
- SAKATA, Francine M. G. **Paisagismo urbano: requalificação e criação de imagens.** Editora EDUSP. Edição 1. 2012.
- SCALISE, W. **O Espaço Livre Público como Instrumento de Construção e Qualificação da Paisagem Urbana.** Revista Assentamentos Humanos, Marília, v3, n. 1, (p. 25 - 32), S. Paulo, 2001.
- SCHIFFER, Sueli Ramos. **Tendências da distribuição da população urbana e dos serviços básicos no Brasil: 1980 – 2000.** Distinções em Argentina e México, 2000. Disponível em: <http://www.usp.br/prolam/cadernos> >. Acesso: novembro de 2010.
- SCHELEE, M. B.; NUNES, M. J.; REGO A. Q.; RHEINGANTZ, P. A.; DIAS, M. A.; TÂNGARI, V. R.: **Sistema de Espaços Livres nas cidades brasileiras – um debate conceitual.** In: _____, M. B.; Andrade, Rubens.; _____ V. R. (org.). **Sistema de Espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências.** Colóquio Nacional QUAPÁ-SEL. Rio de Janeiro. UFRJ/FAU. PPPGAU. RJ, 2009, (p. 28 – 46).
- SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**, Studio Nobel, FAPESP. S. Paulo, 1996.
- SENNET, Richard. **El declive del Hombre público: as tiranias da intimidade.** São Paulo; Companhia das Letras. Tradução: Lygia Araújo Watanabe, 1978.
- _____, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental:** Record, Rio de Janeiro, 1999.
- SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007.
- SERRA, Geraldo G. **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação.** São Paulo: Edusp: Mandarin, 2006.
- SILVA, Andresa Lourenço. **Breve discussão sobre o conceito de cidade média.** Geingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 5, n. 1, p. 58 - 76, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/download/19983/11588>. Acesso: novembro de 2015.
- SILVA, Armando C. da. **Fenomenologia e geografia.** Revista Orientação. São Paulo: IG/USP, n. 7, 1986.
- _____, Armando C. da. **O Espaço fora do lugar.** São Paulo: Hucitec, 1978.

- SILVA, Rafael Santos. **Praça da Liberdade: 1700-1932: Uma história de Arquitectura e Urbanismo no Porto.** Mestrado. 2006. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14661/2/tesemestpracadaliberdadev1000075094.pdf>. Acesso em janeiro de 2016.
- SILVA, Rooseman de Oliveira. **O lugar do espaço público na paisagem pós-moderna.** Belo Horizonte. Anais VII ENEPEA. 2004. Disponível em: <http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens/encarte1.html>. Acesso: dezembro de 2014.
- SITTE, Camilo. **Construção de Cidades segundo seus princípios artísticos.** Gustavo Gili, 1980.
- SOLÁ-MORALES, Manuel. **Espaços públicos e espaços coletivos.** In: Centros das metrópoles. São Paulo. Ed. Terceiro Nome/Viva o Centro/Imprensa Oficial do Estado. SP, 2001. (p. 101 – 107). Disponível em: <http://pt.slideshare.net/mackenzista2/os-centros-das-metropoles-espacos-publicos-e-coletivos>. Acesso em julho de 2015.
- SOLÁ-MORALES, Manuel. **De cosas urbanas.** Editora Gustavo Gili SL. Barcelona. Espanha, 2008.
- SOUZA, M. Dantas. **O espaço fora do lugar: uma suposta filosofia geográfica do espaço e do lugar.** 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rdg/article/download/102127/100548>. Acesso em janeiro de 2016.
- SPIRN, A. W. **O jardim de granito: a natureza no desenho da cidade.** São Paulo: Edusp, 1995.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Construindo o conceito de cidades médias. In: _____, M. E. B. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. (p. 23 - 33). Disponível em: www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/cidades%20m%C3%A9dias%20e%20pequenas%20teorias,%20conceitos%20e%20estudos%20de%20caso.pdf. Acesso: julho de 2013.
- _____, Maria Encarnação Beltrão et al. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: _____, M. E. B. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35 - 67. Disponível em: www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/cidades%20m%C3%A9dias%20e%20pequenas%20teorias,%20conceitos%20e%20estudos%20de%20caso.pdf. Acesso: agosto de 2015.
- STEINBERGER, Marília; BRUNA, Gilda Collet. Cidades médias: elos do urbano-regional e do público-privado. In: ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. (Org.). **Cidades médias brasileiras.** Rio de Janeiro: IPEA, 2001. Disponível em: http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/capitulo2_cidademedias.pdf. Acesso em dezembro de 2014.
- TÂNGARI, M. B.; ANDRADE, R.; SCHLEE V. R. (org.). **Sistema de Espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências.** Colóquio Nacional QUAPÁ-SEL. Rio de Janeiro. UFRJ/FAU. PPPGAU. RJ, 2009, (p. 162 – 181).
- TABACOW, José, MARX, Roberto Burle. **Arte e Paisagem: (conferencias escolhidas).** 2ª Edição ampliadas. S. Paulo. Editora Studio Nobel, 2004.

TEIXEIRA, Manuel C. **A forma da cidade de origem Portuguesa**. São Paulo. Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012

_____, Manuel. C. **Os modelos urbanos portugueses da cidade brasileira**. In: Revista urbanismo de origem portuguesa N. S. Centro de Estudos de Urbanismo e de Arquitetura, abril 2001. Disponível em: <<http://urban.iscte.pt/revista/numero1/artigos.htm>>. Acesso: janeiro 2016.

_____, Manuel C. e VALLA, Margarida. **O urbanismo português – séculos XIII-XVIII – Portugal – Brasil**. Lisboa: Horizonte, 1999.

TEIXEIRA, Renato Araújo & BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. **Formosa: portal do nordeste goiano ou um pólo regional no entorno de Brasília?** Sociedade & Natureza, Uberlândia, 19 (1): (p 185 – 197), jun. 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/download/9347/5727>. Acesso em novembro de 2015.

TUAN. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. DIFEL/ Difusão Editorial S.A, 1974.

_____, Yi-fu. **Espaço e Lugar**, 2013. In: Geograficidade. Niterói, v. 04, nº 01, pp. 04-13, verão, 2014. Disponível em: http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/157/pdf_1. Acesso em: julho de 2015.

UMBELINO, Luiz António. **ESPAÇO E NARRATIVA EM P. RICOEUR**. Revista Filosófica de Coimbra — n.º 39 (2011) pp. 141-162. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur. Acesso em novembro de 2015.

VENTURA, Zuenir. **Sagrada Família**. Rio de Janeiro. Objetiva. Prisa Edições, 2012.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4 Ed, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VERISSIMO, Francisco S.; BITTAR, Willian S. M.; ALVAREZ, José M. S.. **Vida urbana: a evolução do cotidiano da cidade brasileira**. Ediouro. Rio de Janeiro, 2001.

VIEIRA, Gilvan José. **Formosa cidade e povo**, Brasília: Teixeira, 2010. 200 p.

VILLAÇA, Flávio. **A Segregação e a estruturação do espaço intra-urbano; o caso do Recife**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.flaviovillaca.arq.br/pdf/pirnp896.pdf>>. Acesso em: agosto de 2011.

VLASTOS, G. **O Universo de Platão**. Tradução de Maria Luiza M. Salles Coroa. Editora de UnB. Brasília, [1975].

WEINGARTNER, Gutemberg. **A Construção de Um Sistema: Os espaços livres públicos de recreação e de conservação em Campo Grande**. MS. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-14012010-150527>. Acesso: agosto de 2012.

WEBSITES:

PPS – Project for Public Spaces: Disponível em <http://www.pps.org/>. Acesso em setembro de 2015

<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/>. Acesso em novembro 2012.

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8280.pdf>. Acesso em outubro de 2013

<http://www.anpec.org.br/encontro2009/inscricao.on/arquivos/000-0196ffcae3c43e3ce69f28d7e98756e3.pdf>. Acesso em outubro 2013

http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_1675.pdf. Acessado em 30/10/2013

<http://www.revistapronews.com.br/anteriores/detalhe/320/televisao-brasileira-completa-60-anos.html?PHPSESSID=1825ffa13671787994fb64cdc3b4335e>
Televisão brasileira completa 60 anos. Por Fabiana Constantino. Acessado em 15 junho de 2014

www.formosa.go.gov.br

www2.camara.gov.br/legislação

DICIONARIOS

CULS, JAMES. DICTIONARY OF ARCHITECTURE AND LANDSCAPE ARCHITECTURE. OXFORD. Editora Oxford, UK. New York, 2ª Edição, 2006.

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa – Porto Editora. Disponível em: <http://www.infopedia.pt>. Acesso em setembro de 2014

DICIONÁRIO NOVO AURÉLIO. Novo dicionário da língua portuguesa, dicionário eletrônico do sec. XXI. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2000. Disponível em: <http://aurelioservidor.educacional.com.br/download>. Acesso em setembro de 2012.

LEGISLAÇÃO

FORMOSA - LEI Nº251104-SMG, de 20 de dezembro de 2004 "Dispõe sobre a instituição do **Plano Diretor de Formosa** e dá outras providências." Disponível em: <http://www.formosa.go.leg.br/leis/mais-acessadas/plano-diretor-1>. Acesso em dezembro de 2014.

_____. Projeto do **Plano Diretor de Formosa**, 2015. Disponível em: www.pdfformosa.com.br. Acesso em dezembro de 2015. (Ainda não aprovado).

IPDF/GDF. **Norma Técnica No 3 Referente a Índices e Indicadores Urbanísticos**. Governo do Distrito Federal / Instituto de Planejamento Urbano e Territorial do Distrito Federal/Governo do Distrito Federal, Brasília, 1994.

LEI Nº251104-SMG, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2004 "DISPÕE SOBRE A INSTITUIÇÃO DO PLANO DIRETOR DE FORMOSA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS."

NORMA TÉCNICA 10520. Disponível em: <http://meiradarocha.jor.br/news/tcc/2010/10/11/normas-abnt-nbr-10520-para-citacoes-em-documentos/>. Acesso: dezembro de 2016.

ANEXOS

ANEXO 1 – ENTREVISTAS

1 - Entrevista com Getúlio morador do bairro Formosinha, natural de Formosa, 23 anos de idade e dono de um café próximo à praça Rui Barbosa. Em 2015.

Não frequento nenhuma praça. Formosa é muito provinciana. Meu café, quase não é frequentado pelas pessoas da cidade. (O café é charmoso, mas está localizado na Rua José Viana Lobo ao lado de lojas de aparência precária).

Acho que a praça principal da cidade é a Rui Barbosa, mas está muito malcuidada. Em relação ao que precisa nas praças, precisa tudo.

Atualmente os lugares mais frequentados são as praças onde tem comida, como a Praça da Imperatriz que as pessoas agora frequentam por conta do churrasquinho.

As praças são importantes para as crianças e porque tem árvores, para o clima é importante.

2 - Entrevista com Márcia 19 anos, natural de Formosa, morador de Formosinha. Em 30/07/2014

Moro em Formosinha desde que nasci. Já frequentei a praça da bíblia (Praça da Liberdade ou também conhecida como Praça da Cadeia).

Ainda frequento como passante ou para conversar com meus amigos na praça da Prefeitura. É a mais importante da cidade por causa da Prefeitura é o centro das atenções.

Mas nas praças da cidade falta tudo, quiosques, iluminação, acabamento, segurança, pois tem assaltos ao escurecer.

As praças são importantes pois é o lugar onde o povo tem para se encontrar, lugar de lazer, pois com o Facebook já é difícil encontrar os amigos. Falta referência e locais de fácil acesso a todos.

3 – Entrevista com Rosa (25 anos) trabalha no quiosque da praça da rodoviária, mas foi entrevistada na praça da Catedral, esperando uma amiga. Em 2014

Não frequento nenhuma praça atualmente. As principais da cidade do meu ponto de vista são a Praça Rui Barbosa, só aos domingos e a Praça Dona Neném (da Rodoviária) onde trabalho, que é sempre bastante movimentada.

O que precisa melhorar nas praças é tudo, tirar os mendigos porque sujam e os cachorros.

A praça da Imperatriz, ainda não conheço direito lá para cima, mas já ouvi falar do churrasquinho do Marcelinho. Um dia destes vou lá pra ver.

4 - Entrevista com Maristela sobre as praças de Formosa (em 2013 e 2015)

Maristela tem 50 anos, nasceu e morou na cidade até os 30 anos de idade. Morava numa rua próxima ao centro.

A praça da Prefeitura, ou Rui Barbosa foi o antigo jardim do centenário, inaugurado em 1943.

Até a implantação de Brasília, na década de 1960, a cidade era um pouco mais que um pequeno lugarejo, embora não tenhamos dados sobre sua população. E até 1980, a cidade ainda era pequena, as pessoas se conheciam, conheciam a família e ainda tem essas pessoas lá. Minha irmã e o marido dela vivem lá desde que nasceram. Tinha a família Magalhães muito famosa e conhecida. Tem as famílias sócias do Clube.

No período de 1980 a 1991 de acordo com Plano Diretor de Formosa, houve um forte incremento da população que migrou para o Planalto Central em direção à região do Distrito Federal o que fez com que aumentasse muito o crescimento dessa cidade.

Em 1985, a cidade recebeu mais um impulso significativo com a implantação da Faculdade de Ciências e Letras de Formosa em função da importância da cidade, que já podia ser considerada como um polo que aglutinava além de diversas cidades do estado de Goiás, também cidades de Minas Gerais e do Estado da Bahia. Nessa época eu dava aula na faculdade e depois da aula, à noite íamos para o barzinho que funcionava no coreto da praça da Prefeitura.

Hoje tem além do Parque do Itiquira, a fazenda do Bisnau que atualmente o pessoal de Brasília vai fazer excursões.

Entrevistas rápidas – Laguinho do Vovô

5 - Vendedora de pipoca no Laguinho do Vovô

Quando não estou muito cansada, vendo pipoca aqui. Eventualmente trago minha filha de 9 anos para brincar de correr. Esta é a praça mais arrumada e que as pessoas mais frequentam principalmente nos finais de semana. (T. 46 anos, moradora do bairro Jardim Oliveira).

6 - Vitória 38 anos, trabalha no Hotel Serrador

É a melhor da cidade para caminhar e também é a mais bonita e arrumada. É um lugar que serve para passear e tira um pouco o clima de cidade do interior. (V. 38 anos, moradora da cidade. Trabalha no Hotel Serrador).

7 - Cristina 35 anos

O Lago do Vovô é cheio de peixes pequenos, grandes e enormes além de lindos patinhos e cágados. É um espaço muito bom para levar a criançada que se encanta jogando ração para os peixes (que pode ser comprada lá no quiosque por 0,50). Eu uso para caminhadas, aqui não é permitido andar de bicicleta no calçadão. À noite o local “bomba”, pois tem vários carrinhos de lanche, além de alguns restaurantes interessantíssimos.

8 - Luiza, 16 anos de idade, estudante, natural de Formosa.

Em 13 de dezembro de 2015

Eu nunca frequentei praça nenhuma. Tinha um lugar que até minha irmã ia muito que é o “Quero mais”, e aí encontro jovens geralmente, é perto da praça da Prefeitura. (Natacha fala – no meu tempo não ficava lá. Comprava as coisas lá e ia sentar na praça. Mas hoje em dia o encontro é lá no “Quero mais” mesmo.)

Não é na praça, mas é perto. É do lado da praça. É o lugar mais perto da praça. É onde tem encontro. Eu e minhas amigas. O que a gente faz mais é dar uma volta pela cidade, porque aqui não tem muita coisa para fazer, aí a gente vai na casa de amigos.

Não, nunca tive isso de ir para a praça. Falta de coisa que nunca tive. Falta de ficar mais tempo com seus amigos, mas agora estou saindo bastante. Sai de tarde e até de noite. Hoje em dia tem Sky aí se juntam na casa de alguém para ver um filme.

A gente se encontra na escola. Porque também está perigoso agora.

9 - Entrevista com Marcelinho (20 anos), solteiro, empresário dono do “churrasquinho do Marcelinho”. Em 13 de dezembro de 2015

O churrasquinho do Marcelinho (como é conhecido) acontece à noite (todos os dias menos segunda-feira), num canto da praça Pedro Chaves – “Praça da Imperatriz”, que lota a partir de 17 horas. Com isso apareceu outro quiosque no outro canto da praça que vende sanduíches e também outra pessoa, montou no meio da praça um pula-pula. O Marcelinho também montou um banheiro seco para a

clientela. A praça fica bem animada à noite, com famílias, crianças e jovens.

Marcelinho, é morador da rua João Moreira ao lado da praça, onde também alugou uma casa, bem em frente à praça, onde atende a clientela nos dias de chuva, mas já pensa em montar um restaurante.

P. – Fale de você

R. Meu nome é Marcelo Salgado, tenho 20 anos, sou natural de Anápolis e com três anos vim morar em Formosa

Com 16 anos fui estudar na UFV em Viçosa, Física Ambiental, mas com dois meses de curso, liguei para minha mãe e disse que não estava gostando do curso. Aí ela ficou chateada, mas voltei. Aí meu padrinho é advogado e sonhava que eu levasse o escritório dele para frente. Aí fiz vestibular e fui estudar no UniCEUB (Centro Universitário de Brasília), e cursei dois anos e meio, cheguei e falei “bicho você vai me desculpar, esse é seu sonho, mas não é o meu”. Vou voltar para minha cidadezinha e caçar meu rumo e fazer minha história com as minhas próprias mãos. E consegui, Graças a Deus, a gente tem aqui hoje um movimento excelente.

P. – E com relação à infância tem alguma praça especial?

R. Morava no bairro Abreu, (bairro muito próximo) mas fui criado aqui nesta praça (Praça Pedro Chaves). Meu tio tinha uma loja ali e eu ficava lá com meu primo e aí vinha brincar aqui na praça todo dia, todo dia brincava nesta praça, na verdade todo dia, mas mais ainda no final de semana. A gente brincava de futebolzinho de praça e era bem gostoso.

P. – Você então é um empresário quase adolescente?

R. Antes de vir para cá tinha uns problemas de saúde, aí consegui montar aqui. Aí consegui montar isto aqui com 19 anos, agora tenho 20 e faz um ano de churrasquinho e graças a Deus é só sucesso. Dando tudo certo. Eu sempre falo que hoje eu tenho mais que agradecer do que pedir. Porque fui muito abençoado aqui. Nosso movimento é maravilhoso, nossa clientela é maravilhosa.

P. Tem uma casa ali de onde você está retirando as mesas e o material do churrasquinho, é lá que você mora?

R. Não. Aluguei essa casa só para guardar minhas coisas, antigamente não tinha onde guardar. Agora estamos pensando em montar um restaurante ao final de semana. Estava bem derrubada, reformei ela, deu um trato e ficou bem aconchegante, bem gostoso mesmo, aí como está armando chuva como para hoje, provavelmente a gente vai trabalhar na casa. Tem que conhecer a casa. (Fomos conhecer – casarão amplo, quintal grande). Dei um trato, ficou bem gostoso. Quando não tem como trabalhar na praça, vamos para casa.

P. De quem você herdou o feeling empresarial?

Herdei da minha mãe que é meu braço direito. Eu montei e chamei ela para trabalhar comigo minha sócia, é mais que isso, se eu desanimar ela me dá força, se ela desanima eu dou para ela e hoje temos uma equipe de 10 funcionários (alguns membros da família como minha irmã)

É prazeroso e isso aí não tem preço.... tinha um churrasquinho a cinco anos...a praça ficou parada muito tempo aí vinha um pessoal para cá que usa droga aquela coisa toda, quebrava a iluminação, aí que na verdade tem o nosso vigia João Neto, que cuida da praça é o nosso zeloso da praça, para ele a praça é como se fosse um filho,

cuida muito bem da praça, é um morador, é o dono do posto, então é ele arrumava o pessoal vinha e quebrava, aí quando a gente veio o movimento a gente saiu daqui umas 23 – 23h30, houve no início uma resistenciazinha, o pessoal vem, ocupa nosso espaço, aquela coisa toda, aí com o tempo foi tudo normalizando, aí hoje vocês precisam ver esta praça aqui a noite, o pessoal vem e coloca o pula-pula, a gente tem a paleta mexicana que agregou o nosso negócio, é a Lu do pula-pula, a paleta mexicana é uma Kombi toda montada onde funciona o picolé recheado, é bem gostoso, coloca a Kombi aqui, a praça é maravilhosa... a gente tentou montar uma coisa bem diferente que formosa não tinha, e estava precisando e graças a Deus deu certo, muito certo.

10 - Entrevista com Marizelma (53 anos), casada, natural de Formosa, advogada e professora de história, aposentada. Atualmente é dona de casa e estuda pintura. Estou aposentada por conta de um CA que tive em 2009. Em 12 de dezembro de 2015 Moradora de Formosinha, Avenida Ivone Saad.

Atualmente comecei a pintar. (Mostra alguns quadros). Estou buscando caminhos.

Tenho duas filhas – Natacha, 28 anos, geóloga, estudando para concurso e Luiza, 16 anos, estudante.

Eu ia à praça quando era pequena. Depois levava minhas filhas na Praça da Cadeia. A falta desse local, da praça um lugar onde você encontra muitas pessoas, na época (1990) não tinha tanto carro e

ficava mais à vontade para ter essa troca de experiências. Ela tem uma diferença na formação na personalidade de uma pessoa e da outra, porque a pessoa que frequenta a praça fica mais sociável ela fica mais aberta. E a pessoa que fica no celular, no computador, fica mais fechada mais individualista. Então a praça, como espaço social é muito importante nesse aspecto.

Namorei com Ricardo num banco na praça, embaixo de uma árvore. Os bancos ficavam à sombra das árvores.

P. Quando que a cidade se desenvolveu mais, começou a crescer?

A cidade começou a crescer a partir da década de 80, com a vinda dos gaúchos. Eles vendiam um lote pequeno lá no Sul e com o mesmo dinheiro compravam uma grande fazenda aqui em Goiás.

Veio muito gaúcho e muito mineiro também. Além disso aqui eles tinham investimento a juros baixíssimos do governo, incentivos.

Tiveram vários momentos. Primeiro esse da década de 1980, depois voltou a crescer em menor proporção, continuava a vir pessoas e depois com a duplicação da BR, muita gente que morava em cidades como Taguatinga, preferiram vir pra Formosa, porque achavam que Formosa é mais tranquilo para morar e trabalhar em Brasília. Aí veio muita gente para cá.

Muitas vezes demorava mais para chegar em Taguatinga do que para chegar aqui em Formosa. Os engarrafamentos para quem mora em Taguatinga eram maiores. Muitas pessoas que moravam em Sobradinho que acharam que era muito violento, muito perigoso também, acabaram vindo pra Formosa que era mais tranquilo. Então houve um novo crescimento.

Mais tranquilo que Planaltina, que Sobradinho, Sobradinho II, dependendo do local que morar em Sobradinho ainda é tranquilo, Taguatinga, Ceilândia.

Fala da Natacha: É até mais rápido chegar aqui do que dentro de Brasília mesmo. Teve um dia que demorei uma hora e meia da L2 até à W3, onde eu morava.

Na época que o Cristovam foi governador de Brasília ele veio até aqui em Formosa de transformar Formosa em Região Administrativa. Nossa nós ganharíamos muito em educação em saúde, transporte, ganharia em tudo, mas os políticos daqui não quiseram porque formosa é a quinta maior arrecadação em termos de recursos. Os políticos tanto de Formosa quanto de Goiás não quiseram por causa da arrecadação. Eu não sei qual é a lógica dos políticos locais que não quiseram. A política de Goiás é bem diferente da política do DF. Para a população seria ótimo. Se fossem fazer uma votação, aí com certeza, ganharia.

.....

Acho a praça um lugar importante para a formação da cidadania, pois é um lugar com pessoas heterogêneas, diversos status sociais e isso cria princípios de igualdade nas crianças e de direitos do cidadão.

P. Porque as praças são pouco usadas? Eu desconfiava um pouco da tecnologia. Será?

Só que tem uma diferença, no Facebook você não está face a face, então a pessoa não interage, porque ela mostra suas deficiências e se não mostra suas deficiências, a pessoa não cresce, e aí quando você não cresce a interação não é de verdade, é de mentirinha.

Quando eu era pequena, tinha um jogo chamado “queimada” – brincava na rua, na praça – aí na queimada, a bola vinha de uma vez e pá. Então se você, na época se tivesse uma deficiência, a bola te pegava e você tinha que se refazer, tinha que levantar se caísse, então todo esse processo físico de cair e levantar e também o processo de checar suas limitações eles são muito interessantes para gente como pessoa e é no espaço público que isso é mais interessante ainda, porque todo mundo está vendo. Então você se acostuma com aquilo e cada dia você vai crescendo mais um pouquinho. Agora se isso acontece só no privado, você pode fazer de conta que não estava ali, por exemplo se era um mundo virtual, p. ex. quem estava ali era minha irmã, era, era minha filha. Então o crescimento não acontece de verdade, é bem mais lento.

Quanto passa para o cidadão esse tipo de perfil, fica mais sério ainda, porque num perfil onde você tem crianças que brincaram na praça que interagiram, que ralaram o joelho e tal que derrubaram e foram derrubadas, cresceram juntas, você tem um cidadão participativo, proativo, não é? E num perfil em que essa outra criança, nasceu mais ou cresceu mais individualizada, cada uma na sua casa, desde que a Luiza era pequena.

Elas iam nas casas, mas não ficavam na praça. Não tinham um lugar em comum. Isso que estou falando.

Por essa questão da violência. Aí porque a experiência da pessoa não foi tão coletiva, na hora do cidadão, ela vai ficar mais, eu acho, ele vai apontar mais para o individual do que para o coletivo.

Aconteceram algumas coisas engraçadas na praça, comigo. Eu pegava o ônibus bem cedinho 5:45. E tinha sempre uns fumantes,

porque naquela época ainda não era regulamentada, mas era mal visto. Eu me lembro que discuti com um senhor porque estava muito frio e ninguém queria abrir as janelas e ele fumando lá dentro. E quando cheguei na praça à tarde, a Natacha estava brincando com uma menininha e ela pediu para que a coleguinha fosse lá para casa brincar com os brinquedos que ela tinha. E eu fui na casa da menininha para pedir à mãe para ela ir lá para casa. Quando chego lá quem é o pai? Isso...a figura com quem discuti no ônibus. Eu só falei assim: boa tarde, ou boa noite, entrei e falei com a mãe da menina, ela deixou, levei a menina e depois devolvi a menina lá. E só foi assim boa noite, boa noite.

A Natacha ia sozinha. Eu ia dava uma olhada e voltava para casa. E tinha crianças de outras ruas, não eram só dali de perto da praça. Tinha crianças que vinham de longe de outros lugares, não eram só do bairro. Então nessas de vir de longe, havia uma interação. De vez enquanto ia também na praça Pedro Chaves. (As duas praças são relativamente perto).

Quando eu era criança eu brincava de pipa escondido porque era um estereótipo que era brincadeira de menino. Eu brincava de pipa, de finca e de bolinha de gude. Desses três que eu gostava, brincava com meninos e meninas. A gente brincava escondido das mães.

Quando a Maristela (irmã) dava aula e à noite saiam da Faculdade e iam para praça Rui Barbosa, pois já teve um barzinho no Coreto e dava o maior movimento.

Hoje o povo vai caminhar no Laguinho do Vovô porque lá tem uma viatura e como não tem nas outras o povo vai para lá. O Laguinho da

Vovó é melhor de caminhar porque ele é maior só que o do Vovô é mais seguro.

Antes lá no laguinho da Vovó tinha musica à tarde no barzinho.

O Laguinho do Vovô é mais antigo, depois acho que gostaram e fizeram os outros. E esse nome é porque tinha um senhor gaúcho que cuidava dos peixes e dos patinhos aí começam a chamar o laguinho do vovô e quando fizeram a praça, o nome pegou. Agora é proibido pescar. O da Vovó é porque já tinha o outro. Tem várias nascentes inclusive em lotes.

A gente ia na Mata da Bica também, ia lá para dentro até à nascente, mas aí por conta da segurança, não dá mais. Eu e uma amiga ia com umas 8 crianças. Aconteceram violências e aí paramos de ir. A rodoviária que funciona ali perto, já vai sair para outro lugar.

A criação do Cine Clube

Em 1984, mais ou menos uns estudantes da UnB resolveram fazer um cineclube e traziam uns filmes para Formosa, aí eles apresentavam um filma ali na praça Rui Barbosa, do lado do Coreto. Usavam a parte elétrica do coreto, apresentavam o filme e depois abriam uma discussão e ficava cheio. Então você tem que criar alguma coisa para que as pessoas venham para praça.

Sobre inclusão

Tem o caso da Muriel (é deficiente – tem atraso mental), que morava em frente à praça. Inclusive a mãe dela dava aula de hipismo na Granja do Torno. Então ela ia para praça e na praça ela gostava muito de ficar tanto na praça como lá em casa. Ela tinha uma receptividade muito grande na praça, porque não tinha a marca da instituição do

aprendizado, era só a brincadeira, na escola ela era discriminada, apanhava das outras crianças. Era diferente. Se sentia incluída. Encontrei com ela estes dias e ela se lembrou de mim. A praça é mais inclusiva. Ela é uma pessoa que se desenvolveu em diversos aspectos. É muito extrovertida....

11 - Natacha, geóloga, 28 anos, natural de Formosa. (Nasceu em 1987). Atualmente estuda para concurso. Entrevista em 12 de dezembro de 2015

Frequentou a praça da Liberdade – praça da cadeia - e atualmente praça da Bíblia e também a praça Pedro Chaves.

Eu ia à praça muito pequenininha, sozinha a partir de sete, oito anos, até uns 12 anos (até cerca de 1999). Você me levava né mãe? Ia muito e era muito bom, eu morava bem perto da praça (refere-se à praça da Liberdade, ou praça da Cadeia) e a praça não tinha nada, o piso ainda era de terra batida, mas brincava de tudo, tinha as crianças que moravam perto, a gente levava corda, bola. E na rua do lado, era difícil passar carro, então a gente jogava bola lá, futebol, só não jogava vôlei, porque não tinha onde lugar de amarrar a rede, mas a gente brincava muito lá, ia muita criança para lá.

Ia uma mãe e ficava olhando aquele tanto de meninos brincando.

Eu levava cachorro para passear. Nas férias e acho que ia lá quase todo dia e era bom porque era mais tranquilo, em volta não era tão movimentado assim. Mas depois quando a minha irmã nasceu, também tinha uma praça lá perto de onde a gente morava, mas era menor e também não tinha nada na praça, então a área para brincar não era tão grande assim. (A irmã nasceu quando tinha 12 anos), aí

a gente não ia. Ela mesmo (a irmã) foi pouco à praça. Eu não sei se mudou muita coisa ou se a gente passou a não ir mais. Mas hoje na praça que eu ia, eu não vejo tanta criança brincando.

Essa praça que frequentei agora tem playground, bancos, mas ninguém frequenta atualmente. E quando era só o espaço vazio, tinha muito menino, final de semana, tinha pé de manga, brincava de pular corda. Cortaram as árvores, ficou muito árida. Primeiro cortaram as árvores, segundo, a violência e a fuga dos presos (já tinha cadeia), mas ninguém se preocupava. Hoje em dia tem a cadeia, o presídio, tem muito locais, mas são superlotados. Na época tinha poucos presos. Hoje se cabem lá 20 presos, eles colocam 120. Então a situação mudou muito, tem muitas fugas, então as pessoas não acham seguro ir para essa praça. Parece que agora se preocupam mais, porque tem até no Natal, enfeitam bonitinho. Tem feiras, até já fomos lá. Mas não tem crianças lá.

Já aconteceram troca de tiros, esfaqueamento, pessoa que já cumpriu a pena, sai e morre logo ali na frente, alguém fica sabendo que vai sair e vai lá acertar as contas.

Quando eu era criança tinha uma loja, O Gauchinho, era uma loja que tinha desde vinhos, até refrigerantes e doces em geral. Tinha uma loja de bicicletas, tinha diversas lojas. Não tinha muitas lojas. Tinha O professor, loja de papelaria, que tinha brinquedos, era bem diferente o clima da praça.

Depois quando eu era adolescente, também ia muito na praça da Prefeitura (Praça Rui Barbosa), 2000, 2001 até 2005 eu ia muito, ia eu e meus amigos. Era o ponto de encontro.

P. E o que tinha lá para fazer?

Nada. Era um ponto de encontro. Era um acontecimento, no final de semana ir para a praça da prefeitura, à da tarde e à noite. A gente ia para conversar. Até que depois aí em 2005, 2006, começou a ir um povo meio esquisito, aí a gente já não ia mais. Vendia sorvete lá perto. Tem uma lanchonete que tem lá até hoje, a gente ia direto comprava, ficava lá a tarde inteira comprava um refrigerante e ficava lá a tarde inteira até à noite conversando. Era o ponto de encontro. Ainda tem isso lá, o pessoal se reúne lá, mas não são as mesmas pessoas mais. Claro as pessoas crescem. Não são mais todos os adolescentes da cidade. Não tem mais isso. São alguns adolescentes, eu acho, que vão para lá. Por que não sei, é diferente, é mais perigoso. Antes a gente ia e nem estava preocupada.

Agora a cidade ficou mais perigosa. Minha irmã que tem a idade que eu tinha na época, ela não vai. Eu só ia lá para ficar lá e ficar conversando. Ela tem 16 anos.

No máximo ela frequenta o Laguinho do Vovô, aqui. Tem o Laguinho da Vovó, lá perto do posto. Teve uma época que eu também ia ao Laguinho do Vovô. Mas no da vovó também tem alguma violência. No do Vovô não porque colocam uma viatura no final de semana. Mas também não é igual. Eu não sei se minha percepção agora é alterada, mas não é igual. Era mais tranquilo antes. Porque agora vai muita gente e gente com som alto, umas músicas que pelo amor de Deus. Aí era diferente. Eu acho. Mas a minha irmã, ela sai e vai nos locais lá perto, no restaurante, tem pizzaria, mas ela não fica mais lá na praça. Eu também não gosto de ir e ficar lá à noite, assim muito tempo, igual eu gostava antes. Também tem um pessoal específico.

Vão lá e ficam fumando maconha, à noite. Eu não sei mas acho que antes não tinha, porque eu não percebia nada. Acho que antes o pessoal era mais tranquilo.

E atualmente a geração internet, não tem outra coisa, você procura só o que te interessa, ou o que você acha que te interessa, o que você quer ouvir, então além de não se mostrar mesmo, tem coisas que você viveria numa interação física, verdadeira, não virtual, mas real, que você não vive. Você escolhe aquilo ali que você acha que concorda e aí é complicado, igual teve aquela redação do Enem e o tanto de coisas que os meninos falaram na internet, nossa senhora. A pessoa nem sabe, tem mãe, tem irmã, sei lá e não conseguem enxergar, os meninos adolescentes. A Luiza, na escola, depois da redação do Enem, os comentários dos seus colegas, até ficou com raiva de alguns, porque eles ficam alienados, ficam repetindo as coisas sem pensar. Não sabem nem refletir.

Mas sabe o que é diferente e é bom na praça, é que são pessoas muito diferentes com quem ter interação. Porque na escola geralmente é a mesma classe social, muda raramente. Na escola que eu estudei tinha algumas pessoas de classes sociais mais baixas ou mais altas, vamos dizer assim, de poder econômico diferente. Isso na época que eu estudei. Na época que minha irmã estudou lá, já não tinha quase mais gente diferente. E se era diferente era mal visto. Na minha época ainda tinha uns grupinhos, eu mesma fazia parte do grupo das pessoas diferentes e sofria bullying, mas eu nem ligava, - eu não vou ligar para o que esse menino besta está falando. Não vou. Mas hoje é mais difícil porque se você não é aceito pelo grupo, o grupo é um só, você não tem outra opção. Na minha época não tinha muitos, dois, três, mas alguns eram mais acessíveis do que outros.

Então é complicado hoje em dia é diferente. Porque você é sociável, quer se sentir bem perto das outras pessoas, quer ser aceito e aí é difícil. E na praça tinha isso. Tinha gente muito diferente. Tinha crianças com idades diferentes, jeitos diferentes, tinha crianças que tinham mais coisas ou menos coisas e a gente brincava junto ali. Essas experiências acho que foram boas para mim, tanto na praça quanto na escola, porque é muito difícil a gente ver a realidade do outro se a gente não convive. É uma coisa fria, não tem empatia.

Eu aprendi a andar de bicicleta lá na praça Pedro Chaves. E eu quando era criança queria ter um carrinho de rolimã, mas era perigoso demais por causa dos carros. Tenha muita vontade de ter um, porque eu via na televisão. E eu ia lá à noite para lancha na barraquinha do sanduiche.

E o que você considera importante para que possa frequentar as praças, ou alguma praça

Em primeiro lugar um piso adequado, mais regular para poder andar com segurança. Não precisa ser nada especial, mas que seja bom de caminhar. Em 2º lugar que tenha bancos à sombra porque aqui no cerrado o sol é muito forte, mas que não seja um lugar muito fechado, muito escuro. 3º que tenha área para as crianças brincarem, um lugar bem planejado para também ter segurança e bastante lixeiras para que a praça seja mantida limpa.

Praça Pedro Chaves – entrevistas rápidas com moradores

12 - Entrevista com G. morador do bairro Formosinha, natural de Formosa, 23 anos de idade e dono de um café próximo à praça Rui Barbosa. Feita em 2015.

Não frequento nenhuma praça. Formosa é muito provinciana. Meu café, quase não é frequentado pelas pessoas da cidade. (O café é charmoso, mas está localizado na Rua José Viana Lobo ao lado de lojas de aparência precária).

Acho que a praça principal da cidade é a Rui Barbosa, mas está muito mal cuidada. Em relação ao que precisa nas praças, precisa tudo.

Atualmente os lugares mais frequentados são as praças onde tem comida, como a Praça da Imperatriz que as pessoas agora frequentam por conta do churrasquinho.

As praças são importantes para as crianças e porque tem árvores, para o clima é importante.

13 - Entrevista com M. 19 anos, natural de Formosa, morador de Formosinha Em 30/07/2014

Moro em Formosinha desde que nasci. Já frequentei a praça da bíblia (Praça da Liberdade ou também conhecida como Praça da Cadeia).

Ainda frequento como passante ou para conversar com meus amigos na praça da Prefeitura. É a mais importante da cidade por causa da Prefeitura é o centro das atenções.

Mas nas praças da cidade falta tudo, quiosques, iluminação, acabamento, segurança, pois tem assaltos ao escurecer.

As praças são importantes pois é o lugar onde o povo tem para se encontrar, lugar de lazer, pois com o Facebook já é difícil encontrar os amigos. Falta referência e locais de fácil acesso a todos.

14 – Entrevista com R. (25 anos) trabalha no quiosque da praça da rodoviária, mas foi entrevistada na praça da Catedral, esperando uma amiga.

Não frequento nenhuma praça atualmente. As principais da cidade do meu ponto de vista são a Praça Rui Barbosa, só aos domingos e a Praça Dona Neném (da Rodoviária) onde trabalho, que é sempre bastante movimentada.

O que precisa melhorar nas praças é tudo, tirar os mendigos porque sujam e os cachorros.

A praça da Imperatriz, ainda não conheço direito lá para cima, mas já ouvi falar do churrasquinho do Marcelinho. Um dia destes vou lá para ver.

15 - Entrevista com a secretária de Turismo de Formosa. Arquiteta Rosane Araújo, natural de São Paulo, moradora da cidade desde 1992. Secretária desde 2012. Em 13 de dezembro de 2016

Os bairros mais novos atuais, porque não tem mais terrenos para praças, porque foram vendidos. As praças que existem são as sobras que os moradores reivindicam.

Os fazendeiros loteavam e depois ainda com os parcelamentos vazios depois da regularização vendiam as praças com desafetação para moradia ou faziam doação para associações de áreas do loteamento.

Com Brasília criou-se a especulação imobiliária com corretores vendendo lotes no futuro. Grande passivo de loteamentos que só agora estão sendo implantados.

Os emigrantes do Brasil inteiro, (empresários e pessoas mais qualificadas) vieram e estão quebrando a estrutura antiquada da cidade.

A cidade tem 80% do esgoto descarregado na Lagoa Feia.

Está elaborando um mapa de Turismo com o caminho Formosa Colonial.

A manutenção das praças vem de recursos do Turismo, principalmente de Itiquira. (Foram tratados, o Laginho do Vovô). A secretaria, incentiva, viabiliza e mantém as praças, sendo a manutenção de responsabilidade de Secretaria de Limpeza Urbana. (Coreto é patrimônio histórico).

A praça Rui Barbosa foi reformada por um arquiteto de Goiânia que sequer veio à cidade (Fez pelo Google). Retirou o ladrilho hidráulico que era da época do 'Jardim do Centenário' e desativou a fonte luminosa. A parte da praça (triângulo que fica separado) ainda tem

uma mureta com inscrições dos nomes das pessoas que fizeram a praça (Jardim do Centenário?). Em frente ao açougue. Ainda tem coqueiros (palmeiras gueroba) plantadas por Júlio José de Araújo quando foi implantado o jardim do centenário. Em vinte anos a praça já passou por quatro configurações. Na década de 1990, tinha dois enormes manacás que foram retirados e colocado outra planta qualquer. Nesta atual reforma mantiveram as árvores e todos os arbustos maiores.

O coreto teve um "movimento do Coreto" e o "coletivo Vivarte". Criou-se um movimento de arte na rua, uma vez por mês no último domingo organizavam duas atividades.

1 – O "papo cabeça"

2 – Arte por toda a parte (dança)

3 – Espaço música (todos os tipos). Ver página no Facebook. <https://www.facebook.com/TurismoFormosaGo/timeline>

Ocupação e uso espontâneo não acontece. A secretaria empresta o som e coloca no coreto. Este movimento foi crescendo e parou em outubro por que o contrato acabou e ainda não foi feito outro.

Uma notícia da Secretaria de Turismo:

Aconteceu no dia 27 de setembro de 2015, mais uma edição do Movimento do Coreto, com o tema "Um Domingo no Bonito", o evento teve como objetivo prestar uma homenagem ao Encontro do Bonito de Culturas populares que não aconteceu este ano.

Teve Roda de Prosa, Catira, Teatro de bonecos, Mímico, Fiandeira, capoeira, artesanato e comidas típicas entre outros.

O evento contou com a produção do Coletivo Vivarte e a Associação de Produtores Rurais do Bonito e Apoio da Prefeitura Municipal através da Secretaria de Turismo.



Figura do coletivo na praça Rui Barbosa. Fonte: Secretaria de Turismo de Formosa em 2015.

**16 - Secretário de Meio ambiente da cidade de Formosa.
Enge Agrônomo Luís Janer**

Existe um Conselho Municipal formado por membros da comunidade.

Tem matéria prima (calcário) para desenvolver a indústria de cimento, mas falta energia elétrica (estão construindo uma linha de transmissão) e mão de obra especializada. Está havendo preparação. Tem três universidades aqui. Há um projeto de um grande educandário aqui. Tudo isso tem a mão da iniciativa privada.

A cidade não tem planta cadastral. Os fazendeiros com um topógrafo fazem loteamentos e distribuem para cartórios, etc. sem nada de infraestrutura.

Agora está se fazendo a delimitação do perímetro urbano e o EIA do Distrito Industrial. As unidades de Conservação não têm Plano de Manejo. A estrutura do município ainda está se fazendo e sofre com a especulação imobiliária desde antes de Brasília até hoje.

Grandes latifúndios – registros paroquiais – agregados / meeiros – 100 ou mais colonos e jagunços para manter a ordem. Direitos sucessórios – registros precarizados – pecuária – muitos vazios.

Grilagem – antes de depois da construção de Brasília.

A economia está se desenvolvendo com a prestação de serviços a nível regional.

Recursos – ICMS ecológico – taxa de controle ambiental do IBAMA, recebe e repassa 30% para o município e 60% para o estado (desde 2002 – Lei Federal). A compensação ambiental ainda vai para o Estado.

O IPTU real é recente muita resistência à modernização e à adoção de critérios técnicos) apadrinhamento. O município não dispõe de

muitos técnicos concursados e os últimos concursados ainda não foram empossados.

Tem alguns gargalos. P. exemplo, vagas para UTI, tem que ir para Goiânia. Tem que sair 4 horas da manhã. Aqui tem hospital que faz cirurgia plástica, particular, atendimento bom. A integração dos municípios do entorno com Brasília, é importante para todos.

Aqui tem mais de 26 assentamentos rurais. População vinda do Nordeste sem qualificação alguma. Produz arroz irrigado. O problema aqui é que muitos desses assentados vêm de Brasília, que chegam lá e como não tem qualificação e vem para cá. Fiz essa pesquisa em 2005 / 2006 que a população vinha diminuindo e voltou a crescer.

O que está acontecendo em Formosa é se tornar a capital regional do agronegócio, mas o relevo não ajuda. Há um limite de distância, que é difícil de administrar. Depois que saiu o estado de Tocantins, Goiás cresceu. Esta região sofre com o distanciamento do centro do estado, de Goiânia. O que está acontecendo e aí Formosa tem algumas características diferenciadas, ela está se tornando uma capital regional do agronegócio, apesar de não ter território plantado, de lavoura tecnológica, porque o vale do Paranã, a altitude é um limitante está avançando para se um polo regional e os governos de Goiás e do Distrito Federal, não estão fazendo nenhum esforço, é uma condição natural, empresarial, então é da iniciativa privada. A CPX-Goiana que está se estabelecendo aqui, empresa de cimento, está construindo uma rede de distribuição de energia que será doada (é uma empresa nova que está se estabelecendo com sede em Formosa) e as filiais vão se espalhar pelo Brasil inteiro.

Tem também um projeto do exército de instalação de um Forte Santa Barbará que deve concentrar toda a produção do país de lançamento de mísseis e há um investimento forte nessas áreas. Aqui também tem a Pioner, a Cingentam, está uma grande indústria. Então essa uma tendência em função das características climáticas e da localização geográfica e a localização de acessos

Então as demandas são crescentes e a estrutura de administração do Município ficou parada nos últimos três, quatro ou cinco governos. Voltando ao Plano Diretor, então tivemos que passar a legislar porque estava tudo precarizado. Foi então contratada uma empresa arrumou-se uma solução de uma parceria público-privada e que somado com o pessoal daqui, saiu um trabalho que eu acho bom. O pessoal que nos auxiliou veio de Catalão. São técnicos e juristas com experiência na área. Catalão está mais adiantada. Tem que haver um trabalho de organização da administração pública. Em 2013 tinha um programa muito bom do BNDS de modernização do setor público, porém não foi possível o acesso aos recursos, subsidiados, mas financiado, só que o órgão repassador (tudo acertado), quando foi ver a capacidade de endividamento do município não dava. Então continuamos porque hoje não tem uma planta cadastral da cidade. É uma emenda de loteamentos. Daí que entra a estruturação fundiária. Em 1956 o projeto de Brasília, aprovado. (Olhar a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros região do Centro-Oeste, Formosa tinha pouco mais de 3.500 habitantes. O que aconteceu com a chegada de Brasília, de uma forma que não é abordada, em termos de estruturação fundiária. Teve projeto de loteamento dizendo que Brasília ia ser em Pirenópolis, em Planaltina DF, Planaltina de Goiás, em Cabeceiras, então a especulação

imobiliária que se criou com essa chegada de Brasília foi uma coisa espantosa e isso formou o que temos consequências até hoje.

Hoje o município não tem mais lotes porque o “Minha casa minha vida” levou tudo. Esse projeto é outra coisa assim absurda, o governo Federal cria, o município tem que doar os lotes, tem que fazer estrada, e aí vai para a televisão e faz propaganda e tal e tal, mas na verdade, a maior parte dos custos recai no lombo dos municípios.

Então essa especulação imobiliária, desenfreada, criminosa que houve, ela chegou nos municípios e pegou uma estruturação cartorial precária. Então o cidadão, o empresário, faz um parcelamento de solo urbano, ele contratava um topógrafo e parcelava. Aí entregava meia dúzia de lotes para o dono do cartório, outros para o Prefeito, outros para o Secretário de Obras e pronto e aí quem é que coloca a infraestrutura, abre rua, galeria de águas pluviais que não existe até hoje, distribuição de energia, de água, recolhimento de lixo, meio fio, etc. etc. Tudo o município e tudo de forma precária. Isso atinge todos os municípios do entorno, todas as cidades.

Então daí que índices de violência. As cidades do entorno estão entre as mais violentas do país. Luziânia acho que encabeça a lista, Águas Lindas, mas Formosa não está longe, Brasília também não está longe não. Isso é consequência.

Então agora nós conseguimos realizar o trabalho de revisão do Plano Diretor que deve ser votado logo no início de 2016 pela Câmara, atendendo às demandas por zoneamento, estabelecendo um novo perímetro urbano. Outra coisa que estamos defasados e com o Distrito Industrial que foi criado há 25 anos, mas não tinha EIA nem

RIVI, foi solicitado a Goiânia. Temos duas unidades de conservação municipais. ICMS ecológico e recebemos integralmente, mas não tinham plano de Manejo. Estamos terminando o Plano de Manejo do Parque do Itiquira. Toda essa estruturação tivemos que fazer.

A cidade sofre as consequências dessa especulação imobiliária até hoje. Temos vazios até hoje no centro da cidade. É necessário que o município passe a manejar as armas que o Estatuto da Cidade nos fornece, o direito de preempção, construção onerosa, o IPTU progressivo e todos esses instrumentos que os municípios em geral ainda não aprenderam a utilizar, pela falta de uma estrutura de planejamento que levem a resolver.

O departamento de Parques e Jardins fica na Secretaria de Transportes e Limpeza Urbana, mas também não é lá, pois segundo informaram eles só cuidam da limpeza.

A Secretaria de Meio Ambiente foi criada recentemente embora na década de 1990. Nessa época criamos um conselho de meio ambiente aqui, de iniciativa da sociedade, à revelia do poder público inclusive do judiciário. Em 2009, o prefeito de então criou esta secretaria como forma de entregar para um partido. Eu assumi com função técnica, não tão política.

Havia as demandas de praças, parques, áreas protegidas no meio rural. Tem muitas áreas interessantes, de topografia difícil. Todas essas de relevante interesse turístico e de proteção, estão em propriedade privada. Só tem uma RPP. O proprietário não tem incentivo mas tem dificuldades. O direito de propriedade é um princípio. Mas o poder público se esquia da responsabilidade de cuidar, já que isso na constituição é um dever de todos. O processo

de expropriação de parques, p.ex. Terra Ronca, é uma dificuldade para o governo pagar a expropriação. Sempre não se quer pagar o valor real, a justa valorização. A forma como a área do Distrito Federal foi expropriada foi uma vergonha, fraudes. Então os municípios têm dificuldades de angariar recursos para indenizar os proprietários. Itiquira é um caso interessante. É uma fazenda que o proprietário para ter acesso a recursos públicos ele doou ao município 10 hectares com a cachoeira, que quem explora é o município através da Secretaria de Turismo. O problema é que o pessoal administra muito mal, mas o entorno o empresário administra. Os recursos angariados provem o parque e sobram recursos.

ANEXO 2 – Pesquisa das praças

PRAÇA RUI BARBOSA (PRAÇA DA PREFEITURA)

Pesquisa de observação dos usos da praça.

Observação dos usos da praça realizadas durante o mês de fevereiro de 2014.

Foram verificados apenas a quantidade de usuários e os usos ou atividades que faziam na praça

SEGUNDA FEIRA (10 e 24 de fevereiro de 2014)

24/02/2014 - Manhã – 10:00 horas		10/02/14 - Tarde – 14:30 0 horas		10/02/14 - Noite – 18:45 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas	18	Pessoas sentadas e em pé próximo à Prefeitura	25	Pessoas em pé (adolescentes conversando)	10
Vendedor de picolé	1		-		
Pessoas limpando a praça	4		-		
Total	23	Total	25	Total	10

TERÇA FEIRA (11 e 18 de fevereiro de 2014)

18/02/2014 - Manhã – 10:30 horas		11/02/14 - Tarde – 17:40 horas		11/02/14 - Noite – 20:20 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas	12	Pessoas sentadas (4 adolescentes, sendo duas mulheres) em pé	20	Pessoas numa batucada ensaiando	10
Pessoas de passagem	-	Pessoas de passagem	-	Barraca de cachorro quente	1
Total	12	Total	20	Total	11

QUARTA FEIRA – (dia 12/02/2014)

12/02/2014 - Manhã – 10:00 horas		12/02/14 - Tarde – 17:30 0 horas		12/02/14 - Noite – 19:40 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas	12	Garotas sentadas	5	Pessoas falando ao telefone)	1
Pessoas limpando a praça	3	Um grupo de skatistas (6 garotos),	6	Barraca de cachorro quente	1
Pessoas passando	-	Adultos e jovens sentados nos bancos que circulam a praça	7-		
		Pessoa andando pela praça	1		
		Vendedor de picolé	1		
Total	15	Total	20	Total	2

QUINTA FEIRA – (dia 06/02/2014)

06/02/2014 - Manhã – 8:30 horas		06/02/14 - Tarde – 15:30 0 horas		06/02/14 - Noite – 21:20 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas nos banquinhos	4	Pessoas sentadas	5	Pessoas conversando	6
Pessoas fazendo a limpeza	2	Pessoa dentada num banco (jovem),	1	Pessoas sentadas	24
Pessoas passando	-	Adultos em pé perto da Prefeitura	5	Barraca de cachorro quente	4
		Pessoa cuidando do jardim	1	Grupo de batucada ensaiando	10
		Vendedor de picolé	1		
Total	15	Total	20	Total	44

SEXTA FEIRA – (dias - 07/02/2014)

07/02/2014 - Manhã – 11:30 horas		07/02/14 - Tarde – 15:10 horas		07/02/14 - Noite – 21:20 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas à sombra	15	Pessoas sentadas (bancos da calçada)	2	Pessoas conversando	6
Vendedores de picolé	2		-	Pessoas sentadas	24
Pessoas passando	-		-	Barraca de cachorro quente	4
			-	Grupo de batucada ensaiando	10
Total	17	Total	2	Total	44

SABADO – (dias – 08, 15 e 22/02/2014)

08/02/2014 - Manhã – 9:45 horas		15/02/14 - Tarde – 15:30 horas		22/02/14 - Noite – 20:20 horas (frio)	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Ninguém		Pessoas sentadas	12	Pessoas conversando	8
		Vendedor de picolé	1		
		Adolescentes em pé conversando	6		
Total	0	Total	19	Total	8

DOMINGO (dia 09/02/14)

09/02/2014 - Manhã – 11:30 horas		09/02/14 - Tarde – 15:30 horas		09/02/14 - Noite – 20:30 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Ninguém		Pessoas animadas – banda tocando	~100	Pessoas animadas (Ponto de encontro de jovens, bebida, música alta) rua de acesso à praça interdita Fonte ligada – pouca iluminação	~300
		Vendedor de picolé			
Total	0	Total	~100	Total	~300

CARNAVAL (dias 01, 02, 03 e 04 de março de 2014)

Nesta praça foi realizado o chamado Carnaval da Família, animado por bandas. Aconteceu todos os quatro dias de carnaval (de sábado a terça) a partir das 12 horas, sendo que o horário de maior animação acontecia à noite.

As fotos do texto mostram uma grande quantidade de pessoas que se divertiram na praça

PRAÇA. NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (DA CATEDRAL)

Pesquisa de observação dos usos da praça.

Observação dos usos da praça realizadas durante o mês de fevereiro de 2014.

Foram verificados apenas a quantidade de usuários e os usos ou atividades que faziam na praça

SEGUNDA FEIRA (10 e 24 de fevereiro de 2014)

24/02/2014 - Manhã – 9:30 horas		10/02/14 - Tarde – 15:30 horas		10/02/14 - Noite – 19:00 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas	40	Pessoas sentadas	35	Pessoas sentadas	2
Barracas de café da manhã	3		-	Barraca de cachorro quente	-1
Camelôs	1		-	Missa na Catedral - carros estacionados	-
Total	44	Total	35	Total	3

TERÇA FEIRA – (dias 11 e 18/02/2014)

18/02/2014 - Manhã – 10:30 horas		10/02/14 - Tarde – 17:20 horas		10/02/14 - Noite – 20:15 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas e em pé	38	Pessoas sentadas (2 mulheres e 4 crianças)	6	Pessoas sentadas	2
Camelôs	2	Pessoas passando	-	Barraca de cachorro quente	1
Pessoas passando	-		-	Mendigo	1
Total	40	Total	6	Total	4

QUARTA FEIRA – (dia 12/02/2014)

12/02/2014 - Manhã – 10:30 horas		12/02/14 - Tarde – 16:30 horas		12/02/14 - Noite – 20:15 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas e em pé	35	Pessoas sentadas (2 crianças)	24	Pessoas sentadas	2
Camelôs	1	Camelôs	2	Barraca de cachorro quente	1
Barracas de café da manhã	2	Policiais	2	Missa na Catedral - carros estacionados	-
Pessoas passando	-	Mendigo	1		
Total	38	Total	29	Total	3

QUINTA FEIRA – (dia 06/02/2014)

06/02/2014 - Manhã – 8:30 horas		06/02/14 - Tarde – 15:30 horas		06/02/14 - Noite – 19:20 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas	11	Pessoas sentadas (maioria homens)	51	Pessoas sentadas	1
Camelôs	1	Crianças	4	Barraca de cachorro quente	1
Barracas de café da manhã	2	Camelôs	2	Sem iluminação	-
Mendigo	1	Mendigo	1		
Pessoa fazendo limpeza	1		-		
Total	16	Total	58	Total	2

SEXTA FEIRA – (dias – 07 e 14/02/2014)

07/02/2014 - Manhã – 8:30 horas		07/02/14 - Tarde – 15:30 horas		14/02/14 - Noite – 19:00 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas e em pé (± mesma quantidade de homens e mulheres)	60	Pessoas sentadas	7	Ninguém	
Pessoas passando		Pessoas passando	4		
Total	60	Total	58	Total	2

SABADO – (dias – 08, 15 e 22/02/2014)

15/02/2014 - Manhã – 10:35 horas		08/02/14 - Tarde – 15:30 horas		22/02/14 - Noite – 20:20 horas (FRIO)	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas	8	Pessoas sentadas	5	Missa na Catedral - carros estacionados	
Pessoas passando	-	Camelo	1	Barraca de cachorro quente	3
Total	8	Total	6	Total	3

DOMINGO - (dias - 09 e 23/02/14)

23/02/2014 - Manhã – 10:35 horas		23/02/14 - Tarde – 15:30 horas		09/02/14 - Noite – 20:00 horas (FRIO)	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Batizado – estacionamento lotado	-	Catedral - carros estacionados	-	Missa na Catedral - carros estacionados	
	-	Pipoqueiro	1	Barraca de cachorro quente	1
	-	Pessoas sentadas	1		
Total	-	Total	2	Total	1

CARNAVAL - (dias 01/02/03 e 04 de março de 2014)

Durante os feriados do Carnaval não teve nenhum movimento nesta praça – menor que o dos finais de semana, portanto não foi contabilizado o número de pessoas que estiveram aqui

PRAÇA VOVÔ LUCIO ALBINO GRIEBELER – LAGUINHO DO VOVÔ

Pesquisa de observação dos usos da praça.

Observação dos usos da praça realizadas durante o mês de fevereiro de 2014.

Foram verificados apenas a quantidade de usuários e os usos ou atividades que faziam na praça

SEGUNDA FEIRA (10 e 24 de fevereiro de 2014)

24/02/2014 - Manhã – 10:00 horas		10/02/14 - Tarde – 14:30 horas		10/02/14 - Noite – 18:00 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas caminhando/correndo	5	Pessoas sentadas	-	Pessoas caminhando/correndo	8
Lanchonete fechada	-	Pessoas na lanchonete	1	Pessoas na lanchonete	2
Pessoa limpando a praça	1				
Total	6	Total	1	Total	10

TERÇA FEIRA – (dias 11 e 18/02/2014)

18/02/2014 - Manhã – 9:00 horas		10/02/14 – Tarde – 16:30 horas		10/02/14 – Noite - 19:20 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas caminhando	2	Pessoas caminhando	3	Pessoas caminhando/correndo	10
Lanchonete fechada	-	Pessoas sentadas	5	Pessoas na lanchonete	2
Total	2	Total	8	Total	12

QUARTA FEIRA – (dia 12/02/2014)

12/02/2014 - Manhã – 8:30 horas		12/02/14 - Tarde – 16:30 horas		12/02/14 - Noite – 19:00 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas caminhando	6	Lanchonete fechada	-	Pessoas caminhando/correndo	10
Lanchonete fechada	-	Casal de adolescentes no gramado	2	Pessoas na lanchonete	7
		Garotos em pé conversando	2	Pessoas sentadas	3
Total	6	Total	4	Total	20

QUINTA FEIRA – (dia 06/02/2014)

06/02/2014 - Manhã – 7:20 horas		06/02/14 - Tarde – 14:00 horas		06/02/14 - Noite – 18:20 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas caminhando	5	Lanchonete fechada	-	Pessoas caminhando/correndo	12
Lanchonete fechada	-			Pessoas na lanchonete	3
Fazendo limpeza na praça	1				
Total	6	Total	0	Total	15

SEXTA FEIRA – (dias 07 e 14/02/2014)

07/02/2014 - Manhã – 11:30 horas		14/02/14 - Tarde – 15:30 horas		14/02/14 - Noite – 17:30 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas caminhando	11	Pessoas sentadas à sombra	5	Pessoas caminhando/correndo	15
Lanchonete fechada	-	Lanchonete fechada	-	Pessoas na lanchonete	2
Total	11	Total	5	Total	17

SABADO – (20/02/2016)

20/02/2016 - Manhã – 9:00 horas		20/02/2016 - Tarde – 15:30 horas		20/02/2016 - Noite – 18:00 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas caminhando/correndo	24	Pessoas sentadas	3	Pessoas caminhando/correndo	25
Pessoas fazendo Pilatis	12	Pessoas na lanchonete	3	Pessoas na lanchonete	5
Crianças brincando	3				
Lanchonete fechada	-				
Total	36	Total	6	Total	30

DOMINGO – (dias 09 e 23/02/2014)

23/02/2014 - Manhã – 10:00 horas		23/02/14 - Tarde – 17:00 horas		09/02/14 - Noite – 19:00 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas caminhando/correndo	20	Pessoas sentadas	5	Pessoas caminhando/correndo	6
Lanchonete fechada	-	Pessoas na lanchonete	4		
Total	20	Total	9	Total	6

CARNAVAL - (Entre os dias 01/02/03 e 04 de março de 2014)

Durante os feriados do Carnaval não teve movimento nesta praça.

PRAÇA PEDRO CHAVES

Observação dos usos da praça realizadas durante o mês de fevereiro de 2014, exceto uma sexta feira – dia 19 de fevereiro de 2016.

A partir de 2015 instalou-se o churrasquinho do Marcelinho, que fica aberto a partir de 17:00, exceto às segundas feiras

Foram verificados apenas a quantidade de usuários e os usos ou atividades que faziam na praça

SEGUNDA FEIRA (10 e 24 de fevereiro de 2014)

24/02/2014 - Manhã – 9:30 horas		10/02/14 - Tarde – 14:00 horas		10/02/14 - Noite – 18:00 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas	2	Pessoas sentadas	3	Pessoas sentadas	3
Pessoas limpando a praça	1		-	Pessoas no quiosque	-
Pessoas podando árvores	2		-	Adolescentes conversando (em pé)	3
Total	5	Total	3	Total	6

TERÇA FEIRA (11 e 18 de fevereiro de 2014)

18/02/2014 - Manhã – 9:30 horas		11/02/14 - Tarde – 14:00 horas		11/02/14 - Noite – 18:30 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Praça vazia		1 jovem, 1 adolescente, 2 homens em pé	4	Pessoas no quiosque	3
	-		-		
Total	0	Total	4	Total	3

QUARTA FEIRA (12 de fevereiro de 2014)

12/02/2014 - Manhã – 9:00 horas		12/02/14 - Tarde – 16:30 horas		12/02/14 - Noite – 19:00 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas	2	Pessoas sentadas (1 senhor e 2 jovens)	3	Pessoas no quiosque	1
				Pessoas passando	1
Total	2	Total	3	Total	2

QUINTA FEIRA (06 de fevereiro de 2014)

06/02/2014 - Manhã – 8:00 horas		06/02/14 - Tarde – 14:20 horas		06/02/14 - Noite – 19:00 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Pessoas sentadas (1 mulher e 2 homens)	3	Pessoas sentadas (1 mulher e 1 criança)	2	Pessoas sentadas	4
Ambulante vendendo café	1	Casal passeando	2	Pessoas no quiosque	3
	-	Jardineiro regando as plantas	1		
Total	4	Total	5	Total	7

SEXTA FEIRA (19 fevereiro de 2016)

19/02/2016 - Manhã – 11:00 horas		19/02/16 - Tarde – 15:20 horas		19/02/2016 - Noite – 18:40 às 20:00horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
		Pessoas sentadas	3	Pessoas no quiosque	8
Pessoas passando	2	Movimentação na praça (tarde cultural a partir das 15:00 horas)	30	Pessoas no Churrasquinho Rotação constante (17 mesas)	80
		Pessoas no quiosque	6	Crianças no pula-pula (com fila)	15
			-	A partir das 21:00 horas teve um show – não foi levantado o número de pessoas	
Total	2	Total	39	Total	103

SABADO (08 e 22 de fevereiro de 2014 e 20 de fevereiro de 2016)

20/02/2016 - Manhã – 9:00 horas		08/02/14 - Tarde – 15:30 horas		22/02/14 - Noite – 20:10 horas (FRIO)	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Praça vazia	-	Pessoas no quiosque	3	Pessoas no quiosque	3
	-	Pessoas sentadas	1		
	0	Total	4	Total	3

DOMINGO (09 e 23 de fevereiro de 2014)

23/02/2014 - Manhã – 10:30 horas		23/02/14 - Tarde – 14:30 horas		09/02/14 - Noite – 19:30 horas	
Atividade	Quant.	Atividade	Quant.	Atividade	Quant.
Praça vazia	-	Praça vazia	--	Pessoas no quiosque	5
	-		-	(praça com iluminação apenas no quiosque)	
Total	0	Total	0	Total	5

CARNAVAL - (dias 01/02/03 e 04 de março de 2014)

Durante os feriados do Carnaval não teve nenhum movimento nesta praça.